

Valéria Augusti

O ROMANCE COMO GUIA DE CONDUTA
A MORENINHA E OS DOIS AMORES.

UNICAMP

1998

Valéria Augusti

O ROMANCE COMO GUIA DE CONDUTA

A MORENINHA E OS DOIS AMORES.

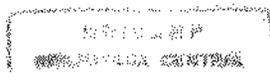
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Teoria Literária.

Orientador: Prof^a. Dr^a Márcia Azevedo de Abreu

UNICAMP

Instituto de Estudos da Linguagem

1998



UNIDADE	IEL
N.º CHAMADA:	
V.	Ex.
TOMBO DC	36571
PROC.	229/99
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	13/03/99
N.º CPD	6.100121053

OK

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

Au45r	<p>Augusti, Valéria</p> <p>O romance como guia de conduta: "A moreninha e Os dois amores" / Valéria Augusti. -- Campinas, SP: [s.n.], 1998.</p> <p>Orientador: Márcia Azevedo de Abreu Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.</p> <p>1. Macedo, Joaquim Manuel de 1820-1882. 2. Literatura brasileira - Sec. XIX - História e crítica. 3. Literatura e moral. 4. Bibliotecas - Rio de Janeiro - Sec. XIX. 5. Catálogos de livros - Rio de Janeiro - Sec. XIX. I. Abreu, Márcia Azevedo de. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.</p>
-------	---

Márcia

Profª Drª Márcia Azevedo de Abreu.

Orna Messer Levin

Profª Drª Orna Messer Levin

Marisa Philbert Lajolo

Profª Marisa Philbert Lajolo

Profª Drª Maria Stella Martins Bresciani

Este exemplar é a redação final da tese
defendida por JALÉRIA AUGUSTI

e aprovada pela Comissão Julgadora em

10 / 12 / 98

Márcia

**Aos meus quatro amores:
Norival, Joana, Valquíria e Ju.**

AGRADECIMENTOS

À Val, minha querida irmã, companheira, incentivadora, amiga e tudo o mais que só ela sabe ser.

Ao Fer, trilha sonora em quase todos os momentos.

À Irían, companheira e amiga dos primeiros e últimos passos.

À Carla pelo auxílio na editoração.

À Milena pelas traduções.

À Elen pela amizade e auxílio.

À Maluzinha, alimento para o espírito.

Ao Danilinho pela companhia bem humorada e bem vinda nessa fase terminal.

Ao Celdinho, Marquito, Aninha, e Adriana, amigos dessa incursão nos domínios da literatura.

À Marcela pela perspicácia nas leituras.

Ao seu Geraldo pelo empenho em conseguir-me um exemplar de *Os Dois Amores* e pela conversa agradabilíssima.

Aos funcionários da Fundação Casa de Rui Barbosa, do IHGB, da Academia Brasileira de Letras e da Biblioteca Nacional por terem auxiliado na realização da pesquisa no Rio de Janeiro.

Ao pessoal do CEDAE, sempre gentis.

Às professoras Maria Stella Martins Bresciani e Orna Messer Levin pelas sugestões no exame de qualificação.

À Márcia Abreu por ter apostado na realização de um sonho que vinha de longe, por tê-lo orientado sempre com o bom humor que lhe é peculiar.

À CAPES e FAEP pelo financiamento desta dissertação.

RESUMO

O Rio de Janeiro assistiu, no século XIX, à ampla circulação de uma literatura de cunho prescritivo cuja finalidade consistia em fornecer valores e padrões de conduta ao leitor.

Em meados desse mesmo século, Joaquim Manoel de Macedo consagrou-se como autor de romances os quais eram considerados pela crítica literária do período como portadores de um caráter moralizador.

A presente dissertação investiga as relações entre o romance moderno e a literatura prescritiva atendo-se, particularmente, na circulação dessa literatura nas livrarias e bibliotecas do Rio de Janeiro e na análise dos romances *A Moreninha* e *Os Dois Amores*.

A análise dos romances macedianos em questão privilegia o cruzamento entre o comportamento dos personagens e as prescrições de que tratam alguns exemplares da literatura prescritiva em circulação no Rio de Janeiro do período. Além disso, investiga alguns procedimentos narrativos que teriam por objetivo conduzir o leitor a identificar-se com determinados valores e padrões de conduta considerados, no contexto da narrativa, virtuosos.

ABSTRACT

In the Nineteenth Century, the city of Rio de Janeiro presented with a large circulation of a prescriptive literature with the intention of providing values and patterns of reader's behaviour.

By the mid of the same century, Joaquim Manoel de Macedo was acclaimed as a novel writer whose were considered by the literature criticism from this period as bearer of moralized character.

This present dissertation investigates the relationship between modern novel and prescriptive literature focus on particularly in the circulation of this literature in the bookstores and libraries from Rio de Janeiro and in the analysis the novels *A Moreninha* and *Os Dois Amores*.

Joaquim Manoel Macedo's novels' analysis privileges the crossing between characters' behaviour and the prescriptions dealt with some issues from prescriptive literature which circulated in Rio de Janeiro in that time. In addition to this, investigates some narrative producedures that aim to conduct the reader to identify with determinad values and patterns of behaviour considered virtuous in the context of narrative.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	i
AGRADECIMENTOS	ii
RESUMO	iv
ABSTRACT	v
INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO 1 PRESENÇA E CIRCULAÇÃO DA LITERATURA PRESCRITIVA NO SÉCULO XIX NO RIO DE JANEIRO.	08
1.1 Literatura prescritiva.....	09
1.2 Mercado de livros	23
1.3 Bibliotecas	31
1.4 Taxonomia: literatura pedagógico moral.	45
CAPÍTULO 2 ROMANCE E LITERATURA PRESCRITIVA	58
2.1 A disputa pela orientação dos valores e padrões de conduta do leitor	59
2.2 A moral em ação.....	62
2.3 Prescrição e narrativa.....	73
2.4 A moral nos romances de Macedo.....	86

CAPÍTULO 3 ROMANCE COMO GUIA DE CONDUTA	114
3.1 Os artifícios de condução do leitor	115
3.2 <i>A Moreninha</i> : os caminhos da civilidade	116
3.3 <i>Os Dois Amores</i> : os caminhos da virtude.....	137
3.4 Narrativa e prescrição.....	163
CONCLUSÃO	177
ANEXOS	182
FONTES	217
BIBLIOGRAFIA	226

INTRODUÇÃO

O desejo de trabalhar com manuais de conduta vem de longa data. Entretanto, apenas começou a tomar forma, constituindo-se em projeto de pesquisa, quando tive contato com catálogos de livrarias¹ publicados no Rio de Janeiro do século passado, que revelavam o interesse dos brasileiros por esse tipo de publicação.

Tal documentação permitiu elaborar uma primeira listagem de títulos desse tipo de literatura e, também, fazer uma delimitação espaço-temporal do projeto da presente dissertação: o Rio de Janeiro do século XIX, particularmente o período posterior à vinda da corte ao Brasil

Era possível supor que a instalação da corte no Rio de Janeiro e a abertura dos portos teriam tido um impacto sobre os hábitos da população local e, em particular, sobre os de suas elites. O comércio de produtos luxuosos vindo de além mar parecia ser concomitante a um interesse pela adoção de padrões de conduta característicos das nações ditas “civilizadas”, como fazem crer alguns relatos de viajantes. A se pautar por tais relatos havia, por parte dos fluminenses, o claro interesse de dar à cidade “ares europeus”².

A forte presença do que passei a chamar de literatura prescritiva³ no mercado livreiro e, também, nos acervos de algumas bibliotecas fluminenses de uso coletivo, vinham confirmar o interesse do público leitor em ter conhecimento sobre os comportamentos considerados adequados às mais diversas situações de convívio social.

¹ Os catálogos de livrarias eram, em sua maioria, posteriores a 1833. Ver Anexo.

² *Grande desejo das habitantes da cidade parece o de dar-lhe ares europeus, o que até certo ponto já acontece, em parte pelo influxo dos próprios europeus, em parte pelos muitos brasileiros que tem visitado a Europa para se educarem ou para outros fins. Raro é ver-se hoje nas ruas extravagantes trajes, quer de homens, quer de mulheres, que se encontram representados nas publicações dos viajantes que têm visitado o Rio. Apenas algumas velhas, quase sempre gente de cor, ainda vemos usar pente e mantilha; e o chapéu armado e as fivelas estão quase extintos. Hoje em dia senhoras e cavalheiros se trajam ao rigor da moda parisiense e todos revelam pendor excessivo para a ostentação de jóias. A rua do Ouvidor é uma das mais belas da cidade, não por ser mais larga, mais limpa ou mais bem pavimentada que as outras, mas porque suas lojas são principalmente ocupadas por modistas francesas, joalheiros, alfaiates, livreiros, confeiteiros, sapateiros e barbeiros. Estas lojas são montadas com elegância que surpreende o estrangeiro, sendo muitas delas providas de grandes espelhos semelhantes aos que se vêem freqüentemente em todas as grandes cidades da Grã-Bretanha. É a Regent Street, do Rio, e nelas podem adquirir quase todos os artigos de luxo.* GARDNER, George. *Viagem ao Interior do Brasil, principalmente nas Províncias do Norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da USP, 1975, p.21.

³ Devido ao fato de as obras encontradas nem sempre se autodenominarem manuais de civilidade, optamos por denominar o conjunto dessas obras de “literatura prescritiva”, aludindo à intenção que manifestam de prescrever valores e padrões de conduta.

Os padrões de comportamento ditos “civilizados”, dos quais tratavam esse tipo de literatura, pareciam estar presentes, também, em alguns exemplares do então emergente romance nacional.

Definiu-se, assim, o projeto de pesquisa: discutir a questão da civilidade e da moralidade - uma vez que a maior parte dos manuais não se restringia apenas à prescrição das condutas mundanas, abarcando, também, o domínio da moral - a partir do cotejamento de romances e de textos de literatura prescritiva em circulação no Rio de Janeiro do oitocentos. Para tanto, elegemos como objeto de análise dois romances: *A Moreninha* e *Os Dois Amores* de Joaquim Manuel de Macedo, autor considerado o fundador do romance romântico nacional.

O capítulo 1 da presente dissertação teve por objetivo discutir a circulação da literatura prescritiva no mercado editorial e nas bibliotecas fluminenses.

O mapeamento dos títulos nos catálogos de livrarias e nos catálogos de bibliotecas abrangeu toda e qualquer obra de caráter prescritivo. Desse modo, foram arrolados desde manuais de civilidade a tratados de moral, independentemente de sua forma e da especificidade do público que pretendia atingir. Com exceção de alguns tratados de moral, a maioria das obras não se restringia apenas à abordagem da civilidade ou da moral. Esses dois domínios, via de regra, confundiam-se e entrecruzavam-se numa única obra. Alguns títulos que diziam tratar da moral não dispensavam, muitas vezes, incursões no terreno das condutas ditas mundanas. O índice da obra *O Methodo de Ser Feliz ou Novo Catecismo de Moral*.⁴ ilustra muito bem esse

⁴ A obra *METHODO DE SER FELIZ OU CATECISMO DE MORAL* especialmente para uso da mocidade compreendendo os deveres dos homens e do cidadão de qualquer religião e de qualquer nação que seja. Versão do francez para o idioma vulgar por G.E.F. Coimbra, na Real Imprensa da Universidade, ano de 1787 com licença da Real Mesa Censória é dividida da seguinte maneira: *Noções preltminares I -Do homem e das suas facultades, Do entendimento, Da verdade e do erro, Da vontade, Da felicidade, da liberdade, Definições dos costumes e da moral, Da razão, O que he lei e obrigações?, Quantas sortes de obrigações?, Quantas especies de leis, o que he crime, falta, proibidade, virtude, justiça, equidade, O que he jurisprudencia e o direito? , O que he consciencia e remorsos? II. Divizão e fundamento da Moral, Diferença entre a Moral da Razão e a Moral da Religião, De que principio deduz a moral os deveres do homem., Diferença do amor proprio e do amor de si.*

PRIMEIRA PARTE.: MORAL DA RAZÃO., *Divizão da moral da razão, Dos diferentes estados do homem, ARTIGO PRIMEIRO : Dos deveres do homem relativamente a si mesmo, Do cuidado do seu corpo, Do cuidado da sua alma, Cultura do espirito e conhecimentos, Do que forma o coração, Diferença da virtude e do bom natural, CAPITULO PRIMEIRO: I .Da sabedoria, Da circunspecção dos sentimentos, Do orgulho e da modestia, Dos appetites corporaes, digressão sobre as paixões, Da avareza, da prodigalidade e da economia, do jogo, Da ambição, de quantas sortes?, Das honras e da gloria, II.Da circunspecção nas palavras, Da malediscencia, da calumnia, da indulgencia, Da zombaria, Da indiscrição e da curiosidade, Dos discursos livres, da dissimulação da lisonja, Da mentira e boa fé, III.Da circunspecção nas ações, Dos bons exemplos, da hypocrisia dos escandalos, Da honestidade publica, CAPITULO SEGUNDO: Da fortaleza, ou virtude; dos deveres que ella prescreve, I.Da paciencia e dos males naturaes, Digressão sobre o prazer e a pênna, Dos castigos e das perseguições, II Do animo, Da grandeza da alma, Do desinteresse, Necessidade do*

procedimento pois apesar de tratar do domínio da moral, dedica-se no item II do capítulo III a definir e prescrever as condutas relativas à “cortezania” e à civilidade. O mesmo pode ser dito a respeito daquelas obras que tem por objeto principal a prescrição do comportamento mundano. *O Novo Manual do Bom Tom*⁵ oferece um exemplo ilustrativo de como esse tipo de manual não prescinde do tratamento de temas relativos às virtudes e aos vícios humanos que são, geralmente, os alvos preferenciais dos tratados de moral. Basta notar que tanto *O Methodo de Ser Feliz ou Novo Catecismo de Moral* quanto o *Novo Manual do Bom Tom* abordam, por exemplo, temas como a maledicência e a calúnia.

A apresentação das formas de circulação desse material, privilegiando-se como fontes os catálogos de livrarias, visava esclarecer as especificidades que essa fonte apresentava em termos das informações disponíveis sobre as obras neles anunciados e, em particular, do conjunto de textos que denominamos literatura prescritiva. A atenção dada aos discursos dos editores que se manifestavam claramente nos anúncios de livros dos catálogos inspirava-se nas observações de Roger Chartier sobre o fato de o livreiro editor, assim como o autor, comentador ou censor de livros tentarem “controlar mais de perto a produção do sentido, fazendo com que os textos escritos, publicados, glosados ou autorizados por eles seja

trabalho, Da emulação, e da inveja, Do heroísmo, Da firmeza e da contumacia, Da intrepidez, Do valor, Do desprezo da vida e do suicídio, Do desafio, da vingança, ARTIGO SEGUNDO Dos deveres do homem a respeito de outros homens, CAPITULO PRIMEIRO. Do amor, I. Do amor da Patria; da necessidade de abraçar hum Estado, II. Do amor conjugal ou do matrimonio, Do ciume, Do adultério, do celibato. III. Do amor paternal. IV. Do amor filial. CAPITULO SEGUNDO. Da amizade e das suas obrigações, CAPITULO TERCEIRO. Da humanidade, I. Da bondade, Não fazer mal, Da beneficencia, da generosidade, da caridade, exemplo da maneira de fazer o bem., II. Da cortezania, Da civilidade, Do desprezo, Da complascencia, Dos respeitos obsequiosos, Conclusão.

⁵ A obra *NOVO MANUAL DO BOM TOM* Contendo Modernissimos preceitos de civilidade, politica, conducta e maneiras em todas as circunstancias da vida, indispensaveis á mocidade e aos adultos para serem bemquistos e caminharem sem tropeço pela carreira do mundo. traduzido do francez de Luiz Verardi e offerecido ao publico brasileiro por um Amigo da Mocidade Segunda Edição, melhorada e augmentada Rio de Janeiro Publicado e á venda em casa dos editores-proprietarios Eduardo & Henrique Laemmert ,Rua do Ouvidor 68, 1872 é dividida da seguinte maneira: **INDICE: Cap I : Da civilidade, Civilidade doméstica, Da civilidade dos filhos para com seus pais, Procedimento dos pais para com seus filhos, Cívildade entre marido e mulher Civilidade com os amigos, A civilidade em geral, Cívildade na meza, Cap II Serviço de meza, Regras de trinchar, Do café, Dos convites, Dos saráos, Cap. III Da civilidade nas ruas, Passeio em carruagem, Passeio a cavallo, Passeio a pé, Civilidade epistolar, Cap IV Do mundo e da etiqueta, Da etiqueta, Da decencia nos actos religiosos, Decencia do vestuario, Como se devem vestir as senhoras, Cap V Dos cumprimentos, Cap VI Civilidade na conversação, Locuções inadmissiveis, O pedantismo, Regras de conversação, maledicencia e calunnia, A franqueza A adulação, Cap VII Das exigencias da sociedade, Do jogo, Jogos inocentes, Das visitas, A bondade, Aphorismos da bondade, regras do bem falar, Do litterato, Do baptismo, Do casamento, Dos enterros, Do tabaco, Variedades acerca do tabaco, Cap VIII , Alguns vicios da sociedade, A hypocrisia Aphorismos da hypocrisia, A mystificação, Aphorismos da mystificação, Do gracioso, Do farsista, Da intemperança da lingua, O parasita, O orgulhoso, O avarento, A inveja, A curiosidade, O obsequioso miseravel, Do ponto de honra e do duello, Da mentira.**

compreendido, sem qualquer variação possível, à luz de sua vontade prescritiva”⁶ Em suma, quando chamamos a atenção para a forma como os livros são anunciados nos catálogos estamos querendo trazer à luz uma dimensão desse jogo de forças que antecede, muitas vezes, a posse do livro pelo leitor. As finalidades atribuídas às obras, as situações de leitura que se prescrevem ou pressupõem, inscrevem-se nesse jogo de forças no qual a obra publicada está envolvida e emaranhada. Além disso, procuramos chamar a atenção para o fato de os catálogos de livrarias do século XIX serem diversos dos atuais, na medida em que dão mais ênfase aos aspectos materiais das obras, tais como, o número de páginas, o tipo e qualidade da encadernação, a presença ou ausência de estampas e o formato. Ao mesmo tempo chamamos atenção para o fato de algumas informações consideradas importantíssimas nos dias atuais serem, nesses catálogos, muitas vezes negligenciadas, como por exemplo, a autoria da obra.

Com preocupação semelhante, analisamos, ainda no capítulo I, os estatutos e alguns aspectos do funcionamento das bibliotecas do Rio de Janeiro.

Mais uma vez tínhamos em vista a orientação e inspiração de Roger Chartier segundo a qual “a leitura é sempre uma prática encarnada em gestos, em espaços, em hábitos.”⁷ Nesse sentido, não havia como negligenciar o fato de as bibliotecas serem um lugar de controle das práticas de leitura e de tentativa de instituição de hábitos no que diz respeito às mesmas.⁸ Esse tipo de informação mostrava-se valiosa principalmente quando contraposta à impossibilidade de ter acesso às mesmas quando se tratava da leitura exterior a esse tipo de espaço social. Evidentemente não conseguimos chegar às práticas efetivas de leitura por meio desse tipo de fonte mas acreditamos que este é um primeiro passo que pode servir de estímulo para futuras investigações a esse respeito.

Certos de que a literatura prescritiva estava presente e circulava com alguma força no Rio de Janeiro, começamos a investigar possíveis relações entre esta literatura e os romances, o que se faz no segundo capítulo da dissertação.

A partir dessa problemática voltamo-nos para dois textos que se inscrevem no contexto

⁶ CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1994, p.7.

⁷ Ibidem. p.13.

⁸ cf. CHARTIER, Anne-Marie & Hébrard, Jean. *Discursos sobre a leitura (1880-1980)*. São Paulo, Ática, 1995

de surgimento do romance moderno. Explorando os discursos de Staël⁹ e Diderot¹⁰ percebemos argumentos relativos à atribuição de um caráter pedagógico-moral a esse gênero literário. Ambos evidenciavam a constituição de um campo de disputa entre esse gênero literário e a literatura prescritiva no que diz respeito à primazia pela condução dos valores e padrões de conduta do leitor. Os admiradores do romance moderno criticavam os manuais de conduta e os livros de moral enquanto os autores dessa literatura criticavam os romances. Em ambos os casos, a eficácia moralizadora era o objeto principal da disputa. Os admiradores do romance moderno recorriam a aspectos formais da literatura prescritiva para criticá-la. Os moralistas questionavam, por sua vez, os valores e modelos de comportamento presentes nos romances. Para os primeiros, os livros de conduta eram áridos e abstratos e, para os segundos, os romances transmitiam exemplos de valores e padrões de conduta perniciosos.

Considerando que essa discussão dizia respeito ao contexto europeu e que os exemplares de literatura prescritiva que circulavam no Brasil eram, em sua maioria, traduções de obras européias, achamos necessário investigar se tais discussões haviam sido desenvolvidas no contexto nacional, uma vez que trabalharíamos com romances brasileiros.

Partimos para a investigação das avaliações da crítica literária do século XIX sobre os romances de Joaquim Manuel de Macedo. A investigação da crítica literária macediana contemporânea à publicação dos romances do autor confirmou a plausibilidade da proposta de cruzamento entre manuais de conduta e romances, pois os críticos brasileiros estavam sintonizados com as discussões européias acerca do caráter pedagógico do romance moderno e avaliavam as obras de Macedo a partir desse ponto de vista.

Trabalhando no terreno das expectativas dos leitores especializados que produziram textos críticos sobre os romances de Macedo nos séculos XIX e XX tentamos evidenciar a historicidade da própria crítica literária.

Além do tema do caráter pedagógico-moral dos romances macedianos, que nos interessava particularmente, procuramos dar ao leitor um panorama de dois outros temas abordados ostensivamente pelos críticos: o do romance documento, fiel ao meio em que o autor estava inserido e o da qualidade técnica de sua produção literária. Interessava-nos ressaltar a necessidade de compreendermos esses discursos mais como uma manifestação da

⁹ STAËL, Germaine de. *Essai sur les fiction suivi de l'influence des passions sur le bonheur des individus et des nations*. Paris: Éditions Ramsay, 1979, p. 27. O ensaio é de 1795.

¹⁰ DIDEROT. Éloge de Richardson in: *Oeuvres Esthétiques*. Paris: Éditions Garnier, 1968.

visão de mundo daqueles que o empreenderam do que como verdade absoluta acerca das obras sobre as quais se debruçaram.

Uma vez mapeada a circulação da literatura prescritiva, estabelecida a discussão sobre o caráter pedagógico-moral do romance moderno seja no contexto europeu quanto no nacional, partimos, no capítulo III, para o efetivo cruzamento entre a literatura prescritiva e os romances de Macedo. O romance *A Moreninha* parecia distanciar-se da problemática da moral que orientava as discussões européias sobre o romance moderno aproximando-se mais do terreno da civilidade e das condutas mundanas que, não raro, esse conceito compreendia. A análise da fortuna crítica contemporânea ao lançamento do romance em questão legitimava, entretanto, a possibilidade de pensá-lo como um romance de dimensões pedagógico-morais. Apesar disto, ao compará-lo com os manuais de conduta percebíamos uma predominância da apresentação de modelos de comportamento mundanos sobre a abordagem dos valores morais.

O quadro das paixões humanas, de seus vícios e virtudes ocupava, em outros romances de Macedo, a cena principal. Combinando a análise de *A Moreninha* com a de *Os Dois Amores* procuramos demonstrar que tanto nos romances, quanto nos manuais de conduta, encontram-se prescritos comportamentos mundanos e valores de natureza moral (entendida, neste contexto, enquanto o domínio das paixões humanas e sua constituição em vícios e virtudes) havendo, no mais das vezes, diferenças de ênfase no tratamento de ambos os domínios.

Concentramo-nos na seguinte pergunta: onde estão os artifícios narrativos que podem ser entendidos como pedagógico-morais? Para que tipo de comportamento e valores esses artifícios tendem a conduzir o leitor?

Buscando essas respostas, cotejamos as prescrições de comportamento dos manuais de conduta, procurando compará-las às representações das condutas dos personagens nos romances. Não se tratava de julgar o comportamento dos personagens a partir das prescrições dos manuais; o valor positivo ou negativo dos comportamentos dos personagens e dos valores que os orientavam devia ser procurado no interior da própria narrativa. Era necessário compreender a autonomia do romance enquanto possível guia de conduta e respeitar a possibilidade de ele constituir um código moral como o entende Michel Foucault.¹¹

¹¹ Ver discussão apresentada no capítulo 2.

O percurso realizado nesta dissertação revelou aproximações insuspeitas (para um leitor do final do século XX) entre romances e literatura prescritiva, seja do ponto de vista dos locais e modos de circulação, seja no que tange ao conteúdo e sua forma de apresentação. É a descoberta dessas aproximações que se convida o leitor.

CAPÍTULO I PRESENÇA E CIRCULAÇÃO DA LITERATURA PRESCRITIVA NO SÉCULO XIX NO RIO DE JANEIRO.

“É preciso também que nos inquietemos diante de certos recortes ou agrupamentos que já nos são familiares. É possível admitir, tais como são, a distinção dos grandes tipos de discurso, ou a das formas ou dos gêneros que opõe, umas às outras, ciência, literatura, filosofia, religião, história, ficção, etc. e que as tornam espécies de grandes individualidades históricas? Nós próprios não estamos seguros do uso dessas distinções no nosso mundo dos discursos, e ainda mais quando se trata de analisar conjuntos de enunciados que eram, na época de sua formulação, distribuídos, repartidos e caracterizados de modo inteiramente diferente: afinal, a “literatura” e a “política” são categorias recentes que só podem ser aplicadas à cultura medieval, ou mesmo à cultura clássica, por uma hipótese retrospectiva e por um jogo de analogias formais ou de semelhanças semânticas; mas nem a literatura, nem a política, nem tampouco a filosofia e as ciências, articulavam o campo do discurso no século XVII ou XVIII, como o articularam no século XIX. De qualquer maneira, esses recortes - quer se trate dos que admitimos ou dos que são contemporâneos dos discursos estudados - são sempre, eles próprios, categorias reflexivas, princípios de classificação, regras normativas, tipos institucionalizados: são, por sua vez, fatos de discurso que merecem ser analisados ao lado dos outros, que com eles mantêm, certamente, relações complexas, mas que não constituem seus caracteres intrínsecos, autóctones e universalmente reconhecíveis.”

MICHEL FOUCAULT

1.1 - Literatura prescritiva.

Desde pelo menos o século XVIII encontramos, no Brasil, registros da presença de inúmeras obras de caráter prescritivo, as quais, independentemente de sua forma, tiveram por objetivo ter efeito sobre o comportamento dos indivíduos, ou seja, fazer com que, por meio da leitura, estes se interrogassem sobre suas condutas e as conformassem aos padrões nessas obras propostos.¹

Esse tipo de literatura consta, por exemplo, nas “listas de pedidos de envio de livros”² ao Brasil, dirigidas à Real Mesa Censória.³ Dentre os pedidos referentes ao período de 1769 a 1807 encontram-se os seguintes títulos: *O amigo da juventude*, obra didática sobre moral e religião; *Thesouro da Paciência*; *O amigo das mulheres*; *Avisos de huma mãe a seu filho*; *Instruções de huma mãe a sua filha*; *Thesouro de meninas e Thesouro de meninos*; *Instrução da Mocidade de Gobinet e Livro dos meninos, Recreação de hum homem sensível*. No período de 1808 a 1822, constam pedidos dos seguintes livros: *Thesouro da Paciencia*; *Thesouro de Adultas*; *Thesouro de Adultos*; *Thesouro de Meninas*; *Thesouro de Meninos*; *Aviso de huma mãe a sua filha*; *Cartas de huma mãe a seu filho*; *Instruções de hum pai a seu filho*; *Instruções de huma mãe a seu filho*; *Lições de hum pai a sua filha*; *Amigo das mulheres*; *Livro dos Meninos*.

¹ Sobre literatura prescritiva ver FOUCAULT, Michel. Introdução In: *História da sexualidade: o uso dos prazeres*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984. Vol. 2, p. 16.

² Lista de pedido de envio de livros dirigida à Real Mesa Censória. Documento analisado como parte da pesquisa *Literatura de ficção no Brasil colonial* desenvolvida por Márcia Azevedo de Abreu.

³ Segundo Rubens Borba de Moraes, a Real Mesa Censória e, posteriormente, a Comissão para o Exame e Censura de Livros são desdobramentos da instituição, a partir de 1536, da Inquisição no Reino de Portugal. A censura de livros estabeleceu-se em Portugal com a Inquisição, sendo, num primeiro momento, constituída pelo Santo Ofício, pelo Ordinário e pelo Desembargo do Paço, cada qual desses poderes exercendo seu papel conforme suas próprias regras e princípios. Esse sistema teve seu fim em 1768, com a criação por Pombal de uma única repartição, denominada Real Mesa Censória, formada por membros nomeados pelo rei e composta por eclesiásticos e funcionários leigos. Em 21 de junho de 1787, D. Maria I substituiu a Real Mesa Censória pela Comissão Geral para o Exame de Livros. Portanto, a Real Mesa Censória e a Comissão para o Exame e Censura de Livros foram as instituições responsáveis pela censura dos livros enviados ao Brasil. Embora a partir de 31 de março de 1821 a Inquisição tenha sido abolida, a censura permaneceu, ficando as questões da fé católica nas mãos do Ordinário e as políticas nas mãos do Desembargo do Paço. E finalmente, em 4 de julho de 1821, D. João VI entregou à Justiça regular tais questões. MORAES, Rubens Borba de. *Livros e Bibliotecas no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos; São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1979, p.51, 52 e 53.

Tais listas não fornecem, em geral, dados sobre a quantidade de exemplares das obras enviadas ao Brasil. Além disso, apenas eventualmente, trazem o nome dos autores. A ausência dessas informações deve-se ao fato de se tratar de uma censura que incide especificamente sobre as obras. Desse modo, tem-se, como vimos acima, apenas a indicação de títulos acompanhada do número de pedidos. Por esses motivos, não é possível, por meio dessa fonte documental, fazer um mapeamento detalhado da circulação da literatura prescritiva no Brasil colonial. Entretanto, essas listas permitem concluir que tais pedidos foram aceitos, ou seja, que segundo os critérios estabelecidos pela censura, tais obras foram consideradas inofensivas, e enviadas ao Brasil.⁴ Embora possamos afirmar que essa literatura circulou no Brasil desde, pelo menos, os últimos trinta anos do século XVIII, não é possível garantir que esta tenha se reduzido apenas aos títulos acima arrolados. Devemos considerar, também, a possibilidade de outras obras prescritivas terem entrado no Brasil sem passar pelos pedidos de autorização para remessa de livros, uma vez que este controle não se fazia eficazmente sobre a circulação de livros na colônia como um todo.⁵ A investigação de bibliotecas particulares ou de religiosos provavelmente forneceria novos dados à lista apresentada.

Considerando que a presente dissertação tem por objetivo investigar as relações entre a literatura prescritiva e o romance moderno, gostaríamos apenas de evidenciar que esse tipo de literatura circulou anteriormente ao século XIX, interessando também, aos leitores do Brasil colônia.

⁴ As obras proibidas, segundo MORAES op. cit. p.53, eram : 1) os livros de autores ateus, os de autores protestantes que combatessem o poder espiritual do Papa e dos bispos ou atacassem os artigos da fé católica; 3) os que negassem a obediência ao Papa; 4) os livros de feitiçaria, quiromancia, magia e astrologia; 5) os que, apoiados num falso fervor religioso, levassem à superstição ou fanatismo; 6) os livros obscenos; 7) os inflamatórios; 8) os que contivessem "sugestões de que se siga perturbação do estado político e civil e desprezando os justos e prudentes dictames dos direitos divinos, natural e das gentes, ou permitissem ao soberano tudo contra o bem comum do vassalo, ou vão contra outra extremidade fomentar a abominável seita dos sacrílegos monarcomanos... que tudo concedem ao povo contra as sagradas e invioláveis pessoas dos Príncipes; 9) os livros que utilizam os textos das sagradas escrituras em sentido diferente do usado pela Igreja; 10) dos autores que misturassem artigos da fé com os de mera disciplina; 11) os que impugnassem os Direitos, leis, Costumes, Privilégios, etc. da Coroa e dos vassalos; 12) as obras "dos pervertidos filósofos destes últimos tempos"...13) os livros publicados na Holanda e na Suíça atribuídos a advogados do Parlamento da França e que tratam da separação entre "Sacerdócio e o Império"; 14) todas as obras de autores jesuítas baseadas na "autoridade extrínseca da razão particular; 15) os livros "compostos para o ensino das escolas Menores que forem contrários ao sistema estabelecido por lei anterior.

⁵ Segundo MORAES op.cit. p.59, a censura no Brasil foi aplicada de maneira pouco uniforme, ocorrendo fiscalização severa em algumas capitâneas e nenhuma fiscalização em outras.

A partir do século XIX firmam-se outras formas de circulação e, conseqüentemente, de acesso a esse tipo de literatura e aos valores e padrões de conduta nela contidos. O estabelecimento no Rio de Janeiro e, provavelmente, em outras províncias, de livrarias e bibliotecas de uso coletivo, irrestrito ou não, permitiu que o público pudesse ler essas obras sem a necessidade do aval da metrópole. Feitas essas considerações, gostaríamos de ressaltar que não temos, neste capítulo, a pretensão de esgotar o universo de circulação desses textos, pois temos ciência de que manipulamos, provavelmente, apenas seus vestígios. Cientes da impossibilidade de mapeá-lo por todo o país, iremos nos deter, em particular, na cidade do Rio de Janeiro.

A diversidade das obras que estamos denominando de literatura prescritiva não diz respeito apenas à forma (discurso, diálogo, tratado, coletânea de preceitos, cartas, etc.) como foram escritas mas, também, aos diversos argumentos aos quais autores e editores recorreram para afirmar sua importância e utilidade, ao público leitor que pretenderam atingir, aos locais onde foram publicadas e às categorias de que se serviram para transmitir preceitos e padrões de conduta.

Parte da literatura prescritiva professou a crença na necessidade de formar moralmente o indivíduo desde a mais tenra infância. Baseados nessa crença, foram elaborados textos que pretenderam atingir, simultaneamente, o duplo objetivo de alfabetizar e moralizar:

“O maior serviço que se pode prestar a um país é concorrer para derramar o ensino por todas as camadas da sociedade. Instruir a mocidade é portanto preparar o futuro. Neste intuito traduzimos este livrinho para a puerícia. Ao lado das mais proficuas lições de moral encontrará o menino que aprender por este opusculo, escripto em stylo fácil e agradável, proveitosas noções da vida, e a observação da natureza, dos homens, assim como o agradecimento a deus, rodeado no universo de todas as suas maravilhas.”⁶

⁶ *LIVRO DA INFÂNCIA* ou exercícios de leitura e lições de moral vertido do livro do conselheiro De La Palme por Zaluar. 6ª edição correta e melhorada. Adoptado pela inspeção geral de instrução primária e secundária com aprovação do governo imperial e pela directoria de instrução publica da Província do R.J. , Livraria Nicolau Alves, 1885, p. 5.

Muito embora estejamos trabalhando com edições do século XIX, devemos considerar que esses livros de “alfabetização” e moralização vêm de uma tradição anterior a esse período. Roger Chartier informa-nos - na esteira do estudo clássico de Norbert Elias sobre o processo civilizador - que, sob influência do tratado *De civilitate Morum Puerilium*, de autoria de Erasmo de Roterdã, foram elaborados inúmeros livros de primeira instrução, freqüentemente destinados ao uso escolar.⁷ Um exemplo desse tipo de literatura é *Civile honnêteté pour les enfants, avec la manière d'apprendre à bien lire, prononcer et écrire qu'avons mise au commencement*, de autoria de Claude Hours de Calviac, publicado em 1559, portanto, vinte nove anos depois da primeira edição do livro de Erasmo⁸. Cabe ressaltar que, no caso do livro de Calviac, tem-se a substituição do termo civilidade, usado por Erasmo, pelo de *civile honnêteté*, que, segundo Chartier, será mais amplamente utilizado a partir da primeira metade do século XVII, para denominar as regras de conduta da nobreza no ambiente de corte. Muito embora esse novo conceito comporte o afastamento da universalidade erasminiana - o livro de Erasmo, ao contrário da obra de Calviac, era dirigido ao público em geral, - manteve, ainda, uma dimensão ética.

No caso do *Livro da infância ou exercícios de leitura e lições de moral* não encontramos, a exemplo dos congêneres europeus, nenhum traço dos conceitos de civilidade ou *civile honnêteté* acima referidos. Entretanto, permanece o projeto, herdeiro da obra de Erasmo, de atribuir ao processo de alfabetização uma função moralizadora.

No interior desse conjunto de obras destinadas às crianças, encontram-se outras que prescindem da tarefa alfabetizadora, dirigindo-se, portanto, àqueles que supostamente já tem domínio sobre a prática de leitura. Apesar de se dedicarem às crianças em geral, trazem, no título, a indicação “aos meninos”, que não deve ser entendida, necessariamente, como uma distinção de gênero no que se refere ao público leitor. É o caso das seguintes obras: *Compendio de Civilidade Christã para se ensinar praticamente aos meninos*⁹, *Máximas*

⁷ A esse respeito conferir CHARTIER, Roger. *Distinction et divulgation: la civilité et ses livres*. In: *Lectures et lecteurs dans la France d'Ancien Régime*. Paris: Éditions du Seuil, 1984.

⁸ Segundo ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: Uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990, vol. 1. p. 68, a primeira edição do tratado de Erasmo foi feita em 1530.

⁹ *COMPENDIO DE CIVILIDADE CHRISTÃ* para se ensinar praticamente aos meninos. Porto, Imprensa aos Lavadouros N°16. 1834, Com licença. (microfilme)

políticas e econômicas para uso dos meninos nas escolas do Império¹⁰, *Thesouro de meninos*¹¹, *Philosophia moral ou diferentes systemas sobre a sciencia da vida*¹², etc.

No *Compendio de Civilidade Christã* o conceito de civilidade se reveste de um conteúdo religioso. Segundo consta nesta obra, *a Civilidade Christã he saber no trato com o mundo regular os movimentos, palavras e ações, segundo o espirito da Modestia, Humildade e Charidade, e usos da Sociedade. A modestia he propria, a humildade com os superiores, e a charidade com os iguaes.*¹³ É possível que esse compêndio, editado no Porto em 1834, guarde estreitas relações com o *Les règles de la bienséance et de la civilité chrétienne divisé em deux parties à l'usage des écoles chrétiennes* de Jean Baptiste de la Salle, publicado em 1703. Entretanto, não se pode estabelecer, com certeza, essa filiação: em primeiro lugar, por não termos em mãos a obra de La Salle, e em segundo, porque mesmo antes da cristianização da noção de civilidade por esse autor¹⁴, o conteúdo religioso já podia ser encontrado em outros tratados como o de Courtin, citado anteriormente, cuja terceira parte trata, por exemplo, da honra segundo a religião. De qualquer maneira, podemos supor que o compêndio publicado no Porto se aproxime mais daquele de La Salle na medida em que a religião cristã não se constitui apenas como um domínio sobre o qual incidem as regras de comportamento, mas sim, como um princípio orientador da constituição do próprio conceito de civilidade. Assim, como na obra de La Salle, o comportamento deve estar em conformidade com as qualidades das pessoas a fim de que as diferenças entre elas sejam respeitadas. Um outro indício de

¹⁰ *MÁXIMAS POLÍTICAS E ECONÔMICAS PARA USO DOS MENINOS NAS ESCOLAS DO IMPÉRIO*, compostas em 1829 pelo Dr. J.C. de Deos e Silva. 3ª edição, R.J. Typografia Nacional, 1836.

¹¹ Chartier observa que no *Dictionnaire de Furetière*(1690) há uma definição de biblioteca que não designa um espaço, mas sim um livro: "*Biblioteca é também uma coleção, uma compilação de várias obras da mesma natureza, ou de autores que compilaram tudo que se pode dizer sobre um mesmo tema.*" Segundo o vocabulário latino, observa Chartier, o termo *Thesaurus* é utilizado para anunciar tais coleções. CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1994, p.70. Emanuel Bury observa que o livro *Thesaurus Philosophiae Moralis*, editado pela primeira vez em Lyon no ano de 1589, consistia num "agrupamento" do "*Manuel d'Epictète, le Tableau de Cébes, les Caractères de Théophraste et des fragments de Pythagoriciens*". BURY, Emmanuel. *Littérature et Politesse: l'invention de l'honnête homme(1580-1750)*. Paris: Presses Universitaires de France, 1996, p.35. A edição da obra *Thesouro de meninos* utilizada nesta dissertação não traz notas tipográficas.

¹² *PHILOSOPHIA MORAL* ou diferentes systemas sobre a sciencia da vida por Joseph Droz, traduzido pelo Dr. F.C.D. e Silva, R.J., Typ. Nacional, 1835.

¹³ *COMPENDIO DE CIVILIDADE CHRISTÃ*. op.cit. p. ii.

¹⁴ CHARTIER, Roger. op.cit.

aproximação dessas duas obras reside no fato da obra de La Salle ter sido reeditado ainda ao longo do século XVIII.

Nas *Máximas políticas e econômicas para uso dos meninos nas escolas do Império*, o conceito de civilidade serve para distinguir os civilizados dos selvagens. Pode-se considerar, nesse sentido, que está associado ao conceito de civilização que, segundo Norbert Elias, a partir do século XVIII foi cada vez mais utilizado para indicar o aprimoramento das instituições, da educação e da lei por meio dos conhecimentos.¹⁵ Na obra de Cândido de Deos e Silva verifica-se a associação da noção de polidez (usada pelo autor como sinônimo de civilidade) à valorização da razão e da cultura entendida como acúmulo de conhecimento:

*"A cultura do entendimento e da razão he o mais importante dever do homem. O homem sem cultura comparado com o homem polido pelo estudo das sciencias, assemelha-se ao diamante bruto a par do lapidado."*¹⁶

Norbert Elias observa que o conceito de civilização passou, no século XVIII, a designar a autoconsciência das nações que exploravam as colônias, caracterizadas, segundo o ponto de vista das metrópoles, por seus costumes bárbaros. Nesse contexto, as nações colonizadoras consideravam findo seu próprio processo civilizador e compreendiam ser necessário transmiti-lo aos povos sobre as quais estendiam seus domínios.

A obra *Máximas políticas e econômicas para uso dos meninos nas escolas do Império*, publicada na cidade do Rio de Janeiro, parece inscrever-se num contexto de aspiração a esse padrão de civilização do qual as nações colonizadoras se acharam porta-vozes. Essa hipótese ganha algum sentido se relacionarmos a afirmação do autor segundo a qual *"Ninguém pode ser feliz em hum governo despótico, porque he este hum monstro que devora seus filhos."*¹⁷ ao momento original de elaboração da obra, ou seja, em 1829, sete anos após a Independência do Brasil. É necessário notar que o autor das *Máximas*, Cândido de Deos e Silva é o tradutor da *Philosophia moral ou diferentes systemas sobre a sciencia da vida*, de autoria de Joseph

¹⁵ ELIAS, Norbert. op. cit. p. 61.

¹⁶ *MÁXIMAS POLÍTICAS E ECONÔMICAS PARA USO DOS MENINOS NAS ESCOLAS DO IMPÉRIO*, compostas em 1829 pelo Dr. J.C. de Deos e Silva. R.I. Typografia Nacional, 1836, 3ª edição, p. 5.

¹⁷ *Ibidem*. p. 5.

Droz, destinada a convencer os “mancebos” da necessidade dos estudos morais *ou seja para existirem em paz no seio de suas famílias ou para figurarem em grandes theatros.*¹⁸,

O *Thesouro de meninos*¹⁹ é uma obra que circulou no Brasil por, no mínimo, 112 anos, escrita sob a forma de diálogo entre pai e filho, dividindo-se em “conversações”, a partir das quais os valores e padrões de conduta eram transmitidos. São três os objetos das conversações:

A moral, ou necessidade em que estamos de não fazer o mal, e de retribuir a outrem o bem, que nos tiver feito.

A virtude, ou o valôr para fazer o bem gratuitamente, e ainda mesmo contra o nosso proprio interesse.

*A civilidade, ou as fôrmas exteriores do homem na sociedade.*²⁰

A princípio é necessário notar que há, nesta obra, uma distinção entre virtude, moral e civilidade. Não há, neste caso, uma equivalência entre ser e parecer. A civilidade, entendida como a conduta exterior, não expressa, como em Erasmo, as disposições da alma. A cisão entre ser e parecer comporta, entretanto, algumas combinações: pode haver virtude combinada à ausência de civilidade; virtude e civilidade combinadas e ausência de virtude combinada à presença de civilidade. No primeiro caso, a metáfora é do diamante que não foi lapidado e a necessidade da civilidade justifica-se nos seguintes termos:

Eu sinto também huma certa pena em lhe vêr fazer o bem sem modo; desgosta me que algumas se queixem de que elle entra em huma companhia sem a comprimentar; que se assenta no primeiro lugar que encontra, que anda n'hum desaceio que mette nojo; que em fim dá indícios de não respeitar quando deve aos outros, ao mesmo tempo que está prompto a morrer por elles,

¹⁸ Consta no prefácio desta obra a seguinte observação: *Aos mancebos he que offereço esta obra; eu os convencerei da necessidade que elles tem dos estudos moraes, ou seja para existirem em paz no seio de suas famílias ou para figurarem em grandes theatros.*

Seus corações são puros, suas intenções rectas, e seus sentimentos generosos e não duvido dizer-lhes que he preciso coragem para seguir meus conselhos. PHILOSOPHIA MORAL ou diferentes systemas sobre a sciencia da vida por Joseph Droz, traduzido pelo Dr. F.C.D. e Silva, R.J., Typ. Nacional, 1835, p.3-4.

¹⁹ Considerando a lista de pedido de envio de livros à Real Mesa Censória e as edições verificadas nos catálogos de livrarias e bibliotecas, a obra *THESOURO DE MENINOS* circulou, no Brasil, por 112 anos.

²⁰ *THESOURO DE MENINOS.* [s.n.t.]. (microfilme)

*se a sua vida lhes he necessaria. O que lhe resta a fazer he o menos; mas eu rogo com todas as veras a que não se despreze este menos. He sem duvida que a civilidade nada acrescenta á virtude real; e importa bem pouco que eu tire, ou não, o meu chapeo, que me assente deste ou de outro modo: todavia estas atenções sempre indicão respeito aos meus semelhantes, e lhes causão certo prazer; he quanto basta para me obrigar a ser civil, conforme o uso exige.*²¹

Compreende-se, então, que a civilidade é uma espécie de colaboradora da virtude, podendo, num certo sentido, transformar-se nela, na medida em que indica respeito e proporciona o bem aos semelhantes. Neste caso, tem-se uma situação ideal - a segunda combinação de que falamos acima - onde a virtude interior se reveste de uma roupagem que torna agradável o comércio dos homens entre si.

Entretanto, tem-se aberta uma última possibilidade, aquela na qual a civilidade não expressa a virtude, mas a faz supor. A civilidade ganha, então, um aspecto puramente formal, capaz de esconder o vício sob a máscara da virtude. Essa possibilidade serviu, na segunda metade do século XVII, à crítica da própria noção de civilidade, expressa, inclusive, nas peças de Corneille e Molière. Nessas peças, a civilidade aparece como um código de comportamento que dissimula a realidade íntima do sentimento. Para preservar sua própria razão de ser, os tratados de civilidade, segundo Chartier, elaboraram uma distinção entre a boa e a má civilidade, na qual a primeira foi entendida como tradução das qualidades da alma e a segunda como máscara de um mal natural.

À primeira vista, poderíamos supor que o *Thesouro de meninos* é um exemplar representativo desse momento de esvaziamento do conteúdo ético da noção de civilidade, um momento que fez dela sinônimo de dissimulação e hipocrisia. Contudo, essa suposição não se sustenta. Nesta obra, a dissimulação dos vícios não é carregada de uma valoração negativa: "*pelo menos ela obriga os homens viciosos a esconder aos olhos do publico a fealdade das suas ações, e aos nossos ouvidos a indecência dos seus pensamentos.*"²² Num certo sentido, o significado da civilidade nessa obra aproxima-se daquele que assumiu na *Encyclopédie*, em artigo de autoria de Jaucourt. O possível desacordo entre o sentimento interior e as maneiras

²¹ *THESOURO DE MENINOS*. op.cit. (microfilme)

²² *Ibidem*.

exteriores não solapa, neste caso, a importância da civilidade. Parcialmente influenciado pelo *Espírito das leis* de Montesquieu, Jaucourt atribui uma função positiva à civilidade na medida em que a compreendeu como expressão da dependência recíproca que liga os homens entre si. A revalorização da noção por Jaucourt também passa pelo pressuposto segundo o qual o exercício dessas maneiras pode se tornar uma aprendizagem prática da moral, ou seja, imitando a aparência da virtude, o homem pode chegar a se tornar realmente virtuoso.

Mas não nos enganemos, a obra que circula no Rio de Janeiro está longe de ser uma representante do enciclopedismo, como o demonstra a terceira conversação, dedicada, exclusivamente, aos deveres para com Deus.

De maneira geral, há uma dificuldade evidente em encontrar filiações “puras” entre a literatura prescritiva que circula no Brasil e aquela que, desde o século XVI, circulou na Europa Ocidental.

Reconstituir o movimento de transformação do significado, por exemplo, do conceito de civilidade ao longo do tempo, como o fez Chartier para a França do Antigo Regime, parece uma tarefa impossível no caso do Brasil. As obras oferecidas ao público leitor fluminense do século XIX parecem, via de regra, ser produto de uma *bricolage* infinita de exemplos que combinam, em seu interior, um sem número de tradições. Desse modo, sempre que tentamos referir-nos aos exemplos franceses, com suas aproximações e afastamentos entre civilidade e ética; entre civilidade e mundanidade ou mesmo religiosidade, todos estes movimentos devidamente caracterizados cronologicamente, as tentativas fracassam. O conjunto dos traços de uma obra que circula no Brasil quase nunca se enquadra numa única classificação fornecida pelo caso francês.

Evidências dessa prática de *bricolage* podem ser vislumbradas seja no discurso dos próprios moralistas, seja na análise das próprias obras. Eugênio de Pradel é um desses moralistas que revela ser comum, entre seus pares, apropriar-se de textos alheios, sem, no entanto, indicá-lo ao leitor:

E isto o que incessantemente se repete, e que impelle tantos pobres autores a entregarem-se aos desvarios da imaginação, e a imprimirem tantos disparates. Outros, mais expertos, revolvem o pó das bibliotecas, onde

*desterrão algumas obras boas mal conhecidas. Se alguma idéia lhes parece nova, não tem escrupulo de fazê-la sua, de extrahir mesmo de um livro passagens, capítulos inteiros, que lhes custão menos do que custavam as homilias ao Arcebispo de Granada; e depois de terem compilado, e tornado a compilar, publicação como fructo de seu genio a obra e a idéia nova, que devem estabelecer sua reputação. E o que tem feito nos nossos dias varios escriptores, que não tem, como Molière quando copiou Cyrano de Bergerac, o direito de replicar: Tomo o que é meu, onde o acho. Foi isto o que fez, sem que o suspeite, Mr. Azais no seu famoso livro das Compensações.*²³

A apropriação de partes ou capítulos inteiros de uma obra para compor uma outra pode ser verificada por meio de um exemplo ilustrativo: a obra *Lições De Boa Moral de Virtude e de Urbanidade escriptas no idioma espanhol por D. José de Urcullu e traduzida por Francisco Freire Carvalho Rio de Janeiro na livraria de A. Freitas Guimarães & C.a Rua do Sabão, n° 26, 1848. Aos pais e mãis de familia verdadeiramente empenhados na boa educação de seus filhos e filhas, D. e O. , o traductor portuguez.*

Trata-se, como indica o titulo, de uma obra traduzida do idioma espanhol e dedicada aos pais e mães de familia. Sua introdução consiste numa narrativa sobre um nobre espanhol que, depois de ter viajado pela França, Alemanha e Inglaterra e residido na cõrte por alguns anos, retira-se para cuidar de suas fazendas no local onde havia nascido. Leva com ele a esposa e três filhos: Tiago, Emilio e Luizinha. O pai, conforme as observações sobre o "caráter" de cada um deles, planejou dedicar o primeiro filho, afeito às armas e aos exercícos violentos, à vida militar e o segundo, à jurisprudência, uma vez que vivia entretido com os livros que lhes davam.

Antes de dar o "penoso" passo de enviar os filhos a um colégio que pudesse lhes ensinar as humanidades e conservar a inocência e pureza de seus costumes, o pai resolveu dar-lhes, de modo agradável, lições de boa moral, virtude e urbanidade. Pretendia, com esse procedimento, conservar "tenros" os corações das crianças de modo a "*resistirem ao veneno corrosivo do máo exemplo.*" Convicto dessa necessidade, o pai leva seus filhos a uma casa de campo, a

²³ *ARTE DE GANHAR O CORAÇÃO DOS MARIDOS* para uso das donzellas casadeiras por Eugenio de Pradel, membro de varias academias traduzida por F.P.A.A., Rio de Janeiro, Imprensa Americana, 1836, p.88. (microfilme)

pequena distância do mar e, depois de aguardar o fim do alvoroço causado pela chegada, dá início às conversações.

Assim como *Thesouro de meninos*, a obra é escrita na forma de diálogos entre pais e filhos. A comparação dos índices de ambas as obras permitem-nos perceber semelhanças, assim como diferenças.

O índice das *Lições de boa moral, de virtude e de urbanidade* é assim organizado:

Tarde I - Da sociedade

PRIMEIRA PARTE - Da boa moral.

Tarde II - Deveres para com Deus.

Tarde III - Dos deveres para com os pais

Tarde IV - Dos deveres para com os nossos irmãos e semelhantes

Tarde V - Do que deve o homem a sua Pátria

Tarde VI - Não fazer mal a outrem

Tarde VII - Não offender o proximo na sua honra.

Tarde VIII - Fazer mal aos animaes he signal de mau coração.

SEGUNDA PARTE -

Tarde XI - Da virtude.

Tarde X - Das virtudes pessoais

PARTE TERCEIRA - Da urbanidade

Tarde XI - Da urbanidade em geral

Tarde XII - Da hora de levantar da cama

Tarde XIII - Respeito aos anciãos

Tarde XIV - Regras para a conversação

Tarde XV - Do modo de comportar- nos em huma sociedade

Tarde XVI - Do modo de estar á mesa

Tarde XVII - Modo de proceder no jogo

Tarde XVIII - Do que devem os homens por urbanidade ás senhoras

Tarde XIX - Não atacar a ninguem na sua crença religiosa

Tarde XX - Das amizades.

Tarde XXI - Da escripta das cartas.

Tarde XXII - (sem titulo)

Máximas

*Para bom regulamento da vida de huma mulher.*²⁴

E o índice de *Thesouro de meninos* consiste nos seguintes itens:

Primeira conversação: Introdução : Da sociedade. - Primeira parte - Da moral.

Segunda conversação: deveres para com Deos.

Terceira conversação: dos deveres para com os nossos Pai e Mãe.

Quarta conversação: dos deveres para com os nossos irmãos e os outros homens.

Quinta conversação: do que devemos a nossa pátria.

Sexta conversação: não fazeis máo a outrem.

Sétima conversação: fazer máo aos animais he indicio de máo character.

Como pode-se observar a *Primeira Conversação* do *Thesouro de meninos* é praticamente idêntica à *Tarde I* e *Primeira parte* de as *Lições de Boa Moral, virtude e urbanidade*. A única variação reside na introdução, no caso das *Lições*, do adjetivo “boa” para qualificar a moral. A *segunda conversação* é perfeitamente idêntica à *Tarde II*; a *Terceira conversação* corresponde à *Tarde III*, havendo a substituição de “aos nossos Pai e Mãe” por “pais”, simplesmente. Na *Quarta conversação*, correspondente à *Tarde IV*, os “outros homens” é substituído pelo termo “similhantes”. As demais conversações correspondem, de maneira geral, às *Tardes V, VI, VII e VIII*, havendo apenas, como nos casos anteriores, modificações de alguns termos, sem haver alterações quanto ao objeto tratado.

Apesar das semelhanças entre as duas obras, como indicam os índices, há algumas diferenças que devem ser assinaladas. Mudam-se o nome e a quantidade de filhos, Filícia e Paulino, no caso do *Thesouro* e Emílio, Thiago e Luizinha, no caso das *Lições*. Além disso, as *Lições* tratam da moral, da virtude e da urbanidade, enquanto que o *Thesouro* trata da moral,

²⁴ *LIÇÕES DE BOA MORAL DE VIRTUDE E DE URBANIDADE* escriptas no idioma espanhol por D. José de Urcullu e traduzidas por Francisco Freire Carvalho Rio de Janeiro na livraria de A. Freitas Guimarães & C.a Rua do Sabão, n.º 26, 1848. Aos pais e mãis de familia verdadeiramente empenhados na boa educação de seus filhos e filhas, D. e O. , o traductor portuguez. (microfilme)

da virtude e da civilidade.²⁵ Contudo, o significado dos conceitos de civilidade e urbanidade é idêntico em ambas as obras:

O pai: Pois bem, escutai-me atentemente. Imaginai-vos um mancebo, que cumpre exactamente todos os deveres da Boa moral, e da Virtude; que respeita os direitos de seus semelhantes, honra a seus pais, e lhes serve de apoio; que faz bem ao próximo, sacrifica-se por todos; e rende a Deos as homenagens, que dicta a religião: este jóvem é um ser digno de respeito dos homens e das recompensas dos céos. Felizes, mil vezes felizes, todos quanto a elle se assemelhão! Mas figurai-vos também, que um tal não sabe o que é urbanidade; e notareis, que pratica o bem sem graça alguma, que todos se queixão de que entra em uma companhia sem saudar a ninguém, de que se assenta na primeira cadeira, que encontra; de que anda feito um rustico; e de que não sabe estar à mesa, como manda o dever. Todos os compararão a um diamante de grande valor, porém mal lapidado.²⁶

O pai de família

- Escutai pois. Supponde; meus bons filhos, hum homem que desempenha a risca todos os deveres da moral, e da virtude, sem lhes ajuntar os da civilidade; este homem respeita os direitos de seus semelhantes, honra a seus pais, serve-lhes de amparo, abriga o seu próximo, sacrifica-se por todo mundo, e rende a deos as homenagens de que he capaz a fraca humanidade; he hum ente digno de respeito dos homens, e das recompensas do ceo : feliz mil

²⁵ Norbert Elias afirma que o conceito de cortesia serviu, durante a Idade Média, para denominar as formas de comportamento das cortes dos senhores feudais, sendo progressivamente substituído, nos séculos XVI e XVII, quando a monarquia absoluta se afirmava na França, pelo conceito de civilidade que, por sua vez, perdeu sua primazia, durante o século XVIII, na alta sociedade de corte, e deu lugar à emergência do conceito de civilização, fortemente atrelado às empresas colonizadoras e portador de um significado de superioridade das nações europeias em relação aos que se viam sob seus domínios. Um dos registros do termo urbanidade, encontrado por Norbert Elias na obra *De l'urbanité romaine* (1745), de autoria do abade Gedoyn, se insere justamente no processo de aburguesamento da sociedade de corte, que dá lugar à discussão sobre o termo mais adequado para designar o comportamento refinado desse grupo social. Na obra referida, o abade Gedoyn afirma que uso do termo urbanidade pode ser dispensado uma vez que significava a polidez da língua, mente e maneiras na cidade de Roma e que essa polidez, entre os franceses, não dizia respeito a uma cidade em particular, mas sim à corte. Desse modo, a discussão articula-se sobre o termo mais adequado para designar o caráter distintivo do comportamento de certos grupos sociais. ELIAS, Norbert. op. cit. 111-112.

²⁶ *LIÇÕES DE BOA MORAL DE VIRTUDE E DE URBANIDADE*. op. cit. p. 8-9.

*vezes felis o que se parece com elle. Por que razão não se adornara elle com um pouco dessa polidez, que augmenta a amabilidade e a virtude?*²⁷

A diferença mais evidente e significativa entre o *Thesouro* e as *Lições* diz respeito à introdução de uma segunda parte na obra traduzida do espanhol. Essa segunda parte traz para o texto, alguns temas de caráter mais “mundano”, como por exemplo: regras para a conversação, do modo de estar à mesa, modo de proceder no jogo e da escrita das cartas.

Comparando-se a definição dos conceitos e o conteúdo dos textos, podemos concluir que uma das duas obras deve ter servido de modelo à outra ou, ainda, que ambas se apoiaram em uma terceira obra não identificada.

Considerando que não conhecemos a autoria, o local e a data de edição do exemplar do *Thesouro de meninos* torna-se difícil fazer qualquer suposição acerca de outros tipos de relações existentes entre ambas as obras, além daquelas aqui observadas.

Contudo, essas comparações permitem-nos perceber que esse tipo de literatura, como demonstra a bibliografia sobre o assunto²⁸, esteve particularmente susceptível às alterações das mais diversas ordens, não sendo estas alterações uma exclusividade do contexto de edição e circulação brasileiro.

De qualquer maneira, deve-se notar que não é possível estabelecer - como o fez Norbert Elias para a Europa Ocidental - uma relação entre os conceitos e as formações sociais no caso da literatura prescritiva que circula no Brasil. A única maneira de recuperar o novo significado que estes conceitos assumiram no Brasil seria por meio do acesso à interpretação de os leitores deles fizeram. Entretanto, mediante as fontes analisadas, não é possível, na presente dissertação, realizar essa recuperação.

²⁷ *THESOURO DE MENINOS*. op. cit.

²⁸ Roger Chartier observa, a respeito do tratado *De civilitate morum puerilium* de Erasmo de Roterdã que: *Très tôt le text latin est adapté, doté de divisions et de notes (en 1531 à Cologne par Gisbertus Longolius), mis en questions et réponses (en 1539 par Reinhardus Hadamarius à Anvers) ou bien présenté sous forme d'extraits choisis (en 1551, à Anvers encore, par Evaldus Gallus) .* CHARTIER, Roger. op. cit. p. 51.

1.2 - Mercado de livros

As livrarias fluminenses do século XIX fizeram da publicação de catálogos um meio através do qual divulgaram sua mercadoria. A leitura desses catálogos fornecem pistas sobre as formas de circulação dos livros nesse período.

A primeira página, a qual poderíamos chamar “capa do catálogo”, traz, geralmente, o nome da livraria e seu endereço, constando, eventualmente, o ano de sua impressão.²⁹ Essa apresentação, com nome e endereço, é feita de diferentes formas. Eis algumas delas: *Catálogo dos livros de que é editor B. L. Garnier e de outros que se achão em grande número na mesma livraria*, vindo logo abaixo o endereço da mesma³⁰; ou então, *Catálogo de excellentes livros em Portuguez a maior parte desconhecidos no Brasil e novamente chegados em casa de Eduardo Laemmert, mercador de livros* seguido do endereço da livraria.³¹

Cada um dos livreiros articula nesse texto de apresentação, as informações que a seu ver são importantes e/ou responsáveis por atrair o público leitor. No caso da Garnier, o livreiro observa que o catálogo contém as obras das quais é editor e chama a atenção para o fato de seu estabelecimento possuir, também, em grande quantidade, livros por ele não editados. A livraria de Eduardo Laemmert apela, por sua vez, para a suposta qualidade e novidade dos livros oferecidos.

Entretanto, não raro, há na própria capa, indicações mais precisas sobre os livros. A livraria Casa Editora David Corazzi traz logo abaixo do endereço o seguinte texto:

“Edições artísticas, Edições Populares, Romances dos melhores auctores nacionaes e estrangeiros, Obras de Educação e Recreio, Propaganda

²⁹ Não foi possível identificar a data exata de publicação dos catálogos utilizados neste capítulo. Entretanto, por meio dos endereços das livrarias e outros dados, procuramos estabelecer um período provável de impressão. Mantivemos a ortografia e a pontuação originais.

³⁰ *CATÁLOGO DOS LIVROS DE QUE É EDITOR B. L. GARNIER E DE OUTROS QUE SE ACHÃO EM GRANDE NÚMERO NA MESMA LIVRARIA*. Rua do Ouvidor, 69, Rio de Janeiro. O catálogo foi publicado entre 1852 e 1878.

³¹ *CATÁLOGO DE EXCELLENTE LIVROS EM PORTUGUEZ A MAIOR PARTE DESCONHECIDOS NO BRASIL E NOVAMENTE CHEGADOS EM CASA DE EDUARDO LAEMMERT, MERCADOR DE LIVROS*, Rua da Quitanda 77, entre a rua do Ouvidor e a do Rosário. O catálogo foi publicado entre 1833 e 1838.

de Instrução para Brasileiros e Portuguezes, Jornais da moda para senhoras, homens e creanças, Fornecimento de papel de impressão."³²

Essas indicações, como vimos acima, abrangem o tipo de edição, no sentido da materialidade do livro - edições artísticas e populares - ; a finalidade a que se destinam - educação e recreio; o que se poderia entender como gênero - no caso do romance e jornais da moda. Considerando que o livreiro visava o comércio, podemos supor que boa parte das informações sobre os livros trazidas nos catálogos apresenta ao leitor do século XX o que o leitor do século XIX provavelmente valorizava, ou pelo menos levava em conta, ao adquirir um livro.

A livraria Laemmert também anunciou seus livros assim: *Catálogo das novellas, romances, historietas, comédias, dramas, entremezes e outras obras de entretenimento e recreio em Portuguez à venda em casa de Eduardo e Henrique Laemmert, mercadores de livros*³³. Segue o endereço da editora e, logo abaixo, um texto de teor propagandístico:

*"Não haverá certamente pessoa alguma que percorrendo este catálogo não ache algum livro que lhe possa servir para aquisição de conhecimentos uteis ou agradável entretenimento nas horas vagas. Aquelles senhores que desejarem, queirão pôr na sua receita, Rua da Quitanda n 77, (ou do mez de junho de 1868 em diante na Rua do Ouvidor, 68) Loja de Laemmert, para terem a certeza de ser servidos com boas encadernações e as ultimas edições que todas levão o letreiro da sua casa, já tantos annos vantajosamente conhecida e relacionada com todas as provincias do Imperio."*³⁴

Podemos olhar para esses anúncios como quem olha para um conjunto de valores que não se restringem ao mercado livresco. Podemos indagar, por exemplo, quem se interessaria em adquirir conhecimentos úteis? Que conhecimentos seriam estes? Se as

³² *FILIAL DA CASA EDITORA DAVID CORAZZI* (agente José de Mello), Rua da Quitanda, 38, Rio de Janeiro. Catálogo posterior a 1885.

³³ *CATÁLOGO Nº 7 DAS OBRAS DE LITTERATURA, NOVELLAS, ROMANCES, HISTORIETAS, COMÉDIAS, DRAMAS, ENTREMEZES E OUTRAS OBRAS DE ENTRETENIMENTO E RECREIO EM PORTUGUEZ À VENDA EM CASA DE EDUARDO E HENRIQUE LAEMMERT, MERCADORES DE LIVROS*. Rua da Quitanda, 77, Rio de Janeiro. Catálogo posterior a 1838 e anterior a 1868.

³⁴ *Ibidem*.

peessoas costumavam se entreter com a leitura nas horas vagas, que tipo de livro servia a tal finalidade? Mesmo que não respondamos a essas perguntas, podemos afirmar, com certeza, que a leitura tinha, pelo menos, ambas as funções: instruir e entreter.

A solicitação e entrega de livros pelo correio parece ter sido prática comum dessas livrarias. Rezava, então, o costume do catálogo trazer as condições desse envio. A livraria Garnier anunciava na capa de seu catálogo: *"Todos os livros mencionados poderão ser mandados pelo correio mediante o augmento de 15% sobre o preço dos mesmos."* Havia outras livrarias cuja política editorial isentava o leitor de qualquer despesa de envio das obras encomendadas. É o caso da livraria Quaresma:

*"A Livraria Quaresma remette para o interior com a máxima brevidade possível e livre de despesa do correio qualquer livro deste catálogo bastando tão sómente enviar a sua importância em carta registrada com valor declarado, dirigida a Pedro da Silva Quaresma, rua São José, 71 e 75, Rio de Janeiro."*³⁵

Havia, também, um serviço de encomenda de livros estrangeiros, tarefa pela qual os livreiros cobravam uma comissão.

O catálogo podia ser dividido em partes publicadas em folhas separadas, cada qual contendo um grupo de assuntos. A livraria Universal dividiu seu catálogo em três partes:

*"Para não fazer este livro mais volumoso publicamos o nosso Catalogo em tres partes, em diferentes folhinhas, de que este faz a segunda. A primeira contém as obras de Jurisprudencia, Legislação, Direito Brasileiro, Política, de Medicina, Cirurgia, Pharmacia e Sciencias Naturaes, de Historia Geral e Particular, Biographias, etc e Obras Poeticas." A terceira é composta de "todas as sciencias e de varios generos de litteratura, de obras impressas, em diversas partes do Brasil e fora do paiz."*³⁶

³⁵ CATÁLOGO DA LIVRARIA QUARESMA. Rio de Janeiro, sem data.

³⁶ NOVO CATALOGO SYSTEMATICO DE ESCOLHIDOS LIVROS EM PORTUGUEZ PUBLICADOS E À VENDA NO RIO DE JANEIRO NA LIVRARIA UNIVERSAL, Rua da Quitanda, 77. O catálogo foi publicado

No interior dos catálogos são arrolados os títulos das obras, o preço, algumas vezes o número de volumes, formato e tipo de encadernação. Apesar dessa preocupação em descrever o aspecto material dos livros, os catálogos nem sempre fornecem informações bibliográficas completas. É muito comum não haver referência alguma acerca da autoria das obras à venda. Contudo, o título é, geralmente, acompanhado de uma explicação sobre o assunto de que trata a obra. Explicação esta que pode ser breve, assumindo uma função de subtítulo, como por exemplo: *Recreações do Homem sensível ou coleção de exemplos verdadeiros e pathéticos, contendo um curso de moral pratica*³⁷, ou *O Physionomista ou arte de conhecer o character, o genio, as inclinações, as qualidades e os sentimentos moraes das mulheres pela physionomia*.³⁸ Provavelmente esse era o meio pelo qual o livreiro informava a natureza ou assunto de que tratava a obra, no caso de o leitor a desconhecer. Esse subtítulo podia ceder lugar a uma descrição pormenorizada do conteúdo da obra. Tomemos um exemplo ilustrativo:

*"Dicionario das flores e do Bom Gosto ou genuina Linguagem das Flores, fructos, hervas, raizes, etc. em verso rimado e posto em ordem alphabetica, seguido do Secretario do Cupido ou novissimo Correio dos Amantes tambem em ordem alphabetica, pelo qual, com duas flôres, fructos, etc. poderá qualquer pessoa enviar um recado completo a quem amar, a Loteria, o Jogo do Oraculo e varias poesias sobre o mesmo assumpto."*³⁹

O mesmo procedimento é utilizado para anunciar o livro *Thesouro de meninas*:

entre 1833 e 1838. Este exemplar corresponde à segunda parte do catálogo que abrange: "*Conhecimentos Geraes, Domesticos, de Geographia, Technologia, Architectura, Agricultura, Mathematicas, Variedades, etc.*"

³⁷ *CATALOGO DAS NOVELLAS E ROMANCES, HISTORIETAS, COMEDIAS, DRAMAS, ENTREMEZES E OUTRAS OBRAS DE ENTRETENIMENTO E RECREIO EM PORTUGUEZ A VENDA EM CASA DE EDUARDO E HENRIQUE LAEMMERT, MERCADORES DE LIVROS, Rua da Quitanda, 77. O catálogo foi publicado entre 1838 e 1868.*

³⁸ *CATALOGO DA LIVRARIA QUARESMA EDITORA, LIVROS POPULARES, Rua São José, 71 e 73, Rio de Janeiro, sem data.*

³⁹ *CATALOGO DAS OBRAS POETICAS EM PORTUGUEZ a venda em casa de Eduardo e Henrique Laemmert, mercadores de livros, Rua da Quitanda, 77. O catálogo foi publicado entre 1838 e 1868.*

Thesouro de meninas (Livro de Bonna) ou diálogos entre huma sabia aia e suas discipulas da primeira distincção nos quaes reflectem, fallão e obrão as meninas, segundo o genio, temperamento, e inclinações de cada huma, e representando-se os defeitos de sua idade, mostra-se de que modo se pôdem emendar: comprehendendo-se também um compendio de historia sagrada, da fabula, da geographia; reflexões uteis e contos moraes; composto por M^{mo} Beaumont, traduzido por J.I. de Frias. ⁴⁰

O aspecto material dos livros era descrito no catálogo por meio de uma combinação variada de dados. O catálogo da livraria de Eduardo e Henrique Laemmert traz a seguinte descrição do livro *Os accidentes da Infancia: I volume com estampas*.⁴¹ O livro *Thesouro de Meninas* é acompanhado da observação: *Numa edição ornada com oito estampas coloridas*.⁴² *Emilia e Frontino* é oferecido em *um nítido volume*.⁴³ O *Novo Espelho do Amor* em duas opções: *brochura ou elegantemente encadernado*.⁴⁴ O livro *Pensamento dos Grandes Vultos da Litteratura Universal* é anunciado no catálogo como *um grosso volume, impresso em Paris com bellissima capa*.⁴⁵

Os catálogos trazem indícios sobre os critérios utilizados pelo público leitor na escolha de livros. São eles: o formato (in 12, in 8º, in 4º), o número de volumes, o número de páginas ou a “grossura” do livro, a qualidade da impressão (indicada pela “nitidez”), a presença ou ausência de estampas, o preço e a forma de encadernação. Alguns desses elementos determinavam o seu valor de mercadoria. O preço do volume encadernado era mais alto do que o das brochuras. O volume in 12 encadernado de *A arte de agradar*,

⁴⁰ CATALOGO DOS LIVROS DE EDUCAÇÃO, DE GEOGRAPHIA E DE OBRAS PARA INSTRUÇÃO E RECREIO DA MOCIDADE. EM PORTUGUEZ, À VENDA EM CASA DE EDUARDO E HENRIQUE LAEMMERT, MERCADORES DE LIVROS. Rua da Quitanda, 77, Rio de Janeiro. O catálogo foi publicado entre 1838 e 1868.

⁴¹ CATALOGO DOS LIVROS DE EDUCAÇÃO, DE GEOGRAPHIA E DE OBRAS PARA INSTRUÇÃO E RECREIO DA MOCIDADE EM PORTUGUEZ A VENDA EM CASA DA EDUARDO E HENRIQUE LAEMMERT, MERCADORES DE LIVROS, Rua da Quitanda, 77. O catálogo foi publicado entre 1838 e 1868.

⁴² Ibidem.

⁴³ NOVO CATALOGO SYSTEMATICO DE ESCOLHIDOS LIVROS EM PORTUGUEZ PUBLICADOS E À VENDA NO RIO DE JANEIRO NA LIVRARIA UNIVERSAL. op.cit.

⁴⁴ Ibidem.

⁴⁵ CATALOGO DA LIVRARIA QUARESMA EDITORA, LIVROS POPULARES. op. cit.

*dedicada às brasileiras elegantes*⁴⁶, de autoria de E.Feydeau, custava 1\$600. A brochura da mesma obra era vendida, na mesma livraria, por 1\$000. Os livreiros costumavam sempre indicar o grau de sofisticação das encadernações de algumas obras.⁴⁷ Acontecia, também, de se oferecer uma mesma obra nas duas opções mencionadas, ou seja, o comprador podia escolher entre uma edição mais sofisticada e cara e outra mais simples e, por consequência, mais barata. Provavelmente, os aspectos materiais das edições estavam relacionados a usos diferenciados dos livros. É o que demonstra, por exemplo, a seguinte prescrição sobre os locais adequados para se guardar os livros em uma residência familiar:

*Quando não se tem um quarto especial para guardar os livros, põe-se a biblioteca na sala de visitas; mas os livros devem estar todos encadernados; os volumes mal encadernados e brochados põe-se, cobertos com cortina, na antesala ou na sala de jantar.*⁴⁸

Embora tenhamos poucos vestígios da relação entre a materialidade do livro e seus usos, supomos que, de maneira geral, a impressão estrangeira tenha assumido para os leitores brasileiros, ou pelo menos para parte deles, um significado muito específico:

*"O apelo esnobe exercido por tudo o que fosse francês era também um fator importante, especialmente no caso dos livros mais caros, aos quais se podia somar o atrativo adicional de uma encadernação francesa."*⁴⁹

⁴⁶ *CATALOGO DA LIVRARIA B.L.GARNIER*. A data provável de publicação é de 1859 a 1862, levando-se em conta o período de circulação da Revista Popular anunciada no catálogo em questão.

⁴⁷ Robert Darnton observa que na França do Antigo Regime era comum a preocupação dos leitores com a materialidade do livro, seja no que diz respeito ao papel ou ao tipo de encadernação. Essa "consciência tipográfica" seria típica de uma época em que o livro era fruto de um trabalho artesanal de maneira que as edições se tornavam únicas, com características individuais. Cf. DARNTON, Robert. A leitura rousseauista e um leitor "comum" do século XVIII. In: CHARTIER, Roger. *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996, p. 148-149.

⁴⁸ *O TRATO DO MUNDO NA VIDA ORDINARIA E NAS CERIMONIAS CIVIS E RELIGIOSAS* por Ermance Dufaax, tradução e adaptação de Simões da Fonseca, membro e ex-secretário da Associação literaria e artistica internacional de Pariz. Pariz, H. Garnier livreiro-editor, 71 Rua Moreira Cesar, R.J.; Rue des Saint Peres, Pariz. (s.d.), p. 11.

⁴⁹ HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: EDUSP, 1985, p. 129.

Essa observação fica evidente se nos remetermos aos catálogos consultados. A apresentação do livro *Violetas Poéticas* no catálogo da Livraria Laemmert valoriza o luxo da edição e o fato de ele ser semelhante aos que existiriam na Europa. Além disso, a sua posse, sugere o texto, faria a moça brasileira tão “chic” quanto a européia:

“É o mimo mais delicado e mais apropriado para as moças de fina sociedade. A semelhança de livros congeneres que ha muito existem na Europa, onde toda moça de familia chic possui seu album de poesias para dias de annos, o livrinho Violetas Poeticas é a publicação mais mimosa e de mais luxo que jamais se tem feito em lingua portuguesa. A encadernação é dourada, com riquissima capa de percaline, onde o título e ornatos de ouro circundam violetas com as côres naturaes e um casal de pombos.” E continua: *“A impressão é nitida e elegante, e todas as paginas são rodeadas de um artistico friso de côr. Em resumo, o album Violetas Poéticas é o bijou indispensável de toda moça chic.”*⁵⁰

As diferenças de gênero, faixa etária e condição sócio-econômica do público leitor a que os editores destinavam seus livros estão, geralmente, presentes nos catálogos das livrarias de forma “implícita” (no caso das opções de encadernação com variação de preços) ou “explícita” (no caso dos prefácios e advertências). Além das representações sobre o público leitor pode-se verificar, nesses catálogos, outras que dizem respeito às situações de leitura. Vejamos exemplos de cada uma delas. No *Secretario de Bom Gosto ou collecção de cartas em verso rimado de declarações e peditorios com referencia ao casamento e outros objectos familiares; felicitações para consorcios, annos, baptizados, nascimentos, parabens, pezames, sentimentos de varios assumptos assim como versos para album de variados assumptos e quadrinhas para lenços* encontramos a seguinte representação do leitor na fala de seu editor:

⁵⁰ *CATALOGO DAS OBRAS DE FUNDO E OUTROS LIVROS QUE SE ACHAM A VENDA NA LIVRARIA UNIVERSAL DE LAEMMERT*, no Rio de Janeiro e suas casas filiais em São Paulo e Recife. Rio de Janeiro, Rua do Ouvidor, 66, 1899.

*“O título desta obra bastara para fazê-la recommendável. Ella contém uma abundante collecção de cartas em verso rimado, que será de muita utilidade às pessoas que não quizerem dar-se ao trabalho de recorrer à mente e cançar as idéias; por isso que trata de muitos e interessantes assumptos.”*⁵¹

Essa advertência pressupõe um público interessado em ter às mãos uma obra que lhe garanta facilidade no trato de determinadas formalidades da vida social. Assim, o grande atrativo do livro está, justamente, em fornecer modelos de cartas, peditórios e felicitações, dispensando o esforço do leitor e garantindo procedimentos socialmente adequados.

A situação de leitura em *O Mata Horas Aborrecidas* é representada da seguinte forma: *“para recreio da imaginação e passatempo honesto, recreativo e muitas vezes instructivo, das familias, tanto nas cidades como nas roças, próprios para salões e jardins (...)”*⁵²

Baseando-se em relatos de viajantes, Beatriz Nizza da Silva acredita que a presença de inúmeros livros recreativos no mercado editorial fluminense deve-se ao fato de a cidade do Rio de Janeiro, até pelo menos a chegada da corte, não possuir formas desenvolvidas de sociabilidade. Desse modo, esses jogos de salão seriam típicos das “assembléias noturnas” promovidas em casas de particulares, ou seja, nos espaços privados.⁵³

Nos catálogos podemos verificar, portanto, que os editores elaboravam representações sobre o público leitor e seus gostos, assim como sobre as supostas finalidades a que os livros deveriam servir e, também sobre as situações em que deveriam ser lidos. Embora deva-se considerar a possibilidade dessas representações nem sempre encontrarem respaldo nas práticas efetivas de leitura, é inegável o fato de se constituírem enquanto pistas sobre elas.

⁵¹ A obra *Secretario de Bom Gosto* encontra-se anunciada na segunda parte do *NOVO CATALOGO SYSTEMATICO DE ESCOLHIDOS LIVROS EM PORTUGUEZ*. op. cit. que abrange “*Conhecimentos Geraes, Domesticos, de Geographia, Technologia, Architectura, Agricultura, Mathematicas, Variedades, etc.*”

⁵² *CATÁLOGO N° 2 DA LIVRARIA B. L. GARNIER*. Rio de Janeiro, s.d.

⁵³ SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Cultura e Sociedade no Rio de Janeiro (1808-1821)*. 2ª edição, São Paulo, Cia Editora Nacional, 1978, p. 67-69.

1.3. Bibliotecas

A despreocupação com a identificação da autoria das obras nos catálogos de livraria não é válida para os de bibliotecas. Em geral, a produção dos catálogos das bibliotecas do Rio de Janeiro implicou na escolha de um método para organizar o registro impresso das obras que compunham seus acervos. Os métodos variaram: alguns deles utilizavam a entrada das obras por autor e outros, pelo título. Exemplos da primeira opção são o catálogo da Biblioteca da Marinha (1858), organizado segundo o sistema Brunet⁵⁴, o da Biblioteca Municipal (1878), o da Biblioteca do Museo Escolar Nacional (1885) e o da Biblioteca do Exército Brasileiro (1885). Os catálogos da Biblioteca Fluminense (1852 e 1866), assim como do Gabinete Português de Leitura (1853) utilizaram a entrada pelo título das obras. A tarefa de organização das obras das bibliotecas em catálogos sistemáticos parece ter demandado grandes esforços e sido empreendida mediante dificuldades, como sugere a “Explicação” ao catálogo da Biblioteca Municipal :

Eis o modesto catalogo da primeira biblioteca municipal do Império.

Si não o considerassemos antes um estreito ensaio do que deverá elle tornar-se em tempo proximo, quando mais amestrada for a direção deste estabelecimento, motivo bem fundado de satisfação teriamos por ver hoje realizado o esforço que nos foi commetido em desempenho de publico dever, cada vez julgado mais arduo em razão do proprio conhecimento, que não nos deixa mentir a consciencia sempre tem sido considerado de extrema pouquidade de recursos intellectuais.

Uma qualidade boa todavia nos ampara: a dedicação ao trabalho e o mais completo desprezo de vaidades, que por mal cabidas vendão quasi sempre a singela abnegação de se não querer paulatinamente passar de humilde operario buscando soffrego as eminencias a que sohem os mestres, sagrados pela experiencia dos annos e preparados por longa serie de estudos de observação aturada.

⁵⁴ Há uma edição do *MANUEL DU LIBRAIRE ET DE L'AMATEUR DE LIVRES* CINQUIÈME ÉDITION ORIGINALE ENTIÈREMENTE REFONDUE ET AUGMENTÉE D'UN TIERS PAR L'AUTEUR. Paris, Librairie de Firmin Didot Frères, Fils et c^o, 1865 disponível na Coleção de Obras raras da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

E epidemia que não nos infeccionou, mercê de Deus. E dentre tantos colegas illustrados, dos quaes dourão nomes já de há muito conhecidos e qualidades moraes de subito quilate, emergimos quando no seio da mais funda obscuridade, pelo favor de cavalheiros, que não cuidarão de accommodações a afilhados e protegidos negativos, em trabalho a boa vontade, mas que darão a mão a quem insufficientemente, é certo, conseguiu organizar e dar á publica sanção, o que em principio foi recebido com motejos de incredula realização.⁵⁵

Dificuldade semelhante parecem ter enfrentado aqueles que empreenderam a reorganização do *Catálogo da Bibliotheca do Exercito Brasileiro*:

*Não obstante a nossa falta de habilitações officiaes, intentamos organizar novo trabalho, respeitando, todavia a classificação e planos adoptados por estarem mais ou menos de acordo com o Systema de Bibliothecas militares indicado na - *Première Série de Mélanges Militaires* - *Publications de la Réunion des Officiers*.⁵⁶*

E continua:

Dando, a respeito de cada obra, além das indicações bibliographicas, uma noticia sumaria do conteudo, pensamos prestar algum serviço a quem houver de consultar este catalogo. Seja-nos isto levado em conta da temeridade que commetemos, incumbindo-nos de uma tarefa tão ardua, como superior as nossas forças.⁵⁷

Em ambos os casos podemos notar que os responsáveis pela organização dos catálogos, mesmo se inspirando em métodos e modelos pré-existentes, ainda encontraram

⁵⁵ *CATALAGO DA BIBLIOTECA MUNICIPAL*. Publicação Official. Typ. Central de Brown e Evaristo. Rua Nova do Ouvidor, 1878.

⁵⁶ *CATÁLOGO DA BIBLIOTHECA DO EXÉRCITO BRAZILEIRO* precedido de seu regulamento e leis que lhe dizem respeito acompanhado de um índice alphabetico dos autores organizado pelo bibliotecario Joaquim Alves da Costa Mattos, official da Ordem da Rosa, cavalleiro da Ordem de Crhisto, condecorado com as medalhas de mentor militar das Campanhas do Estado oriental do Uruguay de 1864-1865. RJ, Imprensa Nacional, 1885, p.II

⁵⁷ *Ibidem*. p.II-III.

sérias dificuldades. Estas foram, em geral, atribuídas à falta de experiência que teria tornado a tarefa, via de regra, superior às forças disponíveis para empreendê-la. Tais discursos evidenciam que a constituição das bibliotecas na cidade do Rio de Janeiro implicou na formação simultânea de um corpo de funcionários dedicado à organização das mesmas. Corpo este que parece, a princípio, desprovido de formação profissional especializada. Obrigados e empenhados em exercer suas funções - concebidas quase como uma missão ou mais exatamente como um “público dever”- esses funcionários, ao que nos sugerem seus discursos de intenções e pedidos de desculpas, tentaram, na base do acerto e do erro, satisfazer as expectativas do público leitor dessas instituições:

Si pra o futuro continuarmos a dirigir o estabelecimento que tivemos a honra de constituir daremos nova e não remota edição do catalogo: que a benignidade dos doctos houver de nos indicar e então, como é proprio de trabalho desta natureza, maior latitude poderá elle ter.

A actual é, bem que imperfeitissima e ninguém nos surpreenderá neste conceito, apenas o producto de quem considera a sua posição como um encargo e não uma sine cura.

E o concurso do publico dirá si temos razão.⁵⁸

Essas falas dos bibliotecários nos colocam imediatamente a pergunta: quem era esse público leitor ao qual se dirigiam? Os estatutos de funcionamento das bibliotecas, contidos nos catálogos das mesmas, permitem-nos apenas compor, por meio de sua análise, um público virtual. Trata-se, portanto, de uma situação de idealidade, pois essa composição por meio de uma documentação de caráter normativo exclui todo um universo de leitores e práticas de leitura que provavelmente escapavam às regras de funcionamento elaboradas por essas instituições.⁵⁹ Desse modo, estaremos falando, em verdade, do público que esses estatutos imaginaram atingir e de práticas que pretendiam estabelecer.

⁵⁸ *CATALAGO DA BIBLIOTECA MUNICIPAL*. op.cit.

⁵⁹ A documentação com a qual estamos trabalhando tem caráter prescritivo, ou seja, diz respeito não às práticas efetivas, mas sim às regras que pretendiam normatizar a forma de utilização desses espaços sociais.

Algumas bibliotecas têm o acesso aos livros restrito a sócios e acionistas. Nestes casos, a restrição é regulamentada, como demonstra, por exemplo, o artigo 1 das Disposições Orgânicas do Regulamento para a Leitura da Biblioteca do Gabinete Português de Leitura:

*A Biblioteca do Gabinete Portugues de Leitura estará patente aos accionistas e subscriptores todos os dias de trabalho das 8 horas da manhã até as duas horas da tarde, e das 4 horas da tarde até as 9 da noite; e nos domingos e dias santos de guarda das 8 da manhã até o meio dia. No dia de natal, Domingos da Paschoa da Ressureição e do Espirito Santo, e no dia de Corpus-Christi não se abrirá o Gabinete.*⁶⁰

O Gabinete Português de Leitura não apenas restringia o acesso a esse grupo de pessoas, como também considerava uma questão de honra por parte do acionista ou subscritor a não transferência do livro emprestado a quaisquer outras pessoas que “não tenham as mesmas qualificações”, segundo consta no artigo 27 do Capítulo II, referente à leitura externa. Tratava-se, pois, de controlar não o acesso à biblioteca, mas sim à leitura dos livros pertencentes a mesma. Apesar disto, temos que levar em conta, como dissemos anteriormente, a possibilidade desses livros terem sido lidos por outras pessoas que não seus acionistas. Nada nos garante que estes não emprestassem os livros dali retirados a outros leitores .

A Biblioteca do Museo Escolar, segundo o artigo 11 de seu regulamento estava franqueada “(...) ao público em qualquer dia, das 10 horas da manhã às 3 da tarde, exceptuando-se os dias santos, os de festa nacional, os da Semana Santa e os que decorrer de 25 de dezembro a seis de janeiro”⁶¹

A Bibliotheca da Marinha, instituída em 1846, sob os auspícios do ministro da marinha, Senador Hollanda Cavalcanti, Visconde d’Albuquerque, restringia seu acesso aos oficiais e marinheiros.

⁶⁰ CATÁLOGO DOS LIVROS DO GABINETE PORTUGUES DE LEITURA no Rio de Janeiro seguido de um suplemento das obras entradas no Gabinete depois de começada a impressão. Rio de Janeiro, Typ. Commercial de F de Q. Regadas, Praça da Constituição, MDCCCLVIII.

⁶¹ CATALOGO DA BIBLIOTECA DO MUSEU ESCOLAR NACIONAL organizado por Julio de Lima Franco. Rj, Typ. de G. Leuzinger e Filho, 1885, p 6.

No artigo 1 do regulamento para a Bibliotheca do Exército, consta que a mesma, apesar de ser “(...) destinada a proporcionar meios de instrução aos officiaes e praças do mesmo exército; será entretanto, franqueada a todos os empregados do Ministério da guerra, bem como ao publico em geral.”⁶² Segundo as informações presentes no catálogo, de maio a dezembro de 1882, a biblioteca teria sido freqüentada por 2906 pessoas das quais 1237 eram militares.⁶³

Tendo em vista esses públicos virtuais, observemos as finalidades que orientaram a fundação dessas instituições. No caso da Biblioteca da Marinha, encontramos em sua origem um discurso que evidencia a crença segundo a qual a leitura tem o poder de modificar os hábitos sociais:

*Já o amor dos livros se espalha pelos navios com a istallação das Bibliothecas Parciaes e é de presumir que o nosso marinheiro, lendo romances marítimos, viagens e episodios navaes, va insensivelmente trocando por esta distração outras que a disciplina nem sempre consegue reprimir. O official possui agora os meios de aprofundar ao ramos prediletos de sua profissão, e, tendo ao seu alcance tantos livros bons, vencerá a natural indolencia do espirito para os estudos serios, sem que a desculpe com a impossibilidade de obter uma bibliotheca.*⁶⁴

À leitura, neste caso, é atribuída uma finalidade ao mesmo tempo disciplinadora e instrutiva, ou seja, acredita-se que por meio dela o marinheiro seja capaz de abandonar maus hábitos e se aperfeiçoe profissionalmente. Pode-se notar que o tipo de leitura considerada mais adequada para atingir esse fim é aquela que está relacionada com o cotidiano do leitor. Desse modo, aos marinheiros se destinam, como vimos acima, romances marítimos, viagens e episódios navais.

⁶² CATÁLOGO DA BIBLIOTHECA DO EXÉRCITO BRAZILEIRO. op. cit. p.IX.

⁶³ Infelizmente não conseguimos saber se as bibliotecas Fluminense e da Sociedade Literária eram franqueadas ao público em geral. No caso da Biblioteca Municipal, embora nada conste em seu catálogo, acreditamos que, pelo seu caráter “público”, não deveria haver nenhuma restrição. A Biblioteca do Museo Escolar Nacional tinha o empréstimo de livros proibido àqueles que não fossem associados embora a consulta, ao que sugere o art. 11 do regulamento, fosse franqueada ao público em geral.

⁶⁴ CATALOGO METHODICO DOS LIVROS EXISTENTES NA BIBLIOTHECA DA MARINHA organizado segundo o Systema de mr. Brunet. Rj, Ti. de Francisco de Paula Brito, 1858, p.1.

Trinta e cinco anos depois, a 4 de janeiro de 1882, foi inaugurada, com cerca de três mil volumes, a Biblioteca do Exército.⁶⁵ Sua fundação suscitou um artigo de autoria de Ernesto Quesada, primeiramente publicado na *Nueva Revista de Buenos Aires* e depois traduzido e publicado no Diário Oficial de 4 de março de 1884, no qual tece as seguintes considerações:

*O Conselheiro Doria compreendia perfeitamente que o exercito necessita de illustração: não bastava para isso, a criação de escolas regimentaes, era preciso que sua obra fosse coroada com a criação de uma Biblioteca militar.*⁶⁶

A leitura, neste caso, é entendida enquanto complemento da atividade escolar e instrumento de “ilustração” do contingente militar.

Nos discursos sobre as bibliotecas do Exército e da Marinha encontramos uma concepção positiva da leitura uma vez que lhe é atribuída a função de corrigir hábitos considerados nefastos, tarefa que a disciplina militar parece não cumprir. Estes militares estariam pois falando da leitura de quaisquer tipos de livros? Provavelmente não. Neste sentido, é necessário ter em vista que o acervo de uma biblioteca relaciona-se diretamente à finalidade a que se propõe. A biblioteca pode ser, em si mesma, uma forma de controle sobre a leitura, no sentido de ser um “reservatório” de parcelas da produção escrita em circulação.⁶⁷ O índice do catálogo da Biblioteca do Exército, por exemplo, comporta um item ausente nos catálogos das demais bibliotecas consultadas, dedicado às *Sciências Militares* que abrange:

a- Tactica em geral, estrategia, constituição dos exercitos, generalidades; b- tractado das diferentes armas: infantaria, cavalaria (comprehendendo equitação, hippiatrica e hippologia) artilheria (comprehendendo pyrothecnia e balística), ordenanças e regulamento; c-

⁶⁵ A Biblioteca do Exército foi criada obedecendo ao decreto de nº 8336 de 17 de dezembro de 1881.

⁶⁶ *CATÁLOGO DA BIBLIOTHECA DO EXÉRCITO BRAZILEIRO*. op. cit. p. V.

⁶⁷ Roger Chartier observa que, com o surgimento da imprensa, tornou-se impossível reunir todo o patrimônio escrito da humanidade, de modo que se impôs a necessidade das bibliotecas fazerem uma triagem dos livros que as compunham. A obra *Advis pour dresser une bibliothèque* (1627), de autoria de Gabriel Naudé, é um exemplo de guia de triagem aos colecionadores de livros, indicando a eles quais obras deveriam estar presentes em suas bibliotecas. Cf. CHARTIER, Roger. Bibliotecas sem muros. In: *A ordem dos livros: leitores, autores e*

*fortificação, castrametação e engenharia militar; d- corpo de saúde; e- legislação e administração; f- historia militar-biographias; g- marinha; h - polygraphia; e - dictionarios e encyclopedias, cartas e atlas, estampas e quadros, annuarios (comprehendendo annaes e relatorios em geral), jornaes, revistas e manuscritos.*⁶⁸

Apesar de conter todo um “setor” dedicado às ciências militares, a biblioteca oferecia, também, livros pertencentes às demais áreas do conhecimento, tais como: ciências matemáticas, ciências históricas e geográficas, filosóficas, políticas e econômicas, lingüística e filologia, etc. A idéia de biblioteca especializada seria, neste caso, anacrônica, pois nenhuma delas, como informam as tábuas gerais de seus catálogos, teve seu acervo reduzido a um único domínio do conhecimento. Desse modo, não foi constatada, no caso dessas bibliotecas, restrições à determinadas áreas do conhecimento, pelo contrário, nota-se que foi dada, em alguns casos, como o da Biblioteca do Exército, ênfase a algumas áreas de conhecimento, considerando o público leitor que se pretendia atingir.⁶⁹

Entretanto, a par das possíveis diferenças no que se refere ao público leitor, a maioria das bibliotecas ou associações literárias cuja documentação ainda hoje nos é acessível

bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1994, p. 69-70.

⁶⁸ *CATÁLOGO DA BIBLIOTHECA DO EXÉRCITO BRAZILEIRO.* op. cit. p. XV.

⁶⁹ Acreditamos que possa ocorrer também a censura de alguns tipos de livros, mas não encontramos na documentação consultada qualquer referência a esse tipo de prática no que diz respeito a essas bibliotecas. Com relação à constituição dos seus acervos, as Bibliotecas da Marinha e do Exército gozavam do mesmo privilégio conferido à Biblioteca Pública Nacional pelo decreto 433 de 3 de julho de 1847, a seguir transcrito: *Art. 1 Todos os impressos que sahirem das typographias do municipio da corte serão remetidos á Bibliotheca Publica Nacional no dia de sua publicação e distribuição; Art. 2 Não se verificando a remessa no dia designado o bibliothecario a exigirá do impressor, o qual será obrigado a fazel-a dentro de vinte e quatro horas, sob as penas do art. 128, do codigo criminal; Art. 3 As obras de musica, os mappas e as estampas que forem publicadas no Municipio da corte nas officinas typographicas, nas de lithographia, ou de gravura estão compreendidas debaixo da denominação de impressos de que se serve o decreto n 433 de 3 de julho de 1847, e como taes são-lhes applicaveis as disposições dos artigos antecedentes; Art. 4 As mencionadas disposições abrangem também as reimpressões, e as novas edições, tenham sido ou não depositadas na Bibliotheca Publica Nacional as primeiras impressões ou edições; Art. 5 Para verificar-se a obrigação de deposito de qualquer obra na mesma Bibliotheca, basta que ella tenha a inscrição da cidade do Rio de Janeiro, ainda que seus autores ou proprietários alleguem haver sido impressa fora da corte ou do Imperio; Art. 6 Findo o prazo de art. 2 o bibliothecario dará immediatamente parte ao Promotor Publico da desobediencia occorrida, a fim de tornar-se effectiva a punição alli declarada pelos meios marcados na lei; Art. 7 As presentes instrucções são extensivas as obras que se imprimirem, lithographarem ou gravarem nas provincias relativamente ás Bibliothecas das respectivas capitaes. CATALOGO METHODICO DOS LIVROS EXISTENTES NA BIBLIOTHECA DA MARINHA.* op. cit. p. 7-8.

pretendeu ilustrar, acabar com a “indolência do espírito”, contribuir para o “progresso” e o ensino:

Os fins a que é chamada principalmente a preencher a biblioteca, que não deve ser aristocrática como se tem por ahí escripto noutras circunstancias e em respeito do nosso primeiro estabelecimento desta especie, o que nos parece contrario aos reclamos da civilização actual e antinómico com os intuitos geraes de nossa forma de existencia social, e precisamente porque ás municipalidades incumbe por effeito da lei dos tempos e da politica serem as distribuidoras do pão azymo do ensino.⁷⁰

A única exceção encontrada foi o Gabinete Português de Leitura, em cujo regulamento não há vestígio algum de intenções semelhantes às acima citadas. Acreditamos, entretanto, que o carácter associativo do Gabinete Português de Leitura não é suficiente para explicar tal diferença pois a Sociedade Literária do Rio de Janeiro, muito embora funcionasse segundo sistema semelhante, atribuiu a si, como podemos notar, finalidade semelhante às demais:

O desejo de promover o adiantamento das sciencias, das artes, e da industria, de facilitar a instrucção geral por meio da impressão de bons e recommendaveis escriptos, nos tem, senhores, reunido em sociedade, e esta nobre tarefa he sem duvida bem digna de vos, he bem digna dos honrados accionistas de que ella he composta, e que com tanto zelo, como intelligencia, tem prestado os seus trabalhos, e os seus capitaes, para a criação e o incremento da Sociedade Litteraria do Rio de Janeiro, hoje reunida em assembléa geral, para o fim de empossar os novos eleitos nos seus diferentes empregos.⁷¹

⁷⁰ “Explicação” in: *CATALOGO DA BIBLIOTECA MUNICIPAL*. op. cit.

⁷¹ Discurso com que o diretor abriu a sessão da Assembléa Geral no 1º de fevereiro de 1836, p 3. In: *ESTATUTOS DA SOCIEDADE LITTERARIA DO RIO DE JANEIRO*. Typographia de Laemmert, rua do Lavradio, n° 54, 1843.

Do ponto de vista da Sociedade Literária, caberia a um grupo de homens, distintos por sua ilustração, contribuir com o progresso do país, estimulando, por meio da impressão de livros, a “instrução geral”.

Vimos que o Rio de Janeiro assistiu, ao longo do século XIX, à proliferação de bibliotecas que não pertenciam a particulares, e que, mesmo estabelecendo restrições de acesso aos seus acervos, via de regra, pretendiam atingir uma coletividade de leitores. Desse modo, a preocupação com o “coletivo” esteve presente em suas origens: modificar os hábitos dos marinheiros, ilustrar o contingente do exército, facilitar a instrução geral, evitar uma postura aristocrática, etc. Entretanto, dentre todos os aspectos referentes a tais instituições, interessamos, em particular, aquele que diz respeito mais especificamente às práticas de leitura que ali se efetivaram. Os catálogos de livrarias informam-nos sobre alguns aspectos da circulação de livros. Por meio deles, entretanto, não somos capazes de saber o que acontecia com os leitores depois de adquirirem uma obra. Não sabemos se liam sós, acompanhados, em silêncio ou em voz alta. Os catálogos de bibliotecas são, por sua vez, uma fonte privilegiada para a investigação das práticas de leitura em espaços sociais de uso coletivo, pois permitem o acesso às regras a que tais práticas foram submetidas.

O mais básico constrangimento à leitura nesses espaços coletivos diz respeito aos dias e horários de funcionamento das bibliotecas. O Gabinete Português de leitura abria das 8 às 14 e das 16 às 21 horas. O Museo Escolar Nacional era, por sua vez, aberto ao público das 10 às 15 horas e a Biblioteca do Exército das 9 às 14 horas e das 18 às 21 horas.⁷² Esta última, ao que sugere o artigo 11 de seu regulamento, abria todos os dias “*exceptuando os dias santificados, os de festa nacional, os da semana santa e os que decorrerem de 1 a 6 de janeiro e de 25 a 31 de dezembro.*”⁷³ O Gabinete Português, como já se disse, abria aos domingos e dias santos de guarda, das 8 às 12 horas, estando fechado apenas no dia de Natal, Domingo de Páscoa e do Espírito Santo e Corpus Christi. O Museo Escolar Nacional se encontrava fechado nos dias santos, dias de festa nacional, da semana santa e de 25 de dezembro a 6 de janeiro. Acreditamos que, embora não tenhamos o regulamento das demais bibliotecas, haja uma certa tendência de

⁷² Não temos informações sobre o horário de funcionamento das demais bibliotecas mas acreditamos que o horário de funcionamento das mesmas deveria ser semelhante aos acima citados.

⁷³ *CATÁLOGO DA BIBLIOTHECA DO EXÉRCITO BRAZILEIRO*. op. cit. p. X

que estivessem fechadas em datas festivas nacionais, ao contrário do Gabinete Português que se mantinha fechado apenas em alguns dias santos ⁷⁴

Uma vez estabelecidos os horários e dias de funcionamento, pensemos no acesso aos livros. Como já notamos anteriormente, o acesso é regulado das mais diversas maneiras: algumas bibliotecas só o permitem aos sócios e acionistas, como é o caso do Gabinete Português; outras permitem a leitura mas não a retirada do livro, sendo esta um privilégio dos associados, como é o caso do Museo Escolar Nacional; outras permitem que grupos específicos de pessoas retirem os livros sob determinadas condições, como estabelece o artigo 11 do regulamento da Biblioteca da Marinha:

*É permitido aos officiaes Generaes d'Armada, e aos chefes dos diferentes departamentos da repartição da marinha o requisitarem, por officios dirigidos ao official encarregado da Bibliotheca, os livros que quizerem ler fora dela. A excepção desses á ninguém mais se emprestará livro algum fora da Bibliotheca, sem ordem superior*⁷⁵.

A Biblioteca do Exército permitia a leitura externa apenas aos oficiais gerais do Exército, aos chefes das diferentes repartições do Ministério da Guerra e aos membros da Comissão de Melhoramentos de Material de Guerra. No caso das bibliotecas que permitem a leitura externa, há certos procedimentos a serem seguidos. Como vimos acima, no caso da Marinha, trata-se de dirigir um officio ao responsável. O Gabinete Português de Leitura tem o regimento mais complexo no que se refere à leitura externa. Trata-se de oito artigos reguladores, descritos a seguir:

art. 19 Os accionistas para poderem usar dos livros fora do gabinete, devem previamente assignar-se com o seu nome e firma por extenso no registro

⁷⁴ Embora não possamos afirmar com certeza, pode-se acreditar que as particularidades do Gabinete Português de Leitura, seja no que se refere ao respeito dos dias santos ou à finalidade de sua instituição, estejam relacionadas à nacionalidade do mesmo.

⁷⁵ *CATALOGO METHODICO DOS LIVROS EXISTENTES NA BIBLIOTHECA DA MARINHA* op. cit. p.3.

para esse fim destinado. Os subscriptores assignarão da mesma forma em outro livro, successivamente, sujeitando-se ás disposições deste regulamento, que lhes são applicaveis.

As senhoras geralmente, e os homens que tiverem algum impedimento, poderão assignar em sua casa, para o que o guarda, informado desse motivo pela pessoa interessada, lhe enviará o mencionado livro de registro pelo continuo ou outra pessoa de sua confiança.;

art. 20 Além do requisito do artigo antecedente, tanto os accionistas quanto os subscriptores, para levarem ou mandarem ir uma obra ou volume, devem passar recibo ou fazer o pedido d'elle em un quarto de folha de papel, com a sua assignatura por extenso, para poder ser comparada com a existente no registro respectivo. Para mandar ir a continuação das obras que estiverem lendo, deverão também os accionistas e subscriptores fazer o pedido dellas com esta declaração;

art. 21 O guarda do gabinete guardará immediatamente estes recibos em tal ordem que os possa achar e devolver no momento em que os livros ou obras a que se referirem lhe forem entregues;

art. 22 Não podem sahir para o mesmo accionista ou subscriptor mais de dous volumes d'humra obra até o formato de 12 francez, ou de 8º de menos de 200 paginas; deste limtte para mais sahira somente um volume de cada vez, nem se lhe darão outros em quanto não fizerem a entrega dos primeiros;

art. 23 Sem que tenham decorrido pelo menos trinta dias depois da entrega do ultimo volume de uma obra, não poderá esta ser de novo levada pelo mesmo accionista ou subscriptor;

art. 24 Não poderão os livros ser transferidos a outras pessoas pelo accionista ou subscriptor que os levar, ainda que essas pessoas tenham as mesmas qualificações. A directoria espera o exacto cumprimento desta disposição da honra dos accionistas e subscriptores.;

art. 25 Os dictionarios, atlas, livros de consulta, assim como obras raras, como taes classificadas, não sahirão do gabinete ;

art. 26 Se algum accionista ou subscriptor extraviar ou estragar algum livro de tal sorte que no juizo do 1º secretario seja necessario substitui-lo, entregar-se-lhe-hão os volumes restantes no caso de os ter a obra, e pagará o preço de seu custo, segundo o livro de entradas e mais 50%.

§1 Se o estrago da obra não exigir a substituição della, será o danno arbitrado pelo 1º secretario e pago da mesma maneira.

§ 2 Do juizo do secretario, em qualquer dos casos especificados neste artigo, o leitor interessado poderá recorrer para a directoria e cumprirá o que por ella for resolvido.⁷⁶

Em primeiro lugar, gostaríamos de notar que na totalidade dos artigos de que trata o regulamento de leitura do Gabinete Português, a figura feminina só é mencionada neste que se refere à leitura externa. Desse modo, podemos supor que essa prática fosse muito comum, ou seja, que as mulheres não costumassem utilizar o espaço do gabinete para ler. É necessário notar também, que a maioria desses artigos pretendem “proteger” a obra, seja garantindo o controle de sua entrada e saída por meio do registro de informações sobre o leitor, seja estabelecendo punições pela perda ou estrago do objeto livro. Afora essas medidas, há aquelas que dizem respeito ao controle sobre a circulação do acervo, ou seja, que incidem sobre o número de exemplares e a quantidade de tempo que o leitor tem para retirar a mesma obra. Ao contrário da Biblioteca da Marinha que limita a 15 dias o empréstimo de cada livro por leitor, a do Gabinete Português de Leitura não estipula em seu regulamento esse tipo de controle, apenas observa que uma mesma obra não pode ser novamente retirada num período inferior a 30 dias. O Museo Escolar Nacional dá ao leitor, por sua vez, o prazo máximo de trinta dias na posse do livro, após registrar devidamente o número de volumes da obra, seu estado de conservação e valor. O empréstimo de livros na Biblioteca do Exército, limitado a quinze dias, dava-se por meio da assinatura do requerente em um livro para este fim destinado, tornando o leitor responsável pela obra. Ao que sugere o art. 10 do regulamento desta biblioteca, o prazo poderia ser excedido, desde que houvesse autorização de um superior. O controle sobre o tempo e a quantidade de livros entregues ao leitor talvez se relacione à intenção de tornar disponível ao público a maior quantidade possível de livros. A Biblioteca do Exército, quando de sua inauguração, contava com 3.000 livros em seu acervo, uma quantidade diminuta se

⁷⁶ *CATALOGO DOS LIVROS DO GABINETE PORTUGUES DE LEITURA*. op. cit. p. V a VI.

comparada aos supostos 80.000 volumes da Biblioteca Real, trazidos por ocasião da vinda da corte ao Brasil.

Entretanto, como se pode notar ao ler o regulamento do Gabinete Português de Leitura, nem todas as obras do acervo estão disponíveis à leitura externa. Outras bibliotecas também circunscreveram conjuntos de obras cuja circulação externa foi proibida e a consulta interna rigidamente controlada. Os livros raros da Biblioteca do Exército eram lidos em uma mesa especial, sob os olhares do bibliotecário e de seu ajudante, sendo vedado aos leitores servir-se de tinta para anotar as obras que tivessem estampas. No caso dos manuscritos, só poderiam ser acessíveis ao leitor “(...) *por ordem expressa do Ministro da Guerra e quando a tais manuscritos se referem a licença para tirar cópia, se terá todo o cuidado em preservá-los de qualquer acidente.*”⁷⁷ No caso do Museu Escolar Nacional a consulta dos livros raros, manuscritos e estampas ficava “(...) *sujeita à inspeção imediata do encarregado ou zelador do museu.*”⁷⁸

A leitura interna, permitida em todos esses estabelecimentos, também era ostensivamente regulada. O artigo 12 do estatuto da Biblioteca do Exército prescreve que “*As pessoas que freqüentarem a biblioteca deverão apresentar-se decentemente vestidas bem como guardar todo o decoro e silêncio indispensáveis em um estabelecimento desta ordem.*”⁷⁹ O artigo 16 do estatuto do Gabinete Português de Leitura estipula, por sua vez, que “*Os leitores guardarão sempre no gabinete absoluto silêncio, e a decência que costuma haver em estabelecimentos de semelhante natureza.*”⁸⁰

O anúncio da Biblioteca Nacional no *Almanak Laemmert* para o ano de 1844 também ressalta a exigência de uma vestimenta adequada para freqüentá-la :

Biblioteca Nacional e publica da corte.

Rua do Carmo, entrada pelo corredor da ordem terceira.

Está aberta todos os dias úteis, desde as 9 horas da manhã até as duas da tarde.

⁷⁷ CATÁLOGO DA BIBLIOTHECA DO EXÉRCITO BRAZILEIRO. op. cit. p. XI.

⁷⁸ CATÁLOGO DA BIBLIOTHECA DO MUSEU ESCOLAR NACIONAL. op. cit. p. 7.

⁷⁹ CATÁLOGO DA BIBLIOTHECA DO EXÉRCITO BRAZILEIRO. op. cit. p. X.

⁸⁰ CATÁLOGO DOS LIVROS DO GABINETE PORTUGUES DE LEITURA. op. cit. p. V.

N'esta repartição são admittidas todas as pessoas que se apresentarem decentemente vestidas. Presta-se-lhes todos os livros que pedirem (havendo-os) e bem assim, papel, pennas e tinta para se fazer qualquer apontamento.

*Não é permitido a qualquer pessoa de fora tirar livro algum das estantes, nem pô-lo; mas dirigir-se aos Empregados que para esse fim estiverem presentes.*⁸¹

A prescrições dos estatutos, assim como o anúncio no *Almanak Laemmert*, evidenciam que as bibliotecas, por meio dos mais diversos mecanismos, como por exemplo, a exigência de uma vestimenta “decente”, provavelmente promoveram uma espécie de “seleção social” de seus frequentadores. Por outro lado, estipularam comportamentos e práticas de leitura específicas, como por exemplo, a leitura silenciosa. É possível que esse tipo de leitura tenha predominado nesses ambientes, não por um desejo de seus frequentadores, mas sim por uma exigência desses estabelecimentos. Aos leitores não foi apenas cerceado o direito de uma leitura em voz alta, como também o acesso às estantes de livros. O contato com os últimos era, via de regra, intermediado pelos funcionários das bibliotecas. Segundo o art. 12 do estatuto do Gabinete Português de Leitura “*O guarda do gabinete dará a qualquer accionista ou subscriber que se apresente para ler nas horas marcadas, o livro ou livros que pedir, achando-se na Bibliotheca, e no caso de não se acharem e elle o exigir, lhe mostrará o assento de sahida para seu conhecimento*”⁸², sendo expressamente proibido ao leitor mexer nas estantes por conta de se manterem em ordem os livros ali reservados. Embora não haja no regulamento da Biblioteca do Exército uma preocupação em explicitar a proibição do acesso às estantes, como ocorre no artigo 15 do estatuto da Biblioteca do Gabinete Português de Leitura, esta fica subentendida, pois os leitores neste caso recebiam, ao entrar no estabelecimento, uma senha numerada que deviam registrar num boletim, juntamente com o título da obra que quisessem consultar, sua assinatura e endereço. Após este procedimento, os responsáveis verificavam se a obra existia na biblioteca, por meio da consulta de seu catálogo e, se este fosse o caso, entregavam-na ao leitor. No Museo Escolar de Leitura, o pedido

⁸¹ *ALMANAK ADMINISTRATIVO MERCANTIL E INDUSTRIAL DO RIO DE JANEIRO PARA O ANO BISSEXTO DE 1844*. Primeiro anno. RJ publicado e a venda na casa de Eduardo e Henrique Laemmert, Rua da Quitanda, 77, 1843, p. 72.

⁸² *CATALOGO DOS LIVROS DO GABINETE PORTUGUES DE LEITURA*. op. cit. p. IV.

também era formulado em um boletim no qual se escrevia o título da obra, a assinatura do requerente e o seu endereço. Uma vez feito o pedido, “o zelador fará entregar ao visitante a obra procurada, à vista do boletim que ficará em seu poder e no qual lançará as declarações necessárias para acautelar a fiel restituição da obra pelo visitante.”⁸³

A quantidade de livros permitidos à consulta por leitor está presente pelo menos nos regulamentos da Biblioteca do Exército e do Museo Escolar: em ambas era permitido consultar simultaneamente no máximo três livros, muito embora na primeira esse limite pudesse ser excedido com a licença do bibliotecário.

Apesar dos regulamentos destas bibliotecas conterem outros dispositivos que dizem respeito ao controle específico dos acervos, não os abordaremos, pois nos interessam, em particular, aqueles que têm efeito direto sobre o leitor. Como vimos anteriormente, a maior parte dos discursos que se inscrevem na constituição dessas bibliotecas, todas elas fundadas no período pós independência, tem por objetivo principal educar e ilustrar. Objetivos estes que implicam numa visão positiva da leitura, bem diversa daquela que parece ter predominado ao longo do período colonial.⁸⁴ A nova ordem estabelecida pela independência já não requer a restrição aos saberes, sob pena de colocar em perigo o poder do Estado. Numa “corrida” rumo à “civilização”, pelo contrário, a leitura ocupa a cena principal. No caso das bibliotecas, leitura vigiada, marcada pelo regramento: estabelece dias, horários; impõe uma maneira de ler silenciosa; restringe o acesso direto ao acervo; registra a identidade daquele que lê; protege o livro e pune sua violação, estipulando prazos para a sua posse.

1.4. Taxonomia: literatura pedagógico moral. ⁸⁵

A literatura prescritiva teve seu lugar garantido no Rio de Janeiro oitocentista, como sugere sua presença nos acervos de bibliotecas com objetivos “ilustrados” e no mercado editorial.

⁸³ *CATALOGO DA BIBLIOTECA DO MUSEU ESCOLAR NACIONAL*. op. cit. p6.

⁸⁴ A esse respeito ver: VILLALTA, Luiz Carlos O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura In: *História da vida privada na América portuguesa*. Org. MELLO E SOUZA, Laura de. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

⁸⁵ Manteremos nas notas o registro do título tal qual se encontram nos catálogos das bibliotecas.

Como dissemos anteriormente, as bibliotecas adotaram alguns sistemas classificatórios no interior do qual a literatura prescritiva acomodou-se. Exporemos, então, os títulos encontrados, indicando a localização classificatória dos mesmos⁸⁶. Na Biblioteca Municipal, particularmente no subitem B referente à Instrução pública e pedagogia, contido, por sua vez no item Moral Aplicada, encontramos os seguintes títulos: *Thesouro de adultas ou dialogos entre uma sabia mestra com suas discipulas da primeira distinção*⁸⁷, *Thesouro de meninas ou dialogos entre uma sabia aia e suas discipulas*⁸⁸; *Thesouro de meninos*⁸⁹; *Primeiro livro da adolescencia ou exercicios de leitura e lições de moral*⁹⁰; *Ensaio sobre a arte de ser feliz*⁹¹; *Doutrina Moral*⁹²; *Moral para todos*⁹³; *A moral universal, ou os deveres do homem fundados em sua natureza*⁹⁴, *Constituição moral e deveres do cidadão. Com exposição da moral publica conforme o espirito da constituição do Imperio*⁹⁵, *Suplemento á constituição moral contendo a exposição das principaes virtudes e paixões e appendice das maximas de la Rochefoucauld e doutrinas do christinismo*⁹⁶, *Novo Manual de civilidade ou regras necessarias para qualquer pessoa frequentar a boa sociedade*⁹⁷; *Deveres do homem: reflexões moraes e philosophicas para uso da infancia*⁹⁸, *Codigo do Bom Tom ou regras de civilidade e de bem*

⁸⁶ Cabe ressaltar que estamos nos valendo das obras anunciadas nos catálogos de bibliotecas, ou seja, que não tivemos acesso a esses exemplares.

⁸⁷ M^{ME} LEPRINCE DE BEAUMONT. *Thesouro de adultas ou dialogos entre uma sabia mestra com suas discipulas da primeira distinção*. Traduzido por Joaquim Ignacio de Frias. Lisboa, off. De J. F. M. de Campos, 1818, in 8^o.

⁸⁸ M^{ME} LEPRINCE DE BEAUMONT. *Thesouro de meninas ou dialogos entre uma sabia aia e suas discipulas*, traduzido por Joaquim Ignacio de Frias. Lisboa, Viuva Berthrand y Filhos, in 8^o.

⁸⁹ PEDRO BLANCHÃO. *Thesouro de meninos. Obra classica dividida em tres partes, moral, virtude, civilidade*. Vertida em portuguez por Matheus José da Costa.. Paris, 1870. Viuva J.P.Aillaud e c., in 12

⁹⁰ M DELAPALME. *Primeiro livro da adolescencia ou exercicios de leitura e lições de moral*. trad. Por Nuno Alvares. RJ, 1875, Serafim Jose Alves, J. Martins Ribeiro, in 8^o

⁹¹ JOSEPH DROZ. *Ensaio sobre a arte de ser feliz*. Trad. Pelo Dr. J.C. de Deos e Silva, in 32.

⁹² JOSE FERRARI. *Doutrina Moral*. RJ, 1870, Typ. Perseverança, in 4^o.

⁹³ A. D. FRANK. *Moral para todos*. Versão portugueza de Candido de Figueiredo. Lisboa, 1874, A. M. Pereira, in 8^o.

⁹⁴ BARÃO DE HOLBACH. *A moral universal, ou os deveres do homem fundados em sua natureza*. Lisboa, 1845, Imp. De Gualahardos e Irmãos, in 8^o.

⁹⁵ JOSÉ DA SILVA LISBOA. *Constituição moral e deveres do cidadão. Com exposição da moral publica conforme o espirito da constituição do Imperio*. RJ, 1824-25, Typ. nacional, in 8^o

⁹⁶ JOSÉ DA SILVA LISBOA. *Suplemento á constituição moral contendo a exposição das principaes virtudes e paixões e appendice das maximas de la Rochefoucauld e doutrinas do christinismo*, RJ, 1825, Typ. Nacional, in 8^o

⁹⁷ JOSÉ DA SILVA LISBOA. *Novo Manual de civilidade ou regras necessarias para qualquer pessoa frequentar a boa sociedade*. Col. Por B.N. 2^a edição, Lisboa, 1872, J.J. Bordalo, in 8^o

⁹⁸ PEDRO ERNESTO DE ALBUQUERQUE DE OLIVEIRA. *Deveres do homem: reflexões moraes e philosophicas para uso da infancia* 2^a ed. RJ, 1871, Typ. de J.M.^a d'Aguiar, in 8^o.

viver no XIX século⁹⁹, *Thesouro da mocidade portugueza ou a moral em acção*¹⁰⁰ e *Thesouro de meninas ou lição de uma mãe a sua filha acerca dos bons costumes e da religião*¹⁰¹.

Se atentarmos para essa classificação notaremos que ela atribui uma natureza e uma finalidade a essas obras. Desse modo, são consideradas obras de natureza moral, de caráter pedagógico e destinadas à instrução pública. Acreditamos também, que o termo “Moral aplicada” queira se referir a um conjunto de obras cuja leitura visa não somente a reflexão, mas, pelo contrário, almeja interferir efetivamente no comportamento do leitor.

Na Biblioteca Fluminense encontramos no subitem A (Logica, methaphysica e moral), pertencente ao item I - Sciencias philosophicas, incluídos, por sua vez na 3ª classe dedicada às Sciencias e Artes, as obras *Aplicações da moral á politica*¹⁰²; *Colleção completa das máximas e Reflexões do Ill^{mo} e Ex^{mo} Marquez de Maricá*¹⁰³, *Ensaio sobre a arte de ser feliz*¹⁰⁴; *Maximas e sentenças moraes, pelo Duque de La Rochefoucauld*¹⁰⁵.

Como pode-se notar, na biblioteca em questão, as obras acima citadas são consideradas de natureza filosófica e moral, mas não estão incluídas no item que se refere à “Aplicação da Moral”.

O subitem B, denominado Aplicação da Moral, contém, por sua vez, um subitem denominado Pedagogia e Instrução Pública, no qual se encontram as seguintes obras: *Cartas sobre a educação de Cora, seguidas de um cathecismo moral, politico e religioso*¹⁰⁶; *Codigo do Bom Tom, ou regras de civilidade e de bem viver no XIX século*¹⁰⁷; *Conselhos ás mãis de*

⁹⁹ J. I. ROQUETTE. *Codigo do Bom Tom ou regras de civilidade e de bem viver no XIX seculo*. Pariz, 1867, viuva J.P. Aillaud, Guillard e C., in 12

¹⁰⁰ J. I. ROQUETTE. *Thesouro da mocidade portugueza ou a moral em acção*. 7ª ed. Pariz, 1865, Viuva J.P. Aillaud, Guillard e C., in 8º

¹⁰¹ J. I. ROQUETTE. *Thesouro de meninas ou lição de uma mãe a sua filha acerca dos bons costumes e da religião*. Paris, 1870, Viuva J.P. Aillaud, Guillard e C., in 12

¹⁰² JOSEPH DROZ. *Aplicações da moral á politica*. Traduzido pelo Dr. João Candido de Deos e Silva. RJ, 1833, in 8º.

¹⁰³ COLLEÇÃO COMPLETA DAS MÁXIMAS E REFLEXÕES DO ILL^{MO} E EX^{MO} MARQUEZ DE MARICÁ, natural do RJ. Edição revista e emendada pelo autor. RJ, 1843, in 4º

¹⁰⁴ JOSEPH DROZ. *Ensaio sobre a arte de ser feliz*, traduzido da sexta edição pelo J.C. de Deos e Silva. Segunda edição correcta e castigada. RJ, 1837, in 8º

¹⁰⁵ MAXIMAS E SENTENÇAS MORAES, PELO DUQUE DE LA ROCHEFOUCAULD, traduzidas do francez pelo dr. Caetano Lopes de Moura, natural da Bahia, Pariz, 1840, in 18

¹⁰⁶ JOSÉ LINO COUTINHO. *Cartas sobre a educação de Cora*, seguidas de um cathecismo moral, politico e religioso, publicadas por João Gualberto dos Passos. Bahia, 1849, in 8º.

¹⁰⁷ J.I. ROQUETE. *Codigo do Bom Tom, ou regras de civilidade e de bem viver no XIX século*, segunda edição augmentada e corrigida, Pariz, 1850, in 12.

*familia proprios a dirigi-las na educação physica e moral de seus filhos*¹⁰⁸; *Escola do Mundo ou instrução de hum pai a seu filho sobre o modo porque se deve conduzir no mundo*¹⁰⁹; *Thesouro da Mocidade Portugueza, ou A moral em acção: escolha de factos memoraveis e anedoctas interessantes, proprias para inspirar o amor á virtude e para formar o coração e o espirito.*¹¹⁰

Todas essas obras dizem respeito à aplicação da moral e, tal como na Biblioteca Municipal, estão associadas à pedagogia e instrução pública.

No Catálogo do Gabinete Português de Leitura encontramos, no item referente à educação, as seguintes obras: *Carta de uma mãe a seu filho para lhe provar a verdade da religião cristhã*¹¹¹; *Codigo do Bom Tom ou regras de civilidade e de bem viver no seculo XIX*¹¹²; *Elementos de civilidade e da decencia*¹¹³; *Manual de civilidade e etiqueta para uso da mocidade portugueza e brasileira*¹¹⁴; *Thesouro de adultas, ou dialogo entre uma sabia mestra e suas discipulas*¹¹⁵; *Thesouro juvenil ou noções geraes de conhecimentos uteis*¹¹⁶; *Thesouro da mocidade portugueza ou moral em acção*¹¹⁷; *Thesouro de meninas, ou dialogos entre uma sabia aia e suas discipulas da primeira distinção*¹¹⁸; *Thesouro de meninos*.¹¹⁹

¹⁰⁸ CONSELHOS ÀS MÃIS DE FAMILIA PROPRIOS A DIRIGI-LAS NA EDUCAÇÃO PHYSICA E MORAL DE SEUS FILHOS. Em portugues e em francez pelo Dr. L. B. A. Imbert. RJ, 1831, in 8°.

¹⁰⁹ M. LENOBLE. *Escola do Mundo ou instrução de hum pai a seu filho sobre o modo porque se deve conduzir no mundo*, traduzida por Jose Manoel Ribeiro Pereira. Lisboa, 1780, 2 vol., in 8°.

¹¹⁰ J.I. ROQUETE. *Thesouro da Mocidade Portugueza, ou A moral em acção: escolha de factos memoraveis e anedoctas interessantes, proprias para inspirar o amor á virtude e para formar o coração e o espirito*. Obra extrahida dos melhores auctores nacionaes e estrangeiros, Pariz, 1846, in 12.

¹¹¹ FRANCISCO LOURENÇO ROUSSADO. *Carta de uma mãe a seu filho para lhe provar a verdade da religião cristhã* por: in 12, Lisboa 1786.

¹¹² J.I.ROQUETE. *Codigo do Bom Tom ou regras de civilidade e de bem viver no seculo XIX*, Paris, 1845.

¹¹³ ELEMENTOS DE CIVILIDADE E DA DECENCIA. Traduzidos do Francez: em 8°, nova edição. Lisboa, 1833.

¹¹⁴ MANUAL DE CIVILIDADE E ETIQUETA PARA USO DA MOCIDADE PORTUGUEZA E BRASILEIRA. Lisboa, 1845.

¹¹⁵ THESOIRO DE ADULTAS, OU DIALOGO ENTRE UMA SABIA MESTRA E SUAS DISCIPULAS, traduzido do francez por Joaquim Ignácio de Frias. 2ª edição. Lisboa, 1818.

¹¹⁶ LUIZ FRANCISCO MIDOSI. *Thesouro juvenil ou noções geraes de conhecimentos uteis* por. RJ, 1845.

¹¹⁷ JOSÉ IGNACIO ROQUETE. *Thesouro da mocidade portugueza ou moral em acção*, em 8°, Paris, 1836.

¹¹⁸ JOAQUIM IGNACIO DE FRIAS. *Thesouro de meninas, ou dialogos entre uma sabia aia e suas discipulas da primeira distinção*. In 8°, 1838.

¹¹⁹ MATHEUS JOSE DA COSTA. *Thesouro de meninos*, em 8°. Lisboa, 1814.

No item referente à moral encontramos: *Carta de Guia de casados para que pelo caminho da prudencia se acerte com a casa do descanso*¹²⁰; *Lições de boa moral, de virtude e de urbanidade*¹²¹; *Maximas, pensamentos e reflexões do Marquez de Maricá*.¹²²; *Maximas e pensamentos moraes pelo duque de Rochefoucault*¹²³; *Tractado dos deveres do homem dirigido a um jovem*.¹²⁴

No catálogo do Museo Escolar constam na 4ª secção (Pedagogia), contida no item V, denominado Educação Geral, os seguintes títulos: *Thesouro de Meninos*¹²⁵; *Primeiro Livro da Infância ou exercicios e lições de moral para uso das escolas primárias do Conselheiro M. Delapalme*¹²⁶, *Livro da infância ou exercicios de leitura e lições de moral*¹²⁷, *Princípios de leitura para meninos e meninas aprenderem a ler com muita facilidade e em muito pouco tempo, tanto a leitura redonda como a manuscrita, seguidos de algumas máximas moraes, adágios, provérbios e regras de civilidade mui úteis à mocidade*¹²⁸, *Thesouro de Meninas ou lições de uma mãe a sua filha acerca dos bons costumes e da religião*¹²⁹ e *Thesouro da Mocidade Portuguesa ou a moral em ação*¹³⁰

¹²⁰ CARTA DE GUIA DE CASADOS PARA QUE PELO CAMINHO DA PRUDENCIA SE ACERTE COM A CASA DO DESCANSO dedicada a um amigo por D. Francisco Manoel, em 12, Lisboa, 1827.

¹²¹ D. JOSÉ URCULLU. *Lições de boa moral, de virtude e de urbanidade* escriptas em hespanhol por, e traduzidas em Portuguez da 3ª edição de Londres de 1828, por Francisco Freire Carvalho, em 12, Lisboa, 1838.

¹²² MAXIMAS, PENSAMENTOS E REFLEXÕES DO MARQUEZ DE MARICÁ. RJ

¹²³ MAXIMAS E PENSAMENTOS MORAES PELO DUQUE DE ROCHEFOUCAULT, traduzidas do francez pelo dr. Caetano Lopes de Moura. Pariz, 1840.

¹²⁴ SILVIO PELLICO SALUZZO. *Tractado dos deveres do homem dirigido a um jovem* vertido do italiano e á mocidade portugueza offerecido por F. O de Mendonça e Mello, em 12, Lisboa, 1843.

¹²⁵ PEDRO BLANCHARD. *Thesouro de Meninos. Obra clássica dividida em três partes: moral, virtude, civilidade* vertida em portuguez por Matheus José da Costa. Paris, 1878. J. P. Aillaud, Guillard e C, in 8°. No catálogo consta também uma edição pela B.L. Garnier, RJ, 1881, in 8°.

¹²⁶ CONSELHEIRO M. DELAPALME. *Primeiro Livro da Infância ou exercicios e lições de moral para uso das escolas primárias*. Traduzido pelo Dr. Cornélio Ferreira França [?], 2ª ediç., RJ, 1872, J. G. de Azevedo, in 16.

¹²⁷ CONSELHEIRO M. DELAPALME. *Livro da infância ou exercicios de leitura e lições de moral*. Tradução a E. Zaluar. 5ª edição, RJ, 1883, Nicoláo Alves, in 8°.

¹²⁸ M^{lle} LILLA PICHARD. *Princípios de leitura para meninos e meninas aprenderem a ler com muita facilidade e em muito pouco tempo, tanto a leitura redonda como a manuscrita, seguidos de algumas máximas moraes, adágios, provérbios e regras de civilidade mui úteis à mocidade*. RJ, Eduardo e Henrique Laemmert, in 16, s.d.

¹²⁹ J. I. ROQUETE. *Thesouro de Meninas ou lições de uma mãe a sua filha acerca dos bons costumes e da religião*. Paris, 1877, J.P. Aillaud Guillard e C., in 8°.

¹³⁰ J.I.ROQUETE. *Thesouro da Mocidade Portuguesa ou a moral em ação*. Offerecido à mocidade portuguesa e brasileira. 8ª edição, Paris, 1875, J.P.Aillaud Guillard e C, in 8°.

Observando tais taxonomias podemos notar que a categoria moral comporta, em si, uma divisão que tem como critério o uso a que se pretende destinar a obra, ou seja, trata-se de indicar se ela é objeto de reflexão ou se deve destinar-se a práticas de aplicação do comportamento. No segundo caso, as obras são incluídas numa categoria que corresponde a essa característica: como vimos, são classificadas nos itens Moral Aplicada e Aplicações da Moral. Entretanto, cabe observar que é justamente esse segundo grupo de obras que se inscreve, via de regra, no domínio da educação, pedagogia e instrução pública. Nesse sentido, podemos afirmar que a leitura desse tipo de literatura foi, como mostraremos mais adiante, estimulada e, não raro, tutelada por instituições educacionais.

Todo o conjunto de textos que atendem pelo título *Thesouro de ...* aparecem, na Biblioteca Municipal, como pode-se notar, classificados no subitem B (Instrução pública e pedagogia). Na Biblioteca Fluminense, eles aparecem como pertencentes ao subitem denominado Pedagogia e Instrução Pública. No catálogo do Gabinete Português, eles estão classificados na categoria Educação, e, finalmente, na do Museu escolar entram na 4ª seção, denominada à Pedagogia.

Os livros de exercícios de leitura e lição de moral enquadram-se, também, na categoria acima mencionada. As obras: *Doutrina Moral*¹³¹, *Moral para todos*¹³², *A moral universal, ou os deveres do homem fundados em sua natureza*¹³³, *Constituição moral e deveres do cidadão. Com exposição da moral publica conforme o espirito da constituição do Imperio*¹³⁴ também são classificados como Moral Aplicada, Instrução pública e pedagogia. No caso, a exceção fica por conta da obra *Aplicações da moral á politica* que na Biblioteca Fluminense está inserida no subitem A (Logica, methaphysica e moral), item I (Ciencias philisophicas), localizado, como as demais obras citadas, na 3ª classe dedicada às Ciências e Artes.

Aquelas obras cujos títulos apresentam conceitos como civilidade, urbanidade e bom tom

FERRARI. *Doutrina Moral*. RJ, 1870, Typ. Perseverança, in 4º.

FRANK. *Moral para todos*. Versão portugueza de Candido de Figueiredo. Lisboa, 1874, A. M. de Moraes, in 8º.

HOLBACH. *A moral universal, ou os deveres do homem fundados em sua natureza*. Lisboa, 1763, Imp. De Gualahardos e Irmãos, in 8º.

LISBOA. *Constituição moral e deveres do cidadão. Com exposição da moral publica conforme o espirito da constituição do Imperio*. RJ, 1824-25, Typ. nacional, in 8º

também podem ser encontradas nas categorias Moral Aplicada, Instrução pública e pedagogia, educação e moral. Outro grupo relativamente coeso de textos no que se refere a seus títulos, os quais indicam tratar-se de “cartas” e “conselhos” dos pais sobre a educação de/ ou a seus filhos não fogem, também, à regra acima assinalada. É o caso de *Cartas sobre a educação de Cora, seguidas de um catecismo moral, politico e religioso, Conselhos ás mãis de familia proprios a dirigi-las na educação physica e moral de seus filhos, Escola do Mundo ou instrucção de hum pai a seu filho sobre o modo porque se deve conduzir no mundo, etc.*

Desse modo, podemos inferir que a essas obras, algumas delas presentes também no mercado de livros fluminense, foi atribuída, ao longo do século XIX, uma finalidade pedagógica que compreendia a leitura de textos moralizantes destinados, inclusive, à instrução pública. Tal atribuição, pelo exame dos catálogos de bibliotecas, perdurou, pelo menos, de 1852 a 1878. Devemos considerar que as taxonomias são historicamente produzidas e que os sistemas classificatórios das bibliotecas tendem a expressar as hierarquias vigentes entre os domínios do saber. Desse modo, seria equivocado considerar que a substituição de um sistema por outro se deva mais a um “aperfeiçoamento” do que a uma transformação de concepções relativas à produção do conhecimento. Atualmente, por exemplo, a filosofia não está mais incluída, como no século XIX, na grande classe das *Sciencias e artes*. O mesmo é válido para outras classificações que caíram em desuso como, por exemplo, a das Belas Letras que, segundo o método classificatório Brunet, incluía:

*I. Linguística, Grammaticas, Tratados geraes e especiaes, Dictionarios, Rethorica, Poesia, Theatro, Ficções em prosa, Romances, contos e novellas, Facecias, peças burlescas, Philologia, Philologia propriamente dita, satyras, sentenças, apophthegmas, adagios, proverbios, symbolos, emblemas, Dialogos, Epistolographos, e Poligraphos.*¹³⁵

Assim, somos levados a crer que a classificação utilizada para discriminar o conjunto dos textos prescritivos acima citados esteja, em grande medida, de acordo com as concepções

¹³⁵ CATALOGO DOS LIVROS DA BIBLIOTECA FLUMINENSE. Rio de Janeiro, Typographia Commercial de Soares e C., Rua da Alfandega, nº 6, 1852.

vigentes sobre sua natureza e lugar em relação aos outros saberes. Essa proposição se confirma com a consulta dos catálogos de livrarias que costumavam ser publicados em folhinhas separadas, cada uma delas abrangendo diferentes áreas do conhecimento. O livro *Thesouro de meninas*, por exemplo, constava no *Catálogo dos livros de educação, de geographia e de obras para instrução e recreio da mocidade em portuguez* da livraria de Eduardo e Henrique Laemmert, evidenciando, assim, a concordância classificatória com os catálogos de biblioteca.

Os documentos da Sociedade Litterária do Rio de Janeiro confirmam, por sua vez, a apropriação dessa literatura com finalidades pedagógicas e de instrução pública. Esta sociedade foi fundada com a finalidade de, segundo o artigo 1 de seu estatuto, “(...) *se occupar de todos os objetos, que pôdem contribuir para os progressos da publicação de obras originaes, traducções, ou reimpressos, concernentes á instrucção elementar, sciencias, artes, industria, recreio, etc.*”¹³⁶ Sem qualquer vínculo institucional com o aparelho do Estado e com o mercado editorial propriamente dito, era composta por sócios efetivos, honorários e correspondentes, cabendo aos primeiros adquirir ações e contribuir com cota de 500 réis mensais, tomando parte também, quando nomeados, na administração da sociedade. Os sócios honorários e correspondentes, “por seu préstimo e luzes”, eram isentos das mensalidades, sendo seus votos consultivos e tendo direito a um exemplar gratuito das obras publicadas pela sociedade. O conselho da sociedade era constituído por um diretor, um vice-diretor, dois secretários, um tesoureiro, dois contadores, um representante e um arquivista-bibliotecário. Dentre as atribuições do referido conselho estava a de constituir, sempre que necessário, uma Comissão para avaliar as obras a serem publicadas, conforme o parágrafo 3 do artigo 15 de seus estatutos: *Conhecer o merecimento de qualquer obra apresentada, nomeando, para o seu exame, huma comissão, composta de socios aptos para esse fim, ainda que não sejam membros do Conselho.*¹³⁷ Esta mesma comissão, conforme consta no *Relatório de Trabalhos*¹³⁸, julgou adequada a publicação de obra *Legado de hum pai a sua filha*:

¹³⁶ *ESTATUTOS DA SOCIEDADE LITTERARIA DO RIO DE JANEIRO*. op. cit. cap. 1, art 1.

¹³⁷ *ESTATUTOS DA SOCIEDADE LITTERARIA DO RIO DE JANEIRO*. op. cit. capítulo V, artigo 15.

¹³⁸ *Ibidem*.p.7

*(...) O Conselho pois da Sociedade Litteraria, senhores, não perdendo de vista os salutareos fins de sua instituição, procurando promover quando estava ao seu alcance a instrução da mocidade, deliberou não só offerecer hum exemplar da obra mencionada - Legado de hum pai a sua filha - a todas as professoras das cadeiras Publicas de primeiras Letras desta corte, para que fizessem adoptar a sua leitura nos seus Colegios e Escolas, mas ainda fornecer gratuitamente hum numero sufficiente dos mesmos exemplares aquellas educandas, que por falta de meios os não pudessem comprar, cuja resolução sendo posta em execução, o Conselho tem a satisfação de vos annunciar, que ella tem produzido o melhor effeito, contribuindo não só à instrução da mocidade, mas ainda promovendo os interesses da Sociedade com o consumo de muitos exemplares de semelhante obra, que a sua custa fora impressa.*¹³⁹

Cabe observar que, do ponto de vista da Sociedade Literária, o livro seria adequado para instruir a “mocidade”, consideração esta responsável por levá-los a imprimir e a distribuir exemplares às professoras das cadeiras públicas de ensino de primeiras letras e às crianças que não tivessem meios de adquiri-lo. Na intenção voluntária da Sociedade encontramos o eco da presença, no mercado editorial e nas bibliotecas, das obras que pretendiam alfabetizar e moralizar. A se julgar pelo relato dos trabalhos do Conselho da “Sociedade Litterária”, podemos considerar que essa literatura não ficou abandonada nas estantes dessas bibliotecas, sendo, pelo contrário, desde 1840, data de fundação dessa instituição, apropriada com finalidades pedagógicas e de intervenção no “sistema de ensino”¹⁴⁰ do Rio de Janeiro, ou seja, respondendo a uma demanda social. Por outro lado, a atitude da “Sociedade Litteraria” vem

¹³⁹ *ESTATUTOS DA SOCIEDADE LITTERARIA DO RIO DE JANEIRO*. op. cit. p. 8.

¹⁴⁰ Segundo o Almanak Laemmert publicado em 1843, ou seja, três anos após a fundação da Sociedade Literária; o Rio de Janeiro contava com o Imperial Collegio de Pedro Segundo, localizado no edificio junto a Igreja de São Joaquim, instituído por decreto de 2 de dezembro de 1837 e aberto em 25 de março de 1838.(p.73) e com um total de 21 colégios de meninos, dentre os quais o de Antonio Maria Barker, membro da Sociedade Literária e 16 estabelecimentos de ensino femininos. O Almanak informa, também que a Sociedade Amante da Instrução: fundada 5 de setembro de 1829, faz suas sessões em todas as quartas-feiras, das seis às nove horas da tarde, na sua casa, Largo d’Ajuda, esquina da rua Sta. Luzia. Na mesma casa ella sustenta uma aula de ensino primário, lotada para 150 alumnos; e mais duas, uma na rua dos Arcos. Lotada para 60 meninas, e outra também para meninas, na rua da Imperatriz, nas casas das respectivas professoras. A terça parte da lotação dessas aulas é destinada para os filhos e filhas dos sócios, e as outras duas partes para pobres e orphãos. A Sociedade além de concorrer com as despezas para papel, pennas, livros e c., dá socorros medicinaes, vestuários e calçados aos mais necessitados. *ALMANAK ADMINISTRATIVO MERCANTIL E INDUSTRIAL DO RIO DE JANEIRO PARA O ANO BISSEXTO DE 1844*. Primeiro anno. RJ publicado e a venda na casa de Eduardo e Henrique Laemmert, Rua da Quitanda, 77, 1843.

confirmar que a inserção desses textos no sistema classificatório das bibliotecas e livrarias fluminenses estava de acordo com os usos correntes dos mesmos.

Vimos alguns dos lugares pelas quais essa literatura se deu a ler e as designações e finalidades a ela atribuídas. Resta-nos então verificar as pistas que o registro escrito das edições são capazes de fornecer a respeito de sua circulação. Da totalidade do registro dessas obras, usaremos como exemplo apenas o conjunto de textos que atendem pela denominação de *Thesouros*. Esse conjunto pode ser dividido em 5 grupos conforme as indicações presentes em seus títulos: “de adultas”, da “mocidade”, de “meninas”, de “meninos” e “juvenil”. Com relação ao primeiro grupo, “de adultas”, todos os registros encontrados indicam que se trata de uma única edição portuguesa, feita em 1818, no formato in 8^o. Entretanto, as informações bibliográficas variam conforme o catálogo onde foram encontradas. O Gabinete Português de Leitura registrou a obra sem trazer informação sobre o autor, a editora e o formato. Sabemos apenas que seu tradutor foi Joaquim Ignácio de Frias. O registro do catálogo da Biblioteca Municipal informa, por sua vez, que a autora era M^{me} Leprince de Beaumont e traz também o nome da oficina em que foi impressa. O Gabinete informa, por sua vez, que se trata da 2^a edição. Muito embora as omissões de dados variem de catálogo para catálogo, acreditamos que se trata de uma mesma edição do livro devido à coerência entre as informações encontradas em cada um deles.

No segundo grupo, *Thesouro da mocidade portugueza ou moral em ação*, o título sofre pequenas alterações conforme o local onde foi registrada sua disponibilidade ao público leitor. Em todos os catálogos de bibliotecas o registro indica uma única autoria e local de procedência da edição, no caso, a França. A primeira edição é de 1836, formato in 8^o (Catálogo do Gabinete Português). A edição de 1846 (Catálogo da Biblioteca Fluminense) traz um acréscimo no título original: *escolha de factos memoraveis e anedoctas interessantes, próprias para inspirar o amor á virtude e para formar o coração e o espirito*; assinalando, também, que se trata de uma obra extraída dos melhores autores nacionais e estrangeiros, de modo a fazer-nos crer que o “autor” seria, de fato, uma espécie de “organizador” de uma “antologia”, ou algo parecido. Nesta edição de 1846 modifica-se o formato para in 12. No catálogo da Biblioteca Municipal, esse título consta como sendo a 7^a edição pela casa editora Viuva J.P. Aillaud, Guillard e C, com data de 1865. A mesma casa editora publica em Paris, no

ano de 1875, aquela que seria a 8ª edição com o seguinte acréscimo ao título: *Offerecido à mocidade portuguesa e brasileira* (Catálogo do Museo Escolar). Podemos concluir, portanto, que este título circulou - com modificações no que diz respeito ao título, que, em alguns casos recebeu acréscimos, e ao formato - pelo período de 36 anos conforme indicam os vestígios encontrados na presente pesquisa.

O terceiro grupo, *Thesouro de Meninas*, aparece, nos catálogos de bibliotecas, com dois subtítulos. O primeiro subtítulo é *ou dialogos entre uma sabia aia e suas discipulas* e o segundo *ou lição de uma mãe a sua filha acerca dos bons costumes e da religião*. As duas referências bibliográficas que possuímos sobre o primeiro - *Thesouro de Meninas ou dialogos entre uma sabia aia e suas discipulas* - não nos permitem afirmar que se trata de uma mesma obra, pois o Catálogo da Biblioteca Municipal indica autoria de M^{me} Leprince de Beaumont e tradução de Joaquim Ignacio de Frias, de procedência portuguesa, casa editora Viuva Berthrand y Filhos e formato in 8º, sem data. O Catálogo do Gabinete Português fornece, por sua vez, apenas a indicação do tradutor, idêntico àquele da Biblioteca Municipal, do formato, também idêntico, e da data de edição, 1838, sem qualquer atribuição de autoria e casa editora. Os registros de *Thesouro de meninas* - com o segundo subtítulo, a saber, *ou lição de uma mãe a sua filha acerca dos bons costumes e da religião* constituem-se de duas edições: uma de 1870 e outra de 1877 (Catálogo do Museo Escolar), ambas de autoria de J. I. Roquette, procedência parisiense, casa editora Viuva J.P. Aillaud, Guillard e C, com variação no formato, sendo a primeira in 12 e a segunda in 8º.

O quarto grupo atende em sua totalidade, sem alteração alguma no que se refere ao título, por *Thesouro de meninas*. A edição mais antiga de que temos registro nos catálogos de Bibliotecas é de 1814 (Catálogo do Gabinete Português de Leitura), procedente de Lisboa, no formato in 8º, com autoria de Matheus José da Costa. Entretanto, a se julgar pelo catálogo da Biblioteca Municipal, Matheus José da Costa teria sido o responsável por “verter” para o Português a obra de Pedro Blanchão. Esta edição foi feita em Paris, pela casa editora Viuva J.P.Aillaud e C, em 1870, no formato in 12. Neste catálogo, a referência bibliográfica traz a seguinte notação : *Obra classica dividida em tres partes, moral, virtude, civilidade*. Esta notação reaparece no catálogo do Museo Escolar, numa edição de 1878, com a grafia do nome do autor modificada, pois se trataria de Pedro Blanchard e não Blanchão, como visto

anteriormente, no formato in 8º. A última edição de que temos notícia data de 1881, feita no Rio de Janeiro, pela B.L. Garnier, formato in 8º. Portanto, esse título circula por 67 anos, desconsiderada a edição feita pela Imprensa Régia, cuja data não possuímos¹⁴¹, e os pedidos de envio de livros à Real Mesa Censória.

Do último grupo, *Thesouro juvenil ou noções geraes de conhecimentos uteis* há apenas um registro de edição, com autoria de Francisco Midosi, Rio de Janeiro, de 1845 (Catálogo do Gabinete Português).

O registro desses títulos nos catálogos de livrarias nem sempre se dá de maneira idêntica àquela dos catálogos de bibliotecas. Nos catálogos de livrarias verifica-se uma preocupação maior, se comparados aos catálogos de bibliotecas, em fornecer ao leitor o máximo possível de informações sobre o conteúdo das obras. É por meio desse tipo de registro que temos acesso, de alguma maneira, a um conjunto maior de dados sobre os exemplares que atualmente não se encontram disponíveis.¹⁴² O anúncio da obra *Thesouro da Mocidade* é ilustrativo dessa prática:

*Thesouro da Mocidade, ou a moral em ação. Escolha de fatos memoráveis e anedotas interessantes próprias para inspirar o amor e a virtude e para formar o coração e o espírito. Com excellentes anedotas portuguezas e brasileiras. Ornado com lindas estampas, por J.I. Roquette. Esta obra se recommenda por sua tendencia moral, como por seu lado instructivo e vai felizmente augmentar o diminuto numero de bons livros em portuguez para a instrucção da Mocidade, sendo o seu assumpto tão interessante que a sua leitura agradará ainda os leitores de maior idade.*¹⁴³

Entretanto, algumas dessas obras anunciadas nos catálogos de livrarias, não trazem, como assinalamos anteriormente, o registro da autoria. As informações sobre os tradutores

¹⁴¹ Segundo HALLEWELL, Laurence. op.cit. p. 37, o viajante John Luccock teria afirmado que a Imprensa Régia produziu algumas obras úteis, dentre elas, o *Thesouro de Meninos*.

¹⁴² Da totalidade das edições de *Thesouro de Meninos* apenas uma foi encontrada. Essa edição, disponível na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, não tem capa, impossibilitando identificar a data e local de edição.

¹⁴³ CATÁLOGO DOS LIVROS DE EDUCAÇÃO, DE GEOGRAFIA, E DE OBRAS PARA INSTRUÇÃO E RECREIO DA MOCIDADE EM PORTUGUEZ À VENDA NA CASA DE EDUARDO E HENRIQUE LAEMMERT, MERCADORES DE LIVROS, Rua da Quitanda, nº 77, RJ. (publicação posterior a 1838 e anterior a 1868)

frequentemente são reduzidas às iniciais de seus nomes, impossibilitando, assim, saber ao certo a quem se referem. Em alguns casos as informações sobre as obras são ainda mais reduzidas, como se pode observar no anúncio do livro *A arte de agradar na conversação*, à venda na livraria de B.L. Garnier, que traz apenas o título da obra, o número de volumes, o tipo de encadernação e o preço. De maneira semelhante, no catálogo da casa de Eduardo e Henrique Laemmert, o exemplar de *A escola de bons costumes ou reflexões moraes úteis a todas as pessoas que se querem conduzir bem no mundo* traz apenas a indicação do número de volumes.

A ausência da autoria nos anúncios das livrarias sugere que esse tipo de literatura talvez interessasse, sobretudo, pelo assunto do qual tratava, ou seja, que a proposta contida no próprio título da obra, ou mesmo esclarecida pelo editor por meio de uma explicação sobre seu conteúdo, era suficiente para fazê-la atraente. Muito embora essa hipótese seja viável, devemos considerar que, no caso dos catálogos de bibliotecas, o registro das obras obedeceu, como vimos anteriormente, à sistemas classificatórios. Desse modo, o tipo de informação e a forma como esta se apresentou nos catálogos de bibliotecas obedeceu a regras muito definidas. No caso das livrarias, o que está em questão é a comercialização, ficando a critério do livreiro a escolha pela descrição mais detalhada sobre o conteúdo e materialidade de algumas obras ou pela displicência com relação às informações fornecidas.

O mapeamento das edições a partir do seu registro nos catálogos das bibliotecas e livrarias evidencia, algumas vezes, as modificações sofridas pelas obras nas suas sucessivas edições. Podemos observar mudanças no formato, procedência, casa editora ou mesmo autoria. Os catálogos não permitem, entretanto, verificar situações como aquela que notamos com relação às obras *Thesouro de Meninos* e *Lições de Boa Moral, virtude e urbanidade*, em que títulos diferentes acabam por “esconder” semelhanças no que se refere ao conteúdo. Desse modo, ao trabalharmos, no caso dos catálogos de livrarias e bibliotecas, apenas com os registros das obras e não com as edições propriamente ditas, deve-se ter em vista que se torna impossível saber se, de uma edição para outra, houve modificação nos textos propriamente ditos. Entretanto, o que se revela como um fato é a consagração editorial desse tipo de literatura, visível quando notamos o número de edições feitas ao longo do século XIX.

CAPÍTULO 2 ROMANCE E LITERATURA PRESCRITIVA

Não he bastante ter a virtude no coração, he necessario fazê-la visível: he preciso que ella derrame sobre todas as nossas acções hum colorido tão luminoso que não sejam equívocas, nem susceptíveis de interpretações sinistras. O exemplo hé o meio mais eficaz para fazer amar a virtude, he um quadro vivente que figura a virtude em acção, e communica a sua impressão aos que o contemplão.

METHODO DE SER FELIZ OU CATECISMO DE MORAL

2.1 A disputa pela orientação dos valores e padrões de conduta do leitor

A circulação da literatura prescritiva no Brasil perpassa, como vimos no capítulo anterior, os séculos XVIII e XIX. É necessário lembrar que tal circulação coincide com a emergência, na terceira década do século XIX, do romance nacional e do romantismo brasileiro propriamente dito. A contemporaneidade da circulação desses dois gêneros - a literatura prescritiva e o romance - não foi apanágio do contexto histórico e literário brasileiro. A Europa Ocidental foi palco de convivência semelhante, assistindo, contudo, a uma flagrante "disputa" entre ambos pelo estabelecimento do gênero mais adequado à moralização e orientação da conduta social dos indivíduos. No presente capítulo pretendemos tratar do surgimento do romance moderno e da função pedagógico-moral a ele atribuída, procurando evidenciar a disputa acima assinalada, seja no contexto europeu, seja no nacional.

As discussões sobre o papel pedagógico-moral das ficções não se inauguram no século XVIII. Contudo, é neste século que o romance, então emergente, e a literatura prescritiva são alvo de questionamento no que diz respeito a sua eficácia sobre o comportamento moral do leitor. Embora o debate sobre esse tema envolva outros gêneros literários, tais como a tragédia, a comédia, ou o romance de cavalaria, estaremos, para a finalidade da presente dissertação, privilegiando os discursos que tematizaram, particularmente, a relação entre o romance moderno e a literatura prescritiva.

A princípio devemos salientar que a literatura que estamos denominando prescritiva, em circulação na Europa ao longo do século XVIII, vem de uma longa tradição, como revela o estudo clássico de Norbert Elias.¹ Desse modo, estaremos tratando de um campo de disputa entre um gênero há muito estabelecido e outro cuja emergência, conforme compreendem alguns historiadores da literatura², dá-se na Inglaterra do século XVIII. Nessa época, o romance moderno recebeu várias denominações: "histories", "romances", "adventures",

¹ ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: Uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990, vol.1

² "Literary historians variously credit Richardson, Defoe, or Behm as the "founder" of the English novel, thus dating its beginnings from 1740s, the 1710s, or the 1680s; there are much early examples of similar narratives (though with some significant differences) in the Spain and France and a few classical precedents in ancient Greece." HUNTER, J. Paul. The novel and social/cultural history. In: RICHETTI, John (edited by). *The Cambridge Companion to the Eighteenth-Century Novel*. Great Britain: Cambridge University Press, 1996, p.9.

“lives”, “tales”, “memoirs”, “expeditions”, “fortunes and misfortunes”.³ No final do século XVIII, o termo “novel” fixou-se em terreno inglês, designando as emergentes ficções “realistas” que descreviam experiências diárias, conflitos e pensamentos de pessoas comuns num contexto contemporâneo.

Os estudiosos do gênero em questão consideram, de maneira geral, que no romance moderno a linguagem tem, ao contrário das narrativas ficcionais anteriores, uma função preponderantemente referencial. A valorização desta função tem como decorrência a fidelidade que o romance moderno apresenta na descrição particularizada das coisas, sejam elas pertencentes à ordem física ou emocional. A preocupação com o estabelecimento de uma relação entre as palavras e as coisas, alegam os estudiosos, era desconhecida no universo ficcional que precedeu o romance moderno. Nas narrativas anteriores a esse gênero, a palavra submetia-se ao decoro lingüístico específico de cada forma literária, estando a avaliação da qualidade de cada uma delas relacionada, exclusivamente, ao manejo das convenções formais. O mérito do autor era, portanto, tanto maior quanto fosse sua capacidade de respeitar essas convenções.⁴

Em contrapartida, o gênero emergente no século XVIII apresentou uma liberdade formal aliada a uma perspectiva literária realista que privilegiava a individualização dos personagens e a apresentação detalhada do ambiente.⁵

A individualização dos personagens, a contemporaneidade da ação e a descrição do contexto espaço-temporal onde ela ocorre constituíram-se, então, nos principais aspectos formais distintivos do romance moderno, os quais, por sua vez, foram responsáveis por fornecer a esse gênero literário um caráter “realista”. O primeiro dos aspectos expressou-se, desde as primeiras manifestações do gênero, na prática de individualizar os personagens fugindo à caracterização que os aproximava de personagens históricos ou de “tipos”, como era comum nas ficções anteriores.

O personagem individualizado do romance desenvolveu-se, também, numa escala temporal diferente daquelas que o precederam. A descrição da passagem do tempo que serve à narrativa das experiências cotidianas, típica do romance moderno, deteve-se na minúcia e o

³ HUNTER, J. Paul. op. cit. p.9.

⁴ WATT, Ian. O realismo e a forma romance. In: *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 19.

⁵ Ibidem.

ambiente ganhou um aspecto físico real, diverso daquele genérico que caracterizava a tragédia e a comédia. Os detalhes temporais e espaciais, assim como a individualização dos personagens, são técnicas narrativas que permitem ao leitor ter a impressão de que se trata de um relato autêntico da experiência humana.

Essas técnicas literárias presentes no romance moderno responderam, no século XVIII, a expectativas de alguns leitores. Parece haver, por parte destes, uma certa ânsia pelo real, ou melhor, uma certa expectativa de que a narrativa não seja da ordem da ficção. É o que demonstra, por exemplo, o estudo de Darnton sobre um leitor rousseauísta do Antigo Regime.⁶ O historiador assinala que os contemporâneos de Rousseau queriam acreditar que as cartas do romance epistolar *A Nova Heloísa* eram verdadeiras:

Esse pode parecer um falso problema para o leitor moderno, mas ele era capital para os contemporâneos de Rousseau. Muitos leitores da Nova Heloísa acreditavam e queriam crer na autenticidade das cartas. Mesmo o interlocutor sofisticado do segundo prefácio, o "prefácio dialogado", confessava-se "atormetado" pela necessidade de saber se Júlia existiu realmente, e ele faz toda a discussão do romance girar em torno da interrogação: "Essa correspondência é real, ou é uma ficção?"⁷

Comportamentos semelhantes são apresentados por Diderot, em texto sobre Richardson. O autor chega a relatar o caso de uma leitora que teria pedido a um amigo que fizesse uma visita aos personagens de Richardson, os quais ela acreditava serem reais:

Un jour, une femme d'un goût et d'une sensibilité peu commune, fortement préoccupée de l'histoire de Grandisson qu'elle venait de lire, dit à un de ses amis qui partait pour Londres: "je vous prie de voir de ma part miss Émilie, m. Belford, et surtout miss Howe, si elle vit encore."⁸

⁶ DARNTON, Robert. A leitura rousseauísta e um leitor "comum" do século XVIII. In: CHARTIER, Roger. *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

⁷ *Ibidem*. p. 157.

⁸ *Um dia, uma mulher de um gosto e de uma sensibilidade pouco comuns, muito preocupada com a história de Grandisson, que ela acabara de ler, disse a um de seus amigos que partia para Londres: "eu vos rogo que vejais de minha parte, srta. Émilie, m. Belford e, sobretudo, srta. Howe, se ela ainda for viva. DIDEROT. Éloge de Richardson In: Oeuvres Esthétiques. Paris: Éditions Garnier, 1968, p. 41-42. A edição original foi publicada no *Journal Étranger* em janeiro de 1762.*

Evidentemente, não podemos fazer quaisquer generalizações sobre as expectativas dos leitores, pois essas poucas evidências trazidas à baila provavelmente não dão conta da heterogeneidade de um público consumidor⁹ que, no final do século XVIII, já havia feito desse gênero literário um sucesso editorial.

O abandono da problemática referente às expectativas dos leitores não nos impede, em contrapartida, de abordar uma outra que, neste momento de emergência e de progressivo reconhecimento do romance, expressa-se no discurso sistematicamente elaborado de alguns pensadores ilustres do século XVIII. Trata-se da discussão em torno do efeito da leitura dos romances sobre os valores e as formas de conduta do público leitor. Essa discussão interessa-nos particularmente, pois problematiza a relação entre o gênero romance e o terreno da moral, por meio da composição de um campo de disputa entre este gênero e aquele que denominamos anteriormente como literatura prescritiva.

Num primeiro momento trabalharemos com dois ensaios, a saber - *Éloge de Richardson*¹⁰ e *Essai sur les fictions*¹¹ privilegiando a discussão dos autores sobre a eficácia do romance e dos textos dos moralistas no que se refere à orientação dos valores e das condutas do leitor.

Num segundo momento, faremos uso de estudos que evidenciam as críticas que o romance recebeu por parte dos moralistas. Finalmente, procuraremos expor como a problemática da relação entre o gênero romance e a moral delinea-se no Brasil, em particular, na fortuna crítica sobre a produção romanesca de Joaquim Manoel de Macedo.

2.2 A moral em ação

Os ensaios de Staël e Diderot vêm a público com objetivos diversos. Diderot, como indica o próprio título do texto, escreve uma homenagem por ocasião da morte de Richardson incluindo, evidentemente, comentários sobre seus romances. Essa especificidade autoral, no que se refere ao objeto de seu discurso, não se apresenta como um fator limitante para as reflexões sobre o gênero romance pois, como veremos adiante, muitos dos argumentos de

⁹ HUNTER, J. Paul. op. cit.

¹⁰ DIDEROT. op. cit..

¹¹ STAËL, Germaine de. *Essai sur les fiction suivi de l'influence des passions sur le bonheur des individus et des nations*. Paris: Éditions Ramsay, 1979, p. 27. O ensaio é de 1795.

Diderot acerca da ficção de Richardson serão abordados por Staël no *Essai sur les fictions*, escrito, segundo as palavras da autora, com a finalidade de (...) *prouver que les romans qui prendaient la vie telle qu'elle est, avec finesse, éloquence, profondeur et moralité, seraient les plus utiles de tous les genres de fictions*(...)¹²

Como dissemos anteriormente, procuraremos explorar, em ambos os ensaios, a discussão acerca do gênero literário mais eficaz para moralizar o leitor. Considerando que nossas preocupações incidem, particularmente, sobre o romance moderno e a literatura prescritiva, deixaremos de lado, no caso do ensaio de Staël, as reflexões sobre a tragédia, o romance de cavalaria, o romance histórico e o romance filosófico, pois, neste caso, seria necessário um estudo mais aprofundado desses gêneros, objetivo este que escapa ao presente estudo.

Diderot inicia seu *Éloge de Richardson* afirmando que se o romance¹³, até aquele momento, era entendido enquanto um tecido de eventos quiméricos e frívolos, representando um perigo para os gostos e os costumes, a ficção de Richardson deveria receber outro nome, pois elevava o espírito e tocava a alma.

O filósofo parte do pressuposto de que o leitor encontra, seja nos textos dos moralistas, seja no romance, um conjunto de valores morais. Contudo, a operação que ele pode efetuar diante de cada um desses gêneros é diferente: a partir do texto ficcional seria possível refazer as sentenças dos moralistas, ou seja, identificar, no primeiro, os valores e as prescrições de conduta presentes no segundo. Em contrapartida, a leitura dos textos dos moralistas, não permitiria jamais ao leitor, elaborar uma ficção.

*Tout ce que Montaigne, Charron, La Rochefoucauld et Nicole ont mis en maximes, Richardson l'a mis en action. Mais un homme d'esprit, qui lit avec réflexion les ouvrages de Richardson, refait la plupart des sentences des moralistes; et avec toutes ces sentences il ne referait pas une page de Richardson.*¹⁴

¹² (...) *provar que os romances que tomavam a vida tal qual ela é, com fineza, eloquência, profundidade e moralidade, seriam os mais úteis de todos os gêneros de ficções* (...) STAËL, Germaine de. op. cit. p. 27.

¹³ DIDEROT. op. cit. p.29.

¹⁴ *Tudo aquilo que Montaigne, Charron, La Rochefoucauld et Nicole puseram em máximas, Richardson o pôs em ação. Mas um homem de espírito, que lê com reflexão as obras de Richardson, refaz a maior parte das sentenças dos moralistas, e com todas essas sentenças, ele não refaria nem uma página de Richardson.* Ibidem. p. 29.

Não há dupla via para os livros de máximas: estes se reduzem a si mesmos. Seu objetivo é modificar o comportamento do leitor, mas sua natureza é estática. Os textos dos moralistas, observa Diderot, são regras de conduta abstratas e gerais que deixam ao leitor sua aplicação, não imprimindo no espírito deste último nenhuma imagem sensível.

Une maxime est une règle abstraite et générale de conduite dont on nous laisse l'application à faire. Elle n'imprime par elle-même aucune image sensible dans notre esprit: mais celui qui agit, on le voit, on se met à sa place ou à ses côtés, on se passionne pour ou contre lui; on s'unit à son rôle, s'il est vertueux; on s'en écarte avec indignation, s'il est injuste et vicieux.¹⁵

O romance, de maneira diversa dos livros de moral, tem uma natureza dinâmica que imprime ação aos conteúdos morais. Tal gênero ficcional, observa Diderot, envolve o leitor e faz com que ele se identifique com os personagens virtuosos em detrimento dos injustos e viciosos. Esse princípio de identificação, garantido pela possibilidade de reconhecimento na vida real de pessoas semelhantes aos personagens, parece ser, para o Diderot leitor, um dos fundamentos da eficácia moral do romance:

Je me suis fait une image des personnages que l'auteur a mis en scène; leurs physionomies sont là: je les reconnais dans les rues, dans les places publiques, dans les maisons; elles m'inspirent du penchant ou de l'aversion. Un des avantages de sont travail, c'est qu'ayant embrassé un champ immense, il subsiste sans cesse sous mes yeux quelque portion de son tableau. Il est rare que j'aie trouvé six personnes rassemblées, sans leur attacher quelque-uns de ses noms. Il m'adresse aux honnêtes gens, il m'écarte des méchants; il m'a appris à les reconnaître à des signes prompts et délicats. Il me guide quelquefois, sans que je m'en aperçoive.¹⁶

¹⁵ Uma máxima é uma regra abstrata e geral de conduta cuja aplicação nos é legada. Ela não imprime, por si mesma, nenhuma imagem sensível em nosso espírito: mas aquele que atua, nós o vemos, colocamo-nos em seu lugar ou ao seu lado, apaixonamo-nos por ou contra ele, unimo-nos a seu papel, se ele é virtuoso, afastamo-nos dele com indignação, se ele é injusto e vicioso. DIDEROT. op. cit. p. 29-30.

¹⁶ Eu fiz uma imagem das personagens que o autor pôs em cena; suas fisionomias estão lá: eu os reconheço nas ruas, nos lugares públicos, nas casas; elas me inspiram simpatia ou aversão. Uma das grandes vantagens de seu trabalho é que, tendo abraçado um campo imenso, subsiste sempre sob meus olhos alguma parte de seu quadro. É raro que eu tenha encontrado seis pessoas reunidas, sem lhes aplicar alguns de seus nomes. Ele me aproxima das pessoas honestas, ele me afasta dos viciosos; ele me ensinou a reconhecê-las com seus sinais imediatos e delicados. Ele me guia às vezes, sem que eu me aperceba. DIDEROT. op. cit., p.38.

A sobreposição do fictício sobre o real é a operação efetuada pelo Diderot leitor. O resultado dessa sobreposição é a interferência dos valores presentes no romance sobre seus julgamentos e ações, ou seja, o romance serve-lhe de guia de conduta.

O universo do romance é, do ponto de vista de Diderot, semelhante ao universo daquele que o lê. Tem-se, nesse gênero literário, uma realidade de ordem física e espiritual que encontra correspondência no mundo do leitor. Sobre os romances de Richardson, Diderot observa que *Le monde où nous vivons est le lieu de la scène; le fond de son drame est vrai; ses personnages ont toute la réalité possible (...)*.¹⁷ Num ambiente espaço-temporal contemporâneo encontra-se personagens cujas paixões por eles experimentadas são semelhantes àquelas que os homens provam em si mesmos: (...) *les passions qu'il peint sont telles que je éprouve en moi(...)*¹⁸

A correspondência entre o universo do romance e o do leitor é, também, proporcionada pela individualização dos personagens. Embora os romances de Richardson tenham um grande número deles, observa Diderot, em momento algum é possível confundí-los pois, cada um dos personagens possui idéias e formas de expressão muito particulares que variam segundo as circunstâncias, os interesses e as paixões que os movem. A leitura do romance permite, conseqüentemente, que as diversas fisionomias das paixões humanas sejam vislumbradas.

A reflexão sobre as paixões é central neste ensaio de Diderot. Apesar de os homens serem afetados por elas, observa o filósofo, nem sempre são capazes de reconhecê-las: (...) *les éclats des passions ont souvent frappé vos oreilles; mais vous êtes bien loin de connaître tout ce qu'il y a de [secret] dans leurs accents et dans leurs expressions*.¹⁹ A utilidade atribuída ao romance está associada a essa "cegueira" a que os homens estão sujeitos. O papel do grande escritor, em suas palavras - do poeta - seria, justamente, o de revelar, por meio de sua obra, aquilo que escapa aos homens no cotidiano: *et l'art du grand poète et du grand peintre est de vous montrer une circonstance fugitive qui vous avait échappé*.²⁰

Eis, portanto, a função primeira do romance: revelar ao leitor as paixões que movem os homens. Entretanto, a ficção seria estéril caso seu efeito fosse reduzido a isso. A ação moral

¹⁷ (...) o mundo onde vivemos é o lugar da cena; o fundo de seu drama é verdadeiro, seus personagens têm toda a realidade possível(...) Ibidem. p. 30-31.

¹⁸ (...) as paixões que ele pinta são tais que eu provo em mim. (...) Ibidem. p. 30-31.

¹⁹ (...) as explosões das paixões chocaram freqüentemente vossos ouvidos; mas vós estais muito longe de conhecer tudo o que há de secreto em seus acentos e suas expressões (...) Ibidem. p. 35.

não decorre da faculdade do discernimento. É necessário algo mais. É necessário que o texto ficcional apresente as paixões humanas ao leitor, possibilite a ele discerni-las e, sobretudo, faça-o amar a virtude e a repudiar o vício. Como vimos, é esta disposição moral que, para Diderot, os livros de máximas são incapazes de criar no leitor. Os romances de Richardson, ao contrário, fazem com que os leitores sintam que a virtude é o pressuposto da felicidade, persuadindo-os a identificar-se com ela e a tremer diante do vício:

- Qui est-ce que le caractère d'un Lovelace, d'un Tomlinson, n'a pas fait frémir? Qui est-ce qui n'a pas été frappé d'horreur du ton pathétique et vrai, de l'air de candeur et de dignité, de l'art profond avec lequel celui-ci joue toutes les vertus? Qui est-ce qui ne s'est pas dit au fond de son coeur qu'il faudrait fuir de la société ou se réfugier au fond des forêts, s'il y avait un certain nombre d'hommes d'une pareille dissimulation?²¹

Em outras palavras, a opção do leitor pela virtude decorre da identificação com os personagens e das emoções que o romance suscita. Dessa forma, pode-se dizer que, para Diderot, o sentimento é um dos principais vetores por meio do qual o romance garante sua eficácia pedagógico-moral. Nesse sentido, Diderot não parece um iluminista “típico” pois confere ao romance, ao sentimento e à emoção um papel fundamental na aprendizagem dos valores morais.

As opiniões de Staël acerca do romance moderno são muito próximas daquelas apresentadas por Diderot. Na tentativa de mostrar que o romance é a mais útil das ficções, Staël irá atribuir à razão, carro-chefe de um século em grande medida iluminista, e por conseguinte, à filosofia, um papel secundário na felicidade dos homens. Embora a primeira glória pertença àqueles que buscam a verdade - provavelmente Staël esteja se referindo aos filósofos - são os autores de ficção que produzem emoções e ilusões doces que têm trabalhado utilmente pelo gênero humano. Essa noção de utilidade, não se pode perder de vista, está relacionada à potencialidade das ficções em influir sobre as idéias morais. Staël acredita que

²⁰ (...) e a arte do grande poeta e do grande pintor é de vos mostrar uma circunstância fugidia que vos havia escapado. Ibidem. p. 35.

²¹ A quem o caráter de um Lovelace, de um Tomlinson, não fez estremecer? Quem é que não ficou horrorizado pelo tom patético e verdadeiro, pelo ar de candura e de dignidade, pela arte profunda com a qual este representa todas as virtudes? Quem é que não disse a si mesmo, no fundo do seu coração, que deveria evitar a

não basta anunciar aos homens os seus deveres, como o fazem os moralistas. Segundo ela é necessário sensibilizá-los, emocioná-los, e este papel a ficção cumpre exemplarmente na medida em que põe os conteúdos morais em ação:

Le don d'émouvoir est la grande puissance des fictions; on peut rendre sensibles presque toutes les vérités morales, en les mettant en action. La vertu a une telle influence sur le bonheur ou le malheur de l'homme, qu'on peut faire dépendre d'elle la plupart des situations de la vie. Il y a des philosophes austères qui condamnent toutes les émotions, et veulent que l'empire de la morale s'exerce par le seul énoncé de ses devoirs; mais rien n'est moins adapté à la nature de l'homme en général qu'une telle opinion; il faut animer la vertu, pour qu'elle combatte avec avantage contre les passions; il faut faire naître une sorte d'exaltation, pour trouver du charme dans les sacrifices; il faut enfin parer le malheur, pour qu'on le préfère à tous les prestiges des séductions coupables; et les fictions touchantes qui exercent l'ame à toutes les passions généreuses lui en donnent l'habitude, et lui font prendre à son insu un engagement avec elle-même, qu'elle aurait honte de rétracter, si une situation semblable lui devenait personnelle. Mais plus le don d'émouvoir a de puissance réelle, plus il importe d'en étendre l'influence aux passions de tous les âges, aux devoirs de toutes les situations.²²

A opção pela ação virtuosa depende, também em Staël, da habilidade de fazer com que esta, mesmo marcada pelo sofrimento, apareça, aos olhos do leitor, mais desejável que o vício. Deve-se ter em vista que a emoção (ou o sentimento) é, assim como em Diderot, um dos principais vetores utilizados para avaliar a eficácia pedagógica de um gênero literário.

sociedade ou se refugiar no fundo das florestas, se existisse um certo número de homens de uma dissimulação semelhante? DIDEROT. op. cit. p. 30.

²² O dom de emocionar é o grande poder das ficções; pode-se tornar sensíveis todas as verdades morais, colocando-as em ação. A virtude tem uma tal influência sobre a felicidade ou a infelicidade do homem, que se pode fazer depender dela a maior parte das situações da vida. Há filósofos austeros que condenam todas as emoções, e querem que o império da moral se exerça unicamente pela enunciação de seus deveres: mas nada é menos adaptado à natureza do homem em geral que uma tal opinião; é preciso animar a virtude para que ela combata com vantagem as paixões; é preciso fazer nascer uma espécie de exaltação, para encontrar o charme nos sacrifícios; é preciso enfim ornamentar a infelicidade para que ela seja preferível a todos os prestígios das seduções culpáveis, e as ficções tocantes que exercitam na alma todas as paixões generosas lhe criam o hábito por elas, e fazem com que tome sem perceber um engajamento com ela mesma, que ela teria vergonha de retratar se uma situação parecida se tornasse pessoal. Mas quanto mais o dom de comover tem poder real, mais importa expandir sua influência às paixões de todas as idades, aos deveres de todas as situações. STAËL, op. cit. p. 45

Entretanto, a valorização do sentimento não é o único ponto em comum entre os dois autores. Ambos têm uma opinião semelhante no que diz respeito aos livros de moral, baseada na crítica do suposto caráter generalizante desse tipo de texto :

Et qu'on ne dise point que les livres de morale suffisent parfaitement à la connaissance de nos devoirs; ils ne sauraient entrer dans toutes les nuances de la délicatesse, détailler toutes les ressources des passions. On peut extraire des bons romans une morale plus pure, plus relevée que d'aucun ouvrage didactique sur la vertu; ce dernier genre, ayant plus de sécheresse, est obligé à plus d'indulgence; et les maximes devant être d'une application générale n'atteignent jamais à cet héroïsme de délicatesse dont on peut offrir le modèle, mais dont il serait raisonnablement impossible de faire un devoir.²³

O caminho de defesa do romance moderno enquanto instrumento pedagógico-moral é, também em Staël, o caminho de defesa de categorias românticas e de crítica de alguns valores tipicamente iluministas. Como notamos anteriormente, trata-se de atribuir à imaginação e aos seus produtos um estatuto fundamental para a vida em sociedade. A ficção pode dirigir e esclarecer os homens por meio da emoção que é capaz de produzir. Essa postura passa, por sua vez, pelo questionamento do papel da filosofia e da razão no que diz respeito à condução da vida social com destino à felicidade humana. O resgate da emoção operado pelo romantismo, e elevado à condição de vetor pedagógico, leva ao questionamento da eficácia da literatura de moralidade por seu suposto caráter generalizante, abstrato e impessoal. Deve-se considerar que no contexto do pensamento iluminista a individualidade foi considerada um lugar problemático, capaz de produzir apenas confusão e ilusão. Locke, Hume e Codillac são alguns dos teóricos dessa obliteração da individualidade, entendida como um impedimento ao evento da verdade universal. À concepção do homem como uma página em branco e sua redução a um lugar de inscrição das coisas vindas de fora, defendida por Locke no *Ensaio Filosófico sobre o entendimento humano*, o romantismo oferece a crença na individualidade enquanto um lugar de descoberta da verdade (pronunciada na primeira pessoa) sobre o mundo.

²³ *E que não se diga que os livros de moral são perfeitamente suficientes para o conhecimento de nossos deveres; eles não saberiam entrar em todas as nuances da delicadeza, detalhar todas os recursos das paixões. Pode-se extrair de bons romances uma moral mais pura, mais elevada que de qualquer obra didática sobre a virtude; este último gênero, tendo mais aridez, é obrigado a uma maior indulgência; e as máximas que devem*

O romantismo redescobre o que a crítica empirista havia rejeitado, interpela o mundo num movimento de dentro para fora, reconhecendo a ordem emocional e afetiva como uma dimensão significativa da realidade humana²⁴

O romance moderno apresenta-se como uma forma discursiva onde a emoção e a individualidade expressam-se. A operação redutora²⁵ do discurso iluminista não se parece em nada com a proliferação das idiossincrasias que o romance privilegia.

*Les romans, au contraire, peuvent peindre les caractères et les sentiments avec tant de force et de détails, qu'il n'est point de lecture qui doive produire une impression aussi profonde de haine pour le vice, et d'amour pour la vertu. La moralité des romans tient plutôt au développement des mouvements intérieurs de l'ame qu'aux événements qu'on y raconte: ce n'est pas la circonstance arbitraire que l'auteur invente pour punir le crime, dont on peut tirer utile leçon; mais c'est de la vérité des tableaux, de la gradation ou de l'enchaînement des fautes, de l'enthousiasme pour les sacrifices, de l'intérêt pour le malheur, qu'il reste des traces ineffaçables.*²⁶

Da pintura detalhada dos caracteres e dos sentimentos, o romance tira seu poder de causar, no leitor, a aversão pelo vício e o amor à virtude. O que está em pauta é a problemática pedagógica em torno do geral e do particular. Por que o detalhe é tão importante para Staël e Diderot? Ambos parecem ter em vista a discussão sobre a eficácia do discurso filosófico sobre os valores e as ações dos homens. Não se trata de desacreditar totalmente os universais. De alguma maneira, o quadro das paixões parece revelar uma humanidade comum. Que homem,

ser de aplicação geral não atingem jamais esse heroísmo de delicadeza cujo modelo pode ser oferecido, mas de que seria razoavelmente impossível fazer um dever. STAËL, Germaine op. cit. p. 47.

²⁴ A esse respeito cf. GUSDORF, Georges. *Le Romantisme II: L'homme et la nature*. Paris: Éditions Payot e Rivages, 1993. Em particular os capítulos 1: Les antécédents; 2: L'identité romantique e 3: Intermittences et contradictions.

²⁵ *A forma discursiva do conhecimento, tem constantemente, pois, o caráter de uma redução: ela reduz o complexo ao simples, a diversidade aparente à identidade que a fundamenta. O pensamento do século XVIII dedica-se a essa tarefa fundamental, procurando estender seu efeito a domínios cada vez mais vastos.* CASSIRER, Ernest. O pensamento da era do Iluminismo. In: *A filosofia do Iluminismo*. 2ª ed., Campinas: Editora da Unicamp, 1994, p. 45.

²⁶ *Os romances, ao contrário, podem pintar os caracteres e os sentimentos com tanta força e tantos detalhes, que não é absolutamente a leitura que deve produzir uma impressão tão profunda de ódio pelo vício, e de amor pela virtude. A moralidade dos romances advém mais do desenvolvimento dos movimentos interiores da alma do que dos eventos que aí são contados: não é da circunstância arbitrária que o autor inventa para punir o crime que se pode tirar uma lição útil: mas é da verdade do quadro, da gradação ou do encadeamento dos*

no mundo, não estaria sujeito às mesmas paixões? Também não se questiona a necessidade de conhecê-las. A problematização fundamental efetivamente diz respeito à maneira mais adequada de fazer com que esse conhecimento conduza à constituição de homens virtuosos.

Tendo em vista esse objetivo, dois pré-requisitos devem ser atendidos pelo texto literário: o evento apresentado não pode ser raro, deve ser comum, ou seja, passível de reconhecimento pelo leitor em sua vida cotidiana. Também não pode ser generalizante, devendo comportar um alto grau de particularização.

L'on a prétendu que les romans donnaient une fausse idée de l'homme; cela est vrai de tous ceux qui sont mauvais qui imitent mal la nature: mais lorsqu'il sont bons, rien ne donne une connaissance aussi intime du coeur humain que ces peintures de toutes les circonstances de la vie privée, et des impressions qu'elles font naître; rien n'exerce autant la réflexion, qui trouve bien plus à découvrir dans les détails que dans les idées générales. Les mémoires atteindrait à ce but, si, de même que dans l'histoire, les hommes célèbres, les événements publics, n'en étaient pas seuls le sujet.²⁷

Para Staël, os bons romances são aqueles que permitem ao leitor conhecer o coração humano. Esse conhecimento dá-se por meio da pintura das circunstâncias da vida privada que proporciona ao leitor descobrir as idéias gerais a partir dos detalhes. Essas idéias gerais, referem-se, a nosso ver, às paixões que os homens experimentam e que são eficazmente reconhecidas por meio da pintura detalhada de sentimentos e caracteres vivenciados por personagens em situações cotidianas semelhantes àquelas experimentadas pelo leitor. Em Diderot encontramos, também, a valorização do romance de Richardson atrelada à maestria da pintura do coração dos homens:

Le coeur humain, qui a été, est et sera toujours le même, est le modèle d'après lequel tu copies. Si l'on appliquait au meilleur historien une critique

delitos, do entusiasmo pelos sacrifícios, do interesse pela infelicidade, que restam traços inesquecíveis. STAËL, Germaine de. op. cit. p. 43.

²⁷ *Afirma-se que os romances dão uma falsa idéia do homem; isso é verdade com relação a todos aqueles que são ruins e imitam mal a natureza: mas quando são bons, nada oferece um conhecimento tão íntimo do coração humano que essas pinturas de todas as circunstâncias da vida privada, e das impressões que elas fazem nascer; nada exercita tanto a reflexão, a qual descobre muito mais nos detalhes que nas idéias gerais.*

*sévère y en a-t-il aucun qui la soutint comme moi? Sous ce point de vue, j'oserai dire que souvent l'histoire est un mauvais roman; et que le roman, comme tu l'as fait, est une bonne histoire. O peintre de la nature! C'est toi qui ne mens jamais.*²⁸

Comentando a “opinião geral” sobre o gênero, segundo a qual este se reduziria à pintura do amor, “a mais violenta e a mais universal de todas as paixões”, Staël afirma:

*Une carrière nouvelle s'ouvrirait alors, ce me semble, aux auteurs qui possèdent le talent de peindre, et savent attacher par la connaissance intime de tous les mouvements du coeur humain.*²⁹

O quadro das paixões, tais como a ambição, o orgulho, a avareza e a vaidade seriam, neste caso, para Staël, o objeto principal do romance. Tal quadro, observa, também poderia ser encontrado na história. Entretanto, considera Staël, a história trata apenas da vida dos homens públicos e dos sentimentos e caracteres que resultam, igualmente, de eventos públicos. O romance vem, desse modo, preencher uma lacuna, pois, neste caso, o conhecimento do coração humano se dá por meio da abordagem da vida privada. Assim, a história forneceria exemplos adequados às nações e os romances aos indivíduos em particular.

O que mais chama a atenção nos discursos de Staël e Diderot é essa compreensão da particularidade enquanto uma das características mais típicas e valiosas do gênero romance. O posicionamento de Staël a esse respeito é mais facilmente compreensível na medida em que é considerada responsável pela divulgação da cultura e do romantismo alemão nos demais países europeus³⁰. Mas como explicar as proximidades de Diderot com relação ao discurso romântico, se a história e a filosofia apresentam-no como um iluminista, empenhado, assim como Voltaire, no projeto da Enciclopédia? Estaríamos, pois, fazendo uma leitura anacrônica de seu discurso

As memórias atingiriam este objetivo se, assim como na história, os homens célebres, os acontecimentos públicos não fossem seus únicos assuntos. STAËL, Germaine de. op. cit. p. 43-44.

²⁸ *O coração humano, que foi, é e será sempre o mesmo, é o modelo a partir do qual você copia. Se dirigíssemos ao melhor historiador uma crítica severa existe algum que a suportaria como eu? Sob esse ponto de vista, eu ousaria dizer que frequentemente a história é um mau romance, e que o romance, como você o fez é uma boa história. Ó pintor da natureza! É você que não mente jamais.* DIDEROT. op. cit. p. 40.

²⁹ *Uma carreira nova se abriria então, parece-me, aos autores que possuem o talento de pintar e sabem associar pelo conhecimento íntimo todos os movimentos do coração humano.* STAËL, Germaine de. op. cit. p. 41-42.

³⁰ GUSDORF, Georges. *Le Romantisme I: La savoir romantique*. Paris: Éditions Payot e Rivages, 1993, p. 34.

acerca do romance? A crítica à abstração do discurso dos moralistas e a valorização dos detalhes, da emoção e das nuances na composição dos personagens sugerem uma aproximação de Diderot em relação a categorias características do pensamento romântico. Este fato dificulta conceber seu pensamento de uma maneira monolítica, como nos sugere uma certa história das idéias. Entretanto, não se pode deixar de levantar a hipótese de que esses elementos sejam valorizados pelo filósofo na medida em que os concebe como meio de alcançar um melhor entendimento de um domínio no qual a universalidade estaria manifesta: o domínio das paixões.

O domínio das paixões, em ambos, é apresentado como um patrimônio da humanidade. Há diversas formas de retratar essas paixões e Staël assinala muito bem que se pode encontrá-las nos mais diversos tipos de discurso: na ficção, na história, nos livros de conduta. Mas, o que está em questão é a forma. E a forma eleita por Diderot e Staël é o romance. Tal escolha não tem, para ambos, outro ponto de referência senão o leitor. E que leitor é esse?

Possivelmente um leitor como Diderot...

J'avais parcouru dans l'intervalle de quelque heures un grand nombre de situations, que la vie la plus longue offre à peine dans toute sa durée. J'avais entendu les vrais discours des passions; j'avais vu les ressorts de l'intérêt et de l'amour-propre jouer en cent façons diverses; j'étais devenu spectateur d'une multitude d'incidents, je sentais que j'avais acquis de l'expérience.³¹

Capaz, como acredita Staël, de buscar e encontrar na leitura um “suplemento de experiência”:

Quand même les écrits purement philosophiques pourraient, comme les romans, prévoir et détailler toutes les nuances des actions, il resterait toujours à la morale dramatique un grand avantage; c'est de pouvoir faire naître des mouvements d'indignation, une exaltation d'ame, une douce mélancolie, effets divers des situations romanesques, et sorte de supplément à l'expérience: cette

³¹ Eu havia percorrido, no intervalo de algumas horas, um grande número de situações, que a mais longa vida oferece raramente em toda a sua duração. Eu havia ouvido os verdadeiros discursos das paixões, eu havia visto as molas do interesse e do amor-próprio agirem de cem maneiras diferentes, eu tinha me tornado um espectador de uma multiplicidade de incidentes, eu sentia ter adquirido experiência. DIDEROT, op. cit. p. 30.

*impression ressemble à celle des faits réels dont on aurait été le témoin; mais, dirigée toujours vers le même but, elle égare moins la pensée que l'inconséquent tableau des événements qui nous entourent.*³²

Nesse sentido, ambos se inscrevem na melhor tradição da paidéia humanista, "(...)qui ne réserve plus les livres à la vie contemplative, mais en destine le fruit à la vie active (...)"³³

2.3 Prescrição e narrativa.

Vimos anteriormente que a emergência do romance moderno foi acompanhada de admiradores, como Staël e Diderot, que elogiaram os possíveis efeitos do gênero sobre o público leitor. Entretanto, esse ponto de vista estava longe de ser um consenso, pois houve também aqueles que o criticaram. Mas quem seriam estes últimos e onde poderíamos encontrar essas visões depreciativas do gênero literário que, ao longo do século XVIII, via seu público leitor aumentar? Paul Hunter³⁴ fornece uma pista para responder a essa pergunta ao afirmar que, além do discurso dos conservadores - aqueles que pretendiam preservar a literatura de incursões na cultura popular - era possível encontrar, também nos livros de conduta, sermões e tratados de moral, as mais diversas restrições ao romance. Essa afirmação poderia ser apenas curiosa se desprezásemos as críticas que os livros de moral e conduta receberam, como vimos, de Staël e de Diderot. Postas lado a lado, as afirmações de Hunter, de Staël e Diderot, podemos concluir que a crítica sofrida pelos livros de conduta e tratados de moral teve sua contrapartida naquelas que os moralistas fizeram aos romances. Hunter observa que as objeções literárias ao romance nunca foram tão grandes quanto as de ordem religiosa e moral.

³² Mesmo se os escritos puramente filosóficos pudessem, como os romances, prever e detalhar todas as nuances das ações, restaria sempre à moral dramática uma grande vantagem; a de poder fazer nascer movimentos de indignação, uma exaltação da alma, uma doce melancolia, efeitos diversos de situações romanescas, e tipos de suplementos à experiência: esta impressão assemelha-se àquela dos fatos reais de que teríamos sido testemunhas; mas dirigida sempre ao mesmo objetivo, ela desvia menos o pensamento que o quadro inconsequente que nos envolve. STAËL, Germaine de. op. cit. p. 49.

³³ (...) a qual não reserva mais os livros à vida contemplativa, mas destina o fruto das leituras à vida ativa (...). BURY, Emmanuel. De la Paidéia a L'honnêteté Lectures Humanistes et Vérité Morale. In: *Littérature et politesse: l'invention de l'honnête homme (1580-1750)*. Paris: Presses Universitaires de France, 1996, p. 10.

³⁴ HUNTER, J. Paul. The novel and social/cultural history. In: RICHETTI, John (edited by). *The Cambridge Companion to the Eighteenth-Century Novel*. Great Britain: Cambridge University Press, 1996, p. 20-22.

Os moralistas que escreviam livros de conduta acreditavam que :

At best they thought novel reading a waste time, at worst a serious instrument of evil.. Three things especially concerned them: (1) that fictions, with imaginary solutions to problems and with heroes and heroines often rising above the social stations they were born into could mislead the young in their expectations about life, creating yearnings and dissatisfactions in those who lived ordinary, dull, or predictable lives; (2) that the "sentiments" in novels - their valuing of feelings over rationality and received - corrupted the reasoning of readers; and (3) that the depictions of romance and courtship (and the representation of the languages of sexual attraction) might not only warm the imagination but overheat the passions.³⁵

Tais críticas parecem sustentadas sobre a crença, tratada anteriormente, segundo a qual a ficção surte um efeito sobre os valores e comportamentos dos leitores. Particularmente, elas incidem sobre alguns dos traços fundamentais do gênero: o "realismo" da narrativa, sua carga sentimental e, secundariamente, a abordagem das relações amorosas. O temor dos moralistas sustenta-se nessa dialética entre o real e o imaginário oferecida pelo romance. Ao mesmo tempo em que retrata problemas que são familiares ao leitor, apresenta-lhe soluções imaginárias, ou seja, soluções que, provavelmente, não se davam no cotidiano e que, no limite, não seriam desejáveis, uma vez que ameaçariam a ordem estabelecida.

Críticas e opiniões desse teor podem ser, também, encontradas nos livros de conduta e tratados de moral que circularam no Rio de Janeiro oitocentista. No preceito de número 14 da obra *Novo Manual do Bom Tom*, o autor aconselha que os pais a proibam suas filhas de lerem romances, alegando que estes podem dar-lhes uma falsa idéia do mundo:

Um pai deve, sobretudo, proibir às suas filhas a leitura de romances. Os melhores de todos, apenas dão idéias confusas e muito falsas do mundo e da vida positiva.

A jovem acostumada a semelhante leitura, se chega a casar, fica desconsolada se não acha, como é natural, no seu marido o herói do romance

³⁵ HUNTER, J. Paul. op.cit. p. 21.

em que tantas vezes sonhou. Disto pode resultar a sua infelicidade, e algumas vezes a sua vergonha.³⁶

As reservas da literatura prescritiva com relação ao gênero romance podem ser verificadas, também, no prefácio da obra *A moral universal ou os deveres dos homens* :

Lembrando-nos que á nossa litteratura se tem accumulado, de há um tempo a esta parte, a escolha de romances de mui pouca distracção, e a maior parte das vezes de nenhuma utilidade, a até corruptíveis, e conhecendo que n'um tratado deste genero, pode o homem colher as necessarias instruções para se conduzir no comercio da vida, já no estado de isolado, já de sociabilidade; julgámos pois mais conveniente, e até pela novidade, lançarmos mão d'uma obra que lhe podesse bastecer esses preciosos meios, e distrahir, por assim dizer, as suas ideias continuamente encarnadas no stylo romantico".³⁷

Os textos acima citados inserem-se no contexto de disputa entre o romance moderno e a literatura prescritiva em geral - que abrange, como pode-se notar, os tratados de moral e manuais de conduta - pela primazia na orientação dos valores e condutas do público leitor.

No cerne dessa disputa encontra-se a preocupação dos moralistas com o estilo de seus textos. Essa preocupação não é, como veremos adiante, exclusiva do Barão de Holbach, sendo comum encontrá-la em muitos dos moralistas.

A escolha do termo literatura prescritiva que serviu, no capítulo I, para denominar e agrupar um conjunto de textos que, apesar de variarem na forma, tinham como objetivo transmitir valores e padrões de conduta, incidindo, especificamente, sobre a finalidade desses textos, colocou em segundo plano a análise de suas dimensões formais. Pretendemos, então, abordar o problema da forma fazendo uso dos textos que circularam no Rio de Janeiro. Para

³⁶ *NOVO MANUAL DO BOM TOM* Contendo Modernissimos preceitos de civilidade, política, conducta e maneiras em todas as circumstancias da vida, indispensaveis á mocidade e aos adultos para serem bemquistos e caminharem sem tropeço pela carreira do mundo. Traduzido do francez de Luiz Verardi e offerecido ao publico brasileiro por um Amigo da Mocidade. Segunda Edição, melhorada e augmentada. Rio de Janeiro Publicado e á venda em casa dos editores-proprietarios Eduardo & Henrique Laemmert, Rua do Ouvidor 68, 1872, p. 16.

³⁷ BARÃO D' HOLBACH. *A Moral Universal Ou Os Deveres Do Homem*. Lisboa, Galhardo e Irmãos, 1845, p.3.

tanto, tomaremos como fio condutor da discussão os questionamentos sobre a eficácia pedagógico-moral desse tipo de literatura.

Na *Advertência* à edição de 1866 do *Código do Bom Tom, ou, Regras de civilidade e de bem viver no século XIX*, J. I. Roquette observa:

*Saiu à luz este opúsculo em 1845; três edições se tem publicado até este ano de 1866, mas em nenhuma delas se fez mudança no seu conteúdo e redação; não acontece, porém, assim nesta, que é a quarta mas a que chamaremos "nova edição", porque efetivamente há nela muita coisa nova, com os necessários melhoramentos que o tempo e as circunstâncias pediam, e que hão de agradar e ser úteis aos benévolo leitores. Simplificaram-se alguns artigos que, para Portugal, eram algum tanto difusos; modificaram-se outros em harmonia com os novos usos que o tempo tem introduzido; entremearam-se várias anedotas chistosas que dão amenidade ao estilo didático do livro; e acresceram finalmente alguns contos morais em que transluz a virtude modesta entrelaçada com a civilidade polida, que fazem o verdadeiro ornamento duma educação desvelada.*³⁸

Vinte anos depois da primeira edição, o autor do "opúsculo" informa ter feito duas ordens de modificações no texto original: de conteúdo - simplificando alguns artigos segundo as exigências do contexto português e modificando outros de acordo com a transformação dos usos daquele país - , e formais, trazendo para o corpo do texto anedotas e contos morais de modo a combinar o ensinamento da moral ao da civilidade. Essas modificações operadas pelo autor no texto original não são uma exceção quando se trata de literatura com caráter semelhante. Dentre a literatura prescritiva que circulou no Rio de Janeiro no século XIX é possível encontrar textos que receberam adaptações ao contexto nacional. Em *O trato do mundo na vida ordinária* pode-se encontrar no item referente aos criados, um exemplo desse tipo de adaptação:

Não compreendemos esses automatos inglezes, cumprindo estoicamente um contracto livremente feito. Por instincto preferimos nossas criadas ilhõas ou da Beira, ou alguma crioulinha esperta e espevitada; e esses

³⁸ ROQUETTE, J. I. *Advertência* In: *Código do Bom Tom, ou, Regras de civilidade e de bem viver no século XIX*. SCHWARCZ, Lília Moritz (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 45.

*criados serios e respeitosos que nos vem de Portugal, se bem que ainda um pouco simplórios.*³⁹

Apesar de desgostarem dos criados ingleses, preferindo os locais ou de Portugal, quando trata-se da preparação de um jantar o livro ensina a preparar três sortes deles: à francesa, à russa, ou de forma mista e observa que no Rio de Janeiro “a casa Paschoal e outros grandes restauradores servem nas casas particulares jantares completos” com pratarias e louças vindas de fora.⁴⁰

Desse modo, pode-se considerar que as adaptações dão-se em virtude da passagem do tempo e, em alguns casos, do local para o qual esse tipo de livro de conduta destina-se. Entretanto, não há que se imaginar que o conteúdo, nos dois casos, modifica-se radicalmente pois, como pode-se notar, trata-se de transmitir padrões de conduta que têm como referencial os hábitos e valores das nações que, naquele momento, eram consideradas “civilizadas”. O *Código do Bom Tom* é ilustrativo dessa prática pois, segundo Lília Moritz Schwarcz este e os demais livros de J.I. Roquette tratam de “introduzir o público português⁴¹ na literatura, nos costumes e no próprio idioma da França.”⁴² É provável que este seja, também, o caso da maioria de textos similares mas, o estudo dessas adaptações foge, neste momento, ao interesse da presente dissertação. Feito este adendo, gostaríamos de retomar a *Advertência* de J. I. Roquette à edição de 1866 chamando a atenção para a segunda ordem de modificações feitas pelo autor, a saber - a introdução das anedotas e contos morais. Lília Moritz Schwarcz considera que essas anedotas e contos morais teriam a função de garantir uma legitimidade às matérias tratadas no texto de Roquette:

O Código do Bom Tom guarda, porém, em relação a seus pares do gênero, alguns traços específicos, que merecem ser destacados. Em primeiro

³⁹ *O TRATO DO MUNDO NA VIDA ORDINARIA E NAS CERIMONIAS CIVIS E RELIGIOSAS* por Ernance Dufaix, tradução e adaptação de Simões da Fonseca, membro e ex-secretário da Associação literaria e artistica internacional de Pariz. Pariz, H. Garnier livreiro-editor, 71 Rua Moreira Cesar, R.J.; Rue des Saint Peres, Pariz. [s.d.], p. 34. (microfilme)

⁴⁰ *Ibidem*, p.153.

⁴¹ Pode-se considerar que introduz, também, o público brasileiro nos valores e hábitos franceses, pois embora tenha sido editado em Portugal circulou, também, no Brasil.

⁴² SCHWARCZ, Lília Moritz. Introdução In: ROQUETTE, J. I. *Código do Bom Tom, ou, Regras de civilidade e de bem viver no século XIX.* São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 20.

*lugar, ao lado de cada seção podem ser encontradas "anedotas e cenas clássicas", que muitas vezes nada têm a ver com o tema tratado no capítulo mas parecem estar ali a fim de garantir certa legitimidade à matéria ou lembrar o leitor das "experiências" do passado, de preferência da Antiguidade.*⁴³

Em primeiro lugar, gostaríamos de notar que a utilização de contos e anedotas não é, como veremos adiante, exclusividade do texto de Roquette. Em segundo lugar, apesar da viabilidade da hipótese explicativa de Lília Moritz Schwarcz para a introdução desses contos e anedotas na edição de 1866, gostaríamos de retornar aos argumentos que Roquette utilizou para explicar a modificação feita no texto, de maneira a levantar uma outra possibilidade de interpretação para o procedimento adotado pelo autor. Vejamos, então, as considerações de Roquette:

*Bem quiséramos que o estilo ameno com que lhe demos princípio pudesse continuar até o fim; mas, pertencendo esta composição ao gênero didático, não admitia tal adorno, e só a poderíamos tornar menos fastidiosa com algumas anedotas e digressões, e assim o fizemos.*⁴⁴

O objetivo da introdução dos contos e anedotas era, segundo o autor, tornar a obra menos *fastidiosa* uma vez que, por seu caráter didático, não permitia a manutenção de um estilo ameno ao longo de todo o texto.

A preocupação de Roquette com o estilo do texto e o fastio que sua leitura poderia causar pode ser observada em outros autores desse tipo de literatura. No prefácio à *Arte de Ganhar o Coração dos Maridos*, Eugenio de Pradel afirma que teve às mãos o livro *A arte de ganhar o coração da consorte*, uma brochura de cem páginas, impressa em 1822. Pradel confessa que esperava encontrar na obra do "moralista", como o denomina, observações sobre os costumes, caracteres; um estudo profundo das paixões e, em particular, um quadro dos erros, qualidades, prazeres das relações dos homens com as mulheres. A decepção com tal

⁴³ SCHWARCZ, Lília Moritz. Introdução In: ROQUETTE, J. I. *Código do Bom Tom, ou, Regras de civilidade e de bem viver no século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 25.

⁴⁴ ROQUETTE, J. I. Advertência In: *Código do Bom Tom, ou, Regras de civilidade e de bem viver no século XIX*. SCHWARCZ, Lília Moritz (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 47.

obra, na sua opinião “*bem fracamente*” escrita, inspira-o a escrever outra que seria seu complemento.

O que nos interessa notar é que Pradel decepcionara-se com o conteúdo e também com o estilo do autor de *A arte de ganhar o coração da consorte*:

Julgue-se qual seria a minha surpresa, quando reconheci que a obra toda era, pouca mais ou menos, do mesmo gosto: frases empoladas, comparações emphaticas, hyperboles sem conto, espantoso palanfrorio. Talvez acrediteis que, atravez d'esta terrivel legião de metaphoras, que o author chama - um estilo simples e sem pretensão - o espirito pôde distinguir, a seguir lições sabiamente delineadas sobre a arte de ganhar o coração da consorte?⁴⁵

Um estilo simples, era o que Pradel esperava encontrar no texto do moralista. Em seu lugar, encontra o oposto: “hyperboles sem conto”, “terriveis legiões de metaphoras” que, do seu ponto de vista, fazem com que o espírito sinta dificuldade em seguir as lições ali propostas. A partir dessa crítica podemos supor que o texto ideal para Pradel combinaria um estilo simples e traria em seu corpo um conjunto de contos. É com este objetivo em vista que o autor escreve *Arte de Ganhar o Coração dos Maridos*, um texto que traz poemas por ele elaborados, citações de La Bruyère, Horácio, Seneca, Catão, e histórias ilustrativas das matérias tratadas. A estrutura básica do texto consiste em prescrever os valores e comportamentos adequados e trazer, logo em seguida, uma citação, poema ou narrativa exemplar. Desse modo, ao tratar do amor conjugal o autor narra a história da bela esposa de Cabadés, rei da Pérsia, que vendo o marido destronado e preso numa fortaleza, entregou-se a um oficial que por ela se apaixonara:

Affirma-se, que a rainha consentio em ceder aos seus desejos para arrancar o espóso de uma morte inevitavel. Ella penetrou até onde elle estava, conseguiu dar-lhe escápula; e Cabadés, tendo-se refugiado no paiz dos Humos,

⁴⁵ *ARTE DE GANHAR O CORAÇÃO DOS MARIDOS* para uso das donzellas casadeiras por Eugenio de Pradel, membro de varias academias traduzida por F.P.A.A., Rio de Janeiro, Imprensa Americana, 1836, p.vi - vii. (microfilme)

*voltou com poderoso exército, reduziu os Persas à sua obediência, e tornou a sentar-se no trono, onde viveu pacificamente por espaço de trinta anos.*⁴⁶

Assim como Pradel, o autor de o *Livro da Infância ou Exercícios de leitura e lições de moral*, preocupa-se em assinalar o fato de seu livro ser escrito em estilo “fácil e agradável”:

*Ao lado das mais proficuas lições de moral encontrará o menino que aprender por este opusculo, escripto em stylo fácil e agradável, proveitosas noções da vida, e a observação da natureza, dos homens, assim como o agradecimento a Deus, rodeado no universo de todas as suas maravilhas.*⁴⁷

Este livro traz histórias que têm, segundo o autor, o objetivo de comover o coração provocando nas crianças o desejo de serem bons.⁴⁸

Em suma, pouco importa se o leitor a quem estes livros destinam-se é adulto ou infantil, do gênero masculino ou feminino, os “moralistas” não poupam argumentos para convencer o público de que sua obra lhe será útil e a leitura agradável. Esses argumentos esbarram, não raro, na questão do estilo do texto. A preocupação com o estilo relaciona-se, provavelmente, com as críticas sofridas por esse tipo de literatura, pois como vimos anteriormente, a suposta “aridez” dos textos dos moralistas serviu ao questionamento de sua eficácia sobre os valores e condutas do leitor.

Um outro motivo de crítica aos textos dos moralistas, gostaríamos de lembrar, referia-se ao também suposto caráter “abstrato” e “generalizante” dessas obras que dificultavam, do ponto de vista dos admiradores do romance moderno, o envolvimento do leitor por meio da simples apresentação dos preceitos. Retornamos então, ao problema da inserção de contos, poemas, citações de moralistas e histórias no corpo desse tipo de texto. Na *Arte de Ganhar o Coração dos Maridos* Pradel critica, a certa altura, a “*mania que tem os moralistas, os metafísicos, de basear todos os seus systemas em generalidades*”⁴⁹ e diz que vai elucidar as questões relativas ao ciúme servindo-se de “observações e de fatos”. Após esse comentário o

⁴⁶ *ARTE DE GANHAR O CORAÇÃO DOS MARIDOS* op. cit. p. 82.

⁴⁷ *LIVRO DA INFÂNCIA OU EXERCÍCIOS DE LEITURA E LIÇÕES DE MORAL* vertido do livro do conselheiro De La Palme por Zahar. 6ª edição correta e melhorada. Adoptado pela inspeccoria geral de instrução primária e secundária com aprovação do governo imperial e pela directoria de instrucción publica da provincia do R.J., Livraria Nicolau Alves, 1885, p. 5.

⁴⁸ *Ibidem*, cf. capítulo XXVI

⁴⁹ *ARTE DE GANHAR O CORAÇÃO DOS MARIDOS*. op. cit. p. 52 e 53.

autor disserta sobre o tema em questão e apresenta, assim como o fez ao tratar do amor conjugal, a seguinte história: Mr. Deonel, jovem negociante de Paris casara-se com a filha de um banqueiro de Amsterdã chamada Angelina. O marido descobre que a mulher é ciumenta e, para curá-la dessa paixão, não se separa dela um instante, durante o período de dois meses. Não bastando isto para curá-la, o marido, depois de uma cena despropositada de ciúmes da esposa, resolve ir embora, dizendo ser impossível viver com “um demônio”. Deonel dirige-se ao *boulevard* e “*deixa-se conduzir por uma d’essas serêas, que estão sempre promptas a consolar os maridos atormentados por suas mulheres*”⁵⁰ provocando este fato a perda de juízo de sua esposa pelo período de seis meses. A dura lição recebida por Angelina não bastou, entretanto, para pôr fim ao seu comportamento ciumento. Aconselhada por uma amiga, resolveu fazer ciúme ao marido que jamais suspeitara de sua virtude. Angelina recebeu um amante em sua casa e fez com que o marido o soubesse. Por fim Deonel se separou de Angelina e esta, atormentada pela paixão que reinava em seu coração, envenenou-se. Essa narrativa é utilizada por Pradel como exemplo do caráter pernicioso do ciúme. Buscando distinguir-se daqueles moralistas que considerava “metafísicos”, o autor de *Arte de Ganhar o Coração dos Maridos* faz da narrativa uma aliada, tentando combinar a generalidade do preceito com a particularidade do exemplo.

Urcullu, autor das *Lições De Boa Moral de Virtude e de Urbanidade* também recorre a narrativas para ilustrar as mais diversas prescrições de conduta. Ao tratar do amor filial, particularmente ao ensinar como os filhos devem se comportar com relação a pais viciosos, é narrada a seguinte história:

“Os prezos de uma cidade de França estavam condenados a varrerem as ruas. Em certo dia chegou-se a um d’elles um moço, e beijou-lhe ternamente a mão. Um cavalheiro que viu isto da sua janella, chamou o moço, e disse-lhe que se não beijavão as mãos de prezos da cadeia publica: “Ah! (respodeo o moço derramando lagrimas) e se o prézo fôr meu Pai!”⁵¹

O narrador, pai de Emilio, faz então o seguinte comentário à história:

⁵⁰ ARTE DE GANHAR O CORAÇÃO DOS MARIDOS. op. cit. p. 71.

⁵¹ LIÇÕES DE BOA MORAL DE VIRTUDE E DE URBANIDADE escriptas no idioma espanhol por D. José de Urcullu e traduzidas por Francisco Freire Carvalho Rio de Janeiro na livraria de A. Freitas Guimarães & C.a

*Quanto valor, quanta ternura não encerra esta resposta! Um orgulhoso, um ingrato teria deitado a correr por outra rua, ao ver o desgraçado ancião: este bom e respeitável filho viu sómente a desgraça de seu Pai, e esqueceu-se da vergonha de sua situação.*⁵²

A maior parte das narrativas exemplares contidas nos livros de conduta parecem-se com sinopses de romances. Falta-lhes um desenvolvimento em todos os sentidos. As informações que o narrador fornece sobre o contexto espaço-temporal, os personagens e a trama são reduzidas ao mínimo. A narrativa acima citada é um exemplo limite dessa economia de informações: o narrador não descreve pormenorizadamente o ambiente, não desenvolve a trama de modo a permitir que o leitor compreenda como e porquê os personagens se encontram na situação apresentada e tão pouco atribui um nome a esses personagens. Embora a história de Deonel e Angelina tenha mais detalhes do que esta última, a quantidade destes está muito distante daquela que causava a admiração de Diderot pelos romances de Richardson. As narrativas a que recorrem os moralistas não possuem o acúmulo de detalhes que permite um maior desenvolvimento dos personagens e o adensamento do enredo. No conjunto da obra, elas ocupam um papel secundário e acessório. Sua função é particularizar os preceitos morais e dar, como vimos, oportunidade para que sejam tecidas considerações sobre os vícios, as virtudes, e padrões de comportamento que elas ilustram.

Mesmo que se pretendesse desenvolver tais narrativas, essa intenção encontraria limitações de ordem material. Considerando que a média de número de páginas dos livros de conduta consultados é superior a cem - o *Compendio de Civilidade Christã*⁵³ tem 24 páginas; *O trato do mundo na vida ordinaria e nas cerimoniaes civis e religiosas*⁵⁴, 318 páginas, *Thesouro dos meninos*⁵⁵, 79 páginas; a *Arte de Ganhar o Coração dos Maridos*⁵⁶, 168 páginas; o *Novo Manual do Bom Tom*⁵⁷, 190 páginas e *Lições De Boa Moral de Virtude e de*

rua do Sabão, n.º 26, 1848. Aos pais e mãis de família verdadeiramente empenhados na boa educação de seus filhos e filhas, D. e O., o traductor portuguez, p. 18.

⁵² Ibidem. p. 18.

⁵³ *COMPENDIO DE CIVILIDADE CHRISTÃ* para se ensinar praticamente aos meninos. Porto, Imprensa aos Lavadouros N.º 16. 1834, Com licença. (microfilme)

⁵⁴ *O TRATO DO MUNDO NA VIDA ORDINARIA E NAS CERIMONIAS CIVIS E RELIGIOSAS*. op. cit.

⁵⁵ *THESOURO DOS MENINOS* [s.n.t] (microfilme)

⁵⁶ *ARTE DE GANHAR O CORAÇÃO DOS MARIDOS*. op. cit.

⁵⁷ *NOVO MANUAL DO BOM TOM*. op. cit.

*Urbanidade*⁵⁸, 192 páginas - e levando em conta os dois romances de Macedo *A Moreninha* e *Os Dois amores* têm, nas edições consultadas, respectivamente 118 e 400 páginas, pode-se imaginar que o desenvolvimento das narrativas dos livros de conduta segundo as técnicas do romance moderno implicaria numa aumento absurdo do volume de páginas dos mesmos a ponto de tornar sua publicação inviável.

Embora a literatura prescritiva perceba a força da narratividade enquanto instrumento pedagógico, não a desenvolve plenamente, pois o seu papel é auxiliar e secundário em relação à prescrição dos comportamentos e dos valores que, neste caso, ocupa o primeiro plano. Desse modo, o desenvolvimento pleno das narrativas implicaria na descaracterização desse tipo de literatura e esbarraria em limites de ordem material. O uso de narrativas curtas é, em muitos casos, intercalados com fábulas, poemas ou partes de poemas, enfim com gêneros capazes de ilustrar preceitos sem comprometer a natureza dessa literatura. Desse modo, ao anunciar os *deveres para com os nossos irmãos e semelhantes* é recitada a fábula *O castor e a lebre* onde procura-se ensinar “*como é insensato quem do pobre e desditoso, soberbo desdenha o trato*” e o canto X, estrofe 12, 25 de *Os Lusíadas* é utilizado para ilustrar o tema do *Amor à pátria* pois, segundo entendia o autor, o vizinho Portugal⁵⁹ oferecia na pessoa de Duarte Pacheco, um exemplo a ser admirado e imitado.

Além do uso de narrativas, fábulas e poemas, alguns autores fizeram uso de outro recurso narrativo que consistiu na simulação de uma espécie de contexto ficcional a partir do qual os preceitos eram progressivamente apresentados ao leitor. Lilia Moritz Schwarcz observa, com pertinência, o uso desse tipo de expediente no *Código do Bom Tom*:

Os artificios do texto, porém, fazem deste guia um exemplo original. Trata-se de obra de ficção sobre matéria de não ficção. Ou seja, a farsa começa desde o início do livro quando o leitor, pouco atento, pode deixar de notar o truque do manual. Embora tenha sido escrito por um Cônego - J. I. Roquette -, sua autoria é contudo, atribuída a um bom pai, um aristocrata que

⁵⁸ LIÇÕES DE BOA MORAL DE VIRTUDE E DE URBANIDADE. op. cit.

⁵⁹ O autor das *Lições* é espanhol, daí referir-se à Portugal como país vizinho.

saiu de Portugal em 1834 quando, tendo perdido a esposa, resolveu educar os dois filhos em Paris. ⁶⁰

É necessário notar que o *Código do Bom Tom* encontra nas *Lições De Boa Moral de Virtude e de Urbanidade* e, também, no *Thesouro de Meninos* uma parceria no que se refere à utilização desse “artifício”. No caso das *Lições*, a edição consultada na presente dissertação é de 1848, portanto, três anos posterior à primeira edição do *Código do Bom Tom*. Contudo, o *Catálogo da Biblioteca Municipal*⁶¹ informa-nos sobre a existência de uma terceira edição desta obra, em espanhol, feita em Londres, em formato in 12, pela Ackermann, no ano de 1828. O *Catálogo do Gabinete Portugues de Leitura*⁶² esclarece-nos, por sua vez, que esta edição de 1828 serviu à tradução para o português feita, em 1838, por Francisco Freire de Carvalho. Apesar de não possuímos a data da edição do exemplar consultado de o *Thesouro de Meninos*, essa obra foi, como assinalamos no capítulo I, publicada em 1808 pela Imprensa Régia⁶³, teve uma edição feita em Paris, no ano de 1870, vertida para o português por Matheus José da Costa⁶⁴, outra feita na mesma cidade em 1878 pela J. P. Aillaud, Guillard e C, no formato in 8^o e uma pela B.L. Garnier, no Rio de Janeiro, em 1881.⁶⁵ Em virtude dessas evidências editoriais, acreditamos que a “farsa” utilizada por Roquette inspirou-se, possivelmente, numa fórmula cuja viabilidade já havia se confirmado.⁶⁶

Essa fórmula consiste na elaboração de uma moldura narrativa que sustenta a apresentação dos preceitos. Essa moldura passa pela invenção de um autor das lições - normalmente um pai de família - que, por meio de diálogos (os quais podem ser divididos em tardes⁶⁷ ou conversações⁶⁸) com os filhos trata das mais variadas matérias relativas aos valores

⁶⁰ SCHWARCZ, Lilia Moritz. Introdução In: ROQUETTE, J. I. *Código do Bom Tom, ou, Regras de civilidade e de bem viver no século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 16.

⁶¹ *CATALOGO DA BIBLIOTECA MUNICIPAL*. Publicação oficial. Typ. Central de Brown e Evaristo. Rua Nova do Ouvidor, 1878.

⁶² *CATALOGO DOS LIVROS DO GABINETE PORTUGUES DE LEITURA* no Rio de Janeiro seguido de um suppelmento das obras entradas no Gabinete depois de começada a impressão. Rio de Janeiro, Typ. Commercial de F de Q. Regadas, Praça da Constituição, MDCCCLVIII.

⁶³ HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: EDUSP, 1985, p37.

⁶⁴ *CATALOGO DA BIBLIOTECA MUNICIPAL*. op. cit.

⁶⁵ Ambas edições constam no *CATALOGO DA BIBLIOTECA DO MUSEU ESCOLAR NACIONAL* organizado por Julio de Lima Franco. RJ, Typ. de G. Leuzinger e Filho, 1885.

⁶⁶ É necessário lembrar que a primeira parte das *Lições* é praticamente idêntica ao conteúdo presente no *Thesouro de Meninos*.

⁶⁷ É o caso, por exemplo da obra: *LIÇÕES DE BOA MORAL DE VIRTUDE E DE URBANIDADE* op. cit.

⁶⁸ Na obra *THESOIRO DE MENINOS*. op. cit., as matérias tratadas são divididas em “conversações”.

e padrões de conduta. No *Código do Bom Tom*, como observou Schwarcz, trata-se de um aristocrata, viúvo, que saíra de Portugal e, por dez anos peregrinara “*por terras estranhas, vendo povos e países que nunca vira, e ouvindo línguas e expressões que nunca ouvira.*”⁶⁹ Durante esse período, no qual Portugal passava por grandes agitações políticas, o pai - inspirado pela leitura de *Petit Carême* no qual o autor Massillon revela que até os filhos de soberanos estrangeiros iam à França estudar a polidez e a civilidade - envia os filhos Teófilo e Eugênia, com as idades respectivas de oito e seis anos, para estudar nos colégios franceses. Entretanto, considera o pai, *a sociedade também tem a sua gramática, que é necessário estudar*” de modo que decide dar aos filhos “por escrito” as regras de civilidade e bem viver capazes de conduzi-los convenientemente em quaisquer sociedades. Essa moldura narrativa é que introduz, literalmente, o leitor no universo das matérias tratadas pelo verdadeiro autor da obra. Nas *Lições de Boa Moral, Virtude e Urbanidade* essa situação narrativa inicial é vez ou outra retomada, como por exemplo, na “Tarde V” que trata do que o homem deve a sua pátria. Nessa tarde, os preceitos são ilustrados pelo próprio pai que interrompe o diálogo com os filhos, saindo numa tempestade para responder a um chamado da principal autoridade da província. Assim como as narrativas exemplares contidas no corpo dos manuais de conduta, essa narrativa, embora seja vez ou outra recuperada, não é plenamente desenvolvida, submetendo-se, sempre, à principal finalidade da literatura de cunho prescritivo que é a transmissão de valores e padrões de conduta por meio de preceitos.

Por quê um livro de condutas pretenderia passar-se por ficção para tratar, como bem observa Schwarcz, de matéria que não pertence ao domínio da ficção? Acreditamos que esse recurso, assim como o uso de anedotas, contos, histórias no corpo do texto, têm, possivelmente, relação com as críticas que o gênero sofreu desde o século XVIII, quando o romance surgiu e a ele foi atribuída uma eficácia maior sobre a condução dos valores e padrões de conduta do leitor.

Em lugar da simples apresentação dos valores e padrões de conduta, tem-se a simulação de uma narrativa, com personagens e diálogos - dois elementos presentes no romance - e o uso de exemplos capazes de retirar os preceitos do universo da abstração e da generalidade, particularizando-os por meio de histórias exemplares, contos, anedotas, fábulas. Esses dois

⁶⁹ ROQUETTE, J. L. Introdução In: *Código do Bom Tom, ou, Regras de civilidade e de bem viver no século XIX*. SCHWARCZ, Lília Moritz (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

recursos vêm, do nosso ponto de vista, tentar “resolver” o problema do caráter “árido”, “abstrato” e “generalizante” que foi imputado a esse tipo de literatura.

Cabe assinalar que o mercado editorial fluminense do século XIX ofereceu ao leitor esses textos de estrutura “híbrida” - que não são propriamente romances mas não se reduzem à mera apresentação dos preceitos - , e também aqueles restritos à apresentação dos preceitos. Ambos, pelo que nos sugere a ampla circulação no mercado editorial e a presença nas bibliotecas de uso coletivo, parecem ter sido bem aceitos pelo público leitor.

2.4. A moral nos romances de Macedo

Desde o século XIX, os críticos das obras macedianas têm, como tentaremos mostrar adiante, se preocupado em acentuar o caráter moral de sua produção literária.

Pode-se entender por moral um conjunto de valores e regras de ação - , ou seja, a constituição de um código ou conjunto prescritivo e, também, o comportamento real das pessoas, sobre os quais esse código pretende ter efeito.⁷⁰

Neste sentido, acreditamos que poucos são os críticos a tornar explícito de que código moral os romances de Macedo tratam ou mesmo como os personagens se comportam em relação a esse código, ou seja, como é a moralidade dos seus comportamentos. Essa indefinição quanto ao campo de elaboração e prática de um código moral diz respeito, provavelmente, à natureza literária do texto macediano. Se existe de fato uma dimensão moralizante em suas obras, ou seja, um código moral em relação ao qual os personagens adequam-se mais ou menos, este se encontra disperso ao longo de enredo e só pode ser

⁷⁰ “Por “moral” entende-se um conjunto de valores e regras de ação proposta aos indivíduos e aos grupos por intermédio de aparelhos prescritivos diversos, como podem ser a família, as instituições educativas, as Igrejas, etc. Acontece dessas regras e valores serem bem explicitamente formulados numa doutrina coerente e num ensinamento explícito. Mas acontece também delas serem transmitidas de maneira difusa e, longe de formarem um conjunto sistemático, constituírem um jogo complexo de elementos que se compensam, se corrigem, se anulam em certos pontos, permitindo, assim, compromissos ou escapatórias. Com essas reservas pode-se chamar “código moral” esse conjunto prescritivo. Porém, por “moral” entende-se igualmente o comportamento real dos indivíduos em relação às regras e valores que lhes são propostos: designa-se, assim, a maneira pela qual eles se submetem mais ou menos completamente a um princípio de conduta; pela qual eles obedecem ou resistem a uma interdição ou a uma prescrição; pela qual eles respeitam ou negligenciam um conjunto de valores; o estudo desse aspecto moral deve determinar de que maneira, e com que margens de variação ou de transgressão, os indivíduos ou os grupos se conduzem em referência a um sistema prescritivo que é explícita ou implicitamente dado em sua cultura, e do qual eles têm consciência mais ou menos clara. Chamemos a esse nível de fenômenos a “moralidade dos comportamentos”. FOUCAULT, Michel. Moral e

apreendido nessa dispersão. Se comparados às prescrições presentes nos livros de conduta que circularam no Brasil do século XIX, podemos dizer que os valores e padrões de conduta presentes nos romances de Macedo comportam um certo grau de opacidade.

Como vimos anteriormente, nem sempre há, na literatura prescritiva, uma história a ser contada e, quando esta é presente submete-se à apresentação dos preceitos. O romance moderno, enquanto gênero, privilegia justamente o que é acessório nos livros de conduta: a narrativa. A construção dos personagens, o cenário e a trama têm prioridade sobre a pregação moral que, neste caso, assume um papel secundário. Enquanto nos manuais de conduta o leitor encontra a exposição sistemática dos preceitos, nos romances ele os encontra dispersos ao longo do enredo, apresentados ao leitor por meio dos diálogos e comportamento dos personagens, assim como dos comentários que o narrador tece acerca dos mesmos. Entretanto, nessa dispersão é possível, segundo os críticos, perceber a "moral em ação". Tal tarefa exige, sem dúvida, um trabalho minucioso de desvelamento. A dificuldade em circunscrevê-la talvez explique, pelo menos parcialmente, a forma vaga de tratamento que recebeu, em particular, da crítica especializada no século XX.

Embora a problemática da moral seja uma constante nas críticas dos romances de Macedo pois, de forma geral, os críticos não deixam de abordá-la, mesmo que de forma passageira, percebe-se que tal problemática recebeu, no século XX, um tratamento diverso daquele empreendido pela crítica oitocentista. Essa diversidade diz respeito tanto ao valor atribuído à moral nos romances macedianos, quanto ao seu significado propriamente dito.

Pretende-se investigar essas críticas, tarefa que será levada a cabo retrospectivamente, ou seja, partindo daquelas produzidas no século XX e recuando no tempo, ao encontro da recepção contemporânea ao lançamento das primeiras edições dos romances macedianos. Neste último caso, estaremos trabalhando com duas críticas particulares: a de Dutra e Mello, sobre o romance *A Moreninha*, publicada na revista *Minerva Brasiliense* em 15 de outubro de 1844, e uma de autoria anônima referente ao romance *Os Dois Amores*, publicada na revista *Guanabara* em março de 1855.

Dentre as críticas do século XX que abordaram o tema da moral nos romances macedianos encontra-se a de José Veríssimo, publicada em sua *História da Literatura Brasileira*, na qual é tecida a seguinte consideração:

prática de si. In: *História da sexualidade: o uso dos prazeres*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

(*)
Cuidando aumentar-lhes o interesse, e acaso também fazê-los mais literários, carrega o autor no romanesco, exagera a sentimentalidade até à pieguice, filosofa banalidades a fartar e moraliza impertinentemente. São romances morais, de família; leitura para senhoras e senhoritas de uma sociedade que deles próprios se verifica inocente, pelo menos sem malícia, e que, salvo os retoques do romanesco, essas novelas parecem retratar fielmente. A sua filosofia é trivial, otimista e satisfeita, conforme o espírito da época romanceada. A sua moral tradicional nos povos cristãos, sem dúvidas, nem conflitos de consciência, a moral de catecismo para uso vulgar. Nem a prejudica o abuso de namoro, ou alguns casos de amor romanesco, pois tudo não aponta se não ao casamento e acaba invariavelmente nele, para completa satisfação dos bons costumes.⁷¹
(*)

O tema da moral na crítica de Veríssimo ganha uma intensidade - “moraliza impertinentemente” -, e um destino - para “senhoras e senhoritas”, ou seja, para o público feminino. Ganha, também, um adjetivo definidor de seu caráter e conteúdo: “tradicional dos povos cristãos”, e uma suposta função - “catecismo para uso vulgar”. Há que se notar, primeiramente, que a crítica de Veríssimo parte do princípio segundo o qual Macedo teria transposto para o romance os valores da sociedade que o rodeava, definida pelo crítico como “inocente e sem malícia”. Nesse sentido, haveria uma certa concordância entre a moral dos romances macedianos - “sem dúvidas e conflitos de consciência” e aquela do seu público leitor. Em suma, a uma sociedade que se verifica inocente corresponderia um romance portador de uma moral sem dúvidas e conflitos de consciência. Essa “moral de catecismo para uso vulgar”, calcada em princípios cristãos tradicionais, estaria de pleno acordo com os “bons costumes” da época, observa o crítico, como por exemplo, o casamento como desfecho dos namoros. Veríssimo parece supor que a adjetivação dessa moral permite ao leitor do século XX compreender o seu significado e conteúdo. Tem-se, também, a impressão de que essa moral está circunscrita a uma única prática social, a qual os romances retratariam: os namoros e casamentos que dele decorrem. Mesmo que assim fosse, o fato de tudo acabar em casamento, diz muito pouco sobre os valores que subjazem e orientam essa prática social. Se há uma relação entre o casamento e a “moral tradicional dos povos cristãos”, quais seriam os preceitos

Vol. 2, p. 26.

71 VERÍSSIMO, José. Os próceres do Romantismo. In: *História da Literatura Brasileira: De Bento Gonçalves (1601) a Machado de Assis (1908)*. (1ª edição: 1916) São Paulo: Ed. Letras & Letras, 1998, p. 234.

orientadores dessa moral? Verifica-se, assim, que o uso dos adjetivos para definir a moral dos romances de Macedo, acaba, neste caso, por assumir um caráter reducionista e por informar pouco sobre os possíveis preceitos que a constituiriam.

Um procedimento semelhante pode ser, também, observado em Antonio Candido quando considera que a moral dos romances macedianos consiste em fazer com que a maldade seja provisória e o bem definitivo:

Não é também de espantar que a sua visão seja tão pobre, e de quase todos os seus livros se desprenda uma boa vontade cheia de bonomia e optimismo. Se já houve quem dissesse que o mal é necessário, para Macedo ele é apenas passageiro. Vimos como em sua obra tudo se resolve, explica e perdoa. O escritor familiar timbra nas amenidades finais, que reconciliam com a vida e o semelhante. O vício é a privação momentânea da virtude; mesmo a pobreza é uma suspensão da abundância. A maldade é provisória, o bem, definitivo : eis a moral dos seus livros. Nunca escritor reduziu tanto a psicologia à moral, e esta ao catecismo.⁷²

Em primeiro lugar, caberia observar que Candido e Veríssimo compartilham da opinião segundo a qual os romances de Macedo seriam uma espécie de catecismo moral. Em segundo lugar, Candido equaciona o campo da moral a partir de dois conjuntos de noções opostas: o vício e a virtude, o bem e o mal. Desses dois conjuntos conclui que a moral dos romances macedianos consistiria, via de regra, na vitória do bem sobre o mal. Apesar de se aproximar da noção de moral do século XIX, que parece ser entendida como o campo das virtudes e dos vícios, Candido parece supor que tal campo teria um conteúdo a-histórico, não sendo necessário especificá-lo. Desse modo, não é possível, a partir de tal crítica, compreender em que consistiriam os vícios e as virtudes, assim como o bem e o mal. Neste caso, esbarra-se na problemática da historicidade dos códigos morais. As paixões e os comportamentos considerados viciosos ou virtuosos no século XIX não são, provavelmente, os mesmos do século XX. Nesse sentido, a crítica de Candido acaba esclarecendo pouco sobre as especificidades históricas do código ou códigos morais de que tratam os romances de Macedo.

⁷²CANDIDO, Antonio. O honrado e fecundo Joaquim Manuel de Macedo In: *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. 5a edição, Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975, vol II, p. 136-145.

Além disso, é necessário considerar que muito embora a moral pretenda-se universal, ou seja, válida para todos, numa mesma sociedade e numa mesma época, por certo pode-se verificar a convivência de variados códigos morais conformes grupos sociais diferenciados. A crítica macediana esteve muito atenta a este fato e não raro relacionou a moral dos romances macedianos a grupos sociais específicos que receberam denominações as mais variadas.

Essa relação de pertinência entre os códigos e os grupos sociais não escapou a Antonio Candido. O crítico afirma que devido ao fato de os romances macedianos serem fiéis ao “sistema de posições e relações” da sociedade em que o autor vivia, os relacionamentos amorosos neles presentes eram sempre marcados pelo interesse econômico, revelando, assim, *“alguns mecanismos essenciais da moral burguesa, apoiada na necessidade de adquirir, guardar e ampliar propriedade”*.⁷³

Assim como Antonio Candido, Wilson Martins ao explorar a “filosofia moralizante” dos romances de Macedo remete-se ao contexto externo ao romance, tentando encontrar nas obras do autor, os valores da sociedade em que foram geradas. Desse modo, é estabelecida uma relação entre os romances macedianos e as *“concepções patriarcais em que se fundava a sociedade brasileira da época”*:

*Isso corria por conta dos efeitos humorísticos que Macedo desejava provocar e que não excluem a filosofia moralizante da literatura romântica. Na Moreninha, é exemplar o diálogo entre Leopoldo e Augusto, o primeiro defendendo a idéia de que o verdadeiro amor só pode florescer na roça, onde os costumes são puros e a simplicidade de maneiras garante a autenticidade dos sentimentos. A cidade e a sociedade, ao contrário, estão repletas de insidiosos perigos para a honra feminina (tema predileto da ficção romântica); ao mesmo tempo, e numa contradição aparente, mas revelando seus verdadeiros sentimentos, Macedo mostrava-se partidário de uma educação ‘realista’, para o sexo feminino. A Moreninha, como os romances posteriores, reflete as concepções patriarcais em que se fundava a sociedade brasileira da época.*⁷⁴

⁷³ CANDIDO, Antonio. op. cit. p. 139.

⁷⁴ MARTINS, Wilson. O ano da *Moreninha*. In: *História da Inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977-78, vol. 2, p. 305.

A comparação entre a crítica de Wilson Martins e Antonio Candido evidencia, de certo modo, um traço comum àqueles que avaliaram as obras macedianas: a tentativa de interpretar o caráter moral de seus romances se dá, via de regra, pelo estabelecimento de uma relação entre a produção literária e a sociedade do período em que foi elaborada. Os críticos consideram que, de alguma maneira, pode-se encontrar, nos romances, uma espécie de “eco” dos valores que regiam a sociedade naquele momento.

Esse tipo de relação, particularmente no que diz respeito ao tema da moral, é questionada numa recente biografia sobre o autor. Na tentativa de explicar o porquê do caráter moralizante dos romances macedianos, a autora Tânia Rebelo afirma que Macedo teria a intenção de fornecer, por meio de seus romances, uma código ético para a burguesia do Império que se encontrava “desprovida de uma sólida bagagem moral”. Tal código seria, no caso, inspirado nas concepções do bom selvagem de Rousseau:

Mas o importante para a história da Literatura brasileira é que, tanto na primeira quanto na segunda fase de sua ficção, Macedo tentou formar uma nova mentalidade ética para a burguesia do Império, aparentemente algo desprovida de uma sólida bagagem moral. Buscou a essência da idéia do bon sauvage, na qual o homem é puro e bom, só corrompido ao contato com a sociedade. (...) Já na segunda fase de sua ficção, o bom selvagem é vencido pela sociedade, e começa a “daguerreotipá-la” tal como ela é, com seus vícios e depravações morais, tentando, agora mediante o exemplo do Mal, continuar sua tarefa romântica de edificação ética.⁷⁵

O ponto de vista de Rebelo diferencia-se dos demais na medida em que parte do pressuposto segundo o qual o romance é portador de uma ética inexistente na sociedade em que foi gerado, ou seja, ao invés de ecoar os valores dessa sociedade, tenta transmitir outros que lhe são desconhecidos. Entretanto, a autora mantém-se em posição semelhante aos demais críticos na medida em que, ao adjetivar o código em questão exime-se de explorá-lo detalhadamente. Considerando que uma sociedade, ou mesmo um grupo social específico não se perpetua com a ausência total de regras, pode-se supor que onde Rebelo vê a ausência,

⁷⁵ SERRA, Tânia Rebelo Costa *Joaquim Manuel de Macedo ou os dois Macedos: A Luneta Mágica do Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional Dep. Nacional do Livro, 1994, p. 33.

haja, possivelmente, um embate entre diferentes concepções sobre o que seria mais adequado ou desejável para a “sociedade” em termos de valores e padrões de conduta. É o que parece, em outro momento, sugerir a própria autora:

Mas o didatismo em nosso romancista transcende o moralismo. Ele pretende estabelecer e dar a seu público uma ética social, introduzindo novos, ou melhor, antigos conceitos morais do bom comportamento social. Introduz a “ética do bom selvagem”, a do homem da Idade do Ouro, onde todos são ontologicamente bons. É por isso que os puros, em suas obras da primeira fase sempre são recompensados (o romance bizantino também tem esse tipo de estrutura narrativa), mas curiosamente, os maus não são muito punidos, sobretudo n’ O Moço Loiro. Nenhum deles, nessa obra, tem um destino trágico.⁷⁶

Embora reconheça a existência de um conflito permeando o estabelecimento dos valores morais - conflito entre os “novos” e os “antigos” - e situe os ‘novos’ em referência à ética do bom selvagem, a biógrafa não revela especificamente quais seriam os bons comportamentos sociais que esses valores informariam.

Em suma, a partir da crítica de Martins, Antonio Cândido e Tânia, percebe-se que a análise da moral nos romances macedianos permanece, em grande medida, reduzida a adjetivações que carecem de uma exploração mais minuciosa dos próprios romances. Martins relaciona a moral com as concepções da “sociedade patriarcal”, mas não esclarece exatamente que concepções seriam estas; Candido considera a moral macediana “burguesa”, sustentada no princípio de aquisição e acúmulo de propriedade mas não demonstra como isto se dá nos romances, e Tânia Serra, apesar de ter uma visão completamente oposta à de Candido, vislumbrando nos romances macedianos uma ética rousseauísta destinada à burguesia do Império, não deixa de esbarrar no terreno vago dos conceitos do bem e do mal. Gostaríamos de ressaltar que o conceito de burguesia, utilizado pela crítica tanto no tratamento do romance quanto para a análise do público leitor, parece questionável em se tratando de uma sociedade escravista.

⁷⁶ SERRA, Tania Rebelo Costa. op. cit. p.46-47.

Feitas essas considerações, cabe notar que os comentários dos críticos não deixam dúvida quanto ao fato de Macedo ter concebido o domínio da moral como elemento integrante da narrativa ficcional. Essa concepção narrativa, não era, contudo, exclusiva do autor. Como vimos anteriormente, os críticos contemporâneos ao surgimento do romance moderno, tais como Staël e Diderot, atribuíram, de fato, um papel moralizador a esse gênero literário. Cabe, portanto, investigar como a crítica literária contemporânea ao lançamento dos romances macedianos equacionou essa relação entre o romance moderno e a moral.

Os dois textos analisados mostram familiaridade com o romance moderno e com os debates acerca do mesmo.⁷⁷

Dutra e Mello inicia seu artigo sobre *A Moreninha* observando que o romance moderno era uma nova forma literária de sucesso que manifestava, de maneira fecunda, as idéias de seu século. Entretanto, suas considerações sobre o gênero em questão não se restringiram a meros elogios:

*O romance, essa nova forma litteraria que se reproduz espantosamente, que mana caudal e soberba da França, da Inglaterra e da Allemanha, tem sido a mais fecunda e caprichosa manifestação de ideias do seculo actual. He incalculavel o numero de paginas semivivas, pallidas e esboçadas, raramente sublimes, consoladoras ou asceticas, mas com frequência dotadas de hum verniz brilhante, d'um colorido fozozo, que a improvisação enthusiasmada pela mania de hum mundo de leitores arranca do berço horaciano onde hum novennio [sic] de cuidados as aguardava. Fluctuando aqui e ali hum publico insaciavel as abraça, devora-as com avidéz, deixa-as com indifferença, calca rola na poeira e esquece para sempre.*⁷⁸

Apesar de o romance moderno agradar a Dutra e Mello, a ponto de considerá-lo a mais fecunda manifestação de idéias de seu século, o crítico tem reservas no que diz respeito a sua qualidade. O vínculo com a imprensa jornalística, observa, proporcionou ao gênero um

⁷⁷ Tal familiaridade decorre, provavelmente, da circulação de romances europeus no Brasil. Soares Amora observa que nos anos 30, ou seja, na década anterior à primeira edição de *A Moreninha*, os romances de Walter Scott e Victor Hugo começavam a ser vulgarizados entre os leitores brasileiros por meio do folhetim AMORA, Antônio Soares. Macedo In: *O Romantismo (1833-1838/1878-1881)*. São Paulo: Editora Cultrix, 1967, volume 2, p. 193. Cf. também MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

⁷⁸ MELLO, Dutra e. *A Moreninha*. *Minerva Brasiliense - Jornal de Ciencias, Letras e Artes*, publicado por huma associação de literatos, Rio de Janeiro, vol. II, n° 24, p. 746-751, outubro de 1844.

desenvolvimento espantoso, mas fez com que ele tivesse que satisfazer um gosto que se depravava, depravando-se também:

*(...) esqueceo-se de que devia fazer a educação do povo, ou pelo menos de que podia aproveitar o seu prestigio para isso. Penetrando na cabana humilde, na recamara sumptuosa, no leito da indigencia, no aposento do fausto, perdeu de vista o fanal que devia guiá-lo; deslembrou-se de levar a toda a parte a imagem da virtude e consolação mitigadora, a esperança e o horror do vicio.*⁷⁹

Dutra e Mello parece sugerir que os romances são facilmente esquecidos pelo leitor porque perderam sua função pedagógico-moral. Em suma, o romance perdeu de vista o objetivo que devia guiá-lo, que um dia fora seu: educar o povo e ensinar-lhe os caminhos da virtude.

Opinião semelhante é manifestada pelo autor anônimo da crítica ao romance *Vicentina*, publicada na revista *Guanabara* em 1855:

O romance é d'origem moderna; veio substituir as novellas e as historias, que tanto delectavam a nossos paes. É uma leitura agradável, e diríamos quasi um alimento de facil digestão proporcionado a estomagos fracos. Por seu intermedio pôde-se moralisar e instruir o povo fazendo-lhe chegar o conhecimento de algumas verdades metaphysicas, que aliás escapariam á sua comprehensão. Si o theatro foi justamente chamado a escola dos costumes, o romance é a moral em acção: o romancista tem ainda mais poder do que o dramaturgo; este só falla a alguns centenaes de pessoas, cujas posses e occupações lhes permitem de freqüentar os espectaculos, e aquelle dirige-se á numerosa classe dos que sabem lêr. Penetra no palacio e pousa sobre o esplendido bufete do rico e do nobre, sobre a meza de trabalho do litterato alcatifada de livros, folhetos e jornaes, dando a imagem perfeita do caos, [ininteligível] então penetra no alvergue do pobre, do artesão, e vae suavizar-lhe os amargores do trabalho recreando a sua intelligencia, e

⁷⁹ MELLO, Dutra e. op. cit. p. 747.

*infiltrando nella os principios de moral e de sãa philosophia, que devem servir-lhe de norma na escabrosa vereda da vida.*⁸⁰

Como pode-se notar, há, em ambas as críticas, um consenso em torno da necessidade de o romance ter uma função moralizadora. Os bons romances são, do ponto de vista desses críticos, aqueles capazes de propagar a virtude e criar o horror ao vício. Para o crítico de *Vicentina*, o romance produz benefícios quando obedece a algumas regras de composição, dentre as quais não “(...) propagar idéias funestas, que plantam a descrença n'alma, fazendo murchar uma por uma as flôres da esperança(...)”⁸¹ e não santificar os vícios sob as cores da virtude.

Esses críticos têm uma visão acerca do romance que combina um padrão de idealidade no qual a função moralizadora necessariamente deve estar compreendida e um certo pessimismo sobre os caminhos que o gênero estaria trilhando. Dutra e Mello refere-se a uma finalidade nobre, supostamente perdida pelo gênero em seu contato com as exigências da imprensa jornalística; e o crítico anônimo de *Vicentina* acredita numa “rápida decadência da litteratura romantica”.

É a partir dessas considerações, segundo as quais são considerados ruins e decadentes aqueles romances que não conseguem propagar a virtude e o horror ao vício, que os romances *A Moreninha* e *Vicentina* são avaliados.

A leitura da crítica de Dutra e Mello ao romance *A Moreninha* evidencia que sua concepção de moral diz respeito às paixões humanas, embora não se reduza a ela, e faz saltar aos olhos a dificuldade encontrada em fazer com que essa obra enquadre-se no padrão romanescos por ele considerado ideal. O crítico afirma, a certa altura que:

“Podesse ou não o autor lançando mão de uma grande verdade moral circumdal-a de factos envolvendo-a n'uma acção qualquer e fazel-a sobressahir da luta e sucessão desses factos; ou, inversamente, attentando um facto e as consequências ethologicas nelle englobadas, desenvolvel-as no correr d'um plano; podesse ou não tomar uma figura historica, uma paixão transcendente, ou na escala do amor hum gráo de maior vulto dedicação e nobreza, huma

⁸⁰ VICENTINA. *Guanabara, revista mensal, artistica, scientifica e litteraria* redigida por uma Associação de litteratos e dirigida por Manoel de Araujo Porto Alegre, Antonio Gonçalves Dias e Joaquim Manoel de Macedo, Rio de Janeiro, Tomo III, nº 1, março de 1855. p. 17.

*abnegação sublime, e trata-la com toda a expansibilidade de talento que possui: isso não nos diz respeito he questão ultra critica. Devem aceitar sua produção enquanto tal, collocar-nos no ponto de vista que a destinara, e compararmos a idêla que o possuía e a maneira porque nol-o traduzio. Tal he o nosso dever, o gostoso nos he dizer que o autor desempenhou completamente o fim que se propoz.*⁸²

De certa maneira, Dutra e Mello está considerando que o romance inaugural de Macedo não aborda nenhuma grande verdade moral, como devem fazê-lo, do seu ponto de vista, os bons romances. Esta consideração não o impede, logo adiante, de definir o romance nos seguintes termos: "*Linguagem casta e sévera, acção viva e seguida, rígida moral, côr apropriada - eis o que nos cumpre.*"⁸³ À primeira vista, ambas as afirmações parecem contraditórias. Entretanto, Dutra e Mello tem em vista que, embora Macedo não tenha dado "uma cor filosófica" ao seu romance de estréia e nele estejam ausentes "as grandes paixões", conseguiu elaborar uma obra em que "o disforme e o horroroso" são alheios ao plano, em que "reinem em toda a parte jovialidade, abandono e harmonia". Essa avaliação fica tão mais clara se considerarmos a cena eleita por Dutra e Mello como das mais sublimes e harmônicas do romance: a dos dois breves, em que, do seu ponto de vista, pode-se vislumbrar a mão caritativa estendida sobre a indulgência revelando o consórcio de duas "almas puras". Podemos concluir que o caráter moral dessa obra, decorre, para Dutra e Mello, menos do tratamento dados às paixões humanas do que da ausência de qualquer elemento que, de seu ponto de vista, seria capaz de derramar o horror sobre aquele que o lê. Pela apresentação "do quadro edificante da virtude" em vez do "pavoroso aspecto do crime" o romance ganha força para atrair as pessoas para o caminho da retidão moral.⁸⁴

Como vimos anteriormente, para o crítico do romance *Vicentina*, "o verdadeiro romance" é "moral e instrutivo", capaz de levar ao povo, que não tem "tempo para consagrar ao estudo" os "princípios de moral e de sã filosofia". Partindo desta concepção, o romance *Vicentina*, cumpre, satisfatoriamente suas exigências:

⁸¹ VICENTINA. op. cit. p.18.

⁸² MELLO, Dutra e. op. cit. p. 748.

⁸³ Ibidem. p.750.

⁸⁴ Ibidem. p.750

*O plano é simples e de summa moralidade: é uma lição dada às moças para que aprendam a preservar-se dessas serpentes, que se introduzem por entre as flôres, que sussuram aos seus ouvidos palavras fementidas[sic], que abusam do juramento para immolal-as nas aras da volupia, dando-lhes em troca da sua credulidade a miséria e o opprobrio!*⁸⁵

A valorização do caráter moral do romance e sua compreensão enquanto guia de conduta para o leitor, claramente expressa nas críticas de *A Moreninha* e *Vicentina*, aproximam-se das concepções de Staël e Diderot e afastam-se, sem dúvida, daquelas manifestadas na crítica literária que, no século XX, abordou a produção romanesca de Macedo. O diálogo entre as críticas do século XX e aquelas do XIX feitas ao romance *A Moreninha* e *Vicentina* permitem a percepção das diferentes expectativas em jogo. O termo “catecismo para uso vulgar” utilizado por Veríssimo ao referir-se aos romances de Macedo faz lembrar a compreensão do crítico de *Vicentina* acerca do romance. Moralizar e instruir o povo, eis o papel que atribuía a esse gênero literário. Ora, partindo dessa perspectiva, o fato do romance assemelhar-se a um catecismo constitui uma qualidade e não um defeito, como parece sugerir Antonio Candido ao afirmar que a psicologia dos romances macedianos era reduzida à moral e esta ao catecismo. Candido espera uma refinada elaboração psicológica dos personagens e no romance de Macedo não encontra isto. Contudo, o crítico Dutra e Mello elogia Macedo por poupar ao leitor as “*longas observações pathologico-morales sobre toda a companhia*”, não lhe incomodando, de maneira alguma, a construção posteriormente qualificada como “tipológica” das personagens dos romances macedianos.

Linhares afirma, com propriedade, que nos romances de Macedo “*a moral da história era reafirmada sempre no final do livro.*”⁸⁶ Reafirmar no final da história a “lição” que o leitor deveria tirar ao longo do desenvolvimento do enredo é, provavelmente, um procedimento adequado a uma concepção de romance que pretende transmitir valores e padrões de comportamento.

Ao analisar negativamente a dimensão moral das obras do autor, a crítica literária do século XX perdeu de vista que essa mesma dimensão moral era, no século XIX, extremamente

⁸⁵ VICENTINA. op. cit. p. 18.

⁸⁶ LINHARES, Temístocles. Instante de decisão In: *História crítica do romance brasileiro: 1728-1981*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade Estadual de São Paulo, 1987, p. 52.

valorizada em um romance. Em suma, perdeu-se de vista que os romances de Macedo eram valorizados, dentre outros motivos, por sua dimensão moralizante, a qual vinha ao encontro das expectativas da crítica literária contemporânea ao lançamento dos mesmos.

Além disso, o próprio conceito de moral deixou, na maior parte das vezes, de ser concebido enquanto o domínio das paixões humanas, tendo seu significado progressivamente esvaziado por meio de adjetivações que tinham por finalidade estabelecer associações entre o romance e a sociedade da época em que fora escrito.

As diferentes expectativas e avaliações das críticas do séculos XIX e XX em relação aos romances macedianos não se restringem à temática da moral, que nos interessa particularmente. Há outros dois temas, a saber, o do romance enquanto reflexo ou retrato da sociedade e o da qualidade técnica da narrativa que, por estarem presentes em ambas as críticas, favorecem uma visão privilegiada da historicidade das mesmas. Optamos por abordar esses dois temas pois acreditamos que as concepções e valores que neles estão implicados mantêm relação com o próprio discurso acerca da moral, sendo impossível, portanto, dissociá-los.

Há um certo consenso, entre a crítica literária do século XX, de que os romances de Macedo retratam, de certa forma, a realidade que o cercava. A sutileza no tratamento dessa concepção geralmente varia de um crítico para o outro. Embora haja alguns mais cautelosos, que se preocupam em observar a presença do elemento ficcional, há outros que consideram que seus romances são verdadeiros documentos da época.

Antônio Soares Amora, quando refere-se à *Moreninha*, fala em “romance de psicologia feminina e da sociedade carioca da época”⁸⁷ alegando, que uma das novidades da obra em questão residia no fato de ali estar presente a “*vida do Rio de Janeiro de 1843, tal qual cada leitor podia ver e viver, e com episódios passados com pessoas e em lugares que facilmente se identificariam*”⁸⁸. Amora chega a afirmar que *A Moreninha*, por sua desordem interna e “realismo”, era o oposto do que se entendia por romance naquele momento, a saber, uma narrativa que “*apesar de conter uma pretendida ‘verdade’ histórica ou social, era sempre, ficção.*”⁸⁹

⁸⁷ AMORA, Antônio Soares. Macedo In: *O Romantismo (1833-1838/1878-1881)*. São Paulo: Editora Cultrix, 1967, vol. 2, p. 214.

⁸⁸ Ibidem, p.218.

⁸⁹ Ibidem, p.218.

Essa compreensão do romance como uma espécie de retrato da sociedade inspirou, também, ensaios sobre temas muito específicos, como por exemplo, *As modas e os modos no romance de Macedo* de autoria de Humberto Campos, publicado na *Revista da Academia Brasileira de Letras* em 1920. É necessário notar que Humberto Campos coloca-se em defesa de Macedo, autor condenado pelos críticos de seu tempo por se limitar a “fixar figuras mediocres em ambientes burgueses”⁹⁰. Humberto Campos inverte essa escala de valores e, dentro de uma tradição crítica marcada pelo pensamento determinista, com suas explicações baseadas no clima, nas raças e no estado de civilização, elabora uma metáfora geológica para valorizar o suposto caráter documental da obra macediana. Segundo o crítico, tal como as pedras de carvão que absorvem calor e o guardam durante milênios para depois emaná-lo, a observação do meio social feita por Macedo teria a “mesma proibidade das plantas carbonizadas pelo tempo”, ou seja, o romancista teria guardado para nós, de forma inalterada, um “espelho” de sua época:

*Nessa província da vaidade humana, os romances de Joaquim Manoel de Macedo têm, insensivelmente, o valor de um documento. Constituído o melhor conjunto de quadros da antiga vida brasileira, que possuímos, os seus livros têm o mérito de reconstituir, aos nossos olhos, a vida prosaica de nossos avós, com os seus costumes, as suas modas, os seus prejuízos, os seus defeitos, e, sobretudo a sua pudicícia.*⁹¹

Os críticos que compreendem os romances macedianos enquanto espelho ou retrato do momento histórico em que fora produzido atribuem-lhes um caráter documental. Nesse contexto, é necessário ter em vista que a ficção macediana só pode ser “documental” para uma crítica literária que não é contemporânea à produção da mesma, ou seja, que a interpreta posteriormente ao momento de sua produção. Acreditamos, entretanto, que o fato de o ambiente, descrição dos personagens e costumes serem visivelmente diferentes dos nossos, homens do século XX, não nos permite postular que o romance retrata exatamente como a sociedade era à época em que foi escrito o romance, como parece acreditar Humberto de

⁹⁰ CAMPOS, Humberto. *As modas e os modos no romance de Macedo*. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, Rio de Janeiro, anno IV, n.º 16, p.4 -45, outubro de 1920.

⁹¹ *Ibidem*. p. 12.

Campos. Luiz Roncari⁹² considera que, embora o romance tenha permitido ao escritor observar o mundo social próximo a ele, representando os homens em suas relações rotineiras, permitiu, também, que a representação do mundo fosse estilizada e suavizada e que os leitores fizessem dele um passatempo e instrumento de ilusão. Sem entrar no mérito da “suavização” e do suposto caráter ilusório do gênero, gostaríamos de ressaltar que entendemos, também, o romance enquanto representação de uma certa realidade. É, de fato, possível encontrar evidências sobre costumes da época nos romances macedianos. Podemos dar um exemplo simples, porém ilustrativo: no romance *A Moreninha* há uma cena em que os personagens passeiam pelo jardim e o narrador observa que a todo momento fazia-se referência ao dicionário das flores. No *Diccionario das Flores, Folhas, Fructas e objetos mais usuaes com suas significações ou vademecum dos namorados*⁹³, publicado pela livraria Garnier, podemos encontrar, de fato, um sistema de atribuição de significados às mais diversas flores. Mas, no romance tem-se a representação de uma cena na qual as personagens brincam com esse sistema:

—Acácia!

—Sonhei com você!

—Amor-perfeito!

—Existo para ti só! Tornava imediatamente.

*E o mesmo fazia a respeito de todas as flores que lhe mostravam. Era uma doutora de borla e capelo em todas as ciências amatórias; e esta menina era, sem mais nem menos, aquela languida e sonsinha d. Quinina... Fiai-vos nas sonsas!*⁹⁴

Ora, essa representação não é, de forma alguma, incidental. Ela serve à construção de um personagem e, se observarmos atentamente, a um julgamento de valor que recairia sobre ele em particular, e sobre outros que poderiam assemelhar-se a ele. Daí o “conselho” do narrador: *Fiai-vos nas sonsas!* Embora uma análise detalhada do romance deva ser feita no

⁹² RONCARI, Luiz. Comentário e análise do romance *A Moreninha* In: *Literatura Brasileira: dos primeiros cronistas aos últimos românticos*. São Paulo: Edusp, 1995.

⁹³ *DICIONARIO DAS FLORES, FOLHAS, FRUCTAS E OBJETOS MAIS USUAES COM SUAS SIGNIFICAÇÕES OU VADEMECUM DOS NAMORADOS* oferecido aos fieis subditos de cupido. Novissima edição, Rio de Janeiro, B.L. Garnier, Livreiro-Editor, 1886.

⁹⁴ MACEDO, Joaquim Manuel de. *A moreninha*. São Paulo: Editora Ática, 14ª edição, 1986, p. 39.

próximo capítulo, fizemos uso desse exemplo para problematizar essa noção de romance-documento. Acreditamos que o romance traz vestígios de crenças, usos, costumes passados. Nesse sentido, ele é mais um monumento que um documento de sua época⁹⁵, exigindo, por parte do crítico literário uma postura cautelosa, que leve em conta o caráter de representação da narrativa. Mesmo que o autor tivesse a intenção de fazer um retrato de sua época, por certo escolheria, da realidade circundante, certos aspectos que estariam de acordo com seus interesses e com a imagem que gostaria de transmitir sobre essa realidade. No que diz respeito ao campo da moral, a dificuldade em trabalhar com a noção de romance-documento é tanto maior na medida em que não se pode afirmar com certeza se os valores e padrões de conduta representados no romance reproduzem aqueles da sociedade em que o autor está inserido ou se, pelo contrário, representam os valores que o autor desejaria que esta sociedade adotasse para si. O fato de o romance apresentar elementos reconhecíveis pelo leitor em seu cotidiano, não significa propriamente que esta representação seja uma reprodução fiel da realidade. Caso o romance reproduzisse fielmente a totalidade dos valores e padrões de conduta adotados pelo leitor em seu cotidiano, não se poderia, como ocorreu, atribuir ao gênero uma função pedagógico-moral, pois esta se sustenta, em grande medida, sobre a possibilidade de fornecer ao leitor o acesso a um código de conduta que, supostamente, não lhe seria familiar. A semelhança entre o universo ficcional e o universo do leitor, extremamente valorizada pelos críticos enquanto sustentáculo da função pedagógica do romance moderno, não deve, portanto, ser entendida como identidade plena entre ambos. Em certo sentido, essa semelhança foi considerada o solo a partir do qual a função pedagógico-moral poderia dar-se. O fato de o leitor encontrar no romance situações familiares e próximas de seu cotidiano não significa, necessariamente, que os valores e padrões de conduta dos personagens sejam os mesmos que o seus.

Dutra e Mello, por exemplo, ao mesmo tempo em que reconhece a relação entre esses dois universos - *“A Sra. D. Violante he o typo de huma classe numerosa entre nós, que o*

⁹⁵ *A memória coletiva e sua forma científica, a história, aplicam-se a dois tipos de materiais: os documentos e os monumentos.*

De facto, o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efectuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores.

Estes materiais da memória podem apresentar-se sob duas formas principais: os monumentos, herança do passado, e os documentos, escolha do historiador. LE GOFF, Jacques. Documento/monumento In: *ENCICLOPÉDIA Einaudi*. Porto: Imprensa Nacional -Casa da Moeda, 1984, vol , p.95.

*autor sentio e desenhou com justeza.*⁹⁶ -, valoriza o fato de Macedo não ter pintado em seu romance nada que fosse “disforme e horroroso”, ou seja, de ter fornecido ao leitor apenas exemplos de valores e condutas virtuosas. Em suma, é na diferença entre o universo ficcional - que só fornece bons exemplos - e o universo real - no qual se pode verificar vícios e virtudes - que reside, para Dutra e Mello, a função pedagógico-moral do romance *A Moreninha*.

Parece ter havido, também, leitores que não concordaram exatamente com o “retrato”, como dizem, feito por Macedo. Desse provável grupo, Dutra e Mello traz um depoimento anônimo muito interessante. O crítico dirige-se “em confidência” a Macedo para relatar que “uma senhora de muita perspicácia” teria acusado o autor de tratar com “*leveza a paixão predileta de seu sexo; de ter calumniado o coração feminino, e de ter feito tão apazível hum episódio que tanto as offende*”⁹⁷ A julgar-se pelo contexto da crítica, a “senhora” estaria referindo-se ao episódio da carta de Fabrício a Augusto, na qual o primeiro queixa-se dos caprichos de uma namorada e requisita o amigo para ajudá-lo a livrar-se dela. A opinião dessa leitora anônima, a qual não podemos saber se era ou não invenção do próprio crítico, é interessante num duplo sentido: revela que os leitores viam as cenas e os personagens como representação de grupos ou de si mesmos, mas nem por isso as aceitavam passivamente. Estavam, pois, dispostos a questionar o ponto de vista do autor e, também, a recusá-lo. Num outro sentido, esse relato evidencia a eficácia do romance no plano moral: a leitora não aceita identificar-se com uma personagem cuja caracterização não é positiva. Essa condução do leitor rumo a uma identificação com a virtude é, como vimos, o que se espera de um romance naquele momento.

É necessário, portanto, desconfiar dessa noção de que o romance macediano é um retrato fiel da sociedade de sua época. Retrato fiel de quem? Do que as pessoas eram, embora, eventualmente, não se reconhecessem nele? Do Brasil, ou de uma elite fluminense? Dos pobres ausentes? Do negro, escravo, animalizado⁹⁸ na representação que dele se fez? Preferimos acreditar que o romance é uma representação de determinada realidade ou de alguns de seus aspectos, eleitos por seu autor .

Passemos, então para o segundo tema - o da qualidade técnica - que nos leva à problemática das exigências feitas ao romance macediano. Cabe assinalar que esse tema abarca

⁹⁶ MELLO, Dutra e. op. cit. p.748.

⁹⁷ MELLO, Dutra e. op. cit. p.748.

⁹⁸ MACEDO. op. cit. p. 19.

as discussões sobre a construção do enredo, dos personagens, da linguagem e tem, via de regra, um parâmetro referencial de qualidade que pode ou não ser explicitado ao leitor.

Começemos por José Veríssimo. Em sua *História da Literatura Brasileira* o crítico afirma que Macedo:

*"(...) nem pelo vigor do pensamento, nem por qualidades de expressão literária, se abaliza como escritor. É como criador, como Magalhães e Teixeira e Souza, e mais eficaz do que estes, do romance brasileiro, como um dos principais fomentadores do nosso teatro, e porventura o seu melhor engenho, como autor de um poema romântico, no gênero um dos melhores produtos literários dessa época, e enfim pela influência que, principalmente como romancista, exerceu, que Macedo é um dos tipos mais vivos da nossa literatura."*⁹⁹

Decorre desta afirmação pensarmos que a produção romanesca de Macedo valeria nada, não fosse o fato de ter incentivado outros que o sucederam no tempo e o superaram em termos qualitativos. Seu papel literário, do ponto de vista de Veríssimo, reduziu-se à fundação do romance "brasileiro". Tomando por verdade que o romance macediano tenha esse caráter fundador, ou seja, que contenha ícones capazes de simbolizar a nacionalidade brasileira, resta notar que a avaliação de Veríssimo desmerece a qualidade literária do texto tendo em vista outros, "melhores", porém não revelados ao leitor.

Wilson Martins prefere o termo "estilo" à "expressão literária", tal como o utilizou Veríssimo. Mas a perspectiva é muito semelhante:

*Infelizmente, ele não tinha o estilo das idéias, nem mesmo o estilo propriamente dito. Bem entendido, escrevia-se geralmente mal a essa altura, além da gosma natural ao patos narrativo. No seu caso pessoal, entretanto, tal acontecia precisamente porque não era essa a sua forma natural e espontânea de expressão."*¹⁰⁰

⁹⁹ VERÍSSIMO, José. op. cit. p. 232.

¹⁰⁰ MARTINS, Wilson. Deus escreve direito por linhas tortas. In: *História da Inteligência brasileira*. São Paulo, Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1977-78, vol. 2, p. 414.

A “forma natural e espontânea de expressão” de Macedo era, para Wilson Martins, a comédia, o olho para o “grotesco” como afirma logo adiante. O argumento de Martins combina um julgamento que incide sobre a pessoa de Macedo - segundo a tradição, diz ele, “um homem alegre, que gostava de rir” e que, portanto, deveria expressar-se naturalmente nas comédias - com outro de caráter mais geral - “escrevia-se mal naquele tempo”. A crítica parece sugerir que os bons escritores seriam aqueles cujas obras coincidem e refletem seus respectivos temperamentos e que teria havido um “progresso”, uma “evolução” da linguagem literária brasileira com o decorrer do tempo. Ficamos imaginando que se Macedo escrevesse nos dias atuais, sua obra seria muito melhor. De uma maneira geral, a crítica de Martins recoloca aquela de Veríssimo, segundo a qual Macedo seria pobre nas idéias e no estilo. Wilson Martins considera que Macedo deve ser lido “no contexto das expectativas de leitura de seu tempo e não pelas do nosso” e que isto o deixa “em boa postura mesmo quando comparado com o romance estrangeiro da mesma época”¹⁰¹. Entretanto, ao referir-se a *A Moreninha* afirma que é um marco enquanto romance de costumes, na fixação de tipos e na concepção da cena romanesca sendo, contudo, pobre em termos de elaboração técnica, de criação de um estilo de linguagem literária e de narrativa romanesca.¹⁰² Em suma, no momento mesmo em que reconhece a necessidade de avaliar uma obra dentro dos parâmetros históricos das expectativas de seu tempo, Wilson Martins avalia a qualidade técnica do romance macediano a partir de suas próprias expectativas, bem diversas, como veremos, dos críticos do século XIX.

Quanto à linguagem literária, Antonio Candido afirma que os romances de Macedo parecem “narrativa oral de alguém muito conversador” e observa:

*Ora, em boa literatura, apenas na aparência a prosa é natural ou equivalente da fala diária; entre ambos há um afastamento necessário, sempre que o escritor pretende algo mais que divertir um público mediano. No romance brasileiro dêsse período, é muito acentuada a tendência para a prosa falada, seja familiar, seja oratória. Assim é em Teixeira e Sousa, em Macedo e, como veremos, Bernardo Guimarães, que é uma espécie de Macedo caipira.*¹⁰³

¹⁰¹ MARTINS, Wilson. O ano da *Moreninha*. In: *História da Inteligência brasileira*. São Paulo, Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1977-78, p. 300-301.

¹⁰² Ibidem. p. 301.

¹⁰³ CANDIDO, Antonio. op. cit. p. 138.

Essa “tagarelice” tem, do ponto de vista de Candido, a vantagem de corrigir a grandiloquência dos românticos, despertar interesse pelo mundo circundante e chamar a atenção para os pormenores que definem melhor a natureza das ações. É ela, segundo o crítico, que define a simplicidade e familiaridade de estilo valorizada por Dutra e Mello no ensaio sobre *A Moreninha*. Entretanto, fica claro que a produção literária de Macedo, considerada por Antonio Candido “longa e prolixa”, pertenceria, segundo o raciocínio acima, à categoria da má literatura. Avaliando especificamente a estética dos romances macedianos, Candido afirma que estaria assim resumida: *Realidade, mas só nos dados iniciais; sonho, mas de rédea curta; incoerência, à vontade; verossimilhança, ocasional; linguagem, familiar e espraiada (...)*¹⁰⁴

Como pode-se notar, o tema que denominei “qualidade técnica” abarca, na verdade, inúmeros discursos nos quais se efetiva uma desqualificação - “técnica” - da produção literária de Macedo. Em certo sentido, essa desqualificação equaciona uma lógica da falta - de “estilo”, de “expressão literária”, de uma linguagem “adequada”, enfim, do padrão de qualidade que os críticos do século XX têm em mente ao lerem os romances do autor. Considerando que esse padrão é elaborado no interior do processo de constituição da própria História da Literatura, ou seja, retrospectivamente, avaliando o passado com os olhos do presente, propomos que nos utilizemos agora de outros olhos, mais propriamente os da crítica contemporânea à publicação dos romances *A Moreninha* e *Vicentina*. Interessa-nos saber o que essa crítica tem a dizer a respeito das “qualidades técnicas” desses romances.

O romance, no que diz respeito aos diálogos, parece agradar muito Dutra e Mello:

*O diálogo he rápido, insinuante, e cheio de vida; os caracteres bem annunciados e o contraste entre a figura molle e graciosa de Augusto e a indole positiva secca e egoísta dos seus collegas, faz hum bello efeito.*¹⁰⁵

Em crítica não assinada, publicada na *Revista Guanabara*, considera-se, por sua vez, que o romance *Vicentina* apresenta uma elaboração adequada dos diálogos se comparado à produção de outros romancistas:

¹⁰⁴ CANDIDO, Antonio. op. cit. p.137.

¹⁰⁵ MELLO, Dutra e. op. cit. p. 748.

*O diálogo de ordinário tão enfadonho em quasi todos os romancistas, que obriga-nos a voltar algumas paginas, é vivo e animado. Nenhuma circumstancia póde ser omitida, e os episódios se ligam de tal modo com a acção principal, que a realçam embelezando-a.*¹⁰⁶

Essa satisfação com a rapidez dos diálogos, observada em ambos os críticos, vem, segundo Dutra e Mello, ao encontro de expectativas já existentes:

— Para nós, que desejamos no diálogo tanta energia como ansiedade no enredo, he este um dos principaes titulos do nosso autor a justos louvores.
107

A caracterização dos personagens é considerada adequada na medida em que poupa o leitor de descrições e observações exaustivas sobre os mesmos:

*Aqui bem longe de traçar-nos uma topografia exacta do salão, de desenrolar-nos brilhantes hypotyxis ou de espraiar-se em longas observações pathologico-moraes sobre toda a companhia, o autor define as senhoras em duas palavras e chegando aos homens diz: — vamos adiante. Isto nos agrada muito e em verdade parece-nos muito melhor deixar transluzir e manifestar-se pelos factos o carater de uma personagem do que fatigar-se ao principio em descrevel-o.*¹⁰⁸

A descrição sucinta agrada a Dutra e Mello não apenas no que diz respeito à construção dos personagens, mas também no que concerne ao cenário onde se passa a ação:

*Tranportemos-nos agora ao fóco de acção, a essa ilha encantada de cuja descripção dispensou-nos o bom gosto do autor: dizemos bom gosto, porque o elemento descriptivo, (pedra de toque aliás do mérito poético) he hoje tão insulsamente empregado que menos interessa do que fatiga.*¹⁰⁹

¹⁰⁶ VICENTINA. *Guanabara, revista mensal, artistica, scientifica e litteraria* redigida por uma Associação de literatos e dirigida por Manoel de Araujo Porto Alegre, Antonio Gonçalves Dias e Joaquim Manoel de Macedo, Rio de Janeiro, Tomo III, nº 1, março de 1855, p. 20.

¹⁰⁷ MELLO, Dutra e. *A Moreninha. Minerva Brasiliense - Jornal de Sciencias, Letras e Artes*, publicado por huma associação de literatos, Rio de Janeiro, vol. II, nº 24, outubro de 1844, p. 748.

¹⁰⁸ *Ibidem.* p. 748.

¹⁰⁹ *Ibidem.* p. 748.

Em certo momento, o crítico se pergunta: “*Que diremos ainda ao leitor? — O romance prossegue e v^{oa} ao fim com rapidez, tudo se liga e se esclarece*”¹¹⁰, afirmando, logo em seguida, que o “*(...) desenho é simples e regular; não se vê perplexo o espirito, nem se agita com ansiedade [sic] pelo exito; as explicações fazem-se pouco esperar.*”¹¹¹ Enfim, “*Tudo se diz de passagem, rapidamente; tudo se pinta n’hum traço: — nada há de carregado.*”¹¹²

Essa análise crítica de Dutra e Mello parece revelar uma expectativa de leitura bem diferente daquela que se tem atualmente com relação à produção ficcional de Macedo e, em particular, de seus romances. Seria um equívoco afirmar que os discursos de Dutra e Mello e do crítico da *Revista Guanabara* representam as expectativas da totalidade dos leitores naquele momento, pois ambos pertencem a um grupo restrito com o qual estivemos trabalhando neste capítulo: o da fala autorizada sobre a obra, ou seja, os críticos literários. Entretanto, os registros sobre a circulação dos romances de Macedo nas bibliotecas do Rio de Janeiro do século XIX nos fazem crer que a apreciação positiva dos romances de Macedo pelos críticos deveria ser, em grande medida, avalizada por um público leitor mais amplo.

A consulta do *Catálogo dos livros da Biblioteca Fluminense*¹¹³ referente ao ano de 1852 informa que, em seu acervo, encontravam-se disponíveis para leitura as seguintes obras: *Os Dous Amores*¹¹⁴. Romance brasileiro pelo Dr. Joaquim Manoel de Macedo. RJ, 1848, 2 vol. In 8.; *A Moreninha*¹¹⁵ pelo Dr. Joaquim Manoel de Macedo. Terceira edição publicada por Agra e Cia. RJ, 1849, in 8º; *O Moço Loiro*¹¹⁶ por Joaquim Manoel de Macedo doutor em medicina, RJ, 1845, 2 vol., in 8º.

¹¹⁰ MELLO, Dutra e. op. cit. p.750.

¹¹¹ Ibidem. p.750.

¹¹² Ibidem. p.750.

¹¹³ *CATALOGO DOS LIVROS DA BIBLIOTECA FLUMINENSE*. Rio de Janeiro, Typographia Commercial de Soares e c., rua da Alfandega, nº 6, 1852.

¹¹⁴ Segundo o *Diccionario Bibliographico Brasileiro* trata-se da primeira edição, havendo uma segunda em 1854, uma terceira em 1862 e uma quarta em 1887 pela Garnier. Cf. Joaquim Manoel de Macedo. In: SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves *DICCIONARIO BIBLIOGRAPHICO BRAZILEIRO*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883, vol. 4, p. 183-190.

¹¹⁵ Segundo SACRAMENTO BLAKE. op. cit. , a 2ª edição é de 1845, a terceira de 1849, a quarta de 1860, a quinta de 1872, feita em Paris, e haveria outra, publicada na “Biblioteca das Damas”, no Porto, em 1854.

¹¹⁶ Segundo SACRAMENTO BLAKE. op. cit. , a primeira edição é de 1845, a segunda de 1854, a terceira de 1862 e a quarta de 1876, sendo publicada em 1855 e 1856, na Biblioteca das Damas, no Porto.

O *Catálogo dos Livros do Gabinete Portugues de Leitura*¹¹⁷ referente ao ano de 1858 tem disponíveis, as seguintes edições das obras do mesmo autor: *Os Dois Amores, romance brasileiro, pelo dr. Joaquim Manoel de Macedo, em 8º, RJ, 1848*; *A Moreninha por J. Manoel de Macedo, sd., sl.*; *O Moço Loiro por J. M. de Macedo, RJ, 1845* e *Rosa*¹¹⁸, romance por Joaquim Manoel de Macedo em 8º, RJ, 1854.

Vinte anos depois, no *Catálogo da Biblioteca Municipal*¹¹⁹ era possível encontrar, logo abaixo da referência “Macedo (Dr. Joaquim Manoel de)” a seguinte listagem de obras: *A Carteira de meu tio*¹²⁰. 3ª ed., RJ, 1867, Eduardo e Henrique Laemmert, in 8º; *O Culto do Dever*¹²¹. RJ, 1865, Domingos José Gomes Brandão, in 8º; *Os Dous Amores*, 3ª ed., RJ, 1862 Domingos José Brandão, in 8º; *O Forasteiro*¹²². 2ª ed., RJ, B. L. Garnier, in 8º; *A Luneta Mágica*¹²³. RJ, B. L. Garnier, in 8º; *Mazzelas da Actualidade*¹²⁴, RJ, 1867, Typ. de Imp. Inst. Artístico, in 8º; *Memorias de um sobrinho de meu tio*¹²⁵, R.J, Typ. de Laemmmert, in 8º; *O Moço Loiro*. 3ª ed., RJ, 1862, Domingos José Gomes Brandão, in 8º; *A Moreninha*¹²⁶. 5ª ed., RJ, 1872, B.L.Garnier, in 8º; *Mulheres de Mantilha*¹²⁷. Rom. Hist. RJ, 1870, B.L.Garnier, in 8º; *A Namoradeira*¹²⁸. RJ, 1870, B.L.Garnier, in 8º; *Nina*¹²⁹. 2ª ed., RJ, 1871, B.L.Garnier, in

¹¹⁷ *CATALOGO DOS LIVROS DO GABINETE PORTUGUES DE LEITURA* no RJ seguido de um suplemento das obras entradas no Gabinete depois de começada a impressão. RJ, Typ. Commercial de F. de ° Q. Regadas, Praça da Constituição, MDCCCLVIII.

¹¹⁸ Segundo SACRAMENTO BLAKE, op. cit., a primeira edição do romance é de 1849, havendo saído, sob o título da Biblioteca Guanabarenses, da revista *Guanahara*. A edição seguinte, considerada a primeira, é de 1851, a segunda de 1854 e a terceira de 1861. Haveria uma edição de Lisboa sobre a qual o autor do dicionário bibliográfico não oferece nenhuma informação.

¹¹⁹ *CATALOGO DA BIBLIOTECA MUNICIPAL*. Publicação Oficial. Typ. Central de Brown e Evaristo. Rua Nova do Ouvidor, 1878.

¹²⁰ Segundo SACRAMENTO BLAKE. op. cit., a primeira edição é de 1855, a segunda de 1859, a terceira de 1867 e a quarta, feita pela Garnier. O romance teria sido publicado, também, na *Marmota Fluminense* desde o nº 541, de 19 de janeiro de 1855 até o nº 644 de 2 de novembro do mesmo ano.

¹²¹ Segundo SACRAMENTO BLAKE, op. cit., a primeira e única edição é de 1865. Cabe notar que o autor do dicionário tece o seguinte comentário a respeito da obra: “É um livro de muita moral”.

¹²² Segundo SACRAMENTO BLAKE. op. cit., a primeira edição é de 1855 e a segunda não tem data. A partir de 4 de fevereiro de 1855 o romance foi publicado na *Marmota Fluminense*.

¹²³ Segundo SACRAMENTO BLAKE. op. cit., a primeira edição é de 1869. Consta o seguinte comentário: “É um livro de satyra”.

¹²⁴ SACRAMENTO BLAKE, op. cit. restringe-se a comentar que se trata de “um romance de improviso”, em verso.

¹²⁵ Segundo SACRAMENTO BLAKE, op. cit. esta obra é continuação da “*Carteira de meu tio*”. A data de edição fornecida pelo dicionário é 1867-1868. Consta, também, o seguinte comentário: “É um livro de satyra politica e social”.

¹²⁶ Segundo SACRAMENTO BLAKE, op. cit., a 5ª edição foi publicada em Paris no ano de 1872

¹²⁷ Segundo SACRAMENTO BLAKE, op. cit., a primeira edição é de 1870.

¹²⁸ Segundo SACRAMENTO BLAKE, op. cit. trata-se da primeira edição.

¹²⁹ Segundo SACRAMENTO BLAKE, op. cit., a primeira edição é de 1869 e a segunda de 1871.

8^o; *Um Noivo á Duas Noivas*¹³⁰. RJ, 1871, B.L.Garnier, in 8^o; *Um Passeio pela Cidade do RJ*¹³¹. RJ, 1863, Typ. de J.M. Nunes Garcia, in 4^o; *Os Quatro Ponto Cardeais; Misteriosa. Rom.* RJ, B.L.Garnier, in 8^o; *O Rio de Quarto*¹³². RJ, 1869, Eduardo e Henrique Laemmert, in 8^o; *Os Romances da Semana.* RJ, 1861, Domingos José Brandão, in 8^o; *Rosa.* RJ, 1861, Domingos José Brandão, in 8^o; *Vicentina*¹³³. 3^a ed., RJ, 1870, B.L.Garnier, in 8^o e *Victimas Algozes Quadros da escravidão*¹³⁴.. Rom. RJ, 1869, Typ. Americana, in 8^o.

Os catálogos evidenciam a presença marcante das obras macedianas nas bibliotecas do século XIX. É evidente que essa disponibilidade da produção literária do autor não nos dá nenhuma certeza sobre a leitura de suas obras mas, sem dúvida, faz-nos crer que havia leitores suficientes a ponto de justificar a presença dos romances mais recentes de Macedo no acervo da Biblioteca Pública Municipal. Estamos denominando recentes aquelas obras cuja data de edição está muito próxima da data de publicação do próprio catálogo da Biblioteca (1878). É o caso, por exemplo, da terceira edição de *Vicentina*¹³⁵, de 1870; *A namorada*¹³⁶, também de 1870; a segunda edição de *Nina*¹³⁷ datada de 1871, *Vítimas Algozes*¹³⁸, de 1869 e a quinta edição de *A Moreninha*¹³⁹, de 1872. Consideradas as datas dos exemplares pertencentes a essa biblioteca, podemos dizer que em seu acervo o leitor podia encontrar as mais recentes edições desse autor. Esses registros colocam dúvidas acerca de certas afirmações segundo as quais Macedo já estaria, nos idos da década de 50, em franca decadência junto ao público leitor.

Soares Amora chega a afirmar, por exemplo, que o prestígio de Macedo como escritor de ficção não teria sido crescente, como foi aquele que adveio de sua carreira política. O

¹³⁰ Segundo SACRAMENTO BLAKE, op. cit. a primeira edição é de 1871.

¹³¹ Segundo SACRAMENTO BLAKE, op. cit., houve uma edição de 1862-1863 com 12 estampas. A respeito da obra tem-se o seguinte comentário: "coleção de escritos diversos e publicações feitas em folhetins no Jornal do Commercio, em estylo romantico."

¹³² Segundo SACRAMENTO BLAKE, op. cit. trata-se de um romance histórico publicado em 1869.

¹³³ Segundo SACRAMENTO BLAKE, op. cit., a primeira edição é de 1853, a segunda de 1859 e a terceira de 1870.

¹³⁴ Segundo SACRAMENTO BLAKE, op. cit., a primeira edição é de 1869 e nela "o autor busca excitar a compaixão para o escravo e propagar o abolicionismo."

¹³⁵ Segundo SACRAMENTO BLAKE, op. cit., a primeira edição desse romance data de 1853, a segunda de 1859 e a terceira, da Biblioteca Municipal, é de 1870.

¹³⁶ Segundo SACRAMENTO BLAKE, op. cit. esse romance teve uma edição em 1870, ou seja, a mesma que consta no *Catálogo da Biblioteca Municipal*

¹³⁷ Segundo SACRAMENTO BLAKE, op. cit., a primeira edição teria sido feita em 1869.

¹³⁸ Esta seria a primeira edição, segundo SACRAMENTO BLAKE, op. cit. .

¹³⁹ A respeito dessa edição do romance mais conhecido e lido de Macedo, como sugere a fortuna crítica sobre o autor, as informações bibliográficas não são exatas. Segundo SACRAMENTO BLAKE, op. cit., a 5^a edição teria sido feita em Paris, no ano de 1872, mas como vimos, no *Catálogo da Biblioteca Municipal* consta que a edição seria brasileira, realizada no RJ, especificamente.

crítico literário sugere que a entrada de Alencar e Machado de Assis no panorama literário brasileiro, teria, de uma certa forma, tornado os romances de Macedo anacrônicos ao gosto do público leitor.

“(...) depois de 1855, com o aparecimento, sobretudo de Alencar e, alguns anos depois, de Machado de Assis, muito superiores no gênero de romance com que ele conquistara o grande público (romance de psicologia feminina e da sociedade carioca da época), natural foi que, pouco a pouco, fôsse passando para um segundo plano. E ao morrer, em 1882, se podia dizer que procurou ser, durante tôda a vida, fiel ao gosto de um público que o animara nos anos de 1840, não podia deixar de reconhecer que esse gosto estava completamente superado e, quando muito, conservado por um público intelectualmente modesto.”¹⁴⁰

Esse tipo de afirmação parece confundir a crítica sobre a qualidade de uma produção literária com a sua popularidade junto ao público leitor. Decadente para quem? Uma leitura atenta das observações do crítico permite-nos notar que, em primeiro lugar, está-se julgando a qualidade da ficção macediana em relação a Alencar e Machado de Assis. Neste caso, a opinião do crítico é clara: Macedo teria sido superado pelos seus sucessores. Daí o início de sua decadência ser datada pelo surgimento desses outros romancistas no cenário literário brasileiro. Decorre desse raciocínio a opinião segundo a qual a superação em termos qualitativos corresponderia uma superação do gosto pela leitura das obras de Macedo. Novamente impõe-se a pergunta: gosto de quem? Gosto de todos aqueles que não fazem parte de um público “intelectualmente modesto”, responde Amora, considerando que apenas esse público seria capaz de encontrar alguma “graça” nos romances macedianos.

A crítica de Amora chama-nos a atenção para uma prática muito comum no meio literário que consiste em aplicar valores e padrões de julgamento alheios ao período histórico e universo cultural no qual se insere a obra, fazendo afirmações que muitas vezes não encontram evidências documentais que as sustentem. Como poderíamos saber se Macedo foi rapidamente abandonado pelo público leitor do século XIX, como sugere Amora, se não temos em mãos nenhum registro sobre esses leitores, seus gostos de leitura, suas opiniões acerca da produção

¹⁴⁰ AMORA, Antônio Soares. Macedo In: *O Romantismo (1833-1838/1878-1881)*. São Paulo: Editora Cultrix, 1967, vol 2, p.214.

ficcional macediana? Restam-nos, na maioria das vezes, vestígios produzidos por aqueles que, de certa forma, ocupam esse lugar do leitor especializado, que têm autoridade para julgar a produção ficcional e decidir, pelo menos entre seus iguais, sobre a qualidade da mesma.

Essa ausência de problematização do lugar de onde se fala, aliada a uma aceitação incondicional de algumas opiniões canonizadas leva, não raro, a tomar por verdades afirmações que seriam, no mínimo, questionáveis. Mantendo-nos no terreno da leitura, gostaríamos de colocar outra questão sobre o público leitor macediano. A crítica literária aceita, de maneira geral, a afirmação segundo a qual esse público seria, em sua maioria, feminino:

Escritor de sala de refeições, na saborosa definição de Ronald de Carvalho, que visava, destarte, contrapô-la, com um rótulo tranquilizador, aos pecaminosos escritores da alcova que, no entanto, se sucediam nas byronicas Rio e São Paulo contemporâneas, Macedo conheceu, com a Moreninha, um delirante sucesso de público. Era um público feminino, sobretudo, que no happy end da obra transferia e projetava seus ingênuos desejos de felicidade pequeno-burguesa.¹⁴¹

Não foi possível localizar registros que confirmem o fato de os romances macedianos teriam sido lidos preferencialmente por esse público, nessa situação e com essa finalidade. A fortuna crítica do autor a que tivemos acesso, não nos informa, em nenhum momento, sobre as fontes que permitiram fazer tais proposições. Temístocles Linhares chega a afirmar : *Romancista de donzelas e para donzelas, eis a definição que pegou e vem sendo repetida a seu respeito.*¹⁴² Com freqüência deparamo-nos, como no caso acima, com críticos que citam outros críticos, como bem o sugere a observação de Linhares - “vem sendo repetida” e a utilização por Picchio da “saborosa” definição de Ronald de Carvalho - “escritor de sala de refeições”.

¹⁴¹ PICCHIO, Luciana Stegagno. Do Feuilleton ao romance: Joaquim Manoel de Macedo. In: *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar S.A., 1997, p.169.

¹⁴² Linhares afirma que o primeiro a cunhar tal definição “romance de donzelas para donzelas” teria sido Pedro Dantas e que a concepção segundo a qual a leitura dos romances macedianos era feita em torno da sala de jantar foi fixada por Antonio Cândido num artigo publicado com o título de *O nosso romance antes de 1920*, no Diário de São Paulo em 1946. cf. LINHARES, Temístocles. Instante de decisão In: *História crítica do romance brasileiro: 1728-1981*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade Estadual de São Paulo. 1987, p. 48.

Esse tipo de procedimento tem como consequência impedir, ou dificultar o aprofundamento de questões que permitiriam lançar outras luzes sobre as próprias obras, bem como sobre sua inserção social no momento histórico de sua produção e circulação. Num outro sentido, deixa-se, também, de questionar certas categorias utilizadas para analisar os textos literários e sua relação com a sociedade na qual foram produzidos.

Todas essas práticas são perceptíveis na fortuna crítica de Macedo. Como procuramos evidenciar, o consenso em torno do público leitor levou, sem dúvida, à ausência de investigações, de busca de vestígios documentais sobre o assunto. O conceito de burguesia, como vimos anteriormente, espalhou-se por toda a crítica literária e serviu como uma categoria passível de permitir a identificação do grupo social supostamente “retratado” pelos romances macedianos e, também, de seu público leitor :

*Tal é a visão que mais se adequa à primeira fase da prosa de ficção macediana: um retrato da e para a classe média e burguesias fluminenses.*¹⁴³

O conceito de burguesia ou pequeno burguesia, freqüentemente utilizado para designar tanto personagens quanto leitores dos romances de Macedo, nunca foi, entretanto, utilizado pelo autor. Em *Os Dois Amores*, por exemplo, o narrador, ao descrever uma das personagens do romance, refere-se a ela como uma “senhora de alta classe” e os hóspedes de d. Ana, avó de Carolina no romance *A Moreninha* são poucos mas “escolhidos”, como Leopoldo observa a Augusto no momento em que este chega à ilha de...

Em suma, no que diz respeito ao tema da moral, do romance como retrato da época e da qualidade técnica da produção ficcional de Macedo, percebe-se que há uma diferença considerável entre as avaliações da crítica literária do século XIX e a do século XX. A comparação entre essas críticas evidencia as diferentes expectativas dos leitores com relação aos romances do autor. Percebe-se que o conteúdo moral, valorizado, no século XIX, a ponto de ser considerado um quesito capaz de avaliar a qualidade de uma obra, no século XX cede lugar, em termos de importância, à análise dos componentes técnicos do romance. Essa avaliação da construção dos personagens, da linguagem e do enredo, baseada em padrões atuais, acaba sendo desastrosa para a reputação literária de Macedo. Nesse campo, também,

¹⁴³ SERRA, Tania Rebelo Costa. op. cit. p. 31.

percebe-se um descompasso, pois, o que parece “defeito” aos olhos dessa crítica é considerado qualidade no século XIX.

CAPÍTULO 3 - ROMANCE COMO GUIA DE CONDUTA

– Os homens curvam-se a idéias falsas e indignas dêles, e as desenvolvem porque, enfim, força é ser escravo do mundo!

– Não, isso não, minha senhora; o mundo não pensa, são os homens que, pervertidos e desmoralizados, concebem essas idéias. O mundo não tem culpa de ser assim, os homens o vestem com essas roupas.

– E o remédio?...

– O remédio é instruir e moralizar o povo.

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

3.1 - Os artifícios de condução do leitor

Se, em alguns casos, a literatura prescritiva parece querer aproximar-se do romance, há outros em que este último aproxima-se dessas obras que pretendem transmitir valores e padrões de conduta àqueles que as lêem.

No presente capítulo tentaremos investigar os artifícios narrativos de caráter moralizador presentes nos romances *A Moreninha* e *Os Dois Amores*, avaliar os valores e padrões de conduta dos personagens cotejando-os com as prescrições presentes em alguns dos livros de conduta e tratados de moral que circularam no Rio de Janeiro durante o século XIX, e fazer uma análise das possíveis relações formais entre os romances e os tratados de moral e livros de conduta que denominamos “híbridos”.

Vimos anteriormente que os críticos contemporâneos ao lançamento de *A Moreninha* e *Vicentina* consideravam que um bom romance deveria, necessariamente, servir à moralização do público leitor. Nesse contexto, é possível supor que a função moralizadora deveria ser, em grande medida, um objetivo perseguido pelo autor. Desse ponto de vista, o caráter moral dos romances macedianos, com frequência observado pela crítica, provavelmente não seria resultado de uma disposição “pessoal” do autor, mas sim, de uma certa convenção acerca do que deveria ser um romance naquele momento. Considerando essa hipótese, pode-se pensar que caberia ao autor criar uma série de artifícios por meio dos quais fosse possível levar o público a identificar-se com os valores e padrões de conduta por ele desejados.

Em artigo sobre o romance *As memórias do sobrinho de meu tio* Flora Süssekind afirma que Macedo restringiu suas experiências com narradores auto-irônicos a um pequeno grupo de romances devido a “preocupação demonstrativa” e exemplar dominante na ficção do autor. Essa preocupação, considera Süssekind, possivelmente teria levado Macedo a recorrer - nos romances *A carteira de meu tio* e *As memórias do sobrinho de meu tio* - ao personagem Compadre Paciência cujo papel consistia em cortar a narração do “sobrinho do tio” - um oportunista declarado - de modo moralizador. Na opinião de Süssekind, na origem desse personagem de fala moralizadora estaria o temor de Macedo em provocar no público uma simpatia pelo narrador oportunista.¹

¹ SÜSSEKIND, Flora. O sobrinho pelo tio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo, nº 1, 1996, p. 43.

Nos textos macedianos, observa Sússekind, o narrador cumpre uma função condutora e moralizante, “*muitas vezes com a parceria de algum personagem escolhido para atuar como um raisonneur, para sublinhar, a cada passo, para o leitor, a interpretação a ser atribuída aos dados ficcionais*”²

O uso desse procedimento pode variar de intensidade de romance para romance. No romance *Os Dois Amores* a presença do narrador e de personagens que ocupam a função de *raisonneur* é acompanhada de outros artificios que não são encontrados em *A Moreninha*. Além disso, a prescrição dos valores morais é feita com mais frequência e abrange um campo muito maior que aquele do primeiro romance macediano. Em ambos os romances, têm-se, por exemplo, a problematização da vaidade feminina. Entretanto, essa paixão humana não implica, em *A Moreninha*, num prejuízo muito grande àqueles que se deixam dominar por ela. No máximo, esses personagens levam uma reprimenda, sem, contudo, ter sua vida prejudicada ou alterada por se comportarem de maneira vaidosa. A vaidade é, nesse romance, simplesmente compreendida como um padrão de comportamento representativo de um determinado grupo de indivíduos. Em *Os Dois Amores* modifica-se o ponto de vista acerca desse assunto. Neste caso, trata-se de explorar as conseqüências perniciosas da vaidade, considerada, desta feita, um vício.

Essa mudança de ponto de vista faz com que o romance *A Moreninha* se pareça mais com uma crônica de costumes feita por um narrador empenhado em observar os ambientes, hábitos e padrões de sociabilidade de uma elite e *Os Dois Amores* assemelhe-se a um tratado de moral no qual o narrador empenha-se em condenar os comportamentos viciosos e emular os virtuosos. Entretanto, em ambos os casos, como veremos mais adiante, trata-se de fornecer valores e padrões de conduta por meio de artificios narrativos em alguns momentos semelhantes e, em outros, diferenciados.

3.2 *A Moreninha* : os caminhos da civilidade

Em certa medida, poderíamos considerar o narrador de *A Moreninha* um cronista dos espaços privados, pois não o vemos perambular pelas cidades absorto na diversidade de tipos que circulam nos espaços públicos. As idiossincrasias das personagens permanecem

² SÚSSEKIND, Flora. *op. cit.* p. 40.

circunscritas a um grupo social homogêneo constituído de “gente muito bem escolhida”, como enfatiza o narrador. Esse “narrador cronista”³ tem alguns traços bem particulares. Em alguns momentos, parece inseguro quanto ao entendimento do leitor sobre o que está a ele apresentando. Em virtude dessa insegurança, vez ou outra, “resume” o que acabara de descrever. Desse modo, ao apresentar os jardins da casa de Dona Ana na ilha de..., o narrador arremata: *De tudo isso se conclui que a avó de Filipe tem no lado direito de sua casa um pomar e no esquerdo um jardim.*⁴ Esse procedimento parece assemelhar-se àquele observado por Flora Süssekind nos prosadores de ficção da primeira metade do século XIX. No caso das novelas e romances, observa, “é do narrador que parte a indicação prévia quanto ao modo de ler e reagir às suas paisagens, mapeamentos, descrições”⁵ Trata-se, portanto, de uma operação que pretende conduzir o leitor à tirar as conclusões que o narrador considera necessárias.

O narrador de *A Moreninha*, “inseguro” quanto à compreensão do leitor, opta por fazê-lo seu acompanhante e interlocutor ao longo do percurso que realiza. A descrição do que se passou com Augusto na ilha é introduzida da seguinte maneira: *Devemos fazer-lhe uma visita; ele está em seu gabinete e um pouco menos carrancudo, porque Leopoldo, o seu amigo do coração, o acompanha e tem a paciência de estar ouvindo pela duodécima vez, a narração do que com ele se passou na ilha de...*⁶ Em outro momento, depois de passear pelos jardins da casa de dona Ana, observando o comportamento do personagem Carolina, afirma: *Deixemo-la, pois correr e saltar, aparecer e desaparecer ao mesmo tempo; nem à nossa pena é dado o poder de acompanhá-la, que é ela tão rápida como o pensamento.*⁷ E mais adiante: *Finalmente, o pobre Augusto encontrou uma senhora que teve piedade dele. Estão afastados do resto da companhia, e conversam. Vamos ouvi-los.*⁸

O narrador faz insistentes convites ao leitor para que dirija seu olhar em direção ao que ele deseja. É necessário notar que esse olhar é sempre conduzido para o interior da narrativa, cuja natureza ficcional em nenhum momento é dissimulada: *imagine-se, diz ele, uma elegante*

³ A utilização do termo narrador cronista não quer sugerir que se trata de um cronista do universo exterior à ficção. Entende-se que a postura do narrador em relação ao que narra é de um cronista.

⁴ MACEDO, Joaquim Manuel de. *A Moreninha*. São Paulo, Editora Ática, 1986, p. 22-23.

⁵ SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 162.

⁶ MACEDO, op. cit. p.93.

⁷ Ibidem. p.39.

⁸ Ibidem. p. 40.

*sala de cinqüenta palmos (...) e adiante: imagine-se mais, fazendo frente para o mar (...) e conclui: (...) e ter-se-á feito da casa a idéia que precisamos dar(...)*⁹ O discurso do narrador revela que o objeto narrado é da ordem da ficção e que exige um esforço de imaginação por parte do leitor. Há um movimento que desvenda a atividade ficcional - a pena que tem que acompanhar o movimento de um personagem e, também, a natureza do relato - que só ganha existência no e pelo esforço da imaginação do leitor.

Se o narrador reivindica a imaginação do leitor quando se trata de descrever os ambientes, quando se trata de falar dos personagens ele o convida a observá-los e, simultaneamente vai tecendo considerações a respeito de cada um deles. Essas considerações acompanham, via de regra, uma descrição acerca de seu comportamento. Desse modo, ao descrever os personagens presentes na sala de visitas da casa de D. Ana, o narrador tece o seguinte comentário sobre duas senhoras que ali se encontravam:

Uma, que só se entreteve, se entretém e se há de entreter em admirar a graça e encantos de duas filhas que consigo trouxera: e outra, que pertence ao gênero daquelas que nas sociedades agarram num pobre homem, sentam-no ao pé de si, e, maçando-o duas e três horas com enfadonhas e intermináveis dissertações, finalmente o largam, supondo que lhe têm feito grande honra e dado o maior prazer.¹⁰

Ao utilizar a palavra gênero para referir-se à segunda senhora, o narrador está chamando a atenção para o fato de ela ser representativa de um grupo que teria um comportamento similar e, em relação ao qual, assumiria um papel exemplar. Entretanto, o narrador não se restringe a comentar o seu comportamento, ele cria uma situação na qual o leitor pode vislumbrar uma personificação desse comportamento. Por meio desse recurso, o que era generalizante é particularizado. Desse modo, o personagem d. Violante vai servir de exemplo para esse gênero que se caracterizaria por um determinado tipo de comportamento descrito pelo narrador. Ao apresentar o personagem em ação, o narrador assume o lugar daquele que observa o que está ocorrendo:

⁹ MACEDO. op. cit. p.23.

¹⁰ Ibidem. p.24.

A conversação continuou por uma boa hora; o aborrecimento, o tédio do estudante chegou a ponto de fazê-lo arrepender-se de ter vindo à Ilha de... Três vezes tentou levantar-se; mas d. Violante sempre tinha novas coisas a dizer: falou-lhe sobre a sua mocidade... seus pais, seus amores, seu tempo, seu finado marido, sua esterilidade, seus rendimentos, seu papagaio, e até sobre suas galinhas. Ah! falou mais que um deputado da oposição, quando se discute o voto de graças. Finalmente, parou um instante, talvez para respirar, e para começar novo ataque de maçada. Augusto quis aproveitar-se da intermitência: estava desesperado, e pela quarta vez ergueu-se.

- Com licença de V.S.a...

- Nada! - disse a velha, detendo-se e apertando-lhe a mão - eu ainda tenho muito que dizer-lhe.

- Muito que dizer?... - balbuciou o estudante automaticamente, e deixando-se cair sobre a cadeira, como fulminado por um raio.

- O senhor está incomodado?... - perguntou d. Violante, com toda a ingenuidade.

- Eu... eu estou às ordens de V.S.^a.

- Ah! vê-se que a sua delicadeza iguala a sua bondade - continuou ela com acento meio açucarado e terno.

"Oh, castigo de meus pecados!..." pensou Augusto consigo. "Querem ver que a velha está namorada de mim?!!!", e recuou sua cadeira meio palmo para longe dela.

- Não fuja... - prosseguiu d. Violante, arrastando por sua vez sua cadeira até encostá-la à do estudante - não fuja... eu quero dizer-lhe coisas que não é preciso que os outros ouçam.¹¹

Este episódio ilustra o que se poderia chamar de moralidade dos comportamentos¹², ou seja, a maneira como as pessoas se comportam mediante um determinado código de regulação das condutas sociais. A descrição dos pensamentos e sentimentos de Augusto sobre a maneira de D. Violante comportar-se vem reforçar a opinião que o narrador emitira anteriormente sobre as senhoras que ficam horas “maçando” os seus interlocutores.

Caso o leitor quisesse aprender como se comportar numa situação semelhante, encontraria, num livro de conduta, a seguinte prescrição:

¹¹ MACEDO. op. cit. p.25.

*Confesso que he muitas vezes desagradavel o pagar o devido tributo de atençaõ a homens estupidos e pezados, a velhas feias e falladoras eternas; porem este he o preço mais baixo porque se vende a popularidade e o applauso geral, os quaes são dignos de comprar-se, ainda quando fossem mais caros.*¹³

Note-se que a caracterização de dona Violante - velha feia e faladora - se aproxima muito daquela que o moralista faz em seu livro de conduta. Entretanto, este último não apresenta ao leitor uma situação concreta para servir-lhe de exemplo. O romance possibilita, de fato, vislumbrar essa situação. Contudo, se fôssemos julgar o comportamento de Augusto com relação à D. Violante, diríamos que ele sustenta a prescrição do manual até um certo ponto, quando, cansado das inconveniências da senhora, resolve vingar-se, contrariando o código de conduta que até então o guiava.¹⁴ Mas esta violação do código de comportamento por Augusto assume, no contexto do romance, o caráter de uma reprimenda imposta, neste caso, à d. Violante. Em suma, cria-se uma situação na qual a senhora é ridicularizada por comportar-se mal perante o moço que, até então, mostrara-se extremamente polido para com ela.

Num outro sentido, a inconveniência de d. Violante fica mais patente ao leitor quando contraposta à “conveniência” do comportamento de d. Ana, avó de Carolina. O narrador descreve d. Ana como uma senhora de “espírito e alguma instrução”, cheia de “bondade e agrado” e exímia anfitriã, recepcionando os hóspedes com sorriso nos lábios.

Há outros momentos em que determinado comportamento representativo de um grupo não é apresentado pelo narrador, mas sim, por algum personagem do romance. No capítulo 1 - *Uma aposta imprudente* - Augusto justifica a forma como age com relação às mulheres por meio do seguinte argumento:

- Quem?... eu?... eu mesmo passar duas e três vezes por dia por uma só rua, por causa de uma moça?... e para quê?... Para vê-la lançar-me olhos de ternura, ou sorrir-se brandamente quando eu para ela olhar, e depois fazer-me

¹² Cf. nota 71 do cap. 2.

¹³ *LIÇÕES DE BOA MORAL DE VIRTUDE E DE URBANIDADE* escritas no idioma espanhol por D. José de Urcullu e traduzidas por Francisco Freire Carvalho Rio de Janeiro na livraria de A. Freitas Guimarães & C. a rua do Sabão, nº 26, 1848. Aos pais e mães de família verdadeiramente empenhados na boa educação de seus filhos e filhas. D. e O. , o traductor portuguez, p. 172. (microfilme)

¹⁴ Augusto é requisitado por Dona Violante a fazer um diagnóstico de seus males. O personagem vê nessa ocasião uma possibilidade de livrar-se da senhora e diz que pelos sintomas descritos ela sofreria de hemorróidas.

caretas ao lhe dar as costas?... Para que ela chame as vizinhas que lhe devem ajudar a chamar-me tolo, pateta, basbaque namorado?... Não, minhas belas senhoras da moda! Eu vos conheço bastante... amante apaixonado quando vos vejo, esqueço-me de vós duas horas depois de deixar-vos. Fora isso só queimarei o incenso da ironia no altar de vossa vaidade; fingirei obedecer a vossos caprichos e somente zombarei deles. Ah!... muitas vezes, alguma de vós, quando me ouve dizer: "sois encantadora", está dizendo consigo: "ele me adora", enquanto eu digo também comigo: "que vaidosa!"¹⁵

O personagem está se referindo a um grupo de senhoras - da moda, diz ele - cujo comportamento seria caracterizado pela vaidade e pelo capricho. Em certo momento, o personagem relata as suas experiências amorosas a d. Ana, avó de Carolina. Conta que se apaixonara por uma menina moreninha de dezesseis anos e escrevera a ela uma carta de amor recebendo uma resposta abrasadora. Oito dias depois dessa resposta, a moreninha casara-se com um velho de sessenta anos, fazendo de Augusto motivo de chacota. A segunda jovem de quem se enamorara era coradinha. Ambos encontravam-se aos sábados e a moça mostrava-se muito ciumenta, exigindo que lhe mandasse flores todos os dias e não dançasse com nenhuma outra moça. Em certa ocasião, Augusto desculpou-se por não poder comparecer ao encontro habitual. Mudando de idéia dirigiu-se à casa onde costumavam encontrar-se e a surpreendeu namorando outro mancebo e dizendo-lhe que apenas se divertia com Augusto. A terceira jovem por quem se apaixonou era pálida e amava um primo com o qual se correspondia. Augusto solicitou que ela mantivesse as correspondências com o primo, pois pretendia divertir-se com um amante infeliz. Depois descobriu que o primo fazia o mesmo em relação a ele. Augusto jurou, então, não amar nenhum dos três tipos de moças: morena, corada e pálida.

Depois de contar a história de seus amores à Dona Ana, Augusto confessa tê-la contado, também, a esposa de um amigo que, na ocasião, cantou ao piano o seguinte lundu:

I
Menina solteira
Que almeja casar
Não caia em amar
A homem algum;

¹⁵ MACEDO. op. cit. p.15.

Nem seja notável

Por sua esquivaça, não tire a esperança de amante nenhum

II

Merecem-lhe todos

Olhares ardentes,

Suspiros ferventes

Bem podes soltar:

Não segue a nenhum

Protestos de amor;

A qualquer que for

O pode jurar

III

Os velhos não devem

Formar exceção,

Porquanto eles são

Um grande partido;

Que, em falta de moço

Que fortuna faça,

Nunca foi desgraça

Um velho marido.

IV

Ciúmes e zelos, amor e ternura não será loucura

Fingida estudar;

Assim ganhar tudo

Moças se tem visto,

Serve muito isto

Antes de casar

V

Contra os ardilosos

Oponha seu brio:

Tenha sangue frio

Pra saber fugir;

Em todos os casos

Sempre deve estar

Pronta para chorar,

Pronta para rir.

VI

*Pode bem a moça,
Assim praticando,
Dos homens zombando,
A vida passar;
Mas, se aparecer
Algum toleirão,
Sem mais reflexão, é logo casar.*¹⁶

Note-se que, desta feita, a avaliação do comportamento feminino é referendada pelo lundu, o qual, segundo a cantora, seria o “breviário” por onde rezariam a totalidade das moças. Essa visão sobre o comportamento das mulheres é também expressa por Fabrício, amigo de Augusto, empenhado em livrar-se de uma namorada caprichosa:

*Pois, meu amigo, quero te dizer: a teoria do amor do nosso tempo aplaude e aconselha o meu procedimento; tu verás que eu estou na regra, porque as moças têm ultimamente tomado por mote de todos os seus apaixonados extremos, ternos, afetos e gratos requiebras, estes três infinitos verbos: iscar, pescar e casar. Ora bem vêes que, para contrabalançar tão parlamentares e viciosas disposições, nós, os rapazes, não podíamos deixar de inscrever por divisa em nossos escudos os infinitos verbos: fingir, rir e fugir.*¹⁷

Em certo momento, o narrador chama os próprios personagens para servirem de exemplo a essa caracterização. Se até então eram caracterizações genéricas, feitas por personagens que não pertenciam ao grupo descrito, desta feita, os personagens femininos que se enquadram nesse “grupo” manifestam-se, confirmando a opinião emitida sobre seus comportamentos:

—*Quem me dera casar!... repeti Clementina.*

—*Isso é fácil, disse d. Gabriela; principalmente se devemos dar crédito aos que tanto nos perseguem com finezas. Olhem, eu vejo-me doída!... mais de vinte me atormentam! Querem saber o que me sucedeu ultimamente?... Eu confesso que me correspondo com cinco... Isto é só para ver qual dos cinco*

¹⁶ MACEDO. op. cit. p. 51.

¹⁷ Ibidem. p. 29.

*quer casar primeiro; pois bem, ontem, uma preta que vende empadas e que se encarrega das minhas cartas, recebeu das minhas mãos duas.*¹⁸

O personagem segue narrando às amigas que dera a uma escrava duas cartas a serem entregues a dois mancebos com os quais namorava. A escrava trocara as cartas revelando a ambos seu comportamento. Na mesma conversa, o personagem d. Quinquina revela que também se relaciona com vários rapazes e dona Gabriela diz ser tão requestada que não tem tempo de mangar de todos os galanteadores como gostaria.

O comportamento feminino exposto pelo lundu, por Augusto e por Fabrício tem um caráter generalizante, ou seja, esses discursos delineiam um padrão supostamente representativo do grupo ao qual estão se referindo. Os depoimentos de d. Clementina, d. Quinquina e d. Gabriela vêm, por sua vez, apresentar-se enquanto manifestações individualizadas do padrão anunciado pelos discursos das outras personagens.

A fim de que esse padrão de comportamento não seja compreendido pelo leitor como um exemplo a ser seguido, o autor lança mão de dois expedientes: o primeiro deles consiste em oferecer um contra exemplo e o segundo, em criar uma situação onde estas personagens são explicitamente repreendidos.

O contra exemplo à volubilidade, fruto da vaidade feminina, é dado por Carolina, protagonista do romance e, portanto, personagem que deve carrear a identificação dos leitores. Embora de “difícil definição” - “*Toda a dificuldade*”, diz o narrador, está em pintá-la - ela faz o encanto da avó e dos rapazes, sendo temida ou respeitada pelas demais moças. A dificuldade em definir Carolina reside no fato de ela não se enquadrar no padrão de comportamento das demais jovens. Nos passeios após as refeições, Carolina prefere caminhar sozinha a dar os braços aos moços que ali se encontram. Ao contrário das jovens que, durante o jantar, ficam horrorizadas com as revelações de Fabrício acerca da volubilidade amorosa de Augusto, Carolina diverte-se com o “combate” entre ambos e aprova as respostas espirituosas de Augusto. Pecando contra a “moda reinante”, vai ao sarau com “um finíssimo mas simples vestido de garça”, os cabelos trançados e nenhuma jóia. Além disso, o personagem mostra-se travesso e malcriado:

¹⁸ MACEDO. op. cit. p.64.

Há cinco minutos que Augusto entrou e em tão curto espaço já ela sentou-se em seis diferentes cadeiras, desfolhou um lindo pendão de rosas, derramou no chapéu de Leopoldo mais de duas onças de água-de-colônia de um vidro que estava sobre um dos aparadores, fez chorar uma criança, deu um beliscão em Filipe, e Augusto a surpreendeu fazendo-lhe caretas: travessa, inconseqüente e às vezes engraçada; viva, curiosa e em algumas ocasiões impertinente¹⁹

Caso resolvêssemos ler as travessuras de Carolina à luz das prescrições de um livro de conduta, considerariamos que o personagem estaria longe de apresentar um comportamento exemplar:

O porte d'ella deve ser modesto e discreto. Deve evitar fallar alto, de rir as gargalhadas e querer mostrar-se espirituosa. Tudo quanto faça para chamar a atenção sobre si, só pode ser contrário á sua reputação.

Há meninas atrevidas e escarnecedoras, que fallam de tudo, mettem-se por toda a parte, a cada instante querendo dar mostra de grande saber, e imitar a liberdade das maneiras das jovens Americanas: deixemos cada paiz com seus costumes e suas maneiras de viver.²⁰

Apesar de se mostrar pouco obediente às regras de convívio social, o narrador faz questão de assinalar que, a cada uma das suas travessuras, Carolina empresta tanta graça a ponto de tudo lhe perdoarem. O personagem combina um comportamento pouco “civilizado” - como o demonstram as várias ocasiões em que a avó lhe chama a atenção²¹, deixando claro que esse comportamento de Carolina não é adequado -, com um caráter virtuoso. Esse caráter é explorado em duas ocasiões. A primeira delas se dá quando, aos oito anos de idade conhece Augusto na praia e, junto com ele, socorre a família de um moribundo dando a sua esposa uma

¹⁹ MACEDO, op. cit. p.23-24.

²⁰ *O TRATO DO MUNDO NA VIDA ORDINARIA E NAS CERIMONIAS CIVIS E RELIGIOSAS* por Ermance Dufaux, tradução e adaptação de Simões da Fonseca, membro e ex-secretário da Associação litteraria e artistica internacional de Pariz. Pariz, H. Garnier livreiro-ediitor, 71 Rua Moreira Cesar, R.J.; Rue des Saint Peres, Pariz. (s.d.), p. 100. (microfilme)

²¹ D. Ana pede a Carolina que divirta Augusto por alguns momentos, depois de ele ter passado horas ao lado de d. Violante e ela responde que não é boneca, sendo repreendida pela avó; no jantar ela insinua que Augusto estaria roçando suas pernas nas de d. Quinquina, sendo novamente repreendida; quando vai ensinar Augusto a bordar um lenço diz que a cada erro do moço lhe dará um puxão de orelha e d. Ana a repreende dizendo que pode muito bem ensinar-lhe com “bons modos”.

moeda de ouro que havia ganho de seu padrinho. A segunda se passa durante o final de semana na ilha quando Carolina, ignorante da bebedeira que tomara a sua ama ao lado de Keblere, apavora-se por ela ter desmaiado e a enche de cuidados. O narrador observa que os “desvelos e incômodos” que ama tivera ao criá-la eram devidamente recompensados com a gratidão e ternura de Carolina.

Três pessoas havia nesse quarto: Paula, deitada e abatida sob o peso de sua sofrível mona, era um objeto triste e talvez ridículo, se não padecesse; a segunda era uma escrava que acabava de depor, junto ao leito a bacia em que Paula deveria tomar o pedilúvio recomendado, objeto indiferente; a terceira era uma menina de quinze anos, que desprezava a sala, em que borbullava o prazer, pelo quarto em que padecia uma pobre mulher; este objetivo era nobre...²²

Como pode-se notar, todos os personagens da cena servem para reforçar o caráter virtuoso do personagem: a ama é um “objeto triste e ridículo”, a escrava, um “objeto indiferente” e Carolina, virtuosa porque preferia dedicar-se a um “objetivo nobre” - em vez de perambular, como os demais, pelo salão. Esse episódio, observa o narrador, faz com que as impressões desagradáveis de Augusto - e do leitor - sobre o personagem desapareçam e, em seu lugar, fique uma outra que o revela um “anjo de candura”:

Belo espetáculo era ver essa menina delicada, curvada aos pés de uma rude mulher, banhando-os com sossego, mergulhando suas mãos tão finas, tão lindas, nessa mesma água em que fizera lançar um grito de dor à escrava, quando aí tocara de leve com as suas, tão grossas e calejadas!... os últimos vislumbres das impressões desagradáveis que ela causara a Augusto, de todo se esvaíram. Acabou-se a criança estouvada... ficou em seu lugar o anjo de candura.²³

Como dissemos anteriormente, além do contra exemplo oferecido por Carolina, o autor

²² MACEDO. op. cit. p.74.

²³ Ibidem. p. 75.

lança mão de uma reprimenda a que submete as demais jovens de modo a conduzir o leitor a identificar-se com o comportamento da protagonista e a condenar o das primas de Felipe. As jovens combinam vingar-se de Augusto que declarara, durante o sarau, estar apaixonado por todas elas. Envia a Augusto um bilhete anônimo convidando-o para um encontro numa gruta onde zombariam dele. Carolina, ouvindo o trato das primas, avisa Augusto e este, em posse dos segredos das jovens, conseguidos quando fora se trocar no gabinete das moças, resolve, por sua vez, dar-lhes uma lição. Augusto as encontra e inventa uma história segundo a qual a água da gruta daria a quem a bebesse o poder sobrenatural de adivinhar os segredos das pessoas. Augusto vai tomando a água e revelando os segredos das jovens. Por meio desse artifício o personagem toma o lugar do moralista, julgando o comportamento das jovens:

— *Vós minha senhora, ainda não amastes a pessoa alguma; para vós amor não existe: é um sonho apenas, e só olhais como real a galanteria; vós quereis zombar de mim, porque vos protestei os mesmos sentimentos que havias protestado a mais três companheiras vossas, a todavia, estais incurso em igual delito, pois só por cartas vos correspondei com cinco mancebos.*²⁴

Se até então o leitor apenas observara a elaboração de um padrão de conduta do qual as primas de Felipe eram exemplos, desta feita, é conduzido, pelo discurso de Augusto, a interpretar esse padrão de forma negativa. Há um outro episódio no romance cujo encaminhamento é semelhante a este acima assinalado. Fabrício pede a Augusto que finja estar interessado por dona Joaquina para que possa, por sua vez, fingir-se enciumado e por fim ao namoro. Ciente da sinceridade do amor de dona Joaquina por Fabrício, Augusto o repreende:

— *Pois então cuidas que o amor de uma senhora deva ser peteca com que se divirtam dois estudantes?...*

— *Quem é que te fala em peteca? ... Pelo contrário, o que eu quero é desgrudar-me do fatal contrabando.*

— *Não! a pesar teu, deves respeitar e cultivar o nobre sentimento que te liga a d. Joaquina. Que se diria de teu procedimento, se depois de trazeres uma moça toda cheia de amor e fé na tua constância, por espaço de três meses, a*

²⁴ MACEDO. op. cit. p.86.

desprezasses sem a menor aparência de razão, sem a mais pequena desculpa?...

... Então tu, como teu sistema de...

... Eu desengano: previno a todas que as minhas paixões têm apenas horas de vida, e tu, como os outros, juras amor eterno.

... Estou desconhecendo-te, Augusto. Sempre te achei com juízo e bom conceito e agora temo muito que estejas com princípios de alienação mental! Explica-me, por quem és, que súbito acesso de moralidade é esse que tanto te perturba.

... Isto Fabrício, chama-se inspiração nos bons costumes.²⁵

O fato de Augusto ocupar o papel de *raisonneur* nas situações em que se deseja conduzir o leitor a preferir o verdadeiro amor em detrimento da simples galanteria não é arbitrário. Augusto personifica o amante que, a despeito das pressões do grupo, mantém-se fiel à mulher com quem prometera casar-se, assim como Carolina personifica a caridade, a ternura e a gratidão com os infortunados em detrimento da vaidade pessoal. É necessário notar que d. Joanhinha é, no episódio da gruta, o único personagem não zombado por Augusto. Isto não quer dizer que Augusto não ocupe com relação a ela o mesmo papel de *raisonneur* que ocupou com as demais jovens. O personagem confessa admirar d. Joanhinha pois esta “é a única dentre elas que tem amado melhor”, ou seja, a única que ama sinceramente. Entretanto, a aconselha a ser menos exigente com o namorado Fabrício. O “conselho” de Augusto pode ser interpretado como uma prescrição, semelhante àquela feita pelo “personagem” que ocupa o papel de pai na obra *Lições De Boa Moral de Virtude e de Urbanidade*:

... Teu pai, minha filha, disse que os homens devem ser condescendentes com as mulheres; e eu acrescento que huma mulher deve guardar-se, e muito, de abusar de tal condescendencia. Deixa que assim obre a namoradeira ou a caprichosa: huma mulher honesta de juízo recebe com modestia as atenções que se lhes prestão; porem tem o maior cuidado em que os homens se não occupem com ella a cada passo.²⁶

²⁵ MACEDO. op. cit. p. 28.

²⁶ LIÇÕES DE BOA MORAL DE VIRTUDE E DE URBANIDADE. op. cit. p. 151.

Nem sempre há conformidade entre o comportamento do personagem no romance e as prescrições dos manuais de conduta. Vimos anteriormente que d. Violante é ridicularizada e que seu comportamento leva Augusto a dar-lhe uma “lição”. O contexto oferecido pelo romance sugere que d. Violante fora inconveniente. Um manual de conduta possibilita, por sua vez, delimitar algumas das infrações cometidas pela senhora. Ao encaminhar a conversa sobre a sua pessoa - sua mocidade, seus pais, seu tempo e de seu finado marido - D. Violante transgride uma regra básica da conversação que consiste em falar raramente de nós mesmos:

*Devemos fallar raramente de nós mesmos, e de tudo aquillo que nos pode dar louvor; porem quando a necessidade nos obrigar a dizer alguma cousa a nosso respeito, a diremos sempre em poucas palavras, com humildade e modestia, sem abater os outros, nem nos elevarmos acima deles*²⁷

Ao relatar suas moléstias a Augusto, acaba transgredindo, também, o seguinte preceito:

*É uma grande impertinencia e indiscrição propôr na conversação cousas pouco convenientes: como o fallar de cousas tristes no tempo de divertimento, ou em cousas baixas e de pouca consideração diante de pessoas doudas e judiciosas, ou tambem fallar em cousas subtiis e elevadas diante de pessoas nescias e ignorantes.*²⁸

O próprio Augusto, alega a d. Violante que aquele não seria o tempo e o lugar oportunos para tal assunto. Aliás, quando se trata de prescrever os comportamentos inadequados numa conversação, os estudantes de medicina também se mostram pouco “civis”. Quando a ama de Carolina toma uma bebedeira e as senhoras “mezinheiras” tentam diagnosticar o mal que atingia a mulher desmaiada, os estudantes resolvem divertir-se às custas delas inventando diagnósticos imaginários e absurdos. Valendo-se da “ignorância” das senhoras acerca da linguagem médica eles aproveitam para exibir uma suposta erudição. Tal

²⁷ *NOVO MANUAL DO BOM TOM* Contendo Modernissimos preceitos de civilidade, politica, conducta e maneiras em todas as circumstancias da vida, indispensaveis á mocidade e aos adultos para serem bemquistos e caminharem sem tropeço pela carreira do mundo. Traduzido do francez de Luiz Verardi e offercido ao publico brasileiro por um Amigo da Mocidade. Segunda Edição, melhorada e augmentada Rio de Janeiro Publicado e á venda em casa dos editores-proprietarios Eduardo & Henrique Laemmert ,Rua do Ouvidor 68,1872, p. 95. (microfilme)

²⁸ *Ibidem*, p. 95.

comportamento, segundo o *Novo Manual do Bom Tom* poderia ser considerado pouco adequado pois

*Aquele que faz garbo de sua erudição em presença de senhoras, pretende que ellas pensem, com justa razão, que são habitos de collegio que não lhe esquecerão, embora tenha conçoenta annos de idade.*²⁹

Além disso, os jovens juntam a seus diagnósticos o uso de palavras estrangeiras, o que, do ponto de vista dos mesmos manuais é “uma grande incivilidade”, principalmente se ditas em companhia de senhoras. Aqueles que assim agem são considerados “vaidosos e de pouco juízo”:

*É grande incivilidade fazer em qualquer ajuntamento citações em lingua estrangeira, e se isto acontecer em companhia de senhoras, passar-se-há por vaidoso e de pouco juízo.*³⁰

Há, ainda, outros personagens que se comportam mal no romance, como as jovens que se reúnem no gabinete das moças e passam o tempo, dentre outras coisas, a falar mal dos demais convivas:

— (...) Olhe, não é por falar, mas, por exemplo, há objeto mais interessante do que d. Luisa mostrar-se gorda, esbelta, bem feita?

— É um sacco!

— E como é feia!...

— É horrenda!

— É um bicho!

— E não vimos a filha do capitão com sua dentadura postiça?... Agora não faz senão rir!...

— Coitadinha, aperta tanto os olhos!

— Ora, d. Clementina, não me obrigue a rir!...

— D. Joanninha, você reparou no vestido de chalim de d. Carlota? ...

Quanto a mim está completamente fora de moda.

²⁹ *NOVO MANUAL DO BOM TOM*, op. cit. p. 110.

³⁰ *Ibidem* p. 110.

— *Ainda que estivesse na moda, não há nada que nela assente bem.*

— *Ora... é um pau de vestido!... tem uma testa maior que a rampa do largo do Paço!...*

— *Um nariz com tal cavalete, que parece o morro do Corcovado!...*³¹

No livro *Lições De Boa Moral de Virtude e de Urbanidade* a mãe dirige-se à Emília com o objetivo de adverti-la sobre o mau hábito de criticar os trajes das outras mulheres:

*Hum defeito bastantemente geral em nosso sexo he o examinarem-se as mulheres mutuamente, passarem em revista todas as partes de seus trajes e adornos, para os sujettarem depois a uma critica terrivel. Procede isto de zelos baixos e miseraveis. Livra-te, minha filha, de o teres.*³²

É possível multiplicar as cenas nas quais os comportamentos dos personagens contradizem as prescrições contidas nos manuais de conduta. No caso das moças que ridicularizam as demais e dos moços que se divertem com a ignorância das senhoras, não há marca alguma no romance sobre a inadequação de suas condutas. Contudo, as manifestações de incivilidade de Carolina e dona Violante são, como assinalamos, alvo de repreensão.

O romance não apresenta apenas comportamentos inadequados, sendo possível verificar inúmeras situações em que os personagens portam-se em conformidade com as prescrições contidas nos livros de conduta: nos passeios as mulheres nunca dão os braços a dois homens, os mais jovens sempre se dirigem aos mais velhos utilizando o pronome de tratamento correto - senhora para as mulheres, senhor para os homens -, nos jantares as personagens não lançam ossos ao chão, não esfregam os dentes com a toalha, nem com o guardanapo³³, etc.

A comparação entre as condutas dos personagens nos romances e aquelas dos manuais só é possível devido ao fato de haver uma enorme coincidência entre as situações de convívio social prescritas pelos manuais e aquelas elaboradas no romance. É raro um manual que não se preste a prescrever como devem ser os saraus, bailes, jantares, assim como o comportamento adequado em cada uma dessas situações. Com relação aos bailes, por exemplo, pode-se saber que “*mandam-se cartas de convite quinze dias antes do dia aprazido*” para que as senhoras

³¹ MACEDO, Joaquim Manuel de. op. cit. p.63.

³² *LIÇÕES DE BOA MORAL DE VIRTUDE E DE URBANIDADE*. op. cit. p. 155.

³³ *Ibidem*. p. 135-136.

possam preparar suas toilettes, que a etiqueta não permite aos homens *calçarem senão luvas brancas ou côr de palha, as únicas que não desbotam nos vestidos das senhoras*, que a vestimenta de baile “*é a mais rica toilette que se põe no mundo*”, que uma moça “*não pode recusar de dançar com um moço que lhe desagrade, dizendo que está cansada, sem pôr-se na impossibilidade de dançar o resto da noite*”, que, ao dançar, um homem educado “*nunca aperta a senhora contra si*” e que esta, por sua vez, “*apóia apenas a mão sobre a d'elle, sem a segurar*”, evitando ter *uma attitude muito languida no ombro de seu cavalheiro* e que é “*principalmente nos bailes que o ciúmes e a inveja excitadas pela completa ostentação do luxo, pelo pleno desabrochar da belleza dão-se em expansão*.”³⁴

O narrador de *A Moreninha* oferece, por sua vez, as mais diversas descrições sobre situações de convívio social, como por exemplo, os passeios após as refeições, os cafés tomados sob o caramanchão, etc. Vez ou outra, ele se parece com um observador de costumes apresentando as condutas das personagens como regras gerais de comportamento:

Neste momento a orquestra assinalou o começo do sarau. É preciso antecipar que não vamos dar o trabalho de descrever este; é um sarau como todos os outros, basta dizer o seguinte:

*Os velhos lembraram-se do passado, os moços aproveitaram o presente, ninguém cuidou do futuro. Os solteiros fizeram por lembrar-se do casamento, os casados trabalharam por esquecer-se dele. Os homens jogaram, falaram em política e requestaram as moças; as senhoras ouviram finezas, trataram de modas e criticaram desapiedadamente umas às outras. As filhas deram carreirinhas ao som da música, as mães, já idosas, receberam cumprimentos por amor daquelas e as avós, por não terem que fazer nem ouvir, levaram todo o tempo a endireitar as tocas e a comer doces. Tudo esteve debaixo destas regras; só basta dar conta das seguintes particularidades:*³⁵

Supondo que o leitor nunca tenha ido à um sarau, pode, por meio da leitura e auxiliado pelo didatismo do narrador, compor um panorama sobre o comportamento das pessoas naquela determinada situação. Nesse sentido, o romance parece acabar servindo, também, como guia de conduta.

³⁴ O TRATO DO MUNDO NA VIDA ORDINARIA E NAS CERIMONIAS CIVIS E RELIGIOSAS. op. cit. p. 201, 202, 215, 217, 222.

³⁵ MACEDO, op. cit. p.82.

É possível, também, fazer um cruzamento das práticas sociais descritas no romance com outros tipos de literatura que circulavam no Rio de Janeiro àquela época. Notamos no capítulo anterior que, durante um passeio nos jardins da casa de d. Ana, a jovem Quinquina brincava de atribuir significados às flores que encontrava pelo caminho. Assinalamos também, que nas livrarias do Rio de Janeiro era possível comprar o *Diccionario das Flores, Folhas, Fructas e objetos mais usuaes com suas significações ou vademecum dos namorados offerecido aos fieis subditos de cupido*³⁶ e, por meio dele, saber o que significam as mais diversas flores e frutos. O *Diccionario* traz, também, um *telégrapho amatório* destinado à seguinte situação:

Suppõe-se que um individuo quer dizer a uma moça - amo-te - . Está longe della, e não lhe pôde fallar de perto.

O que deve fazer?

É o seguinte: Pôr a mão direita sobre a cabeça (A), a mesma mão sobre o hombro esquerdo (M), ainda a mesma mão sobre o coração (O), depois mostrar tres dedos da mão direita (T) e finalmente o dedo grande da mão direita sobre o nariz (E)

*Com um pequeno ensaio, qualquer em pouco tempo, pôde ser o melhor entendedor do telegrapho amatorio, e dizer em linguagem mimica ao objeto de seu amor os segredos de sua alma.*³⁷

No romance *A Moreninha* podemos ver Fabrício “pondo em ação” o telégrafo elaborado pelo autor do *Diccionario*. Sentado no andar superior do teatro, Fabrício escolhe uma moça que se encontrava na quarta ordem e, determinado a entabular com ela um namoro romântico dá início, como diz, a sua “mímica amantética” acenando para a moça com um lenço branco.³⁸

(...) antes de começar o 2º ato já eu havia feito o sinal, e então comecei a pôr em ação toda a mimica amantética que me lembrou: o namoro estava entabulado; embora a moça não correspondesse aos sinais de meu telégrafo,

³⁶ CATALOGO DOS LIVROS DE QUE É EDITOR B.L. GARNIER e de outros que se achão em grande número na mesma livraria 69, Rua do Ouvidor, 69 Rio de Janeiro. Todos os livros mencionados poderão ser mandados pelo correio mediante o augmento de 15% sobre os preços dos mesmos. N° 1

³⁷ *DICCIONARIO DAS FLORES, FOLHAS, FRUCTAS E OBJETOS MAIS USUAES COM SUAS SIGNIFICAÇÕES OU VADEMECUM DOS NAMORADOS* offerecido aos fieis subditos de cupido. Novissima edição, Rio de Janeiro, B.L. Garnier, Livreiro-Editor, 1886, p. 46 e 47. (microfilme)

³⁸ Segundo o *DICCIONARIO DAS FLORES...*, op. cit. p. 47: *Acenar com um lenço branco é dizer - Quero fallar-te, o que sinto e não posso.*

*concedendo-me apenas amiudados e curiosos olhares, isso já era muito para quem a via pela primeira vez.*³⁹

Cruzamento semelhante a este, feito entre o *Dicionário das Flores...* e *A Moreninha* pode ser levado a cabo, também, com o *Passatempo honesto e familiar ou collecção de quarenta e oito jogos, geralmente conhecidos pela denominação de jogos de prendas*, pois há cenas no romance em que os personagens divertem-se com os jogos contidos nessa publicação.

Na introdução de o *Passatempo honesto e familiar ou collecção de quarenta e oito jogos, geralmente conhecidos pela denominação de jogos de prendas* o autor argumenta que os jogos são importantes pois evitam que os jovens fiquem ociosos, o que os levaria a ocupar a imaginação com objetos prejudiciais à moral e ao físico:

*Em todos os estados, e a toda classe de pessoas he conveniente, e até necessario, dar treguas e descanso, já ao espirito, já ao corpo; porém, a ninguém tão essencialmente como a gente moça, cujos espiritos por estarem sempre em hum continuo movimento he importantissimo occupal-os em alguma cousa; e não sendo assim, não só lhes resulta muito prejuizo ao bom temperamento, e disposição do corpo, mas até acontece ser-lhes funesto: a inação os torna de máo humor, fá-los taciturnos; e daqui vem a origem da maior parte das enfermidades, alterando, talvez, a sua boa constituição: do mesmo modo pôde a ociosidade naqueles momentos de descanso, offerecer-lhes à imaginação alguns objectos, ou imagens, que lhes possam ser prejudiciais, não somente no moral, mas até no physico, e ninguém já ignora o dictado, de que a ociosidade he a mãe de todos os vícios.*⁴⁰

Mais adiante, o autor considera que os jovens devem se ocupar com divertimentos licitos capazes de inspirar alegria. É por esta razão que resolve escrever um livro onde são ensinados jogos capazes de os divertirem. Além disso, argumenta, a obra vem suprir a dificuldade de se encontrar aqueles *sujeitos que, com os seus ditos, graças, lembranças, contos galantes, e*

³⁹ MACEDO, op. cit. p.20.

⁴⁰ *PASSATEMPO HONESTO E FAMILIAR OU COLLECÇÃO DE QUARENTA E OITO JOGOS, geralmente conhecidos pela denominação de jogos de prendas com diferentes sentenças adequadas; e seguido de diversos jogos de cartas para divertimento de huma sociedade, e dos horoscopos ou meio de se conhecer seu destino pelas constellações que presidem ao nascimento. Obra optima para entreter durante as grandes noites de inverno. R.J. Seignot Plancher, 1835, p. j- ij. (microfilme)*

*Jogos divertidos afugentão das assembléas a melancolia*⁴¹, possibilitando a qualquer um que esteja de posse dele, conduzir as brincadeiras.

Há um episódio no romance *A Moreninha* em que o narrador descreve como as personagens passam o tempo na ilha. D. Ana, a dona da casa, dá ordens para o chá seja servido, d. Violante conversa com um velho roceiro, as outras senhoras jogam o “embarque” e os viúvos, casados e velhos pais jogam o *écarté*. Os jovens, por sua vez, divertem-se com os jogos de prendas:

*A rapaziada empregava melhor o seu tempo: também jogava, mas na sua roda não havia nem mesa, nem cartas, nem dados. O seu jogo tinha um diretor que, exceção de regra entre os mais, não podia ter menos de cinqüenta anos: era um homem de estatura muito menos que a ordinária, tinha o rosto muito vermelho, cabelos e barbas ruivos, gordo, de pernas arqueadas, ajuntando ao ridículo de sua figura muito espirito; não estava bem senão entre rapazes; por felicidade deles sempre se encontra um desses. Tal o diretor da roda dos moços. O sr. Batista (este o seu nome) era fêtil em jogos; quando um aborrecia, vinha logo outro melhor. Já se havia jogado o do toucador e o do enfermo. O terceiro agradou tanto, que se repetia pela duodécima vez, com aplauso geral, principalmente das moças: era, sem mais nem menos, o jogo da palhinha.*⁴²

É freqüente encontrarmos nos manuais de conduta as mais divergentes opiniões sobre esse tipo de jogos. Em *O trato do mundo na vida ordinária e nas cerimônias civis e religiosas* o autor aconselha que a *dona da casa deve se arranjar para varial-os o mais possível, evitando as penitencias inconvenientes, taes como beijos ou palavras ditas ao ouvido*.⁴³ No *Novo Manual do Bom Tom* o autor considera que *Não há muito tempo que nos salões havia jogos que se chamavão innocentes, mas erão tão oppostos a este titulo, que forão banidos de todas os salões de Paris, e não se devem consentir em parte alguma onde exista brio e pudor*⁴⁴

⁴¹ *PASSATEMPO HONESTO E FAMILIAR OU COLLECÇÃO DE QUARENTA E OITO JOGOS* p. iij.

⁴² MACEDO. op. cit. p. 73.

⁴³ *O TRATO DO MUNDO NA VIDA ORDINARIA E NAS CERIMONIAS CIVIS E RELIGIOSAS*. op. cit. p. 240.

⁴⁴ *NOVO MANUAL DO BOM TOM*. op. cit. p. 125-126.

e em *Arte de Ganhar o Coração dos Maridos* Pradel refuta a opinião do autor de *o Passatempo Honesto*⁴⁵ com o seguinte argumento:

*(...) Posto isto, pergunto se haverá mãe mais austera e rigida, que se oponha a que sua filha entre em jogos innocentes? Já estou ouvindo as mães responderem-me, que é preciso divertir-se as crianças. Ah! Minhas senhoras, agora apanhei-vos! Pois vós, a quem espanta a menor palavra, o mais ligeiro equívoco permittis os taes jogos innocentes? Que boa fraterna poderia eu dar-vos! Quão facil me seria assombrar o vosso espirito, abrindo-vos os olhos sobre os multiplicados perigos de divertimentos cheios de candura, segundo se crê, ou finge crer-se, mas de facto semeados de escólhos para a innocencia que a elles se entrega com transporte!*⁴⁶

Os manuais advertem que os jogos de prendas implicam, claro, no pagamento de uma prenda e que esta bem pode ser um beijo ou abraço como acontece, de fato, no romance:

Caso célebre!... já se viu que coincidência!... ora expliquem, se são capazes... tem-se jogado a palhinha doze vezes e em todas elas a sorte tem feito que Filipe abraçe d. Clementina e Fabrício d. Joaninha! E sempre, no fim de cada jogo, qualquer das duas recua um passo, como se pouca vontade houvesse nelas de dar o abraço, e fazendo-se coradinha exclama:

*—Quantos abraços!... pois outra vez? ...*⁴⁷

Em *A Moreninha* encontram-se, como vimos, oportunidades as mais variadas de cruzar a descrição das condutas mundanas em situações de convívio social com as prescrições dos manuais. Além disso, é possível encontrar no romance a descrição de algumas práticas sociais

⁴⁵ O autor de *O PASSATEMPO HONESTO*... op. cit. p. xv faz uma "Advertência Geral" aos jogadores, na qual pode-se perceber que o jogo é compreendido como um exercício de civilidade: (...) *Por ultimo deve-se evitar nestes jogos, e até desterrar d'elle todo o pique; dissimulando mutuamente huns aos outros os defeitos que conhecerem, caso os haja, por ser este o unico meio para que o divertimento possa ser duravel, o qual nunca podera ser completo sem que os individuos que o compoe sejam condescendentes, e cheios da maior prudencia e civilidade.*

⁴⁶ *ARTE DE GANHAR O CORAÇÃO DOS MARIDOS* para uso das donzellas casadeiras por Eugenio de Pradel, membro de varias academias traduzida por F.P.A.A., Rio de Janeiro, Imprensa Americana, 1836, p. 14-15. (microfilme)

⁴⁷ MACEDO. op. cit. p. 73.

que podem ser relacionadas a outros tipos de literatura, como por exemplo, *O Passatempo Honesto* e o *Diccionario das Flores e Fructos...*

3.3 *Os Dois Amores* : os caminhos da virtude

Em *Os Dois Amores* encontra-se a representação de situações de convívio social muito semelhantes àquelas de *A Moreninha*. São em torno dos bailes, saraus e serões que o enredo se desenvolve. Entretanto, muitas das práticas sociais apresentadas no primeiro romance de Macedo são, em *Os Dois Amores*, julgadas do ponto de vista moral.⁴⁸ Em *A Moreninha*, os jogos de cartas e de prendas são, por exemplo, apenas um dentre outros elementos que servem à apresentação de situações de convívio social e das práticas que as caracterizam. A leitura do romance permite que os jogos sejam compreendidos enquanto uma prática de sociabilidade comum nos saraus, por meio da qual, senhoras, senhores e jovens divertem-se. Em *Os Dois Amores*, o narrador, em lugar de simplesmente descrever, como em *A Moreninha*, quais são esses jogos e quem joga o quê, julga essa prática de maneira valorativa:

A casa brilhantemente iluminada, ostentando riqueza imensa e luxo desmedido, era, apesar de vasta, pequena para a multidão que a pejava.

O jogo, a dança, a música exerciam ali seu império em salas diversas, e sobre vassallos diferentes.

Aquêles a quem a idade ou o estado afastava do amor, e enfim os poucos de tôdas as idades e estados eram escravos da mais terrível paixão, prestavam vassalagem ao jôgo.⁴⁹

Para o narrador de *Os Dois Amores*, o jogo não é apenas um passatempo, é uma paixão terrível a que os personagens entregam-se quando freqüentam os bailes e saraus. Estes, por sua vez, não são simplesmente o cenário onde velhas faladeiras maçam os jovens preocupados em requestar as moças. Os bailes são um dos lugares privilegiados de manifestação das paixões humanas, onde o vício e a virtude vêem-se submetidos a uma única regra: a dissimulação. Nos

⁴⁸ Sempre que nos referirmos à moral estaremos nos referindo ao domínio das paixões humanas, tal qual era compreendido no período em questão.

⁴⁹ MACEDO, Joaquim Manuel de. *Os Dois Amores*. São Paulo, W. M. Jackson Inc Editôres, 1950, *Grandes Romances Universais*, Volume 12, p. 55.

salões, os personagens viciosos mascaram a inveja, o ciúme e as verdadeiras intenções que os movem, e os virtuosos mascaram o sofrimento com sorrisos. Tal proposição expressa-se, por exemplo, na descrição do pensamento do personagem Cândido, ao verificar que no baile de anos de Celina, Anacleto, avô da jovem, após chorar de tristeza no jardim, dirige-se ao salão para entreter os convidados com o sorriso nos lábios:

Na alma de Cândido apareceu este pensamento; “Quem sabe se alguns dos que se estão aqui rindo alegremente, não terão ido chorar, às ocultas, como o velho Anacleto?”

Pela primeira vez em sua vida ele sentiu que, nas sociedades, o rosto se mascara com sorrisos... com olhares... e com palavras.⁵⁰

A distinção entre ser e parecer, apenas ensaiada na figura de Augusto, personagem de *A Moreninha*, recebe um tratamento mais reflexivo nesse outro romance macediano, sendo associada à natureza das relações entre os personagens nas mais diversas situações de convívio social. O romance demonstra que os personagens movem-se num ambiente em que é necessário dominar um certo conjunto de regras de comportamento que implicam o mascaramento do ser e de seus verdadeiros sentimentos. “Civildade” ou “etiqueta” são as denominações que esse conjunto de regras recebe por parte dos personagens. O romance não apenas evidencia e tematiza essa ruptura entre ser e parecer, como também volta suas atenções para os valores que subjazem a esse “verniz” orientador das condutas sociais. O domínio das regras de etiqueta e civildade não é, em si mesmo, condenado pois, se por um lado permite que alguns personagens escondam seus vícios e armem intrigas as mais diversas, por outro, possibilita que os virtuosos possam defender-se dessas mesmas intrigas. A descrição do comportamento dos personagens nesses ambientes passa, também, pela apresentação dos valores morais subjacentes às condutas normatizadas. Em termos gerais, trata-se de demonstrar que sob a “civildade” ou “etiqueta”, podem ser encontrados vícios ou virtudes, os quais são “encarnados” por diferentes personagens.

Se em *A Moreninha* eram enfatizados os comportamentos socialmente adequados e a problemática dos valores que os regiam ocupava o segundo plano, em *Os Dois Amores* a ênfase desloca-se justamente para os valores morais que orientam os comportamentos. A

⁵⁰MACEDO, Joaquim Manuel de. *Os Dois Amores*. op. cit. p. 173-174.

divisão dos personagens entre virtuosos e não virtuosos é uma das conseqüências desse deslocamento. A caracterização dos personagens segundo tal divisão pode ser verificada tanto no que diz respeito às descrições que deles são feitas, quanto à apresentação de suas condutas.

O esquematismo descritivo pálida-romântica, loira-clássica, moreninha-misteriosa⁵¹ de *A Moreninha* dá lugar, em *Os Dois Amores*, a uma apresentação mais detalhada e valorativa dos personagens. Celina, uma das protagonistas do romance, é descrita como “*uma galante querubim, de quem Deus modelara o coração, o amor e o rosto.*”⁵² O personagem, observa o narrador, fora amamentado com o leite da virtude e embalado no berço da beneficência pois tivera por mãe uma mulher caridosa e amável e por pai um homem que fez da medicina um instrumento de socorro aos pobres, mostrando-se pouco apegado aos valores materiais. Abatida logo cedo pela orfandade, Celina é entregue aos cuidados do avô e de sua tia Mariana. Celina é caracterizada, também, pela simplicidade no modo de se vestir⁵³, pelo comportamento pudico e pela inocência.

No Passeio Público do Rio de Janeiro, Celina usa um vestido de escomilha côr-de-rosa, despojando-se de usar qualquer adereço, brincos ou pulseiras; tendo como único ornato uma fita azul enlaçada na cintura.⁵⁴ Em seu baile de anos, o personagem apresenta o mesmo despojamento na vestimenta:

Uma simplicidade feiticeira presidira, como sempre, o seu – toucador. Seus longos cabelos estavam atados com graça indizível, mas tão pouco trabalho pedia aquêle penteado, que adivinhava se para logo que era o resultado da destreza de suas mãozinhas; agradava ainda mais por isso. Um pouco para o lado esquerdo de sua cabeça, aparecia um botãozinho de rosa, como surgindo dentre as tranças de madeixas.

Seu vestido era o único que lhe convinha.

⁵¹ Augusto faz, no primeiro capítulo do romance a seguinte descrição das primas e da irmã de Felipe: “- *Que interessante terceto! - exclamou em tom teatral Augusto - que coleção de belos tipos!... uma jovem com dezessete anos, pálida... romântica e, portanto, sublime; uma outra, loira... de olhos azuis... faces cor-de-rosa... e... não sei que mais; enfim, clássica e por isso bela. Por último, uma terceira de quinze anos... moreninha, que, ou seja romântica ou clássica, prosaica ou poética, ingênua ou misteriosa, há de por força ser interessante, travessa e engraçada; e por conseqüência qualquer das três, ou todas ao mesmo tempo, muito capazes de fazer de minha alma peteca, de meu coração pitorra!* MACEDO, Joaquim Manuel de. *A Moreninha*. op. cit. p. 13

⁵² MACEDO, Joaquim Manuel de. *Os Dois Amores*. op. cit. p.9.

⁵³ Cabe notar que a simplicidade nas vestimentas e adornos é uma característica comum à descrição de Celina e Carolina, protagonista do romance *A Moreninha*

⁵⁴ MACEDO, Joaquim Manuel de. *Os Dois Amores*. op. cit. p.123.

Uma virgem pede um vestido branco. A côr branca exprime a alvura de sua alma, a inocência de seu coração. Qualquer outro vestido assenta mal numa virgem.

*Além disto, uns sapatinhos de cetim, e mais nada.*⁵⁵

Decorre do próprio comentário do narrador que Celina é uma virgem e, como tal, veste-se em conformidade com sua condição. Desse modo, a “simplicidade” das vestimentas e ornatos do personagem não está relacionada à situação em que se encontra e tão pouco ao local por ele freqüentado pois, seja no Passeio Público ou em seu baile de anos, apresenta uma mesma maneira de se vestir. Nesse contexto, a simplicidade serve à construção do caráter do personagem, simbolizando tanto a sua condição de virgem inocente, quanto o desapego ao luxo e as valores materiais.

Nos manuais de conduta há quase um consenso⁵⁶ sobre a adequação da simplicidade às jovens solteiras. Sobre elas, o moralista observa em *Lições de Boa Moral, Virtude e Urbanidade*:

*As que só pensão em trajés, e se occupão todo um dia da ultima moda, raras vezes são mulheres uteis, nem são dignas do apreço dos homens. Não he facil que se conservem por muito tempo innocentes, aquellas que tem um desejo desmedido de agradar; e em tal caso não he injustiça o julgal-as com severidade. Na escolha dos trajés deve a mulher consultar a simplicidade; busquem adornos pomposos as que desejão occultar debaixo d'elles os rigores da natureza.*⁵⁷

Apesar de nos livros de conduta predominar a opinião de que a simplicidade é adequada às jovens solteiras, o mesmo não se pode dizer a respeito das razões que a justificam. No livro *Lições de Boa Moral* as mulheres que têm demasiada preocupação com os trajés e adornos são severamente criticadas e consideradas indignas da admiração masculina. A simplicidade é, neste caso, diretamente associada à inocência. Em o *Novo Manual do Bom Tom*, a justificativa para a “necessidade” de as mulheres solteiras vestirem-se com simplicidade é bem diversa:

⁵⁵ MACEDO, Joaquim Manuel de. *Os Dois Amôres*. op. cit. p. 157.

⁵⁶ A única discordância encontrada a esse respeito encontra-se em *O TRATO DO MUNDO NA VIDA ORDINARIA E NAS CERIMONIAS CIVIS E RELIGIOSAS*. op. cit. Cf. logo adiante a nota 57 deste capítulo.

⁵⁷ *LIÇÕES DE BOA MORAL DE VIRTUDE E DE URBANIDADE*. op. cit. p. 100.

O enfeite de uma donzella será sempre mais modesto que o de uma casada, porque o verdadeiro modo de achar marido é parecer inclinar-se a um gosto simples, isto é, ter aversão às casimiras e às ricas peles, e o mais profundo desprezo às jóias de preço e aos diamantes ... até que tenha encontrado um bom marido. Obrando de outra maneira privão-se de receber ricos enfeites das mãos de seus esposos.⁵⁸

Se, nesta obra, a simplicidade justifica-se por facilitar um bom casamento, em *O trato do mundo na vida ordinária e nas cerimônias civis e religiosas* a utilidade de vestir-se e adornar-se para encontrar um marido que proporcione à mulher os luxos e as jóias que deseja é questionada:

Está sabido que a simplicidade assenta bem nas moças; mas nós só conhecemos uma simplicidade relativa á qual as exigencias da moda impõe as plumas, o setim - até mesmo os brilhantes.

Bem pensando em tudo, talvez que achemos que nossa epoca é mais sensata que as antepassadas.

As moças, não precisando mais d'um marido para poder andar com plumas e brilhantes, terão menos propensão para encarar o casamento como um meio de poder se vestir a seu gosto.⁵⁹

Por certo esse último preceito, assim como o anterior, distanciam-se, e muito, do significado que o narrador parece querer imprimir à simplicidade de Celina. Esse significado aproxima-se mais daquele presente no *Lições de Boa Moral*, onde há a associação direta entre simplicidade e inocência feminina.

Os diálogos entre os personagens servem, assim como as descrições feitas pelo narrador, para reafirmar o caráter dos personagens. Há, no romance *Os Dois Amores*, um diálogo que ilustra adequadamente esse tipo de procedimento. A inocência e pudor de Celina não são somente descritos pelo narrador, são, também, postos em ação, numa conversa entre a jovem e sua tia Mariana:

⁵⁸ *NOVO MANUAL DO BOM TOM*. op. cit. p. 84-85.

⁵⁹ *O TRATO DO MUNDO NA VIDA ORDINÁRIA E NAS CERIMONIAS CIVIS E RELIGIOSAS*. op. cit. p. 56.

- Pois bem, Celina, sabes o que é amar... amar um homem que não é nosso pai, nem nosso irmão?

A "Bela Órfã" corou até a raiz dos cabelos, e sua perturbação aumentou-se quando viu que Mariana estava rindo de vê-la assim.

-Oh! Não te perturbes, não cores tanto, Lembra-te que estamos sós, e que somos como duas irmãs que se amam muito. Responde francamente: amas já alguém? ...

- Não, Mariana.

- Falas verdade, Celina? ...

- Falo verdade, respondeu a moça com os olhos no chão.

- Mas com dezesseis anos, tão bonita e tão viva que és, tu já deves ter pensado nesse sentimento de fogo, que mais cedo ou mais tarde sempre experimentamos; fazes já idéia do que seja amar um homem?...

- Não sei...talvez...tenho lido.⁶⁰

Essa conversa entre a tia e a sobrinha insere-se num contexto em que Mariana vai confessar à Celina que está feliz porque o homem a quem ama voltara de viagem. Cada fala de Celina é

acompanhada de um gesto ou expressão corporal comentada pelo narrador. Os gestos e o conteúdo do discurso do personagem vem aferir a veracidade da descrição que dele se fez anteriormente: o fato de corar e dirigir os olhos ao chão diante das perguntas da tia fornecem uma maior consistência a sua inocência no terreno das relações amorosas. Contudo, a inocência de Celina não se manifesta apenas nesse domínio específico. No que diz respeito às relações sociais, ela é representada pela ignorância que o personagem demonstra acerca do fato de a aparência exterior não expressar, necessariamente, o que as pessoas sentem. Essa inocência fica evidente quando Celina é questionada sobre quem seria o jovem a quem a tia ama. Indagada a respeito Celina responde:

- O sr Salustiano.

Mariana fez um movimento de horror.

- Oh, nunca! Exclamou.

- Como! Pois não é?

- Eu o detesto... eu o aborreço, como se aborreço um malvado.

⁶⁰ MACEDO, Joaquim Manuel de. *Os Dois Amôres*. op. cit. p. 25.

- É possível?

- *Pobre menina!... Tu ainda não sabes o que é o mundo. Vês-me rir para êsse homem, vês como ambos conversamos e mutuamente nos festejamos, e como com outras pessoas, pensas que o amo e sou por êle amada. Pois bem: eu detesto êsse homem, e êle sabe que eu o detesto.*⁶¹

Celina não percebe que a forma como a tia trata Salustiano é orientada pela “civilidade” e pela “etiqueta”, que, por sua vez, tem um caráter convencional. No episódio acima, a tia revela à sobrinha que seu comportamento com relação ao jovem é mera aparência, não expressando, de fato, o verdadeiro sentimento que nutre por ele. O desconhecimento da distinção entre ser e parecer evidencia a inocência de Celina e a distingue de sua tia Mariana que concebe o mundo a partir de tal cisão, alicerçando seu comportamento no domínio sobre seus gestos e no ocultamento dos seus sentimentos aos olhos alheios⁶².

Mariana tinha tôdas as boas e más qualidades de uma senhora de alta classe. Nobre, ativa, e mesmo vaidosa, sabia, quando era conveniente humilhar-se horas inteiras diante daqueles mesmos a quem detestava, para depois erguer-se orgulhosa. Ela misturava a audácia com a pusilanimidade, a mais inqualificável imprudência com um sangue frio que chegava a espantar. Sabia rir-se com os lábios quando chorava com o coração. Astuciosa, arrancava o segredo alheio e não constava nunca o seu. Era capaz de rir-se à borda de um abismo, e de vir chorar numa sala de baile; e finalmente amava com ardor e odiava com extremo.

O semblante de Mariana sempre impassível, sempre o mesmo, dava a suas palavras uma força imensa de verdade, não deixando a ninguém ler-lhe no corar do rosto, no movimento dos lábios ou na expressão do olhar, o que

⁶¹ MACEDO, Joaquim Manuel de. *Os Dois Amôres*. op. cit. p. 26.

⁶² O comportamento de Mariana parece aproximar-se, de maneira geral, daquele descrito por Norbert Elias como característico das cortes absolutistas francesas dos séculos XVII e XVIII. Essas cortes eram, segundo Elias, regidas por uma racionalidade muito específica que requeria do indivíduo um comportamento calculado com vistas a ganhar ou manter o prestígio entre os iguais e distinguir-se dos demais grupos da sociedade. À racionalidade cortês correspondia uma estrutura de personalidade baseada no perscrutamento das intenções alheias, forjando uma arte de observar o outro e exigindo um policiamento considerável de seu próprio comportamento. Nesse contexto, tanto as estruturas da sociedade quanto a natureza das relações sociais deixavam uma margem muito pequena para as manifestações afetivas espontâneas. Cf. ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte*. Lisboa: Estampa, 1987.

*estava passando dentro dela: contudo Mariana tinha poucas vezes a virtude da franqueza. Podia enganar, sabia que o podia, e enganava.*⁶³

Mariana é um personagem construído em perfeita oposição a Celina. Ao contrário da jovem inocente, ela é caracterizada pelo seu caráter sedutor, por sua malícia, vaidade e pelo domínio das etiquetas sociais. Todas essas diferenças de caráter e comportamento sustentam-se sobre uma aparência física marcada pelo erotismo. Enquanto Celina tem *tôdas as suas formas mimosas e puras*⁶⁴, a tia, em contrapartida, tem lábios eróticos e os seios pequenos “*e palpitantes*”⁶⁵. No conjunto, Mariana possui uma aparência e um comportamento extremamente sedutores:

*Alta e graciosa, cada posição que seu corpo tomava tinha um encanto particular, cada um de seus movimentos acendia um desejo perigoso; seu olhar era às vezes um desafio, uma provocação; seu sorrir quase sempre uma magia poderosa, sua voz uma harmonia que ficava no coração para se ouvir sempre, ainda mesmo ausente dela: a voluptuosidade e o ardor estavam derramados em tôda essa mulher, que deveria ter sido e era ainda objeto de cultos perigosos.*⁶⁶

O olhar provocador de Mariana é diametralmente oposto ao de Celina que, não raro, volta-se para o chão, indicando, nas mais diversas situações, o seu pudor e inocência. A relação entre o olhar e a inocência feminina pode ser encontrada, também, nos livros de conduta. Em *Lições de boa moral, virtude e urbanidade*, por exemplo, a mãe adverte Luizinha de que:

As vistas annuncião, sem querer, o que se passa no coração; faze por isso que nas tuas só se veja a expressão da modéstia, e para que melhor o possas conseguir, sê em verdade modesta: huma vista atrevida em huma mulher he cousa que repugna com seu sexo. Sobretudo não busques as dos homens; hum tal costume procede da depravação do coração; e se por casualidade o

⁶³ MACEDO, Joaquim Manuel de. *Os Dois Amôres*. op. cit. p. 46.

⁶⁴ *Ibidem*. p. 20-21.

⁶⁵ *Ibidem*. p. 23.

⁶⁶ *Ibidem*. p. 24.

*praticares, ou por mera advertência, confundir-te-ão com aquellas cujos costumes estão já estragados.*⁶⁷

O manual de conduta é muito claro quanto ao fato de o gesto servir à interpretação do caráter dos indivíduos: uma vista feminina atrevida, observa a mãe de Luizinha, é indício de um coração depravado. A advertência da mãe tem por objetivo chamar a atenção para a necessidade do autocontrole da filha sobre seu comportamento exterior. Em se tratando de um livro que pretende não apenas ensinar boas maneiras mas, também, “boa moral”, a mãe aconselha a filha, por conseqüência, a ter os sentimentos e a aparência concordantes.

O olhar e o comportamento de Mariana com relação aos homens não se enquadra naquele prescrito pelo manual de conduta:

*Quando um homem chegava-se a ela, havia de pagar-lhe por força o seu tributo de admiração, porque Mariana lho pedia com a provocação de seus olhos; e se o homem resistia, lho ordenava com a magia de seu sorrir, e enfim lho impunha com a harmonia de sua voz.*⁶⁸

Como pode-se notar, Mariana não tem uma postura pudica quando se trata de relacionar-se com o sexo oposto. Essa forma de comportar-se está em perfeita harmonia com o caráter do personagem. Mariana é uma mulher vaidosa de sua beleza e, como tal, considera inadmissível que os homens não lhe prestem homenagens. A vaidade é o móvel das ações de Mariana e, também, a responsável por suas condutas viciosas. No contexto do romance, a vaidade é interpretada como uma paixão perniciosa às mulheres, capaz de conduzi-las a comportamentos pouco virtuosos. Uma breve explicação sobre a trajetória do personagem é capaz de ilustrar essa proposição.

Desde muito jovem Mariana fora admirada por sua beleza e requestada por vários homens que lhe faziam propostas de casamento. Tendo as propostas recusadas por si mesma ou por seu pai, Mariana percebe-se, certo dia, com vinte e quatro anos e solteira. Nos saraus as amigas comentam que ela está ficando velha demais para casar, o que faz com que se sinta diminuída nas assembléias:

⁶⁷ LIÇÕES DE BOA MORAL DE VIRTUDE E DE URBANIDADE. op. cit. p.150.

⁶⁸ MACEDO, Joaquim Manuel de. *Os Dois Amôres*. op. cit. p. 24.

- É porque tu não sabes, Celina, o que se passou então dentro de mim. Nas sociedades parecia-me ouvir dizer - coitada! - quando eu passava perto de um círculo de cavalheiros; eu julgava-me ofendida no meu orgulho, rebaixada na convicção de ser bela: (...) ⁶⁹

O personagem passa, então, a mentir a sua idade e resolve, também, casar-se o mais rápido possível. Contraí um matrimônio sem amor que logo apresenta-se como um tormento para a jovem que acaba apaixonando-se por Henrique, o melhor amigo de seu esposo. O julgamento moral da vaidade é fornecido pelas conseqüências que dela advém. Uma das conseqüências da vaidade de Mariana é o casamento sem amor e a paixão impossível por Henrique. Esse amor impedido pelo estado civil do personagem é compreendido como uma punição, ou seja, como conseqüência funesta de uma atitude inadequada:

- Oh! Sim, foi, e caro tive eu de pagá-la. Eu tinha feito, sem o pensar, o sacrificio de minha vida; não me era porém então doloroso, porque meu coração estava livre... eu não amava. Mas parece que Deus quis castigar-me de pronto; porque Deus, Celina, não abençoa a união daqueles que se não amam. ⁷⁰

A moral da história é clara: o casamento deve ser realizado entre duas pessoas que se amam. E a paixão impossível de Mariana por Henrique deve ser interpretada como um castigo divino infringido àqueles que não seguem essa prescrição. O erro de Mariana foi uma decorrência do orgulho que sentia de si mesma ao ser admirada por sua beleza nos salões. Temendo ser alvo de chacotas e não ter mais do que se orgulhar, toma a decisão que, do ponto de vista do romance, seria condenável. A disposição favorável ao casamento por amor, apresentada pelo romance, é semelhante àquela manifestada em o *Methodo de ser Feliz ou Catecismo de Moral*. No livro de conduta em questão, o autor afirma que o *vil interesse tem condemnado o amor dos matrimônios, e o tem desterrado das novellas, (...) e, mostrando-se contrário ao matrimônio instituído sobre qualquer base que não seja o amor, considera:*

⁶⁹ MACEDO, Joaquim Manuel de. *Os Dois Amôres*. op. cit. p. 27.

⁷⁰ *Ibidem*. p. 28.

(...) he huma especie de rapto hum casamento contractado sem carinho, a pessoa não pertence, segundo o instincto natural, senão áquelle que lhe possui o coração. Não se deveria receber os dons do hymeneo senão das mãos do amor: adquiri-los de outra sorte, he propriamente usurpá-los.⁷¹

O amor de Mariana por Henrique, a principio impossível devido ao fato de ela ser casada, é ameaçado, posteriormente, quando ela já está viúva, por um outro erro cometido no passado. A vaidade é, também neste caso, o móvel do comportamento inadequado do personagem. Acostumada a ser cortejada por todos os homens, Mariana encontra, certo dia, nos salões, um viúvo chamado Leandro que não rendia homenagens a sua beleza. Despeitada pelo desdém desse homem, empenha-se com todas as suas forças em conquistá-lo. Quando consegue atingir o objetivo que almejava, seu pai Anacleto indispõe-se, por motivos políticos, ao casamento de ambos. Mas Mariana havia se entregado a Leandro e esperava um filho dele. A jovem retira-se da corte e vai passar uns tempos na casa de uma tia, onde tenta por fim à vida da criança.

Um amigo do pai da criança salva-lhe a vida sem que Mariana desconfie. O personagem escreve uma carta ao amante confessando o infanticídio. Essa carta cai, por sua vez, nas mãos de Salustiano que a usa para chantageá-la. Num primeiro momento, Salustiano ameaça tornar pública a carta caso Mariana não se faça passar por sua amante e, posteriormente, a carta é utilizada para forçá-la a ajudá-lo a se casar com Celina, sua sobrinha.

Ciente de que o cumprimento das ameaças por Salustiano poria abaixo sua reputação, a impediria de casar-se com Henrique e traria um grande desgosto a seu pai que ignorava o crime que ela acreditava ter cometido, Mariana torna-se “escrava” das vontades do jovem. A bem da verdade, antes de tornar-se escrava de Salustiano, Mariana é escrava de sua vaidade e da opinião pública a seu respeito.

Apesar de o enredo não deixar dúvidas sobre o quão pernicioso é a uma jovem deixar-se dominar pela vaidade, Mariana, que representa essa paixão, não é propriamente considerada culpada por seus atos. O papel que ocupa é de vítima. Mariana é vítima de uma sociedade que

⁷¹ *METHODO DE SER FELIZ OU CATECISMO DE MORAL* especialmente para uso da mocidade comprehendendo os deveres dos homens e do cidadão de qualquer religião e de qualquer nação que seja. Versão do francez para o idioma vulgar por G.E.F. Coimbra, na Real Imprensa da Universidade, ano de 1787 com licença da Real Mesa Censória, p. 110. (microfilme)

valoriza as aparências e, acima de tudo, de uma educação que não lhe pôs freio às paixões, em particular à vaidade, desde a mais tenra idade:

Como havia essa mulher sido levada à perpetração de um crime horroroso? Ela, filha de um homem bom, irmã de um homem virtuoso, tendo diante dos olhos constantes exemplos de piedade e religião?... Como?... Ah! não precisais ir pedir uma resposta ao péssimo da natureza humana, com que erradamente pretendeis explicar os efeitos das paixões que não foram combatidos desde o berço.

Quereis saber por que Mariana ousou tanto?... Perguntai à vaidade.

A filha de Anacleto, lindo anjinho na infância, encantadora moça depois, bela senhora ainda então, cheia de graças e de espírito, havia sido criada sempre no meio de uma atmosfera de fatais lisonjas. Respirou um ar de mentiras desde o princípio. Com êsse ar habituaram-se os seus pulmões; a verdade que fôsse um pouco menos lisonjeira seria capaz de sufocá-la. Objeto de um amor extremoso e cego da parte de seus parentes; objeto de culto e de adoração dos estranhos, Mariana julgou-se a princesa da formosura, empunhou orgulhosa o cetro da beleza; ergueu a cabeça acima de tôdas as suas contemporâneas, e, cheia de vaidade, queria fitos em si todos os olhos, absortos diante dela todos os homens, e curvos a seus pés todos os amôres.⁷²

A relação entre a educação e a vaidade, que o narrador considera estar na origem dos crimes cometidos por Mariana está, também, nas origens da elaboração de *a Arte de Ganhar o coração dos Maridos*. Eugênio de Pradel, num *mea culpa* envolvendo os homens, identifica na galanteria mentirosa por eles empreendida, a origem da vaidade e do amor-próprio feminino:

O galanteio reprehensível, que procura tornar os corações sensíveis, para immolal-os ao proprio orgulho, que finge experimentar terno sentimento para melhor inspiral-o, e sem piedade, as vezes sem pudor, vã a novas conquistas, apenas está certo de seu triunfo; este galanteio também é obra nossa. Se fôssemos menos prodigos de elogios, de insulsos [sic] e mentirosos louvores, de lisonjeiras exagerações, as mulheres menos facilmente se perderiam no falso caminho, a que as conduz um desordenado amor-proprio. Poder-se-hia dizer, que as não estimamos assás para sermos sinceros com

⁷² MACEDO, Joaquim Manuel de. *Os Dois Amôres*. op. cit. p.361-362.

*ellas. A galanteria justifica as mais estranhas imposturas, e como não se ensina às mulheres a desconfiar das hyperboles, que ella authoriza, sua vaidade se amolda às impertinentes adulações, que ousamos fazer-lhes.*⁷³

A obra de Pradel tem, dentre outros objetivos, o de educar as jovens para conviver num meio onde esse tipo de galanteria é uma prática comum. No prefácio de sua obra afirma que a educação feminina deve ilustrar o espírito, formar o caráter, nutrir o coração das donzelas com puros e sólidos princípios, ensinando os deveres que elas tem de preencher e alertá-las para *as seducções a que será preciso resistir, as tentações, os desejos que deverão combater.*⁷⁴

O propósito da obra de Pradel parece coadunar-se, em grande medida, com os propósitos do romance *Os Dois Amores* no sentido em que ambos, por caminhos diferentes, assumem um papel pedagógico no que se refere à educação feminina. Prevenir as mulheres sobre a natureza falaciosa do galanteio e sobre as conseqüências perniciosas da vaidade desmedida é uma tarefa cumprida por ambas as obras. Há no romance um diálogo em que Mariquinhas adverte sua amiga Celina, em tom pedagógico, sobre a necessidade de desconfiar dos galanteios masculinos, designando o assunto da conversa como lições de “filosofia amorosa”:

– E hoje, neste mesmo quarto, uma outra boa amiga tua te está dando lições de filosofia amorosa.

– Acabaste já?...

– De falar sóbre a coincidência, acabei, mas agora vou tratar do que muito nos importa.

– Pois fala; mas não gracejes.

– Tens dezesseis anos, D. Celina, continuou Mariquinhas; és bonita, mesmo bem bonita, deram-te muitas prendas, deves ser sensível, e por conseqüência não te achas com vocação para o claustro.

– Por quê?...

– Porque já sabes o que é amar um homem, porque muitos cavalheiros sem dúvida já se prostraram diante de ti, já te juraram um amor imenso... desesperado... eterno... que há de passar além da morte; já te declararam muito positivamente que tua indiferença é capaz de matá-los...

⁷³ ARTE DE GANHAR O CORAÇÃO DOS MARIDOS. op. cit. p.50.

⁷⁴ Ibidem. p. 4.

- *Oh! basta... que quer dizer isso?*

- *Quero dar-te um conselho de amiga.*

- *Qual?...*

- *Que não tenhas medo de que êsses senhores se deixem morrer por tua causa.*

- *Ora, D. Mariquinhas...*

- *Que não acredites nêles...*

- *Certamente que não.*

- *Escuta: quando um homem se chegar a ti e começar a fazer o elogio de tua beleza, como se fôsse um poeta que recitasse um cântico, e depois a jurar amor, constância, paixão e ardor por tôda a eternidade, desconfia dêle; os homens que mais falam são os que mais mentem.*⁷⁵

Entretanto, *Os Dois Amores* não se reduz a esse tipo de advertência sobre o galanteio mentiroso e os perigos que correm as moças que nele acreditam. As prescrições apresentadas nessa obra de Macedo abrangem um espectro maior de valores e padrões de condutas.

No universo masculino, por exemplo, o trabalho é alçado à condição de valor a partir do qual pode-se julgar o mérito pessoal. A distinção entre os dois principais personagens masculinos do romance que disputam Celina, a jovem virtuosa e inocente, reside dentre outras coisas, no fato de um deles ter adquirido a riqueza que possui por meio da herança paterna e de o outro ser um jovem que se dedicou aos estudos e, posteriormente, ao trabalho. A vitória de tal disputa cabe à Cândido, pois este, apesar de pobre, tem o mérito de ter estudado e de trabalhar. No contexto do romance, Salustiano, o outro jovem, não merece o que possui em termos de bens materiais, pois estes foram conseguidos com os esforços de outrem. Nesse sentido, o trabalho e o esforço pessoal (mérito) sobrepõem as riquezas materiais em termos valorativos.

Essa valorização do trabalho fica patente no discurso de Anacleto que, ao saber do interesse de Salustiano em se casar com sua neta, manifesta os motivos do desagrado que o jovem lhe causa:

- *Que esse homem não me agrada; que seu único mérito, a só recomendação com que se nos mostra, é ter herdado uma riqueza enorme*

⁷⁵ MACEDO, Joaquim Manuel de. *Os Dois Amores*. op. cit. p. 234.

*acumulada por seu pai, homem laborioso e honrado, dir-lhe-hei que há no rosto desse mancebo alguma coisa que transpira baixeza de sentimentos; que há no sorrir constante de seus lábios um sarcasmo eterno, ou incurável toleima, que o torna antipático e pesado a quem o pratica.*⁷⁶

Em compensação, o avô de Celina reserva suas simpatias e atenções a Cândido. Essa simpatia sustenta-se justamente sobre o fato de Cândido ser um jovem trabalhador, como demonstra o seguinte diálogo:

- *O senhor é operário?... perguntou Salustiano.*
- *Infelizmente não, respondeu Cândido, sou escrevente de advogado.*
- *Seja o que fôr, disse Anacleto, é um homem que trabalha, e por conseqüência, digno da nossa amizade.*⁷⁷

Embora o romance apresente ao leitor personagens que dissimulam seus sentimentos em diversas situações de convívio social, elabora esses mesmos personagens de forma que seja possível identificar, por sua aparência e comportamento exterior, quais são os valores que orientam a suas condutas. Há um episódio no romance que ilustra bem esse procedimento e no qual Celina opera a decodificação dos valores de Cândido e Salustiano a partir de seus respectivos comportamentos exteriores:

Um homem melancólico vale mil vèzes mais do que aquêle que vive rindo-se constantemente.
Eu tenho pena dessa gente que anda rindo-se de continuo.
*Èsses homens que vemos sempre a rir, a zombar, a dizer sarcasmos, a ridicularizar tudo, são como insultos que a natureza faz à terra.*⁷⁸

E, posteriormente, como se estivesse sugerindo que essa aparência exterior expressa os valores que os orientam, Celina discorre sobre as virtudes e vícios dos jovens:

⁷⁶ MACEDO, Joaquim Manuel de. *Os Dois Amôres*. op. cit. p. 47.

⁷⁷ *Ibidem*. p. 52.

⁷⁸ *Ibidem*. p. 264.

Um é a modéstia, que receosa se afasta e se esconde, e que por isso mesmo é mil vezes mais bela.

O outro é a presunção que se ostenta, que se impõe e que depois de aborrecer-nos muito, retira-se pensando que nos deixa em êxtase.

Um é a palavra da virtude, que soa unicamente para louvar o mérito; é a gravidade do homem nobre, a pureza das almas cândidas.

O outro é a loquacidade do vício, não sabendo falar senão a linguagem venenosa do sarcasmo; lançando a calúnia, a sátira e o epigrama no meio da conversação mais séria e delicada. E quando não fala, o aspecto de um bufo ou de um malvado com seu rir constante, rir maledicente... rir venenoso... ou rir estúpido.

Um crê na eternidade e em Deus, e crê na honra dos homens; o outro zomba dos mistérios e não acredita na honra de ninguém. Um é o néctar da virtude... o outro é a peçonha da vibora!...

*Que diferença entre ambos!...*⁷⁹

Os livros de conduta oferecem uma referência para a avaliação do comportamento de Cândido e Salustiano. O autor de *O trato do mundo na vida ordinária* prescreve que é necessário, numa conversação, evitar o riso fácil e manter um “*ar levemente meditativo que denota uma atenção imparcial e reflectida*”⁸⁰ Nesse sentido, o julgamento que Celina faz do riso constante de Salustiano e da aparência melancólica de Cândido assemelha-se ao que prescreve o manual em questão.

A zombaria é alvo, também, das prescrições contidas nos manuais de conduta. Em o *Methodo de ser feliz ou catecismo de Moral*, o autor adverte que:

“A zombaria offende menos a equidade natural do que a maledicência,⁸¹ pela razão de que estando presente quem ella ataca, está ordinariamente em estado de se defender. Se ella porem he menos criminosa, muitas vezes he mais offensiva, porque descarrega dois golpes de huma vez,

⁷⁹ MACEDO, Joaquim Manuel de. *Os Dois Amôres*. op. cit. p. 267.

⁸⁰ O TRATO DO MUNDO NA VIDA ORDINARIA E NAS CERIMONIAS CIVIS E RELIGIOSAS. op. cit. p.94.

⁸¹ O autor entende por maledicência “*huma satyra maligna, desfechada contra um auzente, com o único intento de o desacreditar e enviltecer.*” *METHODO DE SER FELIZ OU CATECISMO DE MORAL*. op. cit. p. 57.

*hum sobre a honra, outro no amor-proprio.*⁸²

Embora o autor a considere menos ofensiva do que a maledicência, praticar a zombaria consiste num vício que deve ser evitado. O mesmo pode ser dito a respeito da calúnia que, nos manuais de conduta, é severamente criticada. Em o *Methodo de ser feliz* o autor observa que não se deve confundir a maledicência com a calúnia “*que inventa o mal que publica*”⁸³. Em *Lições de Boa Moral, Virtude e Urbanidade*, o pai observa, por sua vez, que:

*(...) muitas pessoas há que contemplão com honor, como he justo, o tomar qualquer cousa que lhe não pertence, mas que não fazem escrupulo em dizer todo o mal, que sabem dos outros; e ainda muito do que não sabem com certeza; sem reflectirem que a murmuração faz mais damno que o roubo, e que a calumnia he um crime tão grande em muitas occasiões, como o homicídio.*⁸⁴

Em o *Novo Manual do Bom tom* a calúnia é compreendida como um “assassínio moral” e o autor prescreve que *o homem de juízo não deve acreditar no mal, senão quando tem uma certeza positiva, e neste caso, longe de o publicar, deve occulta-lo.*⁸⁵

As prescrições dos manuais de conduta não deixam dúvidas sobre o quão inadequados podem ser considerados os comportamentos de Salustiano. A zombaria, o sarcasmo e a calúnia estão sempre presentes na conduta do personagem nas mais diversas situações de convívio social. O narrador observa que, embora a conversação do personagem fosse às vezes agradável, este pecava por somar a ela o sarcasmo e a ironia:

*A conversação de Salustiano, que às vèzes era mesmo agradável, quase sempre perdia muito por sarcástica e venenosa. Não poupava nem a ironia, nem o epigrama. Ele olhava com paixão e interêsse para Celina; com presunção e orgulho para Mariana; com indiferença para Anacleto.*⁸⁶

⁸² *METHODO DE SER FELIZ OU CATECISMO DE MORAL.* op. cit. p.61.

⁸³ *Ibidem.* p.58.

⁸⁴ *LIÇÕES DE BOA MORAL DE VIRTUDE E DE URBANIDADE.* op. cit. p. 49.

⁸⁵ *NOVO MANUAL DO BOM TOM.* op. cit. p.112.

⁸⁶ *MACEDO, Joaquim Manuel de. Os Dois Amôres.* op. cit. p. 50.

Todas as prescrições dos livros de conduta esbarram, em alguma medida, no comportamento de Salustiano que seria, do ponto de vista de todos eles, considerado condenável. Entretanto, não seria necessário recorrer a tais livros para chegar a tal conclusão. O narrador, assim como as opiniões manifestadas pelos demais personagens a seu respeito, conduzem à interpretação negativa do comportamento de Salustiano. Anacleto associa o sorrir constante com o sarcasmo e a toleima, observando que este comportamento tornava o jovem antipático às pessoas que com ele se relacionavam, Celina observa que o riso constante, a zombaria e o sarcasmo praticados por Salustiano são insultos que o homem faz à natureza; e o narrador arremata que a conversação do personagem “perdia” por ser sarcástica e venenosa.

Apesar de o comentário do narrador e as opiniões dos demais personagens serem importantes para a atribuição de um caráter negativo à Salustiano, as cenas nas quais o personagem chantageia Mariana têm a vantagem de revelar a ironia e o sarcasmo de Salustiano em ação. Além disso, por meio do discurso de Mariana, define-se, a vilania e a infâmia, ambas praticadas por Salustiano ao fazer de um segredo seu um instrumento de chantagem para atingir seus interesses:

— E eu para obedecer-lhe, menti a meu pai; convidei-o para passear hoje à tarde, e na hora de sair queixei-me de um pequeno incômodo, e forcei-o com rogos a fazer o passeio só com minha sobrinha.

— V. Exa. é a mesma bondade!... disse o moço com insolente ironia.

— Oh! não! senhor; falemos sèriamente; não há bondade da minha parte, nem polidez da sua. O caso é simples: aqui está um senhor e uma escrava.

A firmeza com que Mariana pronunciou essas palavras obrigou Salustiano a fazer um movimento de admiração.

— Porque, continuou ela, eu compreendo perfeitamente o que sejam as cerimônias, e as etiquêtas em uma assemblêia; mas quando se acham a sós, e cara a cara, duas pessoas que se procuraram adrede para tratar de uma questão cuja base, apesar de ser um segredo, é de ambos conhecida, para que, senhor, estar com vãs palavras encobrindo uma triste verdade?... para que vestir em belas roupas um horrível esqueleto?...

Mas enquanto Mariana assim se exprimia, retomara Salustiano seu sangue frio habitual, e já com seu insolente e costumeiro sorriso nos lábios, respondeu em tom de gracejo.

— É, minha senhora, que eu tenho minhas tendências para diplomata.

– Menos isso, senhor, tornou Mariana; pode sim um homem, imprevistamente dono do segredo de uma mulher, impor-lhe, por preço de seu silêncio, condições indignas; isso será apenas vilania... baixeza de alma; mas ridicularizar essa mulher, senhor?! oh já não é só vilania, é infâmia!

– Senhora! disse Salustiano.

– E preciso é que me conheça bem, que faça justiça a meu caráter. Se tenho tremido, se me tenho humilhado a seus olhos nas sociedades, é porque me curvo ante a pureza dos outros, e nunca porque dobre os joelhos ao seu poder. Quando estivermos sós, eu hei de conservar-me sempre na minha posição, alta, elevada muito sobre a sua; porque a vítima é sempre menos infame do que o algoz. A quem eu temo, a quem eu respeito, não é o senhor, é as almas nobres.

– Senhora!...

– Nada de falsas posições entre nós, continuou a viúva: o que somos ambos, ambos o estamos vendo. Eu sou uma mulher indigna, e o senhor é um homem baixo e vil. Suponhamos agora que nenhum de nós tem pejo, e falemos claramente um ao outro como dois sicários que tratam de, um crime. Eis aqui como deve passar esta hora entre nós dois: creio que torno tudo muito fácil. O que quer o senhor de mim?...

(...)

– Confesso, senhora, disse Salustiano, que não vinha preparado para uma conversação da natureza que parece desejar; todavia, pois que assim o quer, esforçar-me-ei por mostrar-me sem pejo, e falar-lhe como um sicário que com outro conversa sobre um crime.

– Bem; é isso mesmo: o que quer, pois?...

– Primeiramente quero saber quem é este mancebo que tão assiduamente frequenta a sua casa, e a quem ouço dar o nome de Cândido.

– Sei que se chama Cândido.

– E mais nada?...

– E mais nada.

– Vamos mal, senhora; não vi, como desejava, satisfeita minha primeira pergunta; desvaneço-me porém de esperar que uma exigência, que agora farei, será completamente e cedo cumprida.

– E o que exige o senhor?... perguntou Mariana.

– Que as portas desta casa sejam fechadas a esse mancebo.

– Quem abre e fecha as portas desta casa a todas as pessoas não é a filha, é o pai.

Salustiano levantou os ombros e disse:

– Embora; eu o exijo.

Mordeu Mariana os lábios de despeito, e depois perguntou:

– E por quê?.. e para que havemos de fechar as portas desta casa a êsse infeliz moço?...

– Já o disse uma vez, senhora, porque eu o exijo.⁸⁷

O diálogo evidencia a condição de vítima em que encontra-se Mariana, impelida a satisfazer as vontades de Salustiano, mesmo que estas impliquem em mentir ao próprio pai e em prejudicar a sobrinha e o jovem Cândido, armando intrigas para impedir que estes se unam. Ao exigir que Mariana satisfaça suas vontades, inclusive a custo de praticar ações com vistas ao prejuízo de outras pessoas, Salustiano transgride as prescrições acerca “do que devem os homens por urbanidade às senhoras”, segundo as quais, o homem deve ser condescendente com as mulheres, evitando impor a elas os seus próprios desejos:

O que não farieis por hum homem, fazei-o gostosos por huma mulher. Cedei em todas as partes às senhoras o assento mais comodo e honroso. Na mesa nunca consintais ser servido primeiro que ellas. Tratando de jogar, consultai-as sobre o jogo de sua preferênciã: condescendeis com os seus desejos, com tanto que esta condescendência não seja contra o vosso estado, contra a vossa vontade e saude.⁸⁸

Cândido, o jovem que ama Celina e é amado por ela, oferece um contraponto aos traços de caráter e ao comportamento de Salustiano. Poeta das noites em que passa no sótão a pensar na jovem Celina, músico em cuja harpa toca os romances nacionais em vez de árias estrangeiras, Cândido, além de escrevente de advogado é um poeta de sentimentos nacionalistas e de virtudes pretensamente universais. Reúne em si a virtude da modéstia, a humildade, a aversão à mentira, a atitude respeitosa com os anciãos e um verdadeiro amor maternal. Nos serões oferecidos pelo avô de Celina, Cândido, ao contrário dos demais jovens que passam o tempo dirigindo galanteios às moças, permanece ao lado de Anacleto conversando sobre música, assunto com relação ao qual afirma ter pouco conhecimento, e

⁸⁷ MACEDO, Joaquim Manuel de. *Os Dois Amôres*. op. cit. p. 135.

⁸⁸ *LIÇÕES DE BOA MORAL DE VIRTUDE E DE URBANIDADE*. op. cit. p. 147.

apenas observa, com olhar melancólico, o que se passa a sua volta. Mesmo percebendo-se completamente apaixonado por Celina sequer ousa convidá-la para uma contradança, o que faz apenas impelido pelo avô da jovem que o tem em grande consideração. A modéstia de Cândido torna-se patente quando, numa das noites de serão em casa de Celina é convidado a cantar e tocar sua harpa. O desempenho de Cândido em sua estréia como cantor provoca êxtase na assembléia que, ao final de sua apresentação, entrega-se a frenéticos aplausos. O narrador observa que Cândido teria sido, na ocasião, inspirado pela presença de Celina, sua amada:

A voz de Cândido, a principio trêmula e abatida, bem depressa tornou-se firme, normal e sômente comovida, como lho estava pedindo o seu cantar mavioso e terno; desde logo o mancebo esqueceu-se do lugar onde estava, dos olhos que o cercavam, e dos ouvidos que o ouviam. Era um artista, e como o verdadeiro artista, indiferente a tudo mais, êle só via a bela que o inspirava; e todo, todo se entregava à inspiração. Com olhares ardentes embebidos em Celina, modulava seu canto harmonioso, que parecia sair da alma.⁸⁹

Percebendo que Celina ficara hipnotizada ao ouvir Cândido cantar o romance sobre o amor de ambos, Salustiano sentiu-se “curvado ante a superioridade do talento” e, deixou-se tomar pela cólera, despeito e “todas as paixões que do ciúme se originam”, como observa o narrador. O ciúme sentido pelo personagem é semelhante àquele que Pradel descreve em *A arte de ganhar o coração dos maridos*. O alicerce do ciúmes do personagem é o seu amor-próprio que se vê ameaçado pelo talento de Cândido. Além disso, o sentimento do personagem é nutrido pela constatação de que a mulher a qual deseja parece corresponder positivamente aos agrados verbais de seu rival. Nesse sentido, Salustiano enquadra-se no exemplo que Pradel fornece acerca dos animais domésticos:

Independentemente dos diversos grãos de intensidade, que existem no ciúme propriamente dito, a observação nos descobre outra espécie de ciúme bem distinta, que o vulgo confunde com elle. O primeiro vem do amor, o segundo do amor-próprio, e cada um delles, até certo ponto procede reciprocamente do outro. O que se origina do amor-próprio assemelha-se à

⁸⁹ MACEDO, Joaquim Manuel de. *Os Dois Amôres*. op. cit. p. 162.

*inveja, elle se encontra nos meninos, ciosos das preferencias concedidas a seos irmãos, camaradas; também se manifesta nos animais domesticos: estes tem ciúmes das caricias, dos cuidados, que se prodigalizão a outros na sua presença, e das suas femeas, a ponto de dilacerarem-se uns aos outros.*⁹⁰

Ferido no seu amor-próprio e tomado de ciúmes, Salustiano exige que Mariana proíba Cândido de freqüentar a residência de seu pai. A contragosto, Mariana põe em ação toda sua capacidade de dissimular suas verdadeiras intenções e, numa conversa com Cândido, leva-o, por meio de mentiras, a acreditar que a reputação de sua sobrinha corria perigo devido ao fato de ele encontrar-se com freqüência nos serões que ali se davam:

– Agora escute: êsse povo insano, que não vive senão quando murmura, essa gente indigna, que quando não acha uma ação de que murmurar inventa-a para com ela alimentar-se; êsse povo, essa gente quando vê um mancebo solteiro freqüentando a casa em que existe uma senhora que não é casada, não pergunta o motivo de suas visitas, não indaga a origem das relações que existem, brada, insulta, calunia!

– Que quer dizer, minha senhoras...

– Quero dizer que desde as primeiras visitas que do senhor recebemos graças, eu me ufano de o declarar a todos, graças a nossos reiterados convites, minha sobrinha e o senhor tem sido vítimas da aleivosia.

– É possível?

– Ousam dizer que Celina e o senhor se amam e se correspondem, e que meu pai e eu protegemos êsse amor...

– Mas é uma infame calúnia!... exclamou Cândido.

*– E que importa ao mundo que murmura que o senhor e nós todos juremos que isso é falso?... que a sua presença nesta casa é devida sômente a nossas repetidas instigações... que o seu comportamento aqui é nobre, é leal, é digno de um homem de educação?... o mundo continua a murmurar, como de fato tem continuado ... vai de boca em boca passando a calúnia, e os últimos que a escutam já a recebem como verdade.*⁹¹

⁹⁰ ARTE DE GANHAR O CORAÇÃO DOS MARIDOS. op. cit. p. 54.

⁹¹ MACEDO, Joaquim Manuel de. *Os Dois Amôres*. op. cit. p. 177.

Mariana alega que se os boatos sobre o amor entre Celina e Cândido não fossem desmentidos o futuro da jovem estaria comprometido pois nenhum homem desejaria casar-se com ela. Além disso, arremata, Cândido não seria capaz de fazer sua sobrinha feliz pois a sua pobreza não permitiria que proporcionasse a Celina os cômodos prazeres a que estava acostumada. Note-se que Mariana critica a calúnia para, por sua vez, caluniar, ou seja, para inventar uma mentira prejudicial à Cândido e Celina.

Mesmo inocente, Cândido afasta-se da família de Celina. Tal afastamento provoca tristeza na jovem e indignação em Anacleto, seu avô, que decide tomar satisfações de Mariana, desconfiado de que o procedimento da filha poderia estar relacionado à influência de Salustiano sobre ela. Questionada sobre os motivos que teriam levado Cândido a afastar-se, Mariana finge não saber de nada e estimula o pai a procurar o jovem, crente de que este se manteria em silêncio devido a sua “justeza de caráter”. Anacleto procura Cândido e a conversa entre ambos reitera a expectativa de Mariana, assim como evidencia o respeito do jovem pelo ancião:

– Adivinha certamente o motivo que me traz aqui?... perguntou

Anacleto.

Cândido não sabia fingir, e respondeu:

– Talvez.

– Pois então... ia dizendo o velho.

– Mas, é melhor que o exponha o senhor, interrompeu o mancebo; é possível também que eu esteja enganado, e que nossos pensamentos, que supomos reunidos em uma só idéia, se achem pelo contrário bem afastados um do outro.

– Não; não estão.

– Enfim, sou eu quem deverá ouvir as causas de uma visita que, em todo o caso, muito me lisonjeia.

– Meu caro, disse Anacleto, eu ponho as formalidades e as etiquetas para o lado, quando converso com aqueles de quem sou amigo; e nós o somos.

Cândido abaixou a cabeça em sinal de agradecimento.

– Ou pelo menos, tornou o velho, eu o sou seu.

O moço tornou a repetir com a cabeça o mesmo sinal de há pouco.⁹²

⁹² MACEDO, Joaquim Manuel de. *Os Dois Amôres*. op. cit. p.221.

A forma de tratamento que Cândido dispensa à Anacleto é oposta àquela de Salustiano. O respeito do jovem pelo avô de Celina expressa-se não apenas por meio das palavras que a ele dirige - dentro dos padrões estipulados pela etiqueta -, como também por meio dos gestos que as acompanham - abaixando a cabeça em sinal de agradecimento - como observa o narrador.

É necessário notar que embora o narrador comente que Cândido não sabia fingir, o personagem, como era esperado por Mariana, não revela, de fato, o que realmente aconteceu na noite de anos de Celina e a ligação da tia da jovem com a sua ausência. Embora omita o ocorrido, Cândido não mente, revelando que afastara-se devido a sua pobreza e impossibilidade de realizar seus desejos. Manifesta sua humildade agradecendo a visita de Anacleto, a delicadeza com que este senhor o trata e o interesse que considera não merecer.

Cabe ressaltar que a dissimulação dos sentimentos é requerida, inclusive, dos personagens virtuosos. Mesmo mostrando-se não muito afeitos a esconder os seus sentimentos perante a sociedade, esses personagens rendem-se a tal prática e a aceitam, agindo em conformidade com o que lhes é exigido. Desse modo, Anacleto, pai de Mariana, apesar de nutrir antipatia por Salustiano, trata-o com *“aparente civilidade”* e *“sensível frieza em suas maneiras”*⁹³.

Há um episódio no qual Celina espera a chegada de Cândido no serão e, quando percebe que o jovem não chegaria, vai a seu quarto e põe-se a chorar. Neste momento, Mariquinhas entra em seu aposento e ao encontrá-la chorando, dirige-se à amiga com as seguintes palavras:

– Silêncio! enxuga as tuas lágrimas. Que precisão há de que saibam lá em baixo que tu choraste?... sabes?... perguntar-te-iam, ou quereriam adivinhar por quê.

A “Bela órfã” abaixou a cabeça, e Mariquinhas começou a endireitar-lhe o cabelo.

Quando acabava esse interessante trabalho, soaram em baixo os primeiros compassos da valsa.

Ouves?... disse Mariquinhas.

– Sim, ouço.

– Pois vamos descer.

– Para quê?...

⁹³ MACEDO, Joaquim Manuel de. *Os Dois Amôres*. op. cit. p 50.

– Para dançar.

– Eu não dançarei hoje.

– Oh! tornou Mariquinhas; mas é necessário dançar, é necessário rir, é necessário fingir; porque a moça que não finge, sofre muito neste mundo que morde.

– Oh! que mundo!...

– Vamos.

– Espera; olha bem para mim; poderão descobrir nos meus olhos que eu estive chorando?...

Mariquinhas olhou de perto para Celina, foi aproximando o rosto, deu-lhe um beijo, e disse:

– Teus olhos brilham... as lágrimas estão no coração.

*Desceram as duas amigas.*⁹⁴

É necessário compreender que, em si mesma, a dissimulação dos sentimentos não desvaloriza moralmente os personagens. Essa desvalorização ocorre, de fato, quando sob a dissimulação subjazem paixões e comportamentos viciosos. O fato de Celina fingir estar alegre quando está triste, não a faz menos virtuosa. A jovem mantém os mesmos valores morais que possuía anteriormente. Ela não deixa, por exemplo, de preferir o mérito e a virtude de um homem pobre em lugar da riqueza que poderia lhe proporcionar um outro, cujos comportamentos não são virtuosos. O mesmo não se pode dizer de sua tia Mariana que alicerça a dissimulação de seus sentimentos e intenções sobre a vaidade e o medo de perder sua reputação. Mariana prefere mentir, inclusive a custo de prejudicar a felicidade de sua sobrinha, por interesse próprio. A interpretação da conduta de Mariana sob a luz das prescrições de *O Novo Manual do Bom Tom* seria considerada condenável pois a mentira que prejudica alguém é, em tal livro, considerada calúnia e a que é dita por interesse próprio é considerada uma manifestação de fraqueza.⁹⁵ É interessante notar que, nos diálogos com Salustiano, Mariana refere-se a si mesma como uma mulher covarde. O temor da opinião pública, o desgosto que provocaria em seu pai e a possibilidade de não poder unir-se à Henrique levam o personagem a satisfazer as vontades de Salustiano perpetuando um padrão de comportamento que fora

⁹⁴ MACEDO, Joaquim Manuel de. *Os Dois Amôres*. op. cit. p. 197.

⁹⁵ *A mentira perniciosa, isto é, a que pôde prejudicar a alguém, constitui a calúnia. É uma ação criminosa e infame e é uma fraqueza quando é dita por interesse próprio e material. NOVO MANUAL DO BOM TOM*. op. cit. p.184-185.

provocado justamente pela sua vaidade desmedida.

Embora os personagens vivam em uma sociedade movida pelas aparências e pelo comportamento normatizado, não há, por parte daqueles que são caracterizados pela virtude, modificações dos valores que orientam as suas condutas. Apesar de Celina e Cândido aprenderem, ao longo do romance, que a sociedade é uma espécie de palco onde se movem atores cujos sentimentos e intenções não se pode deduzir a partir de seu comportamento exterior, ambos permanecem fiéis aos valores que possuíam antes de empreender sua jornada nessa sociedade. A trajetória desses personagens é reta. Em contato com os vícios, jamais são corrompidos por eles. Há uma perfeita harmonia entre as crenças que professam e os atos que empreendem.

O mesmo não se pode dizer dos personagens cujas condutas são orientadas pelo vício. Os valores dos personagens que não são virtuosos são transformados ao longo do romance. Mariana, apesar de cumprir as ordens de Salustiano, vive atormentada por remorsos do crime que acredita ter cometido e Salustiano tem seus valores modificados pelo exemplo que Cândido lhe oferece.

Ao final do romance sabe-se que Cândido é filho de Mariana e irmão de Salustiano por parte de pai. Essa revelação dá-se num clima de tensão pois Salustiano ameaça tornar definitivamente pública a carta na qual Mariana confessa o infanticídio caso esta não consiga fazer com que Celina case-se com ele no mesmo dia de seu casamento com Henrique. A relação de irmandade não é suficiente para demover Salustiano de seus propósitos. Entretanto, Rodrigues, amigo de seu pai e protetor de Cândido, deposita nas mãos deste personagem um documento que incriminava Salustiano. Cândido propõe ao irmão que se faça uma troca entre a carta que incrimina Mariana, sua mãe e aquela que incrimina Salustiano. Em troca da queima de ambas as cartas, Cândido abre mão de sua fortuna, ou seja, de metade da riqueza de Salustiano que tem direito por herança. O acordo é firmado as cartas são queimadas e Salustiano vai embora do Rio de Janeiro, deixando uma carta na qual revela seu arrependimento e deixa a administração de toda a riqueza a cargo de Cândido:

“Meu irmão: – Deste-me uma grande lição de virtude: mostrar-te-ei que a não gastaste mal comigo.

"Eu era um moço perdido, sem nobreza, sem generosidade e sem amor do que é verdadeiramente belo. Provarei que, com o exemplo da honra, soube conhecer os meus erros.

"Meu irmão, quando eu tornar a aparecer a teus olhos, não te envergonharás de me apertar a mão. Eu parto, para onde não sei ainda.

"Voltarei talvez um dia... quando o estudo, a meditação, as lágrimas, e as viagens tiverem gasto todos os meus remorsos, e me disserem que já não sou o mesmo.

"Voltarei digno de meu irmão; digno daquele que fez arder a meus olhos um milhão e um processo.

"No entanto, meu irmão, eu te deixo a minha casa, confio-te a riqueza que nos deixou nosso pai. Acompanham a esta a escritura e todas as disposições necessárias para que tornes a direção da casa, como seu administrador-geral e meu sócio.

"Não é possível recusar, meu irmão; em nossa casa te esperam, e quando receberes esta, já estarei longe do Rio de Janeiro.

"Adeus, meu irmão. Eu te agradeço me teres feito homem... me teres feito cristão.

"Adeus! até um dia.

"Teu irmão, – Salustiano." ⁹⁶

A carta de Salustiano demonstra uma das facetas do caráter pedagógico-moral do romance, que alicerça a transformação das condutas viciosas no exemplo proporcionado pela virtude.

3.4 Narrativa e prescrição

Vimos que em *A Moreninha* havia alguns artificios narrativos que conduziam a determinadas interpretações sobre as condutas dos personagens. Havia toda uma elaboração de comportamentos representativos de determinados grupos, como o das moças volúveis e vaidosas, por exemplo, e, simultaneamente a ela, avaliava-se a adequação ou não desses mesmos comportamentos. A reprimenda pelo narrador ou por algum personagem que ocupava o papel de *raisonneur* funcionava como instrumento pedagógico indicando ao leitor quais

⁹⁶ MACEDO, Joaquim Manuel de. *Os Dois Amôres*. op. cit. p. 387-388.

seriam os comportamentos cuja reprodução não eram desejáveis. Além disso, o romance oferecia aos exemplos de comportamentos indesejáveis, outros, positivos, que a eles se opunham. Dessa forma, constituía-se um campo de representação de comportamentos exemplares avaliados positiva ou negativamente que poderiam servir de guia de conduta ao leitor.

Pode-se, também, encontrar esses procedimentos em *Os Dois Amores*. Vimos, entretanto, que neste romance o domínio das regras do comportamento mundano, enfatizado no primeiro romance macediano, é alvo de reflexão e, em termos pedagógicos, submete-se, devido à constatação de sua artificialidade, ao domínio da moral, entendida como o campo por excelência dos vícios e das virtudes que, por sua vez, orquestram a caracterização dos personagens.

O narrador de *Os Dois amores* tem um papel muito importante na definição do lugar que cada personagem ocupa no campo moral. Vimos como Mariana e Celina, assim como Cândido e Salustiano são caracterizados de forma a constituírem-se em uma espécie de “encarnação” de vícios e virtudes. Contudo, a reprimenda presente em *A Moreninha* toma outra forma neste romance macediano. Em lugar dela apresenta-se uma trajetória exemplar para a qual se espera a identificação do leitor. Mariana ilustra muito bem esse procedimento pois, quem gostaria de ser vaidosa a custo de viver corroída por remorsos e chantageada por um homem considerado vil? As conseqüências de sua vaidade servem, por certo, de exemplo a todas as mulheres que, por acaso, resolvessem comportar-se como ela. Nesse sentido, o romance fornece ao leitor a descrição de um padrão de comportamento e um exemplo de como este pode ter conseqüências perniciosas. Acompanhado a trajetória da vida de Mariana leitor algum desejaria viver experiência semelhante.

Obviamente os personagens virtuosos também são vítimas do sofrimento perpetrado pelas intrigas daqueles que estão tomados por paixões funestas e pelo vício. Contudo, aos virtuosos cabe a proteção de outros personagens e um final feliz. Pode-se alegar que Mariana, apesar de tomada por uma paixão condenável, acaba, também, encontrando a felicidade, pois consegue casar-se com Henrique e encontrar o filho que acreditava ter morto. Mas esse desfecho concorda com a situação de vítima da sociedade que lhe é dedicada no romance. Salustiano, o personagem que ocupa o papel de algoz é pedagogicamente transformado sob o exemplo de virtude que lhe fornece Cândido. Desse modo, em *Os Dois Amores* os personagens

viciosos ou vivem “prisioneiros” de uma tragédia pessoal que decorre dos erros advindos da entrega a uma paixão funesta, ou então tem seus valores transformados pelo exemplo de um personagem virtuoso. Não há, ao final do romance, oportunidade para que o vício se perpetue.

Entretanto, em *Os Dois Amores* encontra-se um artifício narrativo de caráter moralizador que não está presente em *A Moreninha* e que nos interessa particularmente. Esse artifício faz com que essa obra aproxime-se muito dos manuais de conduta que se valem de narrativas para exemplificar os preceitos de que tratam. Tentaremos, então, nos ater a esse aspecto formal de modo a evidenciar essa aproximação.

Vimos no capítulo anterior que alguns manuais de conduta apresentavam uma estrutura segundo a qual se fazia a prescrição dos comportamentos e, logo em seguida, esta era ilustrada com uma narrativa exemplar. Na primeira parte de *Lições de Boa Moral Virtude e Urbanidade* que trata dos deveres para com os pais encontra-se, por exemplo, a seguinte prescrição:

- Primeiro que tudo, cumpre que amemos nossos Pais, mais que a nós mesmos; porque devemos sacrificar-nos por elles, se fôr necessário.⁹⁷

Logo em seguida ao preceito, o pai narra a seguinte história:

“O que vou referir-vos, é um caso de amor filial - uma pobre viuva tinha tres filhos, e o seu trabalho apenas bastava para mantel-os, e para acudir ás suas proprias necessidades. Os tres irmãos amavam extremosamente a sua mãe, e como a vião muitas vezes afflicta por não saber como havia de ganhar o sustento, tomarão uma resolução bem extraordinaria. Acabava-se de fazer-se publico, que o que entregasse à justiça o autor de certo roubo, receberia uma somma de dinheiro bastantemente consideravel.”⁹⁸

Os três irmãos resolvem que um deles se passaria pelo ladrão e que os demais o conduziriam ao juiz. Assim o fizeram. Entretanto, o juiz fica desconfiado e pede a um de seus agentes para segui-los. Esse agente acaba por ouvir os filhos contando à mãe, toda a história:

⁹⁷ *LIÇÕES DE BOA MORAL DE VIRTUDE E DE URBANIDADE*. op. cit. p. 15.

⁹⁸ *Ibidem*. p. 19-20.

“(...) ao ouvir isto, tinha começado a dar mil gritos, mandando aos filhos que restituíssem o dinheiro que trazião, dizendo-lhes, que preferia morrer de fome, a conservar a vida a custa de seu filho.”⁹⁹

O magistrado, sabendo do ocorrido, chama o irmão mais novo que estava preso e o interroga novamente. Diante do jovem que não confessava o logro, o juiz afirma: *“Basta, basta, lhe disse o juiz, dando-lhe um abraço, jovem virtuoso, o teu procedimento assombra-me! Os irmãos são conduzidos ao príncipe que fica “admirado de uma acção tão heróica” e cede a cada um deles uma boa pensão.*

No romance *Os Dois Amores* o personagem Cândido é um exemplo de conduta segundo a prescrição acima descrita. O personagem tem uma concepção de amor filial que não deixa nada a dever se comparada à dos filhos da narrativa do livro acima citado. Apesar de ter sido enjeitado pela mãe, Cândido acredita que o amor aos pais deve estar acima de todos os outros tipos de amor. Antes de saber que Mariana é sua mãe, Cândido faz a ela a seguinte afirmação:

– Oh! É que, apesar de ser enjeitado, houve forçosamente um homem que foi meu pai, e uma mulher me concebeu! êsse homem, senhora, é já morto... disseram-mo. Eu sou órfão de pai; mas minha mãe!... essa, diz-me o coração que ainda vive... e eu amo-a com todo êste fogo de amor que Deus acendeu na minha alma!...

– Sem conhecê-la?...

– Que importa? êste amor não se gasta, não se esgota; êste amor é como o fogo do sol, sempre o mesmo, ou cada vez mais ardente. Quando eu encontrar minha mãe... ah! que amar êsse de então!

– É assim... é assim... tem razão, murmurou com voz comovida a senhora de mantilha.

– Uma mãe!... disse Cândido ternamente; uma mãe!... um ventre de mulher abençoado por Deus! oh! senhora, a maternidade é tão sublime, é tão sagrada, que foi por ela que Jesus Cristo se pôs em contato com os homens; foi pela maternidade que Deus salvou-nos!... amaldiçoado seja aquêle que não ama a sua mãe.

– E chora?... perguntou a desconhecida chorando também.

– Oh! sim! eu choro... sempre, e muito.

⁹⁹ LIÇÕES DE BOA MORAL DE VIRTUDE E DE URBANIDADE. op. cit. p. 19.

– Por que, senhor...

– Porque eu me lembro que minha mãe pode ser desgraçada... porque talvez ela precise de um braço a que se arrime para fazer a perigosa viagem deste mundo, e eu não a conheço, não lhe posso estender meu braço... enxugar-lhe as lágrimas... ou chorar com ela!¹⁰⁰

O fato de ter sido enjeitado não leva Cândido, em momento algum, a maldizer ou condenar sua mãe. No final do romance, como dissemos anteriormente, o personagem descobre que ela é Mariana e, ciente da chantagem a que é submetida por Salustiano, Cândido sacrifica-se por ela abrindo mão de uma fortuna em troca do documento que a incriminava. Essa ação de Cândido conforma-se plenamente às suas crenças acerca do amor filial, ou seja, o caráter virtuoso do personagem pode ser apreendido não apenas de seus discursos, como também de seus atos. Nesse sentido, o personagem ilustra muito bem o tipo de caracterização a que as personagens são submetidas nesse romance. De maneira geral, suas ações e pensamentos estão em plena conformidade com as prescrições que o narrador vai tecendo ao longo do romance. Desse modo, o caráter virtuoso da ação de Cândido não advém da relação concordante que mantém com as prescrições dos livros de conduta. O narrador é que fornece os referenciais para que o leitor interprete dessa maneira a conduta do personagem. Essa condução fica evidente quando o narrador, ocupando o papel de *raisonneur*, prescreve o amor paternal para, mais adiante, falar dos deveres dos filhos para com os pais.

Há na vida do homem um grande amor, cuja benéfica influência se experimenta ainda nos mais apertados lances. Um amor imenso, que, por assim dizer, enche toda a alma que o dá; amor único, sem interesse, porque às vezes é mesmo a um ingrato, que arranca lágrimas, a quem se ama: é o amor que um pai e uma mãe dão a seus filhos.

Porém nesse terníssimo afeto, pode-se talvez fazer uma distinção: um pai ama muito com o coração, mas ama também com a cabeça; uma mãe ama quase sempre só com o coração.

A grande missão da mulher é a maternidade; e, desde que é mãe, a mulher tem Deus no céu, e seu filho no mundo.

Uma mãe, em regra geral, sabe amar muito, e só cura de seu amor; vive de beijar, de contemplar seu filho; ela quase que o acredita um ente especial,

¹⁰⁰ MACEDO, Joaquim Manuel de. *Os Dois Amôres*. op. cit. p.299.

que todos devem bem querer, e ao qual nunca poderá tocar a mão pesada do infortúnio. Extremosa, complacente, fecha os olhos aos erros de seu filho, não ouve aqueles que notam em suas faltas; e se seu filho é um desgraçado, ela é desgraçada com êle. E se seu filho é um criminoso, ela o adora no seio do crime, despreza o juízo do mundo; e que lhe importa o mundo!...

Deus está no céu, e é grande para perdoá-lo; e na terra está ela, que é grande para amá-la sempre.

Um pai não é tanto assim; olha também para o mundo em que vive; respeita seus prejuízos e quer preparar seu filho para esse mundo, no qual tem de passar a vida. A opinião dos homens significa muito para êle, e portanto dobra-se a ela. Quando seu filho começa a representar um papel na sociedade, o pai segue-o constantemente com os olhos, anima-o com suas exortações, corrige-o com suas admoestações, dirige-o com seus conselhos, e enfim coroa-se também com os seus triunfos, e humilha-se com suas derrotas. O desvario de seu filho o enlouquece; a mancha, que vem nodoá-lo, cai-lhe no coração; é com êle solidário na glória e na vergonha.¹⁰¹

É necessário notar que a distinção estabelecida entre o amor maternal e o paternal, atribuindo um papel educativo ao homem e um afetivo à mulher encontra, de certa forma, um paralelo nos livros de conduta em forma de diálogo, pois quem ensina os filhos sobre os valores morais e o comportamento em sociedade é o pai, e não a mãe. Esta última ocupa esse lugar apenas quando se trata de dirigir-se à filha para dar-lhe conselhos que dizem respeito particularmente ao universo feminino. Feita esta observação gostaríamos de ressaltar que o narrador encerra o seu discurso afirmando que *“É esta a mais ligeira idéia que se pode dar, muito de passagem, do amor paternal.”*¹⁰² Note-se que o narrador assume, literalmente, o papel de moralista explicando ao leitor o que é o amor paternal e maternal. Essa descrição do amor dos pais a seus filhos é acompanhada de considerações sobre o amor filial. O raciocínio do narrador é claro: posto que os pais amam ardorosamente seus filhos, caberia a estes último retribuírem na mesma medida. Contudo, observa o narrador, essa retribuição nem sempre se dá:

¹⁰¹ MACEDO, Joaquim Manuel de. *Os Dois Amôres*. op. cit. p.166.

¹⁰² *Ibidem*. p.168.

É coisa notável!... a natureza inspira sentimentos que quase chegam a parecer-se com a ingratidão.

Um filho que deve tanto a seus pais; que antes de nascer causou já tantas dores, tantos tormentos a sua mãe, que depois de nascer bebe o leite de seus peitos; um filho, por cuja causa perderam seus pais tão longas noites, choraram lágrimas tão amargosas; um filho, ao pé do qual velam sempre por ele dois anjos, como duas Vestais pelo fogo sagrado; que tem sido o objeto de tão grande amor, de tão extremosos cuidados; um filho tem na sua vida uma hora que lhe é marcada pela natureza; que é hora da natureza sim, mas que é hora também de ingratidão.

Se esse filho é um homem, encontra cedo ou tarde uma mulher; e se é mulher, aparece-lhe um homem, pelo qual são deixados pai e mãe!... basta às vezes o olhar de um mancebo elegante, para plantar-lhe no coração um sentimento que vai depois na balança pesar mais que todos esses amôres, que todos esses cuidados de vinte anos e de mais anos ainda!...

A roda vai sempre girando. Os que foram filhos chegam um dia a ser pais, e enfim, vem também o tempo em que eles sentem por sua vez o que fizeram outrora experimentar a seus pais.

Não sejam os homens acusados por isso... pois que todos seriam réus e ninguém poderia ser juiz. Os homens não têm culpa; a natureza é que é a ingrata; mas o fato é esse.¹⁰³

Embora argumente que a ingratidão dos filhos é natural, não cabendo atribuir culpa a ninguém por este fato, o discurso do narrador tem o caráter de uma crítica.¹⁰⁴ Essa crítica serve, de qualquer modo, como referencial para a avaliação da conduta de Cândido, ou seja, por meio dela sabemos que o personagem é um modelo de amor filial pois, mesmo rejeitado, nutre pela mãe um amor capaz de levá-lo a renunciar à fortuna de que é herdeiro por direito. Esse é o percurso que o leitor pode fazer. Entretanto há outro percurso, muito mais evidente, que decorre da própria estrutura da narrativa. A seqüência original do discurso do narrador é:

¹⁰³ MACEDO. Joaquim Manuel de. *Os Dois Amôres*. op. cit. p.167.

¹⁰⁴ Em *O TRATO DO MUNDO NA VIDA ORDINARIA E NAS CERIMONIAS CIVIS E RELIGIOSAS*. op. cit. p.18. o moralista observa que os deveres do amor filial, devem se impor, mesmo que não haja no coração, sentimento correspondente capaz de obrigá-los: *Enquanto os filhos vivem na casa paterna, o dever de obediência e de respeito a que são obrigados por todas as leis divinas e humanas tornam superfluas as prescripções do trato do mundo. Mas quando ficam homens e têm uma nova família, se o coração lhes não dicta os deveres que o amor filial e o reconhecimento lhes impõe, é o trato do mundo que lh'os fará lembrar d'elles.*

definição do amor paternal, observação sobre a ingratidão dos filhos e, finalmente, exposição de um caso exemplar:

Anacleto amava a Mariana como os pais que são mais extremos e ternos.

Apenas saindo do berço, Mariana perdera sua mãe, e então seu extremoso pai, vendo-a tão pequenina já órfã, tão debilizinha e já sem um de seus gênios protetores, viu também nisso uma razão para amá-la em dóbro.

Obrigado por sua viuvez a rodear sua filha daqueles ternos e miúdos cuidados, de que especialmente se ocupam às mães, perdendo noites por ela, às vezes embalando-a para fazê-la dormir, Anacleto tinha por sua filha reunido em si dois amôres a um só tempo: o amor de pai e de mãe.

Dêsse modo Anacleto pôde estudar a fundo o caráter de sua filha; pôde ler na leve contração de um músculo de seu rosto o íntimo sentimento de sua alma, e distinguir a verdade e a mentira nos felíceiros sorrisos de Mariana.

Mas o amor não dá somente prazeres, faz sofrer também pesares acerbísimos.

Não será até possível decidir se êstes são devidamente compensados por aquêles. Há muitos amôres que sorriem; mas não há um só que não chore.

A beleza de Mariana encheu de orgulho o coração de seu pai nos primeiros anos, pouco depois porém essa mesma beleza começou-lhe a ser origem de sérios cuidados; quando êle chegou a notar que sua filha, vaidosa de seus encantos, embriagada com o incenso de mil lisonjas, procurava ganhar escravos em tôdas as sociedades onde aparecia, não desanimava nem preferia nenhum de seus numerosos admiradores, e, em uma palavra, amava perdidamente o galanteio... o galanteio, que é quase sempre um obstáculo para a felicidade das moças, e uma recordação desagradável, que às vezes, já em muito nobre posição, as faz corar diante de um homem que vem visitar seu marido¹⁰⁵

Anacleto é, portanto, um “caso” que se enquadra perfeitamente na descrição do narrador sobre o amor paternal. E Mariana, por sua vez, enquadra-se perfeitamente no caso dos filhos ingratos. Há todo um capítulo - “Um pai que chora” - dedicado ao sofrimento que acomete Anacleto ao constatar que a filha é “escrava” dos desejos de Salustiano que, do seu ponto de vista, é um homem sem qualidades morais. De qualquer maneira, a estrutura extremamente

¹⁰⁵ MACEDO, Joaquim Manuel de. *Os Dois Amôres*. op. cit. p.168.

pedagógica do texto salta aos olhos. Neste caso, o leitor não precisa fazer muito esforço para associar o discurso generalizante do narrador com o exemplo que ele oferece pois, ambos estão dispostos sequencialmente, tal como nos manuais de conduta.

Essa estrutura sequencial é recorrente no romance. Há momentos em que o narrador inicia um capítulo “filosofando” sobre um tema a respeito do qual um ou mais de suas personagens servem de exemplo. O capítulo vinte e um, por exemplo, tem início da seguinte forma:

O amor é a paixão das inconseqüências e dos absurdos. A impossibilidade de bem defini-lo provém da mesma natureza dêsse sentimento. Tem-se escrito milhões de volumes sôbre o amor, e a inteligência humana ainda o não retratou com tôdas as suas côres, porque sempre êle se mostra com uma nova nuança.

Fizeram-no parente da amizade, deram-lhe até o grau de seu irmão; mas se realmente tanto nela como nêle há sempre um pendor para o objeto que nos é grato, diferem ambos em tudo que resta, tanto e tanto, que parecem mais inimigos do que deviam ser dois parentes tão chegados.

Diferem muito, diferem nos princípios e nos resultados.

O belo título de amigo adquire-se à custa de uma longa provação, que dura anos. Aglomeram-se obséquios sôbre obséquios; é preciso que o tempo e o trato mútuo de dois homens tenha feito conhecer a ambos sua também mútua dedicação, e o desinterêsse e a paciência, e até certo ponto conformidade de sentimentos, e de sentimentos que sejam nobres; para que no fim de tudo isso saia o nome de – amigo, – não da flor dos lábios, mas do âmago do coração.¹⁰⁶

Essas considerações do narrador sobre a amizade, encontram-se expressas, de maneira muito semelhante, no livro *Lições de Boa Moral Virtude e Urbanidade*. Nesse manual de conduta, o pai ensina aos filhos que as amizades requerem tempo para assim serem consideradas:

Não acrediteis que boas amizades se granjeiem de repente: a verdadeira amizade caminha a passos lentos; e não medra, huma vez que não esteja

¹⁰⁶ MACEDO, Joaquim Manuel de. *Os Dois Amôres*. op. cit. p.181.

*enxertada em um tronco de merecimento reciproco e conhecido.*¹⁰⁷

Entretanto, no romance o narrador vai além desse tipo de prescrição que alerta os filhos sobre as bases nas quais sustentam-se as verdadeiras amizades. Trata-se de mostrar, no romance, como nascem o amor e a amizade, sendo o primeiro *filho do temperamento ou da simpatia*, de um curto momento onde não houve reflexão, diz o narrador, e a segunda, filha de um *“sentimento refletido, criado pela dedicação, amamentado pela virtude, educado cuidadosamente durante muitos anos”*¹⁰⁸ e a natureza diversa de ambos:

*Aí tendes a amizade, virgem encantadora cheia de pureza, de formosura, de graça e de castidade; e o amor, menino impertinente, audacioso, exigente, importuno, teimoso... para dizer tudo, menino malcriado.*¹⁰⁹

Toda essa discussão sobre o amor e a amizade serve para fornecer uma explicação para o amor que Henrique nutre por Mariana. Trata-se, como vimos de um amor que esteve impossibilitado de se concretizar a princípio devido ao fato de Mariana estar casada quando ambos se conheceram e, posteriormente, ameaçado pela revelação do suposto infanticídio cometido por ela. Esse é o contexto narrativo que suscita o seguinte comentário do narrador:

Se há um abismo, o homem lança-se dentro d'êlo; se lá dentro... se lá em baixo êle viu o rosto da mulher que ama...

Se há um muro de bronze, o homem trabalha uma vida inteira para lançá-lo por terra.

E nem os anos, e nem a ausência podem fazer esquecer a mulher que se ama.

Porque não houve gôzo.

E pode a mulher ser caprichosa e ligeira; pode zombar, pode parecer inconstante, pode desdenhar, podem mesmo asseverar que ela é falsa; o homem estará prêso a seus pés como um mísero escravo.

*Porque não houve gôzo.*¹¹⁰

¹⁰⁷ LIÇÕES DE BOA MORAL DE VIRTUDE E DE URBANIDADE. op. cit. p. 163.

¹⁰⁸ MACEDO, Joaquim Manuel de. *Os Dois Amôres*. op. cit. p.182.

¹⁰⁹ Ibidem. p.182.

¹¹⁰ Ibidem. p.183-184.

Essa teoria do gozo não realizado serve para explicar o sentimento de Henrique por Mariana:

É., com isto, e mercê destas considerações mil vêzes já enunciadas de modo mil vêzes melhor, que se explicava o amor extremoso e irresistível de que o jovem Henrique se achava possuído pela filha de Anacleto.

Henrique era um exemplo que se podia dar dos dois sentimentos que acabam de ser discutidos.

Laços de uma pura e virginal amizade o ligaram a Carlos. Grilhões de um amor tirânico e invencível o prendiam aos pés de Mariana.

A amizade porém dos dois mancebos era mais velha que o amor de um deles; e Carlos, com o zelo de um amigo fiel, tinha acompanhado todo o correr dêsse amor, que durante muito tempo se lhe figurou em abismo¹¹¹

Novamente tem-se uma estrutura composta por prescrição seguida do exemplo.

O narrador não deixa ao leitor a tarefa de estabelecer sozinho as relações entre o seu discurso e a atuação dos personagens. Depois de fazer suas digressões filosóficas sobre o amor e a amizade, faz questão de dizer ao leitor que Henrique é um exemplo “dos dois sentimentos que acabam de ser discutidos”, ou seja, da amizade fiel, alimentada por anos e de um amor cujo gozo não se consumou. Esse didatismo filosófico-moral cujos exemplos são recorrentes não é feito de maneira tão direta no romance *A Moreninha*. No primeiro romance macediano não se tem um narrador com uma postura tão prescritiva quanto em *Os Dois Amores*. Além disso, essa estrutura que organiza seqüencialmente as prescrições e os exemplos, não raro chamando a atenção do leitor para o fato de um determinado personagem exemplificar perfeitamente o que o narrador acabara de dizer, não ocorre no primeiro romance de Macedo.

Resulta que em *Os Dois Amores* os personagens são exemplos positivos ou negativos das prescrições dos valores e padrões de conduta que o narrador tece ao longo do romance. Entretanto, essa pulverização prescritiva do narrador encontra sua síntese numa espécie de “tese” ou “interpretação” que ele tece acerca da sociedade. Essa interpretação, apresentada logo no início do romance, mais propriamente no capítulo oito¹¹², é uma espécie de guia de leitura do

¹¹¹ MACEDO, Joaquim Manuel de. *Os Dois Amores*. op. cit. p. 184.

¹¹² O romance tem 44 capítulos e uma conclusão.

próprio romance, pois fornece uma estrutura prévia de interpretação dos valores e comportamentos dos personagens que são desenvolvidos posteriormente.

No capítulo em questão, denominado “o pobre entre os ricos”, o narrador explicita que pretende fazer do romance um instrumento por meio do qual o leitor possa olhar para a sociedade que o rodeia e vê-la tal como ela é. Tem-se, então, uma diferença fundamental entre este romance e *A Moreninha*. Como vimos anteriormente, o narrador do primeiro romance macediano conduzia o leitor como testemunha da trama romanesca, fazendo dele ao mesmo tempo espectador e cúmplice da atividade ficcional, cuja natureza não era dissimulada em momento algum. Em *Os Dois Amores* ele é convidado a olhar para fora do romance, para si e para a sociedade que o rodeia. A ficção interpõe-se entre o leitor e o mundo. O primeiro é interpelado pelo narrador - *Mas o que é que todos os dias estamos vendo?*¹¹³ - que conduz o seu olhar mostrando, então, como é e deveria ser a sociedade. É esta sociedade é, do ponto de vista desse narrador, marcada por “uma linha divisória” que separa os ricos dos pobres. Ao descrever o comportamento dos ricos com relação aos pobres, o narrador conclui que a sociedade está pervertida pois o rico que deveria acolher o pobre *que de tantas coisas carece na triste vida que vive* para que ele encontrasse junto “daqueles que mais têm” *uma hora de esquecimento daquilo que em vão deseja*, assim não o faz. A responsabilidade por esses comportamentos condenáveis não é da sociedade em geral, como o narrador a denomina, mas sim da sociedade que a governa. É o governo, observa, que desmoraliza o povo pois lhe dá um mau exemplo quando, perante a lei, não oferece igualdade entre ricos e pobres. Assim, tem-se, na esfera das relações domésticas a reprodução daquelas encontradas no domínio público:

O pai de família segue êsse homem com os olhos, e quase que se incomoda se êle olha para uma de suas filhas, porque o pai de família tem medo dêsse olhar do pobre; do pobre que não pode sustentar o pêso de uma carteira, onde se julgue seguro o porvir de uma mulher.

O mancebo não procura, foge antes do jovem pobre, porque receia que sua amizade pesada lhe seja; que êle o ocupe alguma vez...êle, que nada tem para poder servi-lo um dia.

E aquêles que não são pais de família, nem mancebos, e que contudo são ricos, olham para o homem pobre pôr sobre o ombro, envergonhar-se-iam

¹¹³ MACEDO, Joaquim Manuel de. *Os Dois Amores*. op. cit. p. 65.

de lhe dar o braço num passeio, e quase que têm pejo de o considerar de sua mesma espécie.

A mulher... oh! Mas em honra da verdade digamos aqui: a mulher é apenas que ainda retém alguma generosidade e nobreza no meio desta nossa perversão tão grande; a mulher está aí no jogo de tantas inspirações e sentimentos elevados, envergonhando o homem todos os dias. Mas pode o pobre ir até a mulher?... como? Se para chegar até ela é preciso vencer essa barreira de gelo, essa massa imunda que a prende?... como, se adiante da mulher está o homem?¹¹⁴

É para este fato que o narrador pretende chamar a atenção daquele que lê o romance:

Erga-se embora o pai de família, e diga que nós mentimos; brade o mancebo, e jure que insolente aleivosa lhe levantamos. Realmente um ou outro pai de família, um ou outro mancebo desmente essa regra; mas o gênero humano aí está em totalidade demonstrando-a na prática de um modo abominável.¹¹⁵

Caso o romance se reduzisse ao retrato dessa sociedade “pervertida” - como a denomina o narrador - não serviria, como é do gosto dos críticos naquele momento, à moralização daquele que o lê. Para atingir esse fim, Macedo elabora personagens que personificam a regra exposta pelo narrador e, também aqueles que fogem a ela. Anacleto representa o ancião rico que, exceção à regra, não sabe “*esquecer involuntariamente o pobre*”¹¹⁶, recebendo em sua casa o pobre “*cheio de mérito e pudor*” que “*na pequena sociedade das famílias dos ricos (...) se atira a um canto; vê rir, vê brincar, vê gozar, vê ser feliz; e quase nunca ri, quase nunca goza ou brinca, e jamais é feliz*”¹¹⁷, representado por Cândido. Celina é o personagem que compartilha dos mesmos valores que o avô Anacleto, preferindo Cândido a Salustiano que, por sua vez, representa “*o homem intrometido que, pobre ou não, em toda parte aparece, arranca à força o seu quinhão em tudo, não querendo ver a cara má que lhe fazem(...)*”¹¹⁸

¹¹⁴ MACEDO, Joaquim Manuel de. *Os Dois Amores*. op. cit. p. 66.

¹¹⁵ *Ibidem*. p. 67.

¹¹⁶ *Ibidem*. p. 69.

¹¹⁷ *Ibidem*. p. 70.

¹¹⁸ *Ibidem*. p.65-66.

Se “a sociedade não discute entre o rico estúpido e o pobre instruído”¹¹⁹, cabendo sempre a vitória ao primeiro, no romance *Os Dois Amores* é invertida essa lógica que o narrador considera ser característica da sociedade onde vive o leitor. Em suma, o romance é uma espécie de “realidade às avessas”, ou seja, não retrata a sociedade tal como o narrador alega que ela é. Evidentemente há personagens semelhantes àqueles que ele diz haver no mundo que rodeia o leitor, mas o final da história é inverso àquele que ele considera ser a regra geral. Nesse sentido, o romance assume, de fato, uma dimensão pedagógica explícita pois o narrador oferece à essa sociedade que considera pervertida, modelos de conduta virtuosos.

¹¹⁹ MACEDO, Joaquim Manuel de. *Os Dois Amores*. op. cit. p. 68.

CONCLUSÃO

Os pregões de Londres são ridicularias comparados aos da capital brasileira. Escravos de ambos os sexos apregoam suas mercadorias em todas as ruas. Verduras, flores, frutos, raízes comestíveis, aves, ovos, todos os demais produtos, bolos, tortas, roscas, doces, presunto, etc passam continuamente pelas portas das casas. (...)

E do mesmo modo todos os artigos para vestuário e adorno de senhoras, desde um vestido ou xale de seda até o lenço da cabeça e a cartela de alfinetes. Sapatos, bonés enfeitados, jóias de fantasia, livros infantis, novelas para jovens e obras de devoção para os devotos, "A Arte de Dançar" para os desajeitados, "Escola de Bem vestir" para os moços, "Manual da Polidez" para os rústicos, "O Oráculo das Senhoritas", "A Linguagem das Flores", "Santas Relíquias", "Milagre dos Santos" e "Um sermão em Honra a Baco" - tais coisas e milhares de outras são diariamente apregoadas pelas ruas.

THOMAS EWBANK.

No início da presente dissertação de mestrado pouco sabíamos sobre a circulação de manuais de conduta e tratados de moral no Rio de Janeiro do século XIX. O mapeamento da circulação da literatura prescritiva mostrou que esta esteve disponível ao leitor durante todo o século XIX, não apenas por meio de vendedores ambulantes, como assinalou Tomas Ewbank¹ em sua viagem pela cidade, como também por meio do mercado livreiro e das bibliotecas de uso coletivo. A diversidade das obras e as sucessivas reedições de algumas delas, assim como sua presença no mercado livreiro e nas bibliotecas fluminenses levaram-nos a considerá-las um sucesso editorial. Sucesso este que evidenciava a predominância de um certo padrão de conduta europeu das nações ditas civilizadas.

Pouco sabíamos, também, sobre as relações entre esse tipo de literatura e o romance moderno. Apenas supúnhamos que seria possível encontrar, nos romances de Joaquim Manoel de Macedo, representações de comportamento semelhantes àqueles que a literatura prescritiva oferecia ao público leitor.

A pesquisa demonstrou que a finalidade de transmitir valores e padrões de conduta ao leitor não foi uma exclusividade da literatura prescritiva, sendo atribuída, também, ao romance moderno. Essa identidade acabou por constituir um campo de disputa que pode ser vislumbrado seja nas críticas dos admiradores do romance moderno à literatura prescritiva, seja nas críticas dos moralistas ao romance.

As relações entre o romance moderno e a literatura prescritiva também manifestaram-se no contexto do surgimento do romance romântico nacional. A crítica literária brasileira do século XIX que se debruçou sobre *A Moreninha* e *Vicentina*, de autoria de Joaquim Manoel de Macedo, demonstrou que suas expectativas de leitura eram muito semelhantes àquelas surgidas na Europa.

Em ambos os contextos esperou-se que o romance oferecesse exemplos de virtude e comportamento socialmente adequados, servindo como guia de conduta.

Se a relação entre romance e prescrição de valores e comportamentos estava presente tanto na Europa quanto no Brasil, a literatura aqui produzida devia atender a uma outra

¹ EW BANK. Thomas. *A vida no Brasil ou Diário de uma visita ao país do cacau e das palmeiras*. Mais um Apêndice com ilustrações de antigas artes sul-americanas, constante de objetos e trabalhos de indústria doméstica em pedra, cerâmica, ouro, prata, bronze. Tradução de Homero de Castro Jobim. Primeiro volume, Rio de Janeiro, Conquista, 1973, p. 99.

demanda, fruto das especificidades locais. Os românticos brasileiros tomaram para si a tarefa de fundar uma literatura nacional, a qual, segundo acreditavam, deveria ser um importante agente no processo de constituição da nação.

O desejo de “moralizar” e “civilizar” recobria-se de um significado específico, na medida em que a nação que se desejava construir era de molde europeu..

Os discursos dos próprios românticos manifestavam abertamente a crença de que à literatura cabia um papel no processo de constituição e civilização da nação. Acreditava-se que a literatura era capaz de cultivar o espírito e, assim, influir sobre as qualidades do povo e suas virtudes morais, como argumentava J.M. Pereira e Silva nos *Estudos sobre Literatura*² publicado em 1836 na *Revista Niterói*. Seria lícito, portanto, supor a manifestação dessa crença romântica nos romances de Macedo.

As condições de produção de uma literatura de cunho nacional estavam, para esses primeiros românticos, diretamente relacionadas ao estatuto político dos povos, ou seja, à existência ou não de relações de domínio colonial. Desse modo, a literatura nacional, entendida como expressão dos costumes e crenças de um povo, só podia existir se este fosse livre, isto é, politicamente independente. Fazia-se, portanto, uma associação direta entre o domínio político e o domínio cultural.³ A crítica ao tipo de literatura que se havia produzido anteriormente era simultânea àquela dirigida aos valores que orientaram o governo da colônia. O período colonial era compreendido como um momento de obscuridade, responsável pelo atraso em que se encontrava o Brasil recém independente.⁴ Não se tratava apenas de realizar a

² Pereira da Silva afirma na *Revista Niterói*: *A literatura é sempre expressão da civilização; ambas caminham em paralelo: a civilização consistindo no desenvolvimento da sociedade, e do indivíduo, factos necessariamente unidos e reproduzindo-se ao mesmo tempo, não pode deixar de ser guiada pelos esforços das letras; uma não se pode desenvolver sem a outra, ambas se erguem e caem ao mesmo tempo. Quanto mais se espalha o gosto e a independência da Literatura em uma nação, tanto mais ella floresce e medra. Verdade da experiência é que a cultura do espirito influe muito sobre nossas qualidades, e que a pratica das virtudes moraes necessarias ás sociedades mais ou menos resistencia encontra em um povo, segundo o gráo de sua illustração.* SILVA, J. M. Pereira da. *Estudos sobre Literatura. Biblioteca Academia Paulista de Letras*, São Paulo, volume 9, 1978. (Fac símile da Nitheroy, *Revista Brasiliense*, Tomo Primeiro, nº 2, Paris, Dauvin et Fontaine, Libraires, 1836), p.214.

³ *De um lado uma Litteratura estrangeira, que, como conquistadora, nos inflige regras contrárias á nossos pensamentos, que se oppoem ao vôo inflamado de nossos genios, fazendo-os sacrificar sobre seus altares o fragil aroma da escravidão imitativa, marcando-lhes a entrada do Olympo grego, único espaço, onde possam espraiaer seus pensamentos, sem que lhes seja permittido ultrapassar os limites, que como grades de uma prisão, se lhes apresentam.* Ibidem. p.235.

⁴ *O Brasil, descoberto em 1500, jazêo tres seculos esmagado debaixo da cadeira de ferro, em que se recostava um Governador colonial com todo o peso de sua insufficiêcia, e de seu orgulho. Mísquinhas intenções*

crítica do regime que até então imperara, era necessário realizar um empreendimento: “restaurar as ruínas e reparar as faltas dos seculos passados”⁵. À literatura e ao literato cabia proclamar a liberdade e o progresso e voltar-se para os costumes e crenças nacionais.⁶ O discurso dos românticos acerca desse projeto tinha uma dupla orientação, pois ao mesmo tempo em que postulava a necessidade de falar das coisas nacionais, pretendia “civilizar” essa nação considerada rude e atrasada se comparada a países como a França e Inglaterra.

A dificuldade que essa dupla orientação apresentava fica evidente se considerarmos o papel exercido pelo olhar estrangeiro na construção da própria literatura nacional.⁷ Se nos ativermos ao exemplo do *Resumo da História Literária do Brasil* de Ferdinand Denis, escrito em 1826, veremos que o discurso sobre a originalidade da literatura local inspirou-se, em grande medida, em postulações estrangeiras.⁸ Denis recompõe a história da literatura brasileira desde o período colonial e insiste na necessidade de a América ser livre tanto no seu governo quanto na sua poesia. Bem ao gosto do movimento de valorização das especificidades nacionais que vigorava na Europa nesse período, o autor sugere que o poeta brasileiro inspire-se na natureza “esplendorosa” que tem ao seu redor e nos seus próprios costumes. Gonçalves de Magalhães, em seus Opúsculos, faz avaliação semelhante da literatura brasileira.⁹

O romance tinha, portanto, uma dupla tarefa: apresentar uma nação e um povo particulares e representar, ao mesmo tempo, uma sociedade “civilizada”.

políticas, por não dizer outra cousa, dictavam leis absurdas e iniquas que entorpeciam o progresso da civilização e da industria. Magalhães, Domingos José Gonçalves de. Discurso sobre a história da literatura no Brasil. *Papéis Avulsos*, Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, n^o 10, 1994. (Fac-símile do texto publicado in: Obras de D.J.G. de Magalhaens, tomo viii, Opusculos Historicos e Literarios, Rio de Janeiro, Livraria B. L. Garnier, 1865), p.248.

⁵ *Da mesma sorte, que as formas de um governo de nada valem, si não são expressão dos costumes, persuasões, e crenças de uma nação, assim também o litterato, que não serve de interprete, que não se introduz nas superstiçãoens e pensamentos secretos de um povo, que elle deseja dissecar com seu escarpello, é um anachronismo, e estabelece-se em posição estranha de tal modo, que os vindouros d'elle não podem colher liçoens; sem duvida o pensamento do homem de genio se lança no espaço com mais ligeireza, e atravessa-o (...)* Ibidem, p.254.

⁶ *Se essa parte da América adotou uma lingua que a nossa velha Europa aperfeiçoara, deve rejeitar as idéias mitológicas devidas às fábulas da Grécia: usadas por nossa longa civilização, foram dirigidas a extremos onde as nações não as podiam bem compreender e onde deveriam ser sempre desconhecidas; não se harmonizam, não estão de acordo nem com o clima, nem com a natureza, nem com as tradições.”* J.M.Pereira da Silva., op cit. p.216.

⁷ A esse respeito conferir: Flora Süssekind. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

⁸ Denis, Ferdinand. *Resumo da História Literária do Brasil*. In: *Historiadores e críticos do romantismo*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978, p. 36.

A análise de *A Moreninha* e *Os Dois Amores* buscou mostrar a importância atribuída à representação de costumes civilizados, aproximando-se da literatura prescritiva fundamentalmente francesa que aqui circulava em traduções para o português. O cotejamento das prescrições de conduta com as representações dos comportamentos dos personagens nos romances indicou que as situações de convívio social abordadas por ambos eram muito semelhantes, embora o romance macediano as apresentasse em cenário local.

⁹ "É rica a Mythologia, são bellissimas as suas ficções, mas a força de serem repetidas e copiadas vão sensivelmente desmerecendo; além de que, como o passaro da fabula, despimos nossas plumas para nos apavonar com velhas gallas, que não nos pertence." Magalhães, José Gonçalves de. op. cit.p.257.

ANEXOS

ANEXO I

Obras aludidas nos catálogos de livrarias

Catálogo

da Livraria

de B.L. Garnier

Rio de Janeiro

69, rua do ouvidor, 69

Paris, mesma casa, rua de Saints-Pères, 6, e Palais Royal, 215

(data limite da publicação do catálogo: posterior a 1852 e anterior a 1878)

Barker (Antonio Maria) *Compendio de Civilidade Christã* para se ensinar praticamente os meninos.

1 vol. brochado.....2\$000

Lições moraes e religiosas, para uso das escolas de instrucção primaria, com approvação do Ex^{mo} Bispo Capellão Mór Conde de Irajá, e do conselho e directoria da instrucção da provincia do Rio de Janeiro, por José Rufino Rodrigues Vasconcellos, chefe da secção da 4^a directoria geral da Secretaria de Estado dos Negocios da Guerra, cavalleiro da Ordem de Cristo, membro fundador e ex 1^o secretario do Conservatorio Dramatico Brasileiro.

1 vol. In 8^o2\$000

Catálogo

dos livros

de que é editor

B.L. Garnier

e de outros que se achão em grande número na mesma livraria

69, Rua do Ouvidor, 69

Rio de Janeiro

(data limite da publicação do catálogo: posterior a 1852 e anterior a 1878)

Arte de Amar, dedicada ás damas

1 vol. br.200

Arte de agradar na conversação

1 vol. In -12, enc.1\$600

Catalogo

das novellas e romances, historietas, comedias, dramas, entremezes, e outras obras
de entretenimento e recreio

em portuguez

à venda em casa de

Eduardo e Henrique Laemmert

Rua da quitanda, nº 77, Rio de Janeiro

(data limite da publicação do catálogo: posterior a 1838 e anterior a 1868)

Almocreve de Pitas, ou moral disfarçada para correção das miudezas da vida, por José Daniel
da Costa3 grossos volumes

Escola (a) dos bons costumes, ou reflexões moraes e historias uteis a todas as pessoas que se
querem conduzir bem no mundo

4 vol.

Recreações de homem sensivel, ou collecção de exemplos verdadeiros e patheticos, contendo
um curso de moral pratica.

5vol.

Catalogo das

novelas, romances, historietas, comedias, dramas, entremezes

em portuguez

que se achão a venda na Livraria Universal de Eduardo e Henrique Laemmert

Rua da Quitanda, nº 77, Rio de Janeiro.

(data limite da publicação do catálogo: posterior a 1838 e anterior a 1868)

Segredo de triumphar das mulheres e fixal-as, seguido dos signaes que annuncião propensão ao amor, e dos pensamentos de Montaigne, La Bruyère e La Rochefoucauld, acerca das mulheres, do casamento e da sociedade.

1 vol.

Catalogo dos

livros de Educação, de geographia e de obras para instrucção e recreio da mocidade

Em Portuguez

à venda em casa de

Eduardo e Henrique Laemmert, mercadores de livros

Rua da Quitanda, 77, Rio de Janeiro

(data limite da publicação do catálogo: posterior a 1838 e anterior a 1868)

Acidentes (os) da Infancia, ou historias instructivas.

1 vol. com est.

Armazem dos meninos (o), contando-lhes historias moraes, proprias para despertar nelles o desejo da instrucção e o gosto da leitura.

1 vol.

Cartas de hum pai a seu filho.

1 vol.

Selectas do Padre Antonio Vieira, precedidas d'hum epitome da sua vida, e seguidas d'hum indice analíptico dos assumptos e materias, offerecidas a Mocidade portugueza e brasileira, cujos paizes illustrou com suas acção e a quem deixou admiraveis exemplos a imitar. Ordenadas e correctas por J.I.Roquete.

1 vol. com um retrato de Vieira.

Conselhos a minha filha, traduzido do francez de Bouilly

2 vol.

- e máximas sobre a educação da mocidade, para saber-se conduzir sabiamente no mundo

1vol.

A meus filhos, escriptos em Allemão por Katzebüe, vert. em port. pelo Dr. Caetano Lopes de Moura.

2 vol.

Estes contos, verdadeiro guia de virtude, será uma preciosa aquisição para todos aquelles, que se esmerão na educação de seus filhos e lhes querem dar aquelle patrimonio de que nenhum capricho da fortuna os poderá privar.

Elementos de civilidade e de decencia, arte de agradar na conversação

1vol.

Escola de politica, ou tratado politico de civilidade

1 vol.

Instrucções innocentes e doutrinaes em contos de divertimento.

1 vol.

O presente nitido livrinho, pela boa moral que encerra, por seu estilo claro, seu typo muy legivel, em bom papel e seis lindas estampas, merece ser posto nas mãos de todos os discipulos que quizerem fazer progressos e tomar amor a leitura.

Legado de hum pai a suas filhas, dedicádo às jovens brasileiras.

1 vol.

Lições de hum pai a huma filha sua, na primeira idade.

2 vol.

Lições de boa moral, de virtude e urbanidade, por Jose de Urucullu, trad. Por Francisco Freire de Carvalho.

1 vol.

Modelos para os meninos, ou rasgos d'humanidade, de piedade filial, e d'amor fraterno, com 5 estampas.

1 vol.

Thesouro de meninas (Livro de Bonna) ou diálogos entre huma sabia aia e suas discipulas da primeira distincção nos quaes reflectem, fallão e obrão as meninas, segundo o genio, temperamento, e inclinações de cada huma, e representando-se os defeitos de sua idade, mostra-se de que modo se pódem emendar: comprehendendo-se também um compendio de historia sagrada, da fabula, da geographia; reflexões uteis e contos moraes; composto por M^{ma} Beaumont, traduzido por J.L. de Frias. Numa edição ornada com 8 estampas coloridas.

Thesouro de meninos, obra classica, dividida em 3 partes: moral, virtude, civilidade. Composta em francez por Blanchard, vertida em portuguez e offerecida à Mocidade por Matheus Jose da Costa. Novissima edição mais correcta, ornada com 16 estampas coloridas, enriquecidas com maximas de moral, virtude e civilidade do Marques de Marica, com noções de geographia conforme os ultimos tratados, e com extractos de poesias, para facilitar as leituras dos versos.

1 vol.

Thesouro de adultas, diálogos entre huma mestra com suas discipulas.

4 vol.

Thesouro da mocidade, ou a moral em acção. Escolha de factos memoraveis e anedoctas interessantes proprias para inspirar o amor à virtude e para formar o coração e o espirito. Com excellentes anedoctas portuguezas e brasileiras, por J.I. Roquete.

1 vol.

Esta obra se recomenda tanto por sua tendencia moral, como por seu lado instructivo e vai felizmente augmentar o diminuto numero de bons livros em portuguez proprios para instrucção

da mocidade, sendo o seu assumpto tão interessante que a sua leitura agradará ainda aos leitores de menor idade.

Novo Catalogo Systematico

de escolhidos

Livros em Portuguez

publicados e à venda

no Rio de Janeiro

na

Livraria Universal

Rua da Quitanda, 77

(posterior a 1833, quando se desfaz a Sociedade Bossange-Aillaud representada por Laemmert -Souza, e anterior a 1838)

Diccionario das flores e do Bom Gosto, ou gemina linguagem das flores, fructos e hervas, raizes, etc em verso rimado e posto em ordem alphabetica. Seguindo do Secretario de Cupido ou Novissimo Correio dos Amantes, tambem em ordem alphabetica, pelo qual, com duas flôres, fructos, etc poderá qualquer pessoa enviar um recado completo a quem amar, a loteria, o jogo, o oraculo, e varias poesias sobre o mesmo assumpto.

1 nitido vol. brochado.....Rs. 1\$280

elegantemente encadernado.....R.s. 2\$ 000

Novo Espelho do amor, ou arte de fazer a côrte às mulheres e de conquistar-lhes o coração, conselhos aos homens para que sejam vitoriosos no amor e consigão concluir um feliz humeneo, traduzido do francez por R.^a Camara Bithencourt.

Broc1\$600

elegantemente encadernado.....2\$000

Secretario do Bom Gosto ou collecção de cartas em verso rimado de declarações e peditorios com referencia ao casamento e outros objetos familiares; felicitações para consorcios, annos,

baptizados, nascimentos, parabens, pezames, sentimentos de variados assumptos assim como versoso para albuns e quadrinhas para lenços. Obra de recreio offerecido por C. O. L.

perto de 150 paginas

broch.....Rs. 1\$

encadernado.....Rs. 1\$400

O titulo desta obra bastara para fazê-la recommendavel. Ella contém uma abundante colleccão de cartas em verso rimado, que sera de muita utilidade as pessoas que não quizerem dar-se ao trabalho de recorrer a mente e cançar as ideias; por isso que trata de muitos e interessantes assumptos.

Catalogo de excellentes

livros em portuguez

a maior parte

desconhecidos no Brasil

e novamente chegados em casa

de Eduardo e Henrique Laemmert

mercador de livros

Rua da Quitanda, 77, entre a Rua do Ouvidor e a do Rosario.

(catálogo posterior a 1833, quando se desfaz a Sociedade Bossange-Aillaud representada por Laemmert -Souza, e anterior a 1838)

Economia da vida humana, obra attribuida ao celebre Conde de Chesterfield, e traduzida na Lingua Portugueza, nova edição com huma estampa.

1 vol.

He dividida esta Obra em sete partes, tractando a primeira das obrigações, que dizem respeito ao homem considerado como individuo. A Consideração, a Modestia, a Applicação, a Emulação, a Prudencia, a Fortaleza, o Contentamento, a temperança. A segunda das paixões. A Esperança e o Temor, a Alegria e a Tristeza, a Colera, a Compaixão, o Desejo e o Amor. A terceira no que diz respeito a mulher. A quarta da consanguinidade, ou parentes naturaes. Marido, Pai, Filho, Irmãos. A quinta da Providencia e das differenças casuaes entre os homens.

A sexta das obrigações sociaes. A benevolencia, a Justiça, a caridade, a Gratidão, a Sinceridade. A septima da Religião.

Catalogo nº 7 das
Obras de Litteratura
novellas, romances, historietas, comedias, dramas
livros de divertimentos e recreio das sociedades e outras
obras de entretenimento
em Portuguez
A venda na Livraria Universal de
Eduardo e Henrique Laemmert
Rua da Quitanda, 77
e do mez de junho de 1868 em diante
Rua do Ouvidor, 68
(catalogo posterior a 1838 e anterior a 1868)

Codigo do amor ou corpo completo de definições, leis, regras e maximas, applicaveis a arte de amar e ser amado
1 vol. encadernado.

Jogo dos disparates amatorios, lindo divertimento para qualquer sociedade, contendo em cento e quatro cartas, cincoenta e duas perguntas e cincoenta e duas respostas adequadas, em verso rimado, offerecido para o divertimento do bello sexo, por C. O . L. em um lindo tachim.
Rs. 2\$000

Homem (o) da natureza e o homem civilizado,
4 vol.

Novo Espelho do amor, ou arte de fazer a cõrte às mulheres e de conquistar-lhes o coração, conselhos aos homens para que sejam vitoriosos no amor e consigão concluir um feliz humeneo, traduzido do francez por R. A Camara Bithencourt.

Segredo de triumphar das mulheres e fixal-as, seguido dos signaes que annuncião propensão ao amor, e dos pensamentos de Montaigne, La Bruyère e Larochefoucauld, acerca das mulheres, do casamento e da sociedade.

1 vol. enc.

Livraria Quaresma

Escolhida Collecção de Bons Livros

Diccionario das flores, folhas e fructos, contendo o significado de todas as flores, folhas e fructos, emblemas das cores, arte de fazer signaes por meio do leque e da bengala, etc, etc., Um grosso e elegante volume impresso em paris, com esplendida capa, verdadeiro primor de elegancia.

2\$000

Manual do namorado, contendo a maneira de agradar as moças, fazer declarações de amor, vestir com elegancia, estar à mesa, em bailes, em paseios, etc, etc, Seguido de cem cartas de namoro, novissimas e elgantemente escriptas em estylo elevado por Dom Juan de Botafogo. Um grosso volume ricamente impresso e bem encadernado com finissimo chromo lithographia, trabalho executado em Paris e proprio para presentear namoradas.

3\$000

Secretario Poetico, Collecção de poesias de bom gosto, proprias para serem enviadas por escripto e recitadas em dias de anniversarios natalicios, baptizados, casamentos, parabens, etc, pedidos de casamento e varios outros, declarações amorosas, etc, etc, por Horacio Brasileiro.

Um grosso volume.....2\$000

Orador do Povo, ou collecção de discursos familiares e populares para baptizados, casamentos, anniversarios natalicios, exames e festas collegiaes, felicitações, recepções, manifestações, enterros, etc, etc, Todos modernissimos escriptos em linguagem fluente e estylo elevado pelo dr. Annibal demosthenes, o principe da eloquencia.

2\$000

Physiologia das Paixões e sentimentos moraes do homem e da mulher, pelo sabio J.L. Alibert.
 Comtem este grandioso trabalho, desenvolvidamente todas as paixões humanas, taes como:
 Egoísmo, Avareza, Ambição, Orgulho, Justiça, Benevolencia, Odio, Vingança, Inveja,
 Adulação, Baixeza, Amor Filial, Paternal, e Marital, Espirito da Imitação, etc.

Um grosso volume de 300 paginas encadernado.....2\$000

O Physionomista ou a arte de conhecer o character, o genio, as inclinações, as qualidades e os
 sentimentos moraes das mulheres pela physionomia, segundo Lavater e Gall.

Um grosso volume com grande numero de retratos de todos os typos de mulheres.....3\$000

Catálogo n° 1

da livraria Universal de E.& H. Laemmert

offerecendo uma variada escolha de excellentes obras, entre as quais as melhores
 publicações modernas, tanto para entretenimento como para aquisição de
 conhecimentos uteis. A venda no Rio de Janeiro. Rua da Quitanda, n° 77 entre as
 ruas do ouvidor e a do Rosário.

(data limite da publicação do catálogo: posterior a 1838 e anterior a 1868.)

Almogreve de Petas, ou moral disfarçada para correccão das miudezas da vida, por Daniel da
 Costa.

3 vol. enc.....Rs. 15\$000

Guia dos Namorados ou vocabulario das flôres, das côres, e das pedras preciosas, com a lista
 alphabetica de suas significações; a loteria, o jogo das finezas, o oraculo das flores, a loteria e
 o telegrapho do amor e varias poesias sobre o mesmo assumpto. Segunda edição augmentada.
 1 elegante volume nitidamente impresso.

Brochado.....rs\$500

encadernado.....Rs. 1\$000

com a seguinte epigraphie

“O amor e uma gotta celeste que a Providencia verteu no calix da vida para lhe corrigir o
 amargor”

- Codigo do Bom tom ou regras de civilidade e de bem viver*, por J.I. Roquete.
 1 vol. com vinhetas, encadernado.....rs. 3\$000
- Leituras juvenis e moraes*, para uso de meninas de 6 a 7 annos.
 1vol. encadernado.....rs. 2\$000
- Methodo de ser feliz ou Catecismo de Moral*, para uso da mocidade.
 1 vol. encadernado.....rs. 2\$000
- Modelos para as meninas*, ou rasgos notaveis, acções virtuosas e exemplos de bom procedimento da parte das mulheres.
 1 vol. com estampas, enc.rs. 1\$800
- Moral da Infancia ou principios de moral* postos ao alcance dos meninos.
 1 vol. enc.rs. 1\$600
- Thesouro de meninas* (obra inteiramente nova) ou lições d'uma mãe a uma filha acerca dos bons costumes e da religião, autorizadas com admiraveis exemplos de virtude e de peidade pelo Presbytero J.I. Roquete.
 1 vol. com lindas estampas coloridas, enc.rs. 3\$000
- Thesouro de meninos* com 16 estampas, coloridas.
 1 vol., encadernado.....rs. 2\$000
- Thesouro de adultas*, dialogos entre uma mestra e suas discipulas.
 4 vol. , enc.rs. 8\$000

Catalogo dos livros

de que é editor

B.L. Garnier

e de outros que se achão em grande número na mesma

livraria

69, Rua do Ouvidor, 69

Rio de Janeiro.

Todos os livros mencionados poderão ser mandados pelo correio mediante o aumento de 15% sobre os preços dos mesmos.

Nº 1

Arte de amar, dedicada às damas.

I vol br..... 200

Diccionario das flores, folhas, fructas, ervas e objectos mais usuaes, com suas significações, ou vade-mecum dos namorados, offerecidos aos fieis subditos de cupido.

I vol. br..... 500

Ensaio sobre a arte de ser feliz, por Joseph Droz, da Academia franceza, traduzido do francez por dr. J. C. de Deos e Silva.

I vol. br..... 1\$000

enc..... 1\$500

Livraria B.L.Garnier.

(catálogo sem capa, data limite de publicação: entre 1859 e 1862, período de circulação da Revista Popular)

Diccionario das flôres, fructas, hervas e objectos mais usuaes, com suas significações, ou vade-mecum dos namorados, offerecido aos fieis subditos de cupido.

I vol. br..... 500

Feydeau (E) *A arte de agradar*, dedicada às brasileiras elegantes.

I vol. in 12 enc..... 1\$600

br..... 1\$000

Catalogo das obras de fundo

e outros livros que se acham a venda na

Livraria Universal de Laemmert e G
no Rio de Janeiro
e suas casas filiares em São Paulo e Recife.
Rua do Ouvidor, 66
1899.

Violetas Poeticas, album de poesias para dias de annos, collecionadas dos melhores poetas
brazileiros.

I nitido volume ricamente impresso e encadernado.....10\$000

É o mimo mais delicado e mais apropriado para as moças de fina sociedade. A semelhança de
livros congeneres que ha muito existem na Europa, onde toda moça de familia chic possui seu
album de poesias para dias de annos, o livrinho *Violetas Poeticas* é a publicação mais mimosa e
de mais luxo que jamais se tem feito em lingua portuguesa. A encadernação é dourada, com
riquissima capa de percaline, onde o titulo e ornatos de ouro circundam violetas com as côres
naturaes e um casal de pombos." E continua: "A impressão é nitida e elegante, e todas as
paginas são rodeadas de um artistico friso de côr. Em resumo, o album *Violetas Poéticas* é o
bijou indispensável de toda moça chic.

Livraria de B.X. Pinto de Sousa
Rio de Janeiro - Rua da Quitanda, nº 48, 2º andar
1º additamento ao catalogo dos livros

Em Portuguez

Quasi todas as obras se achão nitidamente encadernadas e algumas em marroquim
e velludo.

Manual politico do cidadão.

I vol.2\$

Moral em acção ou escolha de acções memoraveis e anedoctas instructivas, proprias poara
formar o coração dos jovens pelo exmplo de todas as virtudes.

2\$000 e 2\$400

Tratado de civilidade

1\$600 e 2\$000

Methodo de ser feliz ou catecismo de moral.

1 vol.....2\$000

Bazar Fluminense

Rio de Janeiro

Rua da Quitanda n° 48

Extracto dos catalogos dos livros em Portuguez. Quasi todas as obras se achão nitidamente encadernadas.

Manual de instrucção civil e religiosa, para uso da juventude dividido em 12 lições em forma de dialogo.

1 vol.....1:000 , 1:600

Methodo de ser feliz ou catecismo de moral.

1 vol.....1\$600

Principais deveres dos meninos.

1 vol.....80

Sciencia dos costumes ou etica resumida.

1 vol.....800 e 1:600

Tratado dos deveres do homem, dirigido a um jovem, por Silvio Pellico, vertido do italiano por F.C. de Mendonça e Mello.

1 vol.....800 e 1:600

Catalogo da livraria

de

Garnier

Rio de Janeiro
Rua do Ouvidor, 65
n1.

Catalogo dos livros de que é editor B.L. Garnier e de outros que se acham em grande numero na mesma livraria.

Este catalogo anula os precedentes.

Todos os livros podem ser enviados registrados pelo correio, mediante um augmento de 10% sobre o preço, sendo as encomendas de 3\$000 para cima.

N.B. Todos os livros anunciados neste catalogo que não estão marcados (br) são encadernados.

Feydeau (E) *A arte de agradar*, dedicada as brazileiras elegantes.

1 vol in 12, enc. 1\$600, br. 1\$000

ANEXO II

Obras aludidas nos catálogos de bibliotecas

Entrada por Ordem Cronológica

1780 M. Lenoble *Escola do Mundo* ou instrução de hum pai a seu filho sobre o modo porque se deve conduzir no mundo, traduzida por José Manoel Ribeiro Pereira. Lisboa, 1780, 2 vol., in 8º

(Catálogo dos livros da Biblioteca Fluminense)

1786 *Carta de uma mãe a seu filho* para lhe provar a verdade da religião cristã por Francisco Lourenço Roussado: in 12, Lisboa 1786.

(Catálogo dos livros do Gabinete Português de Leitura)

1789 *Compendio de doutrina Christãa* recopilado de diversos autores que desta materia escreveram, pelo R.P.Fr. Luiz de Granada. Coimbra, 1789, in 4º.

(Catálogo dos livros da Biblioteca Fluminense)

1814 *Thesouro de meninos* por Matheus Jose da Costa em 8º. Lisboa, 1814.

(Catálogo dos livros do Gabinete Português de Leitura)

1818 *Thesouro de adultas*, ou dialogo entre uma sabia mestra e suas discipulas, traduzido do francez por Joaquim Ignacio de Frias. 2ª edição. Lisboa, 1818.

(Catálogo dos livros do Gabinete Português de Leitura)

1818 Beaumont, M^{me} Leprince de. *Thesouro de adultas* ou dialogos entre uma sabia mestra com suas discipulas da primeira distincão. Traduzido por Joaquim Ignacio de Frias. Lisboa, off. de J. F. M. de Campos, 1818, in 8º.

(Catálogo da Biblioteca Municipal)

1824-25 José da Silva Lisboa. *Constituição moral e deveres do cidadão*. Com exposição da moral publica conforme o espirito da constituição do Imperio. RJ, 1824-25, Typ. Nacional, in 8°.

Suplemento á constituição moral contendo a exposição das principaes virtudes e paixões e appendice das maximas de la Rochefoucauld e doutrinas do christinismo, RJ, 1825, Typ. Nacional, in 8°.

(Catálogo da Biblioteca Municipal)

1827 *Carta de Guia de casados para que pelo caminho da prudencia se acerte com a casa do descanso* dedicada a um amigo por D. Francisco Manoel, em 12, Lisboa, 1827.

(Catálogo dos livros do Gabinete Português de Leitura)

1828 Urcullu, D. José de. *Lecciones de moral, virtude y urbanidad*, 3ª ed. , Londres, 1828, Ackermann, in 12.

(Catálogo da Biblioteca Municipal)

1831 *Conselhos ás mãis de familia* proprios a dirigi-las na educação physica e moral de seus filhos. Em portuguez e em francez pelo Dr. I. B. A. Imbert. RJ, 1831, in 8°.

(Catálogo dos livros da Biblioteca Fluminense)

1833 *Aplicações da moral á politica* por Joseph Droz. Traduzido pelo Dr. João Candido de Deos e Silva. RJ, 1833, in 8°.

(Catálogo dos livros da Biblioteca Fluminense)

1833 *Elementos de civilidade e da decencia*. Traduzidos do Francez: em 8°, nova edição. Lisboa, 1833.

(Catálogo dos livros do Gabinete Português de Leitura)

1836 *Thesouro da mocidade portugueza* ou moral em ação por José Ignacio Roquete: em 8°, Paris, 1836.

(Catálogo dos livros do Gabinete Português de Leitura)

1837 *Ensaio sobre a arte de ser feliz* por Joseph Droz, traduzido da sexta edição pelo J.C. de Deos e Silva. Segunda edição correcta e castigada. RJ, 1837, in 8°.

(Catálogo da Biblioteca Municipal)

1838 *Lições de boa moral, de virtude e de urbanidade* escriptas em hespanhol por D. José Urcullu, e traduzidas em Portuguez da 3ª edição de Londres de 1828, por Francisco Freire Carvalho, em 12, Lisboa, 1838.

(Catálogo dos livros do Gabinete Português de Leitura)

1838 *Thesouro de meninas*, ou dialogos entre uma sabia aia e suas discipulas da primeira distinção por Joaquim Ignacio de Frias. In 8°, 1838.

(Catálogo dos livros do Gabinete Português de Leitura)

1840 *Maximas e sentenças moraes*, pelo Duque de La Rochefoucauld, traduzidas do francez pelo dr. Caetano Lopes de Moura, natural da Bahia, Pariz, 1840, in 18.

(Catálogo dos livros da Biblioteca Fluminense)

1840 *Maximas e pensamentos moraes* pelo Duque de Rochefoucault, traduzidas do francez pelo dr. Caetano Lopes de Moura. Pariz, 1840.

(Catálogo dos livros do Gabinete Português de Leitura)

1843 *Colleção completa das máximas e Reflexões do III^{mo} e Ex^{mo} Marquez de Maricá*, natural do RJ. Edição revista e emendada pelo autor. RJ, 1843, in 4°.

(Catálogo dos livros da Biblioteca Fluminense)

1843 *Tractado dos deveres do homem dirigido a um jovem* por Silvio Pellico Saluzzo vertido do italiano e á mocidade portugueza offerecido por F. O de Mendonça e Mello, em 12, Lisboa, 1843.

(Catálogo dos livros do Gabinete Português de Leitura)

1845 Luiz Francisco Midosi *Thesouro juvenil ou noções geraes de conhecimentos uteis* por. RJ, 1845.

(Catálogo dos livros do Gabinete Português de Leitura)

1845 Barão de Holbach. *A moral universal*, ou os deveres do homem fundados em sua natureza. Lisboa, 1845, Imp. De Gualhardos e Irmãos, in 8º.

(Biblioteca Municipal)

1845 *Manual de civilidade e etiqueta para uso da mocidade portugueza e brasileira*. Lisboa, 1845.

(Catálogo dos livros do Gabinete Português de Leitura)

1845 *Codigo do Bom Tom ou regras de civilidade e de bem viver no seculo XIX* por J.I.Roquete: Paris, 1845.

(Catálogo dos livros do Gabinete Português de Leitura)

1846 J.I. Roquete *Thesouro da Mocidade Portugueza*, ou A moral em acção: escolha de factos memoraveis e anedoctas interessantes, proprias para inspirar o amor á virtude e para formar o coração e o espirito. Obra extrahida dos melhores auctores nacionaes e estrangeiros, Pariz, 1846, in 12.

(Catálogo dos livros da Biblioteca Fluminense)

1849 *Cartas sobre a educação de Cora*, seguidas de um catecismo moral, politico e religioso, por José Lino Coutinho e publicadas por João Gualberto dos Passos. Bahia, 1849, in 8º

(Catálogo dos livros da Biblioteca Fluminense)

1850 J.I. Roquete *Codigo do Bom Tom, ou regras de civilidade e de bem viver no XIX século*, segunda edição augmentada e corrigida, Pariz, 1850, in 12.

(Catálogo dos livros da Biblioteca Fluminense)

1865 J. I. Roquette *Thesouro da mocidade portugueza* ou a moral em acção. 7ª ed. Pariz, 1865, Viuva J.P. Aillaud, Guillard e C., in 8º.

(Catálogo da Biblioteca Municipal)

1867 Roquette, J.I. *Código do Bom Tom ou regras de civilidade e de bem viver no XIX século*. Pariz, 1867, viuva J.P. Aillaud, Guillard e C., in 12.

(Catálogo da Biblioteca Municipal)

1870 Jose Ferrari. *Doutrina Moral*. RJ, 1870, Typ. Perseverança, in 4º.

(Biblioteca Municipal)

1870 *Thesouro de meninas* ou lição de uma mãe a sua filha acerca dos bons costumes e da religião por J.I. Roquete. Paris, 1870, Viuva J.P. Aillaud, Guillard e C., in 12.

(Catálogo da Biblioteca Municipal)

1870 Blanchão, Pedro. *Thesouro de meninos*. Obra classica dividida em tres partes, moral, virtude, civilidade. Vertida em portuguez por Matheus José da Costa. Paris, 1870. Viuva J.P. Aillaud e c., in 12.

(Catálogo da Biblioteca Municipal)

1871 Pedro Ernesto de Albuquerque de Oliveira *Deveres do homem: reflexões moraes e philosophicas para uso da infancia*. 2ª ed. RJ, 1871, Typ. de J.M.^a d'Aguiar, in 8º.

(Catálogo da Biblioteca Municipal)

1872 Conselheiro M. Delapalme. *Primeiro Livro da Infância* ou exercicios e lições de moral para uso das escolas primárias. Traduzido pelo Dr. Cornélio Ferreira França Jr., 2ª ediç., RJ, 1872, J. G. de Azevedo, in 16.

(Catálogo da Biblioteca do Museo Escolar Nacional)

1872 Lisboa, José da Silva. *Manual (novo) de civilidade* ou regras necessarias para qualquer pessoa frequentar a boa sociedade. Col. Por B.N. 2ª edição, Lisboa, 1872, J.J. Bordalo, in 8º.

(Catálogo da Biblioteca Municipal)

1874 A D. Frank. *Moral para todos*. Versão portugueza de Candido de Figueiredo. Lisboa, 1874, A M. Pereira, in 8º.

(Catálogo da Biblioteca Municipal)

1875 J.I.Roquete. *Thesouro da Mocidade Portuguesa* ou a moral em ação. Offerecido à mocidade portuguesa e brasileira. 8ª edição, Paris, 1875, J.P.Aillaud Guillard e C, in 8º.

(Catálogo da Biblioteca do Museo Escolar Nacional)

1875 Delapalme *Primeiro livro da adolescencia* ou exercicios de leitura e lições de moral. Trad. Por Nuno Alvares. R.J., 1875, Serafim José Alves, J. Martins Ribeiro, in 8º.

(Catálogo da Biblioteca Municipal)

1877 J. I. Roquete. *Thesouro de Meninas* ou lições de uma mãe a sua filha acerca dos bons costumes e da religião. Paris, 1877, J.P. Aillaud Guillard e C., in 8º.

(Catálogo da Biblioteca do Museo Escolar Nacional)

1878 Pedro Blanchard . *Thesouro de Meninos*. Obra clássica dividida em três partes: moral, virtude, civilidade vertida em português por Matheus José da Costa. Paris, 1878. J. P. Aillaud, Guillard e C, in 8º

(Catálogo da Biblioteca do Museo Escolar Nacional)

1881 Pedro Blanchard . *Thesouro de Meninos*. Obra clássica dividida em três partes: moral, virtude, civilidade vertida em português por Matheus José da Costa. RJ, 1881, B.L. Garnier, , in 8º.

(Catálogo da Biblioteca do Museo Escolar Nacional)

1883 Conselheiro M. Delapalme. *Livro da infância* ou exercicios de leitura e lições de moral. Tradução a E. Zaluar. 5ª edição, RJ, 1883, Nicoláo Alves, in 8º.

(Catálogo da Biblioteca do Museo Escolar Nacional)

S.d. Beaumont, M^{me} Leprince de. *Thesouro de meninas* ou dialogos entre uma sabia aia e suas discipulas, traduzido por Joaquim Ignacio de Frias. Lisboa, Viuva Berthrand y Filhos, in 8º.

(Catálogo da Biblioteca Municipal)

s.d. Droz, Joseph. *Ensaio sobre a arte de ser feliz*. Trad. Pelo Dr. J.C. de Deos e Silva, in 32.

(Catálogo da Biblioteca Municipal)

S.d. M^{lle} Lilla Pichard. *Princípios de leitura para meninos e meninas aprenderem a ler com muita facilidade e em muito pouco tempo, tanto a leitura redonda como a manuscrita, seguidos de algumas máximas moraes, adágios, provérbios e regras de civilidade mui úteis à mocidade*. RJ, Eduardo e Henrique Laemmert, in 16, s.d.

(Catálogo da Biblioteca do Museo Escolar Nacional)

ANEXO III

Obras pertencentes ao acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

Entrada por ordem cronológica

- 1765 *Afforismos Moraes e Instructivos* por Bento Morganti. Lisboa. Manoel Coelho Amado, 1765. In 8°.
- 1787 *Methodo de ser feliz ou catecismo de moral* especialmente para uso da mocidade. Versão do francez para o idioma vulgar por G.E.F. Coimbra, 1787, in 8°.
- 1811 *Ensaio moraes de Alexandre Pope*. Em quatro epistolas a diversas pessoas, traduzidos em português pelo Conde de Aguiar. Com notas de José Warton e do traductor. R.J. na Impressão Regia, 1811, in 4°.
- 1819 *Almocreve de pítas* ou a moral disfarçada para correção das miudezas da vida por José Daniel Rodrigues da Costa. 2° ed., 3 v, Lisboa, 1819, in 4°. Coll. J.A. Marques.
- 1820 *Civilté du premier âge*. 4° édition. Paris, Alexis Eymery, 1820, in 12. (com estampas coloridas)
- 1825 *Suplemento a constituição moral, contendo a exposição das principaes virtudes e paixões* e appendice das maximas de La Rochefoucault e doutrinas do Christianismo por José da Silva Lisboa, R.J. 1825.
- 1828 *Moral philosophica (Principios de)* estrahidos de Edmé Ponelle, José Droz e outros, traduzido do Francez por Francisco de Paula e Oliveira. São Paulo, 1828, in 4°.
- 1830 *Oraculo ou livro dos destinos*. R.J. Typ. Brasiliense de F.M. Ferreira, 1830, in 4°.

- 1832 *Instrução elementar (lições de)* as suas filhas Maria Joana e Maria Julia por Jose Costa Azevedo. R.J., 1832, in 8°.
- 1833 *Elegance (Manuel des dames ou l'arte de l'...)* Par Elisabeth Bayle. Monillard, Paris, 1833, in 12.
- 1834 *Civilidade christã. (Compêndio de)* para se ensinar praticamente os meninos. Porto, Imp. dos Lavadouros, 1834, in 12.
- 1835 *Jogos de prendas* (passatempo honesto e familiar ou colleção de quarenta e oito jogos, geralmente conhecidos pela denominação de. R.J. Typ. Imp. de Seignot Plancher et Cia, 1835, in 8°.
- 1835 *Maximas de conduta para senhoras brasileiras* pelo Dr. João Candido de Deos e Silva. R.J., 1835. Coll.B. Ettoni.
- 1835 *Philosophia moral ou differentes systemas sobre as sciencias da vida* por Joseph Droz. Traduzido pelo Dr. J.C.D. e Silva. R.J. 1835, in 8°.
- 1836 *Arte de ganhar o coração dos maridos. Para uso das donzelas casadeiras* por Eugenio de Pradel. Traduzido por F.P.A.A., R.J., 1836, in 12.
- 1836 *Jogo de sortes politicas* ou meio para se divertirem os senhores politiqueiros, por um marquez velho. R.J. Imp. Americana, 1836, in 8°.
- 1836 *Maximas politicas, moraes e economicas* para uso dos meninos nas escolas do Imperio, compostas em 1829 pelo Dr. J.C. de Deos e Silva. 3 edição, R.J. Typografia Nacional, 1836.
- 1836 *Pensamentos moraes extrahidos da economia da vida humana.* A mocidade paraense de ambos os sexos, seu patricio J.C. Deos e Silva. R.J., 1836.

- 1837 *O segredo de triumphar das mulheres e de torná-las constantes* por Luiz de Saint-Auge, traduzido por E.M.B.C.C., Bahia, 1837, in 8°.
- 1838 *Carta sobre a educação das meninas* por huma senhora americana passadas do hespanhol ao portugues pelo Dr. J.C. de deos e Silva. R.J., 1838, in 8°.
- 1839 *Compagnie ou guide de la politesse et la biensense. (Nouveau manuel complet de la bonne...)* Par Bayle-Mouillard (sans le pseudonyme de Mme Celnart) Paris, 1839, in 12.
- 1839 *Oraculo das senhoras.* R.J. J. Villeneuve e C. 1839, in 4°.
- 1840 *Espirito da Biblia ou moral universal christã.* Tirado do Antigo e Novo Testamento pelo abade Antonio Martini(...) R.J. Typ. Americana de J.P. da Costa, 1840.
- 1842 *Leal conselheiro*, o qual fez Dom Duarte seguido do livro da ensinança de bem cavalgar toda sella, que fez o mesmo rei. por J.I. Roquette. Lisboa J.P. Aillaud, 1842, in 4°. Com um fac-simile.
- 1845 *A moral universal ou os deveres do homem fundados em sua natureza*, pelo Barão de Holbach por uma sociedade. Lisboa, Impressão de Guallhardo e irmãos, 1845, 1846, 3 tomos em 1 vol (19,45 x13).
- 1845 *O fado* ou jogo das sortes. Quarta edição brasileira. R.J. Laemmert, 1845.
- 1848 *Lições de boa moral de virtude e urbanidade.* José de Urucullu, R.J. A. Freitas Guimarães, 1848.
- 1848 *Novo manual epistolar* ou secretario de cartas familiares. segunda edição, Laemmert, 1848.

- 1851 *Verdades ethicas, politicas e economicas* extrahidas de varios autores portugueses, typ.Litteraria, 1851, in 8°.
- 1852 *Urbanidad (compendio de reglas de)* para el uso de los colegios de la capital. Santiago, Julio Belin e cia., 1852, in 8.
- 1858 *Casamento civil* por Joaquim Pinto de Campos.R.J., 1858, in 8°.
- 1859 *Casamento civil* (parecer em separado sobre a proposta do governo imperial, relativamente ao. Miscelâneas religiosas escriptas e compiladas por Joaquim Pinto de Campos. R.J., 1859, in 8°.
- 1861 *A moral é a base da verdadeira civilização*, alterações pathologicas provenientes da falta de desenvolvimento do elemento moral. Discurso na sessão solenne da academia Imp. de medicina pelo Dr. Nicolao Joaquim Moreira. R.J., 1861, in 4°.
- 1863 *Moral, preleções de* ou Pensamentos Philosophicos por Sebastião Ferreira Soares. R.J. Laemmert, 1863, in 8°.
- 1868 *Côte du ceremonial (petit) dans les principales circonstances de la vie*. Bassanville (Mme. La Comtse de) Paris, 1868.
- 1868 *Os deveres do homem*, discurso dirigido a um mancebo por Silvio Pellico de Salluzo. Trad. Nova pelo padre Ignácio Francisco dos Santos. Recife, 1868.
- 1870 *Doutrina moral*, pelo Dr. José Ferrari. R.J.Typ. Perseverança, 1870, in 4°.
- 1872 *Novo Manual do Bom Tom* contendo modernissimos preceitos de civilidade, politica, conducta e maneiras em todas as circunstancias da vida indispensaveis à mocidade e aos adultos para serem bem quistos e caminharem sem tropeço pela carreira do mundo. Traduzido do francez de luis verardi e offerecidas ap publico brasileiro por um amigo da

mocidade. Segunda edição melhorada e augmentada. R.J. Eduardo e Henrique Laemmert, 1872.

- 1873 *Carta de guia para casados para que pelo caminho da prudencia se acerte com a casa do descanso* por D. Francisco Manoel de Mello. Nova edição com um prefacio biografado por Camilo Castelo Branco. Porto, 1873, in 8°.
- 1873 *Compendio de urbanidade e boas maneiras* por Manoel Antonio Garreno. Adaptado pelo mesmo ao uso das escolas de ambos os sexos. Traductor e editor o Padre Ignácio Francisco dos Santos. Recife, 1873, in 8°.
- 1873 *Deveres moraes do homem*. Recife, 1873
- 1874 *Civilização, A na historia*. Conferencia litterária na Esc. De Gloria por Oliveira Campos. Rio, 1874, in 4°.
- 1874 *Moral para todos* por Ad. Frank versão portuguesa de Candido de Figueiredo. Lisboa, 1874, in 8°.
- 1875 *Civilidade, entretenimento sobre os deveres de*. Colleccionados para uso da puericia brasileira. por d. Guilhermina de Azambuja Neves. 2ª Edição. R.J. 1875, in 8°.
- 1875 *Economia da vida humana* por Dodsley. Nova Edição. Recife, 1875, in 8°.
- 1876 *Arte d'agradar*. Estudos de hygiene, de gosto e toucador dedicado às mulheres bonitas de todos os paizes do mundo por Ernesto feydeau. traduzida do francez e acrescentada com um appendice por A.A. Leal. Editora Livraria Portugueza e estrangeira, 1876.
- 1876 *Arte de agradar na conversação*. Nova Edição, revista pelo padre Francisco dos Santos. Recife, Typ. Classica de I.F. dos Santos, 1876, in 8°.

- 1876 *Honra das familias* por xxx. 2ª Edição. R.J., Typ. Esperança, 1876, in 8º.
- 1877 *Deveres da familia*. pelo bispo do Pará, Rio de Janeiro, Typographia do apóstolo, 1877.
- 1877 *Estudos moraes*. Do amor proprio ao amor de Deus por Luis Francisco da Veiga. R.J., 1877, in 4º. Coll. Fh. Ch.
- 1878 *Gramatica do amor para uso da boa sociedade*. Trad. de 3ª ed. franceza por J.C. de A. R.J. typ. de J.M.A.A. de Ahuiar(?), 1878, in 16.
- 1879 *Civilité non puérile, mais honnête (La)*. Paris, 1879.J., 18. (Coll. V. de Taunay)
- 1879 *Regras de civilidade*. Vide Compêndio para uso das aulas de primeiras letras (Collecção de) Recife, 1879, in 8º.
- 1880 *Civilidade christã. (Compêndio de)* offerecido as famílias e as escolas brasileiras por D. Antonio de Maccolo Costa, 1880, in 16.
- 1885 *Livro da infancia* ou exercicios de leitura e lições de moral, vertido do livro do conselheiro Delapalme, por Zaluar. R.J. 1885, in 8º.
- 1886 a 1910 *Dicionario das flores* ou linguagem dos namorados por meio das flores, fructos, hervas, raizes, cores e gestos.
 S.P. Liv. Paulicéia, s.d. in 16º
 S.P. Liv. Magalhães, s.d. in 16º
 R.J. Liv. Do Povo, 1910, in 8º
 R.J. Liv. Quaresma, s.d. in 8º
 R.J. Garnier, 1886, in 8º
 R.J. Comp. Typ. do Brasil antiga Typ. Laemmert s.d., in 8º
- 1886 *Lois (les) de la bonne societé par Saint-Loup*. Paris, in 16(sem folha de rosto) savoir vivre, savoir parler, savoir écrire, l'usage des eleves de toutes les institutions des jeunes

- gens par A.de la Féré, troisième édition, refondue et améliorée. Paris, Nouvelle Librairie Classique, 1886, in 12.
- 1888 *Hygiene da alma* pelo Barão de Feuchtersleben. Versão portuguesa de Ramalho Ortigão. Quarta edição augmentada com um prólogo do traductor. Lisboa, 1888, in 8°.
- 1889 *Deveres do homem* por Alfredo Campos. Lisboa, 1889, in 8°.
- 1890 *Moral, elementos de*. Expostos em lições faceis para o ensino domestico e escolar por Mrs. Bray. Traducção de Alberto Telles. Lisboa, 1890, in 8°.
- 1890 *Moral. (Livro da adolescencia ou exercicios de leitura e lições de...)*por A. Emilio Zaluar, 5° edição. R.J. 1890.
- 1892 *Dama elegante (la)* manual pratico y completissimo del buen tono e buen ordem domestica. Quinta Edicion. Vide Pilar Sinués (Maria del). Madri, 1892.
- 1894 *Livro do destino* ou de sortes modernas e engraçadas para entretenimento das noites de São João e de São Pedro seguido de uma colleção de charadas por um rio grandense do sul. Quarta edição. R.J. Laemmert e C. 1894, in 8°.
- 1895 *Civilidade*. Novo manual do bom tom contendo modernissimos preceitos de civilidade, politica, conducta. Traduzido do francez de Luiz Verardi e offerecido ao publico brasileiro por um amigo da mocidade. R.J. 1895.
- 1897 *Oraculo* ou livro dos destinos, o qual foi propriedade exclusiva do Imperador Napoleão. Traduzido do castelhano. R.J. Soares Niemayer, 1897, in 4°.
- 1898 *O physionomista*. Lavater e Gall seguido de um tratado sobre o amor e tudo quanto diz respeito ao bello sexo por D. Juan de Botafogo, autor do manual do Namorado e do livro da bruxa. R.J. Quaresma, 1898.

1898 *Secretario poetico*. Contendo esplendida colleção de poesias de Bom Gosto por Horacio Brasileiro. R.J. 1898, Quaresma editores.

1926 *Oraculo das damas* ou arte de adivinhar o futuro. 5ª edição. Lisboa, Livraria Romero editor, 1926, in 8º.

S.D. *Arte de formar homens de bem* pelo Dr. Domingos J.A. Jaguaribe Filho. 2ª edição. Rio de Janeiro, s/d. In 8º. Coll. Th.Ch.

S.D. *Casamento como contrato civil*. Formação estabilidade e direito da familia(...) por Caetano Alberto Soares.

S.D. *Civildade*. Tratado de etiqueta pela Condessa de Gencé. 8ª Edição. Lisboa. s/d, in 8º.

S.D. *Savoir vivre et usages mondains* par la Condesse de Gencé. Paris, s.d., in 8.

S.D. *Secrets de la politesse et du bon tom(les)*. (les conseils de mme.Elise) Paris, Publication Jules Rouffet Cic(Imp. Kapp) s.d. in 12.

S.D. *Thesouro de meninos*. S/ folha de rosto, in 4º.

S.D. *Trato (o) do mundo na vida ordinária e nas cerimônias civis e religiosas*. Por Ermance Dufaux. Paris, s/d. In 12.

ANEXO IV

Sistema Taxonômico de Brunet aplicado ao Catálogo dos livros da Biblioteca Fluminense.

CATALOGO DOS LIVROS DA BIBLIOTECA FLUMINENSE. RIO DE JANEIRO, TYPOGRAPHIA COMMERCIAL DE SOARES E C., RUA DA ALFANDEGA, N^o 6, 1852.

Ordem das divisões do catálogo

1^a classe - Theologia

- I. Escriptura sagrada, Liturgia, Concilios e Santos Padres. Numeros 1 a 38
- II. Theologia Scolastica, Dogmatica, Moral e Cathechetica. Numeros 39 a 61
- III. Theologia Parenetica, Ascetica e Polemica. Numeros

2^a classe - Jurisprudencia

Introdução. Numeros 144 a 154.

- I. Direito Natural, Publico, das gentes e Administrativo. Numeros 155 a 154.
- II. Direito civil, Criminal, Commercial e c. Numeros 303 a 392.
- III. Direito canonico. Numeros 393 a 427

3^a classe - Sciencias e Artes

I. Sciencias philisophicas.

A. Logica, methaphysica e moral. Numeros 428 a 502

B. Aplicação da Moral.

a. Pedagogia e Instrução publica. Numeros 503 a 527.

b. Politica. Numeros 528 a 621.

c. Economia Politica e suas applicações. Numeros 622 a 734.

II. Sciencias Physicas e Chimicas. Numeros 735 a 746.

III. Sciencias naturaes. Numeros 747 a 806.

Apendice á Historia natural.

Agricultura e Economia Rural e c. Numeros 807 a 835.

IV. Sciencias Medicas. Numeros 836 a 1093.

V. Sciencias Mathematicas e suas applicações. Numeros 1094 a 1184.

VI. Appendice ás Sciencias.

Philosophia Oculta e c. Numeros 1185 a 1188.

VII. Artes.

A . Mnemonica, caligraphia e tachigraphia. Numeros 1189 a 1193

B . Bellas Artes. Numeros 1194 a 1222.

VIII. Artes mechanicas e Officios. Numeros 1223 a 1230

IX. Exercicios Gymnasticos. Numeros 1231 a 1232.

X. Jogos diversos. Numeros 1233 a 1236.

4ª classe - Belas letras.

I. Linguistica.

A . Grammaticas, Tratados geraes e especiaes. Numeros 1237 a 1349.

B . Dictionarios. Numeros 1350 a 1404.

II. Rethorica. Numeros 1405 a 1450.

III. Poesia. Numeros 1451 a 1898.

IV. Theatro. Numeros 1899 a 2056.

V. Ficções em prosa.

Romances, contos e novellas. Numeros 2057 a 3248.

Appendice a secção V

Facecias, peças burlescas e c. Numeros 3249 a 3268.

VI. Philologia

1. Philologia propriamente dita. Numeros 3269 a 3308.

2. satyras, sentenças, apophthegmas, adagios, proverbios, symbolos, emblemas e c.

Numeros 3309 a 3326.

VII. Dialogos. Numeros 3327 a 3338.

VIII. Epistolographos. Numeros 3339 a 3353

IX. Poligraphos. Numeros 3354 a 3399.

X. Collecções, escriptos e c. Numeros 3400 a 3410.

5ª classe - Historia

I. Prolegomenos historicos.

A . Tratados sobre o modo de escrever e estudar a Historia, atlas e dictionarios historicos. Numeros 3411 a 3415.

B . Geographia.

a . Geographia Universal. Numeros 3416 a 3444.

b. Corographia, topographia, estatistica e c. Numeros 3445 a 3485.

c. Viagens. Numeros 3486 a 3591

d. Chronologia. Numeros 3592 a 3599.

II. Historia Universal, Antiga e Moderna. Numeros 3600 a 3616

III. Historia das Religiões.

A . Historia da Igreja Christã, das heresias, Scismas e c. Numeros 3617 a 3672.

B . Hagiographia. Numeros 3673 a 3692.

IV. Historia Antiga. Numeros 3693 a 3744.

V. Historia Moderna. Numeros 3745 a 4146.

Appendice. Documentos historicos-politicos do Brasil. Numeros 4147 a 4192.

VI. Paralipomenos Historicos.

A . Historia da cavallaria, da nobreza, etc. Numeros 4193 a 4210.

B . Historia das solemnidades, ceremonias publicas, etc. Numeros 421 a 4214.

C. Archeologia. Numeros 4217 a 4247.

D. Historia Litteraria. Numeros 4223 a 4247.

E. Biographia. Numeros 4248 a 4308.

F. Bibliographia. Numeros 4309 a 4335.

Obras encyclopedicas. Numeros 4336 a 4342

Jornaes que Tratão de diferentes materias

A . Jornaes litterarios. Numeros 4343 a 4405

B. Jornaes políticos, Commerciaes, etc. Numeros 4406 a 4499.

FONTES

Obras consultadas no acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

(A referência bibliográfica das obras segue o padrão de apresentação utilizado no fichário manuscrito onde foram encontradas e também a ortografia da época, estando, assim, em desacordo com as atuais normas vigentes.)

A moral é a base da verdadeira civilização, alterações pathológicas provenientes da falta de desenvolvimento do elemento moral. Discurso na sessão solenne da academia Imp. de medicina pelo Dr. Nicolao Joaquim Moreira. R.J., 1861, in 4º.

A moral universal ou os deveres do homem fundados em sua natureza, pelo Barão de Holbach por uma sociedade. Lisboa, Impressão de Gualhardo e irmãos, 1845, 1846, 3 tomos em 1 vol (19,45 x13).

Almocreve de pitas ou a moral disfarçada para correção das miudezas da vida por José Daniel Rodrigues da Costa. 2º ed., 3 v, Lisboa, 1819, in 4º. Coll. J.A. Marques.

Arte d'agradar. Estudos de hygiene, de gosto e toucador dedicado às mulheres bonitas de todos os paizes do mundo por Ernesto feydeau. traduzida do francez e acrescentada com um appendice por A.A. Leal. Editora Livraria Portugueza e estrangeira, 1876.

Arte de agradar na conversação. Nova Edição, revista pelo padre Francisco dos Santos. Recife, Typ. Classica de L.F. dos Santos, 1876, in 8º.

Arte de ganhar o coração dos maridos. Para uso das donzelas casadeiras por Eugenio de Pradel. Traduzido por F.P.A.A., R.J., 1836, in 12.

Carta de guia para casados para que pelo caminho da prudencia se acerte com a casa do descanso por D. Francisco Manoel de Mello. Nova edição com um prefacio biografado por Camilo Castelo Branco. Porto, 1873, in 8º.

Civilidade christã. (Compêndio de) para se ensinar praticamente os meninos. Porto, Imp. dos Lavadouros, 1834, in 12.

Civilização. A na historia. Conferencia litterária na Esc. De Gloria por Oliveira Campos. Rio, 1874, in 4°.

Dama elegante (la) manual pratico y completissimo del buen tono e buen ordem domestica. Quinta Edicion. Vide Pilar Sinués (Maria del). Madri, 1892.

Deveres da familia. pelo bispo do Pará, Rio de Janeiro, Typographia do apóstolo, 1877.

Deveres do homem por Alfredo Campos. Lisboa, 1889, in 8°.

Deveres Moraes do Homem. Recife, 1873

Dicionario das flores ou linguagem dos namorados por meio das flores, fructos, hervas, raizes, cores e gestos. R.J. Garnier, 1886, in 8°.

Doutrina moral, pelo Dr. José Ferrari. R.J. Typ. Perseverança, 1870, in 4°.

Economia da vida humana por Dodsley. Nova Edição. Recife, 1875, in 8°.

Ensaioes moraes de Alexandre Pope. Em quatro epistolas a diversas pessoas, traduzidos em portugûês pelo Conde de Aguiar. Com notas de José Warton e do traductor. R.J. na Impressão Regia, 1811, in 4°.

Gramatica do amor para uso da boa sociedade. Trad. de 3° ed. franceza por J.C. de A. R.J. typ. de J.M.A.A. de Ahuiar(?), 1878, in 16.

Honra das familias por xxx. 2° Edição. R.J., Typ. Esperança, 1876, in 8°.

Instrucção elementar (lições de) as suas filhas Maria Joana e Maria Julia por Jose Costa Azevedo. R.J., 1832, in 8°.

Jogos de prendas (passatempo honesto e familiar ou colleção de quarenta e oito jogos, geralmente conhecidos pela denominação de. R.J. Typ. Imp. de Seignot Plancher et Cia, 1835, in 8°.

Leal conselheiro, o qual fez Dom Duarte seguido do livro da ensinança de bem cavalgar toda sella, que fez o mesmo rei.. por J.I. Roquette. Lisboa J.P. Aillaud, 1842, in 4°. Com um fac-simile.

Lições de boa moral de virtude e urbanidade. José de Urucullu, R.J. A. Freitas Guimarães, 1848.

Livro da infancia ou exercicios de leitura e lições de moral, vertido do livro do conselheiro Delapalme, por Zaluar. R.J. 1885, in 8°.

Maximas de conduta para as senhoras brasileiras pelo Dr. João Candido de Deos e Silva. R.J., 1835. Coll.B. Ettoni.

Methodo de ser feliz ou catecismo de moral especialmente para uso da mocidade. Versão do francez para o idioma vulgar por G.E.F. Coimbra, 1787, in 8°.

Moral, elementos de. Expostos em lições faceis para o ensino domestico e escolar por Mrs. Bray. Traducção de Alberto Telles. Lisboa, 1890, in 8°.

Novo Manual do Bom Tom contendo modernissimos preceitos de civilidade, politica, conducta e maneiras em todas as circunstancias da vida indispensaveis à mocidade e aos adultos para serem bem quistos e caminharem sem tropeço pela carreira do mundo. Traduzido do francez de luis verardi e offerecidas ap publico brasileiro por um amigo da mocidade. Segunda edição melhorada e augmentada. R.J. Eduardo e Henrique Laemmert, 1872.

Novo manual epistolar ou secretario de cartas familiares. segunda edição, Laemmert, 1848.

O fado ou jogo das sortês. Quarta edição brasileira. R.J. Laemmert, 1845.

O physionomista. Lavater e Gall seguido de um tratado sobre o amor e tudo quanto diz respeito ao bello sexo por D. Juan de Botafogo, autor do manual do Namorado e do livro da bruxa. R.J. Quaresma, 1898.

obs: a edição consultada é de 1898 embora no catálogo de referência constasse uma edição de 1873.

Oraculo das damas ou arte de adivinhar o futuro. 5ª edição. Lisboa, Livraria Romero editor, 1926, in 8º.

Philosophia moral ou diferentes systemas sobre as sciencias da vida por Joseph Droz. Traduzido pelo Dr. J.C.D. e Silva. R.J. 1835, in 8º.

Secretario poetico. Contendo esplendida colleção de poesias de Bom Gosto por Horacio Brasileiro. R.J. 1898, Quaresma editores.

Thesouro de meninos. S/ folha de rosto, in 4º.

Trato (o) do mundo na vida ordinária e nas cerimônias civis e religiosas. Por Ermance Dufaune. Paris, s/d. In 12.

Urbanidad (compendio de reglas de) para el uso de los colegios de la capital. Santiago, Julio Belin e cia., 1852, in 8.

Obras do acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro em microfilme

Arte de Ganhar o Coração dos Maridos para uso das donzellas casadeiras por Eugenio de Pradel, membro de varias academias traduzida por F.P.A.A., Rio de Janeiro, Imprensa Americana, 1836.

Carta de Guia de Casados para que pelo caminho da prudencia se acerte com a casa do descanso a um amigo por D. Francisco Manoel. Nova edição, com um prefacio biographico enriquecido de documentos ineditos por Camillo Castelo Branco. Porto, Livraria Chardron, 1898.

Compendio de Civilidade Christã para se ensinar praticamente aos meninos. Porto, Imprensa aos Lavadouros N°16. 1834, *Com licença*.

Diccionario das Flores, Folhas, Fructas e objetos mais usuaes com suas significações ou vademecum dos namorados offerecido aos fieis subditos de cupido. Novissima edição, Rio de Janeiro, B.L. Garnier, Livreiro-Editor, 1886.

Lições De Boa Moral de Virtude e de Urbanidade escriptas no idioma espanhol por D. José de Urcullu e traduzidas por Francisco Freire Carvalho. Rio de Janeiro na livraria de A. Freitas Guimarães & C.a rua do Sabão, n° 26, 1848. Aos pais e mãis de familia verdadeiramente empenhados na boa educação de seus filhos e filhas, D. e O. , o traductor portuguez.

Methodo de ser feliz ou catecismo de moral especialmente para uso da mocidade comprehendendo os deveres dos homens e do cidadão de qualquer religião e de qualquer nação que seja. Versão do francez para o idioma vulgar por G.E.F. Coimbra, na Real Imprensa da Universidade, ano de 1787 com licença da Real Mesa Censória.

Novo Manual do Bom Tom Contendo Modernissimos preceitos de civilidade, politica, conducta e maneiras em todas as circumstancias da vida, indispensaveis á mocidade e aos

adultos para serem bemquistos e caminharem sem tropeço pela carreira do mundo. traduzido do francez de Luiz Verardi e offerecido ao publico brasileiro por um Amigo da Mocidade Segunda Edição, melhorada e augmentada Rio de Janeiro Publicado e á venda em casa dos editores-proprietarios Eduardo & Henrique Laemmert ,Rua do Ouvidor 68,1872.

O trato do mundo na vida ordinaria e nas cerimoniaes civis e religiosas por Ermance Dufaux, tradução e adaptação de Simões da Fonseca, membro e ex-secretario da Associação litteraria e artistica internacional de Pariz. Pariz, H. Garnier livreiro-editor, 71 Rua Moreira Cesar, R.J.; Rue des Saint Peres, Pariz. (s.d.)

Passatempo honesto e familiar ou collecção de quarenta e oito jogos, geralmente conhecidos pela denominação de jogos de prendas com differentes sentenças adequadas; e seguido de diversos jogos de cartas para divertimento de huma sociedade, e dos horoscopos ou meio de se conhecer seu destino pelas constellações que presidem ao nascimento. Obra optima para entreter durante as grandes noites de inverno. R.J. Seignot Plancher, 1835.

Thesouro dos meninos. [s.n.t.]

Catálogos de Livrarias

Catalogo da Livraria B.L.Garnier. A data provável de publicação é de 1859 a 1862., levando-se em conta o período de circulação da Revista Popular anunciada no catálogo em questão.

Catalogo da Livraria Quaresma editora, livros populares, Rua São José, 71 e 73, Rio de Janeiro, sem data.

Catálogo da Livraria Quaresma. Rio de Janeiro, sem data.

Catalogo das novellas e romances, historietas, comedias, dramas, entremezes e outras obras de entretenimento e recreio em portuguez a venda em casa de Eduardo e Henrique

Laemmert, mercadores de livros, Rua da Quitanda, 77. O catálogo foi publicado entre 1838 e 1868.

Catalogo das obras de fundo e outros livros que se acham a venda na Livraria Universal de Laemmert, no Rio de Janeiro e suas casas filiais em São Paulo e Recife. Rio de Janeiro, Rua do Ouvidor, 66, 1899.

Catalogo Das Obras Poeticas Em Portuguez a venda em casa de Eduardo e Henrique Laemmert, mercadores de livros, Rua da Quitanda, 77. O catálogo foi publicado entre 1838 e 1868.

Catálogo de excellentes livros em Portuguez a maior parte desconhecidos no Brasil e novamente chegados em casa de Eduardo Laemmert, mercador de livros , Rua da Quitanda 77, entre a rua do Ouvidor e a do Rosário. O catálogo foi publicado entre 1833 e 1838.

Catalogo dos livros de educação, de geographia e de obras para instrução e recreio da mocidade em portuguez a venda em casa da Eduardo e Henrique Laemmert, mercadores de livros, Rua da Quitanda, 77. O catálogo foi publicado entre 1838 e 1868.

Catálogo nº 2 da Livraria B. L. Garnier. Rio de Janeiro, s.d.

Catálogo nº 7 das obras de litteratura, novellas, romances, historietas, comédias , dramas, entremezes e outras obras de entretenimento e recreio em Portuguez à venda em casa de Eduardo e Henrique Laemmert, mercadores de livros. Rua da Quitanda, 77, Rio de Janeiro. Catálogo posterior a 1838 e anterior a 1868.

Filial da casa editora David Corazzi (agente José de Mello).Rua da Quitanda, 38, Rio de Janeiro. Catálogo posterior a 1885.

Novo Catalogo Systematico de escolhidos livros em Portuguez publicados e à venda no Rio de Janeiro na Livraria Universal, Rua da Quitanda, 77. O catálogo foi publicado entre

1833 e 1838. Este exemplar corresponde à segunda parte do catálogo que abrange: "*Conhecimentos Geraes, Domesticos, de Geographia, Technologia, Architectura, Agricultura, Mathematicas, Variedades, etc.*"

Catálogos de bibliotecas

Catalogo da Biblioteca do Museu Escolar Nacional organizado por Julio de Lima Franco. RJ, Typ. de G. Leuzinger e filho, 1885.

Catalogo da Biblioteca Municipal. Publicação official. Typ. Central de Brown e Evaristo. Rua Nova do Ouvidor, 1878.

Catálogo da Bibliotheca do Exército Brasileiro precedido de seu regulamento e leis que lhe dizem respeito acompanhado de um índice alphabetico dos autores organizado pelo bibliotecario Joaquim Alves da Costa Mattos, official da Ordem da Rosa, cavalleiro da Ordem de Crhisto, condecorado com as medalhas de mentor militar das Campanhas do Estado oriental do Uruguay de 1864-1865. RJ, Imprensa nacional, 1885.

Catalogo dos Livros da Biblioteca Fluminense. Rio de Janeiro, Typographia Commercial de Soares e C., Rua da Alfandega, nº 6, 1852.

Catálogo dos livros de que é editor B. L. Garnier e de outros que se achão em grande número na mesma livraria. Rua do Ouvidor, 69, Rio de Janeiro. O catálogo foi publicado entre 1852 e 1878.

Catalogo dos Livros do Gabinete Portugues de Leitura no RJ seguido de um supplemento das obras entradas no Gabinete depois de começada a impressão. RJ, Typ. Commercial de F. de ° Q. Regadas, Praça da Constituição, MDCCCLVIII.

Catalogo Methodico dos Livros existentes na Bibliotheca da Marinha organizado segundo o Systema de Mr. Brunet. RJ, Ti. de Francisco de Paula BRITO, 1858. (18X13)

Estatutos da Real Bibliotheca mandados ordenar por sua Magestade. Rio de Janeiro na Regia Typographia, 1821.

Estatutos da Sociedade Litteraria do Rio de Janeiro. Typographia Universal de Laemmert. Rua do Lavradio, n° 53, 1843.

Manuel du Libraire et de L'amateur de livres cinquième édition originale entièrement refondue et augmentée d'un tiers par L'auteur. Paris, Librairie de Firmin Didot Frères, Fils et c^{ie}, 1865.

Almanaques

Almanak Administrativo Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro para o ano bissexto de 1844. Primeiro anno. RJ publicado e a venda na casa de Eduardo e Henrique Laemmert, Rua da Quitanda, 77, 1843.

Almanak Administrativo Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro para o ano de 1845. Segundo anno. Rio de Janeiro, Laemmert, 1844.

Almanak Administrativo Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro para o ano de 1850 (setimo anno). RJ publicado e a venda na casa de Eduardo e Henrique Laemmert.

BIBLIOGRAFIA

ALENCAR, José de. *Como e porque sou romancista*. São Paulo: Pontes, 1990.

AMORA, Antônio Soares. De feia a sedutora. *Suplemento Literário*. São Paulo, 16 de maio de 1964, ano oitavo, nº 380.

AMORA, Antônio Soares. Macedo in: *O Romantismo (1833-1838/1878-1881)*. São Paulo: Editora Cultrix, 1967, volume 2, p.213 a229.

AMORA, Antônio Soares. O romance in: *O Romantismo (1833-1838/1878-1881)*. São Paulo: Editora Cultrix, 1967, volume 2, p.193 a 202

AMORA, Antônio Soares. Travessuras e traquinices. *Suplemento Literário*. São Paulo, 9 de maio de 1964, ano oitavo, nº 380.

AMORA, Antônio Soares. Um Romance de Paletó. *Suplemento Literário*. São Paulo, 25 de abril de 1964, ano oitavo, nº 378.

ANÔNIMO. *Pequenas fábulas medievais: fabliaux do século XIII e XIV*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

Apontamentos sobre os meios praticos de desenvolver o gosto e a necessidade de Bellas Artes no Rio de Janeiro feitos por ordem de sua Magestade Imperial o senhor D. Pedro 2º Imperador do Brasil. 1853, Manoel de Araujo Porto Alegre, cópia do Arquivo Nacional, I.H.G.B.; Lata 43, doc 13. (manuscrito)

ARAUJO, Maria Walda de Aragão (org.). *D. Pedro II e a cultura*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1977.

BASSI, Cristina Mantovani. *Joaquim Manoel de Macedo: o leitor e a leitura no século XIX*.
Dissertação de mestrado. UNICAMP. IEL, 1993.

BERNARDES, Maria Thereza Caiubi Crescenti. *Mulheres de ontem?: Rio de Janeiro, século XIX*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1988.

Bibliographia: Vicentina romance de Macedo. *Guanabara*, revista mensal, artística, científica e litteraria redigida por uma Associação de litteratos e dirigida por Manoel de Araujo Porto Alegre, Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro e Joaquim Manoel de Macedo. Rio de Janeiro, Typographia Dous de Dezembro de Paula Brito, Impressor da Casa Imperial, Tomo III, nº 1 de março de 1855, p. 17-20.

BROCA, Brito. O livreiro Quaresma no comercio editorial brasileiro. In: *O repórter Impenitente*. (org. Márcia Abreu). Campinas: editora da UNICAMP, 1994, p. 47-50.

BROCA, Brito. *Românticos, pré-românticos, ultra-românticos: vida literária e romantismo brasileiro*. São Paulo: Polis, 1979.

BURKE, Edmund. *Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas idéias do sublime e do belo*. São Paulo: Papyrus, Editora da Unicamp, 1993.

BURKE, Peter. A descoberta do povo. In: *Cultura Popular na Idade Moderna: Europa, 1500-1800*. 2ª edição, São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 31-49.

BURKE, Peter. *As fortunas d'O Cortesão: a recepção européia a O cortesão de Castiglione*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

BURY, Emmanuel. *Littérature et Politesse: l'invention de l'honnête homme(1580-1750)*. Paris: Presses Universitaires de France, 1996.

CALOGERAS J.B. Instrução. *Revista Popular*. Noticiosa, científica, industrial, histórica, literária, artística, biográfica, anedoctica, musical, etc., etc. *Jornal Ilustrado*, saindo de 5 a 20 de cada mez, 1º anno - Tomo 1º, Rio de Janeiro, B.L.Garnier, editor proprietario, 69, Rua do Ouvidor. p. 95-99, 20 de janeiro de 1859.

CAMPOS, Humberto. As modas e os modos no romance de Macedo. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, Rio de Janeiro, annoIV, nº 16, p.4 -45, outubro de 1920

CANDIDO, Antonio. Introdução de A Moreninha. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1952, p. 9-22.

CANDIDO, Antonio. O Honrado e fecundo Joaquim Manuel de Macedo in: *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. 5ª edição, Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975, vol II, p. 136 a 145.

CANDIDO, Antonio. Um instrumento de descoberta e interpretação. In: *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. 5ª edição, Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975, vol II, p. 109-118.

CARVALHO, José Murilo. *A Construção da Ordem: a elite política imperial*. 2ª ed. rev. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Relume Dumará, 1996.

CASSIRER, Ernest. O Pensamento da Era do Iluminismo. In: *A Filosofia do Iluminismo*. 2ª ed., Campinas: Editora da Unicamp, 1994, p.19-63.

CAVALIERI, Ruth Villela. 'O Rio de Janeiro nas obras de Macedo e Alencar.' In: *Literatura e Sociedade*. São Paulo, nº 1, 1996, p.. 22 - 29.

CERTEAU, Michel de. Introdução Geral. In: *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994, p. 37-53.

CERTEAU, Michel de. Ler: uma operação de caça. In: *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994, p. 259-273.

➤ CÉSAR, Guilhermino (seleção e apresentação). *Historiadores e críticos do romantismo: a contribuição européia, crítica e história literária*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978.

CHARTIER, Anne-Marie & Hébrard, Jean. Os discursos dos bibliotecários. In: *Discursos sobre a leitura (1880-1980)*. São Paulo: Ática, 1995, p. 109-244.

➤ CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1994.

CHARTIER, Roger. Introdução: Por uma sociologia das práticas culturais. In: *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990, p. 14-28.

➤ CHARTIER, Roger. La civilité e ses livres. In: *Lectures et lecteurs dans la France d'Ancien Régime*. Paris: Éditions du Seuil, 1987, p. 45-86.

CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 211-238.

Comentários de Manoel Araújo Porto Alegre sobre seus esforços em prol da Ópera nacional e sobre a decadência do ensino e dos costumes. - lata 653, pasta 31. Arquivos do I.H.G.B.; s.d. (manuscrito)

COMTE-SPONVILLE, André. A polidez. In: *Pequeno tratado das grandes virtudes*. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 13-21.

- DARNTON, Robert. A leitura rousseauista e um leitor "comum" do século XVIII. In: *Práticas da Leitura*. CHARTIER, Roger. (org.) São Paulo: Estação Liberdade, 1996, p. 143-175.
- DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. 2ª edição, Rio de Janeiro: Graal, 1988..
- DAVIS, Natalie Zemon. O povo e a palavra impressa. In: *Culturas do Povo: sociedade e cultura no início da França Moderna: oito ensaios*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 157-185.
- DENIS, Ferdinand. *Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.
- DENIS, Ferdinand. *Resumo da História Literária do Brasil*. Porto Alegre, Livraria Lima Ltda, 1968.
- DHOQUOIS, Régine (org.). *A Polidez: virtude das aparências*. Porto Alegre: L&PM, 1993.
- DIDEROT. *Éloge de Richardson*. In: *Oeuvres Esthétiques*. Paris: Éditions Garnier, 1968, p. 29-48.
- DUBY, Georges. O modelo cortês. In: Duby, Georges e Perrot, Michelle (dir). *História das Mulheres no Ocidente*. Porto: Edições Afrontamento; São Paulo: Ebradil, 1990.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte*. Lisboa: Estampa, 1987.
- ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: Uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990, vol.1.
- FERNANDES, Ronaldo Costa. *O narrador do romance: e outras considerações sobre o romance*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 1996.

FOUCAULT, Michel. Introdução. In: *A Arqueologia do Saber*. 3 ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987, p. 3-20.

FOUCAULT, Michel. As regularidades discursivas. In: *A Arqueologia do Saber*. 3 ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987, p. 23-85.

FOUCAULT, Michel. Introdução In: *História da sexualidade: o uso dos prazeres*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984. Vol. 2, p.7-31.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: o nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1977.

FREIRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1951.

GAMA, Padre Lopes. *O carapuceiro: Crônicas de costumes*. MELLO, Evaldo Cabral de (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GUSDORF, Georges. *Le romantisme I: le savoir romantique*. Paris: Éditions Payot e Rivages, 1993.

GUSDORF, Georges. *Le romantisme II: L'homme et la nature*. Paris: Éditions Payot e Rivages, 1993.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: EDUSP, 1985.

HUNT, Lynn. Apresentação: história, cultura e texto. In: *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 1-29.

HUNTER, J.Paul. 'The novel and social/cultural history'. In: *The Cambridge Companion to the Eighteenth-Century Novel* edited by Richetti, John (University of Pennsylvania) Cambridge University Press, 1996, p. 9-38.

KRAMER, Lloyd S. Literatura, crítica e imaginação histórica: O desafio literário de Hayden White e Dominick LaCapra. In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 131-173.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento In: *ENCICLOPÉDIA Einaudi*. Porto: Imprensa Nacional -Casa da Moeda, 1984, vol 1, p. 95-106.

LEPENIES, Wolf. *As três culturas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

LIMA, Luiz da Costa. Os destinos da subjetividade: história e natureza no romantismo. In: *O controle do imaginário: Razão e Imaginação nos Tempos Modernos*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989, p. 72-164.

LINHARES, Temístocles. Instante de decisão in: *História crítica do romance brasileiro: 1728-1981*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade Estadual de São Paulo. 1987, p. 47-70.

LISBOA, Henriqueta. Romance com notícias folclóricas. *Suplemento Literário*. São Paulo, 10 de março de 1962, ano sexto nº 272.

MACEDO, Joaquim Manuel de. *A luneta mágica*. São Paulo: Editora Ática. s.d.

MACEDO, Joaquim Manuel de. *A Moreninha*. São Paulo,: Editora Ática, 1986.

MACEDO, Joaquim Manuel de. *Os Dois Amôres*. São Paulo,: W. M. Jackson Inc Editôres, 1950, Grandes Romances Universais, Volume 12.

MACEDO, Joaquim Manuel de. *Vicentina* romance brasileiro. Tomo I, quarta edição, Rio de Janeiro: H. Garnier, livreiro-editor,1896.

MACEDO. Joaquim Manoel de. Conservatorio de musica. *Guanabara*, revista mensal, artistica, scientifica e litteraria redigida por uma Associação de litteratos e dirigida por

- Manoel de Araujo Porto Alegre, Antonio Gonçalves Dias e Joaquim Manoel de Macedo. Rio de Janeiro, Typographia Guanabarensis de L. A. F. de Menezes, Rua de São José, Tomo I, nº 45, 1850, p. 166-170.
- MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves de. Discurso sobre a história da literatura no Brasil. Papéis Avulsos, Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, nº 10, 1994. (Fac-símile do texto publicado in: Obras de D.J.G. de Magalhaens, tomo viii, Opusculos Historicos e Literarios, Rio de Janeiro, Livraria B. L. Garnier, 1865)
- MARCHELLO-NIZIA, Christiane. Cavalaria e cortesia. In: LEVI, Giovanni e SCHMITT, Jean- Claude (orgs.). *História dos Jovens: da Antigüidade à Era Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 141-190.
- MARTINS, Wilson. A escalada romântica. In: *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1977-78, vol 2, p. 327-348.
- MARTINS, Wilson. Deus escreve direito por linhas tortas. In: *História da Inteligência brasileira*. São Paulo, Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1977-78, vol. 2, p. 413-435.
- MARTINS, Wilson. O ano da *Moreninha*. In: *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1977-78, vol 2, p. 300- 326.
- MELLO, Dutra e. A Moreninha. *Minerva Brasiliense - Jornal de Sciencias, Letras e Artes*, publicado por huma associação de literatos, Rio de Janeiro, vol. II, nº 24, p. 746-751, outubro de 1844.
- MELLO-LEITÃO, C de. *Visitantes do Primeiro Império*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1934.

MEYER, Marlyse. Prólogo: Sinclair das Ilhas. In: *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 21-52.

MONZANI, Roberto Luiz. *Desejo e prazer na Idade Moderna*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1995.

O'BRIEN, Patricia. A história da cultura de Michel Foucault. In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 33-62.

Os Nossos Artistas. *Guanabara*, revista mensal, artística, científica e litteraria redigida por uma Associação de litteratos e dirigida por Manoel de Araujo Porto Alegre, Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro e Joaquim Manoel de Macedo. Rio de Janeiro, Typographia Dous de Dezembro de Paula Brito, Impressor da Casa Imperial, Tomo II, n^o 8, outubro de 1854, p. 270-276.

PEREIRA DA SILVA, J. M. Estudos sobre Literatura. Biblioteca Academia Paulista de Letras, São Paulo, volume 9, 1978. (Fac símile da *Nitheroy, Revista Brasiliense*, Tomo Primeiro, n^o 2, Paris, Dauvin et Fontaine, Libraires, 1836)

PICCHIO, Luciana Stegagno. Do Feuilleton ao romance: Joaquim Manoel de Macedo. In: *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar S.A., 1997, p. 168-170.

PINHEIRO, J.C. Fernandes. Educação e ilustração (estudo moral) *Revista Popular*. Noticiosa, científica, industrial, historica, litteraria, artistica, biographica, anedoctica, musical, etc., etc. *Jornal Illustrado*, sahindo de 5 a 20 de cada mez, 1^o anno - Tomo 1^o, Rio de Janeiro, B.L.Garnier, editor proprietario, 69, Rua do Ouvidor. p. 330-333. (s.d)

RAEDERS, George. *Dom Pedro II e os sábios franceses*. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, s.d.

- RAINHO, Maria do Carmo. 'A distinção e suas normas: leituras e leitores dos manuais de etiqueta e civilidade - Rio de Janeiro, século XIX'. In: *ACERVO*. Rio de Janeiro, v.8, número 01/02, p.139-149, janeiro/dezembro, 1995.
- RAINHO, Maria do Carmo. *Representações da Roupas e da Moda no Rio de Janeiro do século XIX*. Dissertação de Mestrado. RJ, PUC, 1992.
- REDACÇÃO DA REVISTA. Introdução. *Revista Popular*. Noticiosa, científica, industrial, historica, litteraria, artistica, biographica, anedoctica, musical, etc., etc. Jornal Illustrado, sahindo de 5 a 20 de cada mez, 1º anno - Tomo 1º, Rio de Janeiro, B.L.Garnier, editor proprietario, 69, Rua do Ouvidor. p. 1-4 , 05 de janeiro de 1859.
- REVEL, Jacques. Os usos da civilidade. In: CHARTIER, Roger (org.) *Historia da Vida Privada: da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, vol 3, 1991, p. 169-209.
- RONCARI, Luiz. Comentário e análise do romance *A Moreninha* in: *Literatura Brasileira: dos primeiros cronistas aos últimos românticos*. São Paulo, Edusp, 1995.
- SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, vol. 4, 1883.
- SANTOS, M. de Lourdes Lima dos. *Para uma sociologia da cultura burguesa em Portugal do século XIX*. Lisboa: Editorial Presença, s.d.
- SERRA, Tania Rebelo Costa. *Joaquim Manuel de Macedo ou os dois Macedos: A Luneta Mágica do Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional Dep. Nacional do Livro, 1994.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Cultura e Sociedade no Rio de Janeiro (1808-1821)*. 2ª edição, São Paulo: Cia Editora Nacional, 1978.

- SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Vida privada e cotidiano no Brasil na época de D. Maria e D. João VI*. 2ª ed., Lisboa: Editorial Estampa Ltda, 1993.
- SILVA, Sílvia Cristina Martins de Souza. *Idéias encenadas: uma interpretação de "O demônio familiar de José de Alencar"*. Dissertação de mestrado. UNICAMP, IFCH, 1996.
- SOARES, Luiz Carlos. Os escravos de ganho no Rio de Janeiro do século XIX. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 8, nº 16, p. 107-142, mar.1988/ago. 1988.
- SODRÉ, Nelson Werneck. A imprensa do Império In: *História da Imprensa no Brasil*. 2ª edição, Rio de Janeiro, Edições Graal, 1977.
- STAËL, Germaine de. *Essai sur les fictions suivi De l'influence des passions sur le bonheur des individus et des nations*. Paris, Éditions Ramsay, 1979.
- SÜSSEKIND, Flora. 'O sobrinho pelo tio'. In: *Literatura e Sociedade*. São Paulo, nº 1, 1996, p. 30-43.
- SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- SÜSSEKIND, Flora. O sobrinho pelo tio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo, nº 1, p.30-43, 1996.
- VERÍSSIMO, José. Os próceres do Romantismo. In: *História da Literatura Brasileira: De Bento Gonçalves (1601) a Machado de Assis (1908)*. 1ª edição 1916. São Paulo: Ed. Letras & Letras, 1998, p. 232-237.
- VICENTINA. *Guanabara, revista mensal, artística, científica e litteraria* redigida por uma Associação de litteratos e dirigida por Manoel de Araujo Porto Alegre, Antonio

Gonçalves Dias e Joaquim Manoel de Macedo, Rio de Janeiro, Tomo III, nº 1, p. 17-20, março de 1855.

VIZZIOLI, Paulo. O sentimento e a razão nas poéticas e na poesia do romantismo. In: GINSBURG, Jacob (org.). *O Romantismo*. 2ª ed. , São Paulo: Editora Perspectiva, 1985, 137-156.

WATT, Ian. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.